

SAVE ME AND I'LL SAVE YOU.

NOCTE

A person in a dark, futuristic suit is floating in a dark blue space. The person's right hand is raised, palm facing forward. The background is filled with intricate, glowing red and orange patterns that resemble smoke or ethereal energy. The overall atmosphere is mysterious and otherworldly.

COURTNEY COLE

NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Nocte
by Courtney Cole

Nocte:

Latin;

Substantivo; ablativo singular de nox (noite)

Advérbio; à noite

Pronúncia: Knock-tay

Prefácio

Uma vez eu considerei não escrever esta história. Era muito dark, muito confusa, *muito, muito, muito, muito*.

Obviamente, eu mudei de ideia. Mas eu reescrevi de quatro maneiras diferentes, tentando torná-la diferente, mais facilmente palatável, mais suave.

Não funcionou.

Então eu voltei à minha ideia original, a ideia de que eu amava. A ideia que eu sonhei, vivia e respirava até que ficou do jeito que eu queria, do *jeito que tem que ser*.

Eu sei que você é capaz de lê-la. Eu sei que você é capaz de se recompor novamente quando tudo estiver acabado. Eu tenho fé em você.

Esta história é dark?

Sim.

Ela é confusa?

Às vezes.

Ela vai te dar um tapa na cara?

Absolutamente.

Ela vai te fazer virar as páginas, tentando descobrir, tentando chegar ao clímax, tentando respirar?

Deus, eu espero que sim.

Eu escrevi essa história da maneira que precisava ser escrita. Eu não podia mentir. Eu não podia amenizá-la. É desta forma, porque a história exige.

Eu não me arrependo.

Dedicatória

Insones sabem que há algo sobre a noite.

Uma escuridão, uma energia, um mistério que envolve as coisas.

Esconde as coisas, ao mesmo tempo que as ilumina.

Esta é a *coisa*

que nos permite examinar nossos pensamentos

de uma maneira que não podemos durante o dia,

Esta é a *coisa* que traz a verdade e clareza.

Este livro é para Tristan.

Meu filho, por quem eu tive insônia.

Sempre confie em sua própria mente.

Você a conhece bem.

"À noite, eu sou livre.

Ninguém ouve meus monstros além de mim.

Minha liberdade é frágil, porém,

Porque todas as manhãs,

Mais e mais,

A noite é interrompida

pelo sol.

É uma boa maneira de morrer".

-- Um breve registro do diário de Finn Price

Eu não consigo, eu não consigo, eu não consigo

Ouvir.

Eu não consigo ver a

luz

mais.

Calla calla calla calla

Salve-me, salve-se.

Salve-me.

Serva me, Servabo te.

Salve-me e eu vou te salvar.

-- Um registro posterior do diário de Finn Price

Não há nada tão terrível como a descensão da mente humana à
loucura.

- Calla Price

"Segredos. Todos os têm."

- Dare DuBray

Prólogo

Meu nome é Calla Price. Eu tenho 18 anos de idade e eu sou uma metade de um todo.

Minha outra metade - meu irmão gêmeo, meu Finn - é um louco.

Eu o amo. Mais do que a vida. Mais do que qualquer coisa. E mesmo que eu tenha pavor que ele vá me derrubar com ele, ninguém pode salvá-lo, exceto eu.

Eu estou fazendo tudo que posso para permanecer à deriva em um mar de insanidade, mas estou me afogando mais e mais a cada dia. Então eu chego à uma tábua de salvação.

Dare DuBray.

Ele é o meu salvador e meu anticristo. Seus braços são o lugar onde eu me sinto segura, onde estou com medo, onde pertencço, onde estou perdida. Ele vai me curar, me quebrar, me amar e me odiar.

Ele tem o poder de me destruir.

Talvez isso seja bom. Porque eu não consigo salvar Finn e amar Dare sem que todos se machuquem.

Por quê? Por causa de um segredo.

Um segredo que estou tão ocupada tentando descobrir, que nunca o vi chegar.

Nem você.

Capítulo Um

- Unum -

Calla

- Antes -

Lá fora, um céu noturno sem estrelas se aprofunda contra uma lua cheia que cria sombras. No interior, aquelas sombras parecem transformar-se em outras, criando mãos entrelaçadas que arrastam seus dedos quebrados ao longo das paredes escurecidas do salão.

Minha mãe insiste em chamar a sala de estar formal de salão. Desde que aprendeu o termo quando estava na França anos atrás, isso a faz sentir sofisticada. E já que vivemos em uma casa funerária no topo de uma montanha isolada no Oregon, meu pai a deixa se sentir sofisticada de qualquer maneira que ela escolhe.

Mas ela não está aqui hoje à noite, sofisticada ou não. Ela está indo para o clube do livro dela, beber vinho e fofocar, alheia ao fato de que todo o meu mundo acabou de implodir. E uma vez que o meu pai e irmão saíram também, eu estou sozinha.

Sozinha e com o coração partido.

No entanto, não *exatamente* sozinha. Estou aqui em uma casa funerária escura com dois corpos lá embaixo na sala de embalsamamento do meu pai.

Normalmente, isso não seria um grande problema. Quando seu pai é um agente funerário, você aprende a dormir sob o mesmo teto que pessoas mortas.

Mas esta noite, com a tempestade fazendo com que as árvores assobiem e dobrem contra a casa, e a eletricidade acabou por causa do vento, está alarmante, escuro e um pouco assustador.

Meu pé bate contra o lado da cadeira, um sinal evidente de que eu estou agitada. Estou irritada com minha agitação, mas honestamente eu mereço estar irritada.

Tudo na minha vida foi apenas virado do avesso.

Dirijo o meu olhar para fora das janelas e olho para as falésias. Rochas irregulares que se projetam para o céu, o que cria uma imagem assustadora que só serve para me lembrar de que eu estou muito isolada aqui no topo da nossa montanha. Além disso, está mais leve do lado de fora do que aqui, o que é ridículo.

Eu não sei por que eu estou com medo de ficar sozinha, mas eu estou. Um terapeuta pode dizer que é porque Finn e eu somos gêmeos, e eu nunca tive que ficar sozinha em toda a minha vida. Eu compartilhei até mesmo o espaço no útero.

É por isso que meus pais só nos disseram no jantar que eles acham que Finn e eu deveríamos ir para escolas separadas. E devo dizer, eu não concordo. Eu *discordo fortemente*, na verdade. Finn precisa de mim, porque ele não é como eu. O simples pensamento de estarmos separados me dá palpitações no coração e eu sei que tenho que tentar falar com a minha mãe sobre isso.

Agora.

Não importa o que está acontecendo comigo, ou o que mais eu descobri esta noite, Finn sempre terá precedência.

Eu pego meu telefone e digito no número da minha mãe, porque ela está em seu carro sozinha, sem distrações. Ela não terá nada para se concentrar além do que o que eu vou falar. Talvez isso signifique que ela finalmente me ouça.

O telefone toca uma vez, então ela atende.

— Oi Calla. Está tudo bem, querida?

Após a bomba, que ela jogou sobre nós esta noite, ela está surpreendentemente alegre.

— Está tudo bem. A energia acabou por causa da tempestade, mas eu estou bem. Ei, mãe... *Finn não pode ficar sozinho.* Ele precisa ir comigo. Sério. Você não entende o quanto isso é importante. — *porque eu não posso te dizer por telefone.*

Eu olho o diário dele, sobre uma mesa próxima. Se a mãe e o pai soubessem de algumas coisas lá dentro, as frases estranhas em latim, as palavras riscadas, a loucura, então eles realmente não estariam resistindo tanto.

Mas eles não sabem por que respeitam a privacidade dele, e por causa disso, estão resolutos no seu desejo de forçar a independência em nós.

Mamãe suspira agora, porque essa é uma discussão antiga, e ela está cansada de tê-la.

— Você conhece nossos sentimentos sobre isso. — ela diz com firmeza. — Eu entendo que você queira proteger o Finn. E eu amo que você seja tão protetora, mas Calla, ele tem que aprender a viver sem isso e você também. Você tem que ter uma vida própria,

sem constantemente estar cuidando de seu irmão. Por favor, confie em nós para saber o que é melhor.

— Mas, mãe. — eu retruco. — Depois de tudo o que aconteceu hoje à noite com... algo aconteceu esta noite. E mais do que nunca, eu sei que não posso deixar Finn. Eu o conheço melhor do que ninguém.

— O que aconteceu hoje à noite? — minha mãe pergunta, de forma rápida e com curiosidade. — Aconteceu alguma coisa com...

— Não é nada que eu queira falar por telefone. — eu a interrompo cansada. — Eu só... eu quero que você me prometa que vai pensar sobre deixar Finn e eu ficarmos juntos. Por favor. Eu sou parte dele e ele é parte de mim e é isso que significa ser um irmão gêmeo. Ele pode ser diferente de mim de uma forma, mas nós somos o mesmo em um milhão de outras. Ninguém o entende como eu. Ele precisa de mim.

Mamãe suspira novamente. — Esse é o objetivo, querida. — ela diz suavemente. — A única *diferença* entre vocês. Pense de novo naquele dia, o dia em que soube pela primeira vez sobre o assunto. Diga-me outra vez o que aconteceu.

Eu sou aquela suspirando agora, porque meu coração está doendo e eu não quero falar sobre isso agora. Talvez ligar para ela tenha sido uma má ideia.

— Você sabe o que aconteceu. — eu digo simplesmente.

— Por favor. — ela me diz. Firmemente.

— Nós estávamos jogando Capture the Flag[1] no jardim de infância. — eu digo a ela relutantemente, como se estivesse recitando de um livro. Se eu fechar meus olhos, eu ainda posso sentir o cheiro do piso quente do ginásio sujo. — Finn estava com a

bandeira. Ele estava correndo. — seus braços magros e pernas estavam voando, o cabelo estava úmido na testa.

— E, em seguida?

Meu peito dói um pouco. — Então ele começou a gritar. E correr em outra direção. Ele não estava jogando mais. Ele estava gritando sobre demônios o perseguindo.

— E o que mais? — a voz da minha mãe é simpática, mas ainda muito firme.

— E o meu nome. Ele estava gritando o meu nome.

Eu ainda posso ouvi-lo gritando meu nome, sua voz infantil, estridente e desesperada.

Caaaaa!!!!!!aaaaaa!

Mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa naquele dia, ele subiu todo o caminho na corda pendurada até o teto para fugir dos demônios.

Os demônios.

Foi preciso quatro professores para descê-lo.

Ele não desceu sequer por mim.

Ele ficou hospitalizado por duas semanas depois disso e diagnosticado com transtorno esquizoafetivo, que é uma cruz desagradável entre Esquizofrenia e Bipolarismo e muito apropriadamente denominado SAD[2]. Ele está medicado desde então. Ele é perseguido por aqueles malditos demônios desde então, também.

É por isso que ele precisa de mim.

— Mãe. — murmuro desesperadamente, porque eu sei onde ela está indo com isso. Mas ela é implacável.

— Calla, ele gritou por *você*. Porque ele *sempre* chama você. Eu sei que é uma coisa de gêmeos, mas não é justo para nenhum de vocês. Você tem que ser capaz de ir para a faculdade e descobrir quem você é além de ser irmã de Finn. Ele tem que fazer o mesmo. Eu prometo a vocês, nós não estamos fazendo isso como um castigo. Estamos fazendo isso porque é o melhor. Você confia em mim?

Estou em silêncio, principalmente porque minha garganta está quente e apertada e eu não consigo falar por causa da mera frustração.

— Calla? Você confia em mim?

Minha mãe é estupidamente insistente.

— Sim. — eu digo a ela. — Sim, eu confio em você. Mas mãe, isso não é um problema para mim. Porque quando Finn está medicado, ele é quase normal. Ele está bem.

Quase. Houve apenas alguns episódios de quebra. E alguns períodos de depressão. E alguns delírios.

Fora isso, ele está bem.

— Com exceção dos momentos em que ele não está bem. — minha mãe responde.

— Mas...

— Sem mas, Calla. — ela me corta, de forma rápida e eficiente. — Querida, nós falamos bastante disso. Agora, eu tenho que ir. Eu esqueci meus óculos de leitura, então eu estou voltando

para buscá-los. Mas a chuva está ruim, então eu preciso focar na direção...

Ela interrompe sua própria frase com um grito.

Um alto grito agudo e estridente. Quase perfura meus tímpanos com sua intensidade e antes que eu possa entender o que ela diz, é interrompido. E eu percebo que eu ouço algo mais no fundo.

O som de metal e vidro sendo triturado e quebrado.

Então, nada.

— Mãe?

Não há resposta, apenas silêncio cheio e carregado.

Minhas mãos tremem enquanto espero pelo que parece uma eternidade, mas na verdade é apenas um segundo.

— Mãe? — eu exijo, com medo agora.

Ainda nada.

Calafrios correm para cima e para baixo em minhas costas, e arrepios se formam em meus braços, porque de alguma forma eu sei que ela não responderá.

E eu estou certa.

Mamãe morreu quando ela estava gritando, quando o metal rangia e o vidro quebrava. Os paramédicos dizem que quando a encontraram no fundo da ravina, o telefone estava de alguma forma ainda em sua mão.

Capítulo Dois

- Duo -

Calla

- Depois -

Astoria cheira à morte.

Pelo menos, para mim.

Produtos químicos para embalsamamento. Cravos. Rosas. Lírios. Essas coisas se misturam com a brisa do mar e pinheiros, soprando através das janelas abertas, formando um cocktail olfativo que cheira como um funeral para mim. Isso é apropriado, suponho, pois eu moro em uma casa funerária. E minha mãe morreu recentemente.

Tudo me faz lembrar de um funeral, porque eu estou cercada pela morte.

Ou *mortem*, como Finn diria. Ele é obcecado por aprender latim, e tem sido nos últimos dois anos. Eu não sei por quê, considerando que é uma língua morta. Por outro lado, eu acho que faz todo o sentido por aqui.

Meu irmão, por outro lado, só faz sentido parte do tempo. Nós deveríamos estar nos preparando para a faculdade, mas tudo o que ele está interessado é rabiscar em seu diário, aprender latim e olhar para os fatos mórbidos sobre a morte.

O diário dele.

O simples pensamento do livro de couro surrado envia um arrepio na espinha. É a prova tangível de como seus pensamentos podem ser loucos, e por causa disso (e o fato de que eu prometi a ele que eu não faria), eu não olho para ele.

Não mais.

Isso me assusta muito.

Com um suspiro, eu olho para ele da minha janela do quarto, para baixo, para os gramados da casa funerária. A partir daqui, eu posso ver Finn e meu pai trabalhando no paisagismo, inclinando-se ao início da manhã do sol de Oregon enquanto eles arrancam as ervas daninhas dos canteiros que circundam a casa.

Os braços de Finn são magros, sua pele pálida quando ele puxa as raízes, depois joga as ervas daninhas empoeiradas em uma pilha de verduras murchas. Observo-o por um minuto, não com os olhos da sua irmã, mas com os olhos objetivos de alguém que pode estar vendo-o pela primeira vez.

Meu irmão é esbelto e meticuloso, com uma variedade de cachos castanhos areia desordenados dispostos em um halo. Seus olhos são azuis pálidos, seu sorriso é largo e brilhante, e ele é lindo de um jeito artístico.

Sabe, o tipo de artista que se esquece de comer, porque eles são tão apaixonados pelo seu trabalho... e porque se esquecem de comer, eles são esguios e musculosos, todos os ângulos e ossos. Finn é bonito, porém, doce e peculiar.

E eu não estou dizendo isso só porque nós somos gêmeos.

Não somos nada parecidos. A única coisa que compartilhamos é a pele de cor creme e o mesmo formato do nariz, em linha reta, aquilino, com uma ligeira inclinação na extremidade. Ao contrário, eu tenho olhos verdes e cabelo vermelho escuro, assim como nossa mãe.

Nossa mãe.

Ignoro o caroço que se forma em minha garganta quando eu penso sobre ela e desesperadamente tento tirá-la da minha mente. Imediatamente. Porque toda vez que eu penso sobre ela, tudo o que consigo pensar é a contribuição que eu tive em seu acidente de carro. Se eu não tivesse ligado para ela... se ela não tivesse atendido... ela ainda estaria aqui agora.

Viva e respirando.

Mas ela não está.

Esse peso ameaça esmagar o meu peito, e assim, em vez de me concentrar sobre a culpa que me cega, eu me concentro em me vestir. Porque me concentrar em algo, concentrar-me na monotonia, às vezes me distrai do sofrimento.

Às vezes.

Coloco algumas roupas, prendo meu cabelo em um rabo de cavalo e desço os degraus de mogno brilhante, que, aliás, é o mesmo e exato tom do caixão de minha mãe.

Deus, Calla. Por que cada maldita coisa tem que voltar a isso?

Eu cerro os dentes e forço minha mente teimosa a pensar em outras coisas, mas isso é difícil em uma casa

funerária. Especialmente quando saio da parte privada da casa para as áreas públicas.

Tudo o que posso fazer é manter meus olhos apontados para frente.

Porque mesmo que ninguém ainda esteja aqui hoje, há dois quartos de visualização traspondo esse corredor. Há um corpo em cada um, dispostos em seu melhor para todos os seus conhecidos olharem.

Eles estão mortos, é claro, com discos de plástico cravados dentro de suas pálpebras as mantendo fechadas e grossa maquiagem espalhada em seus rostos para dar-lhes uma aparência de cor viva. É uma grande falha, à propósito.

Os mortos não se parecem como se estivessem dormindo, como todo mundo gosta de dizer. Eles parecem mortos, porque eles estão. Coitados. Recuso-me a ficar estarrecida com eles. Morte retira a dignidade da pessoa, mas eu não tenho que ser aquela a apontar isso.

Doze passos depois, eu estou fora da porta e respirando fundo, substituindo o potente cheiro funerário pelo ar fresco do exterior. Dois passos depois e estou passeando pela grama orvalhada. Meu pai e Finn olham para cima, em seguida, param o que estão fazendo quando veem que estou acordada.

— Bom dia, rapazes! — eu digo com falsa alegria. Porque algo que minha mãe me ensinou foi fingir, até que você consiga. Se você não se sentir bem, finja que você se sente, porque, eventualmente, você vai. Isso ainda não funcionou, mas ainda estou esperançosa.

Finn sorri, fazendo com que a covinha na bochecha esquerda se aprofunde. Eu sei que ele está fingindo também, porque nenhum de nós realmente tem vontade de sorrir nos dias de hoje.

— Bom dia, dorminhoca.

Eu sorrio (falso). — É uma vida dura dormir até às dez, mas alguém tem de fazer. Vocês querem que eu corra até a cafeteria e pegue algum café da manhã?

Meu pai balança a cabeça. — Aqueles de nós que levantou em uma hora normal, já estão com cafeína.

Eu rolo meus olhos. — Bem, você quer que eu leve Finn para o Grupo, para compensar a minha preguiça?

Ele balança a cabeça e sorri, mas o sorriso não alcança seus olhos. Porque também é falso. Assim como o meu. Assim como o de Finn. Porque nós somos todos falsificadores.

— Na verdade. — ele me observa, avaliando-me e ao meu humor. — Isso seria ótimo. Alguém chegará hoje, então eu estarei ocupado.

Por *alguém*, significa um corpo para embalsamar, e por *hoje*, deve significar em breve, porque ele já está de pé e limpando suas mãos.

Concordo com a cabeça rapidamente, disposta a fazer qualquer coisa para sair daqui.

Anos assistindo corpos que vêm e vão desgastam uma pessoa. Eu já vi de tudo... vítimas de acidentes, idosos, recém-nascidos, crianças. As crianças são as mais difíceis, mas, eventualmente, tudo é difícil. A morte não é algo que ninguém quer pensar, e ninguém quer ser cercado por ela o tempo todo.

Meu pai pode ter escolhido sua profissão, mas eu certamente não.

É por isso que eu prefiro levar o Finn para sua terapia qualquer dia.

É algo que minha mãe costumava fazer, porque ela sempre insistia que era melhor para Finn se alguém estivesse lá, no caso de ele querer “conversar” no caminho de casa. Ele nunca fala, e por isso eu acho que ela só queria ter certeza de que ele ia. De qualquer maneira, nós manteríamos sua tradição.

Porque as tradições são suaves quando todo o resto foi para o inferno.

— Claro. Eu posso ir. — eu olho para Finn. — Mas eu vou dirigir.

Finn sorri para mim angelicalmente. — Eu já pedi quando você ainda estava na cama. É o preço de ser preguiçosa. Desculpe.

Seu sorriso decididamente não diz *Desculpe*. E, desta vez, não é falso.

— Tanto faz. Você quer tomar um banho?

Ele balança a cabeça novamente. — Eu só vou subir e me trocar. Dê-me um minuto.

Ele trota para fora, e eu o vejo passar, observando pela quinquagésima vez, o quanto ele se parece com o nosso pai. Mesma altura, mesma construção, alguma coloração. Nosso pai se parece mais como seu gêmeo do que eu.

Papai o observa ir embora, em seguida, olha para mim.

— Obrigado, querida. Como você está hoje?

Ele não está perguntando como eu estou, ou como estou me sentindo. Eu sei disso, e eu dou de ombros.

— Tudo bem, eu acho.

Exceto pelo maldito caroço que não desaparece da minha garganta. Exceto pelo fato de que sempre que eu olho no espelho, vejo minha mãe, então eu tenho que lutar contra a vontade de arrancar todos eles das paredes e jogá-los sobre os penhascos. Exceto por essas coisas, eu estou bem.

Eu olho para o meu pai. — Talvez devêssemos nos tornar judeus para que possamos sentar em Shiva[3] e não precisar se preocupar com mais nada.

Meu pai parece atordoado por um minuto, em seguida, sorri levemente. — Bem, Shiva só dura uma semana. De modo que não nos faria muito bem neste momento.

Nada vai nos fazer muito bem neste momento. Mas eu não digo isso.

— Bem, acho que não cobrirei os espelhos, então. — *infelizmente.*

Meu pai sorri agora, e eu acho que pode realmente ser um pouquinho verdadeiro. — Sim. E você terá que continuar tomando banho também. — ele faz uma pausa. — Sabe, há um grupo de apoio à tristeza que atende no hospital também. Você poderia tentar isso enquanto você espera por Finn.

Eu já estou balançando minha cabeça. Negando. Ele tem que desistir de tentar me fazer ir para um desses. A única coisa pior do que se afogar na tristeza é a partilha de um barco salva-vidas com outras pessoas se afogando. Além disso, se alguém precisa de um grupo de luto, é ele.

— Eu acho que vou passar. — eu digo a ele pela centésima vez. — Mas se eu mudar de ideia, eu vou procurá-lo.

— Tudo bem. — ele cede facilmente, como sempre faz. — Eu entendo isso, eu acho. Eu não quero falar sobre isso, também. Mas talvez um dia destes...

Sua voz diminui e eu sei que ele está arquivando isso sob a pasta *Um dia destes* em sua cabeça, junto com um milhão de outras coisas. Coisas como a limpeza do armário da minha mãe, tirar as roupas sujas do seu banheiro, arrumar os sapatos dela e casaco. Coisas assim.

Já se passaram seis semanas desde que minha mãe morreu, e meu pai deixou suas coisas intocadas, como se ele estivesse esperando que ela voltasse para casa a qualquer momento. Ele sabe que esse não é o caso, já que ele embalsamou o corpo dela e nós a enterramos no seu reluzente caixão de mogno, mas, obviamente, seria insensível apontar isso.

Em vez disso, eu o abraço.

— Eu te amo, pai.

— Eu também te amo, Cal.

Por cima do ombro, meu olhar congela na pequena coberta de hera, um prédio de tijolos no caminho da casa principal, e eu olho para ele por um minuto antes de me afastar.

— Você já decidiu sobre a Carriage House[4]?

Ele e minha mãe a tinham convertido em um apartamento no ano passado como uma propriedade de investimento, mas eles estavam no processo de tentar encontrar um inquilino quando a mamãe morreu. Finn e eu temos tentado fazer com que o pai deixe um de nós morar nele.

Ele balança a cabeça agora. — Você sabe, não é realmente justo dá-lo a um ou outro de vocês. Portanto, eu vou alugá-la.

Eu fico olhando para ele como se tivesse acabado de crescer uma segunda cabeça. — Sério? Mas...

Mas é um desperdício de espaço bem renovado.

Meu pai fica imperturbável. — Você e Finn vão para a faculdade no outono mesmo. Seria uma renda extra. Esse era o nosso plano original, de qualquer maneira.

Eu ainda estou atordoada. — Bem, boa sorte em encontrar alguém que queira viver aqui.

Bem ao lado de uma funerária e um crematório.

— Se você souber de alguém, por favor, avise-o. — meu pai continua, ignorando o meu pessimismo. Eu zombo disso.

— Você sabe que eu não conheço ninguém. — eu não vou aprofundar no estado deprimente da minha vida social, que é inexistente e sempre foi. Sempre foi algo que preocupou minha mãe e meu pai, embora Finn e eu nunca nos importássemos. Nós sempre tivemos um ao outro.

Finn galopa descendo as escadas, com o cabelo molhado, interrompendo a nossa conversa.

— Desde que eu cheirava como pés suados, tomei o banho mais rápido do mundo. — ele anuncia quando passa por nós. — De nada.

— Dirija com cuidado! — meu pai fala desnecessariamente enquanto se dirige para dentro. Devido à forma como a minha mãe morreu, entre metal retorcido e borracha aquecida, meu pai nem sequer gosta de nos ver em um carro, mas ele sabe que é uma necessidade da vida.

Mesmo assim, ele não quer ver.

Está certo. Todos nós temos pequenos truques que fazemos com as nossas mentes para tornar a vida suportável.

Eu me deixo cair no banco do passageiro do carro, que meu irmão e eu compartilhamos, e olho para Finn.

— Como você dormiu?

Porque ele não dorme normalmente.

Ele é um insone insuportável. Sua mente é naturalmente mais ativa à noite do que a da maioria das pessoas. Ele não sabe como desligá-la. E quando ele dorme, ele tem pesadelos vívidos, então ele se levanta e se arrasta para a minha cama.

Porque é para mim que ele vem quando está com medo.

É uma coisa de gêmeos. Embora, as crianças que costumavam nos provocar por sermos estranhos, adorariam saber essa pequena fofoca, tenho certeza. *Calla e Finn dormem na mesma cama, às vezes, isso não é doentio??* Elas nunca entenderiam como nos confortamos só de estar perto um do outro. Não que importe o que eles pensam, não mais. Nós provavelmente nunca veremos nenhum desses idiotas novamente.

— Eu dormi como merda. Você?

— O mesmo. — murmuro. Porque é verdade. Eu não tenho insônia, mas eu tenho pesadelos. Vívidos, da minha mãe gritando, vidro quebrado e de seu telefone celular em sua mão. Em cada sonho, eu posso ouvir minha própria voz, chamando o nome dela, e em cada sonho, ela nunca responde.

Você poderia dizer que eu sou um pouco torturada por isso.

Finn e eu caímos em silêncio, então eu pressiono minha testa no vidro e olho pela janela enquanto ele dirige, olhando a paisagem

que eu estive cercada desde que nasci.

Apesar do meu tormento interno, eu tenho que admitir que a nossa montanha é linda.

Estamos cercados por todas as coisas verdes e vivas, por pinheiros, samambaias e a vegetação exuberante da floresta. O verde vibrante se estende por todo o vasto gramado, através dos jardins floridos e dura até chegar aos penhascos, onde finalmente e, de repente, fica avermelhado e cor de argila.

Eu acho que é um simbolismo muito bom, na verdade. Verde significa vivo e vermelho significa perigo. Vermelho são falésias recortadas, luzes de advertência, sangue espalhado. Mas verde... verde são as árvores, maçãs e trevo.

— Como se diz verde em latim? — pergunto distraidamente.

— Viridem. — ele responde. — Por quê?

— Por nada. — eu olho para o espelho lateral, para casa, que se desvanece na distância atrás de nós.

Enorme e vitoriana, ela ergue-se orgulhosamente no topo desta montanha, à beira das falésias, com suas torres que aparecem através das nuvens. É linda e graciosa, ao mesmo tempo em que é gótica e sombria. É uma funerária, afinal de contas, no final de uma estrada sobre uma montanha. É um filme de terror esperando para acontecer.

Última Casa Funerária à Esquerda.

Papai precisará de um milagre para alugar a pequena Carriage House, e eu senti uma leve pontada de culpa. Talvez ele realmente precise do dinheiro, e eu estou pressionando-o para dar-lhe a Finn ou a mim.

Viro a olhar para longe de casa, longe da minha culpa e para o oceano. Vasto e cinza, a água castiga as rochas na costa, batendo nelas mais e mais. A névoa ergue da água, formando nevoeiro ao longo da praia. É lindo e misterioso, assombrado e pacífico.

Mas também é uma prisão, me segurando aqui sob a cobertura de nuvens baixas.

— Você já desejou que pudesse se afastar? Tipo, *bem* longe? — medito em voz alta.

Finn olha para mim. — Berkeley não é longe o suficiente para você?

Dou de ombros. — Eu não sei. Estou falando em algum lugar *distante*. Como a Itália. Ou Escócia. Seria bom, eu acho. Sair daqui. De tudo o que conhecemos.

Das memórias.

Das pessoas que pensam que somos estranhos.

De tudo.

O rosto de Finn permanece inexpressivo. — Cal, você não tem que ir ao redor do mundo para reinventar-se, se é isso que você quer. Você pode fazer isso na Califórnia. Mas você não precisa mudar a si mesma de jeito nenhum. Você está bem do jeito que você é.

Sim. Ser conhecida como *A Garota da Funerária* está bem. Mas ele está certo. Ninguém saberá na Califórnia. Eu posso ficar tão bem com um novo começo lá como eu faria em qualquer lugar. Eu não estarei rodeada de pessoas mortas, e as pessoas não estarão sempre perguntando *como você está se sentindo?*

Nós dirigimos em silêncio e eu continuo olhando pela janela, pensando na faculdade e como minha nova vida poderia ser. Desde que meu pai concordou que Finn e eu deveríamos ficar juntos, não há nada de assustador nisso. É apenas emocionante. E isso incluirá um monte de sapatos caros e pashminas[5]. Eu não sei exatamente de onde são as pashminas, mas elas têm um som sofisticado, então, eu preciso delas.

— Bem?

O tom insistente de Finn me tira dos meus pensamentos. Ele está, obviamente, à espera de uma resposta para alguma coisa.

— Bem, o que?

— Bem, o pai decidiu? Sobre a Carriage House. Poderíamos apenas compartilhá-la, sabe. Estou farto de cheirar como formaldeído o tempo todo.

Sério. Eu não posso nem contar quantas vezes eu ouvi as meninas com sussurros sarcásticos na escola enquanto eu passava, velhas piadas cansadas como: — Sinto o cheiro de pessoas mortas. — eu sempre quis dizer-lhes para deixar de imitar filmes antigos e aparecer com algo original, mas é claro que eu nunca fiz. Para elas, eu era *A Garota da Funerária*. Mas eu nunca lhes dei a satisfação de saber que suas palavras me feriam.

— Nós não cheiramos como formaldeído. — asseguro a Finn. Cheiramos a flores. Coroa de flores. Não é muito melhor.

— Fale por você. — ele resmunga. — Será que podemos, ou não?

Eu dou de ombros.

— Aparentemente, o pai vai alugá-la, depois de tudo.

Finn olha para mim por um segundo antes de voltar seu olhar para a estrada. — Sério? Eu não sabia que nós estávamos em tempos tão difíceis. Temos dinheiro do seguro de vida da mãe e o dinheiro da funerária.

— A faculdade é cara. — murmuro. Porque essa é a única explicação que posso pensar, à exceção talvez, que papai só queira seguir com algo que ele planejou com a mamãe. Finn balança a cabeça, porque é uma resposta aceitável. Obviamente, o envio de dois filhos é caro.

Ficamos tranquilos enquanto percorremos o restante do caminho, e ainda tranquilos enquanto andamos pelos corredores estéreis do hospital, nossos Chucks[6] rangendo nos pisos encerados.

— Eu vou encontrá-la aqui em uma hora. — Finn me diz casualmente, como se ele fosse fazer compras em vez de ir falar sobre sua doença mental com outras pessoas mentalmente doentes. Como sempre, Finn carrega sua cruz como um campeão.

Concordo com a cabeça. — Eu estarei aqui.

Porque eu sempre estou.

Ele vai embora sem olhar para trás, desaparecendo em uma sala de terapia. Conforme o vejo ir, eu não consigo evitar, mas acho, pela milionésima vez, que poderia ter sido facilmente eu a nascer com SAD. É um pensamento que faz com que me sinta culpada e em pânico ao mesmo tempo. Em pânico, porque às vezes eu ainda me preocupo que eu possa desenvolvê-la, que possa aparecer inesperadamente. E culpada, porque deveria ter sido eu, em primeiro lugar. Finn é uma pessoa melhor do que eu sou.

Eu sou aquela que nasceu primeiro, a que nasceu maior, a que nasceu mais forte... independentemente do fato de que Finn é

realmente *melhor*. Ele é engraçado, espirituoso, inteligente e sua alma é tão gentil como eles o veem. Ele que merecia ser saudável.

Não eu. Eu sou sarcástica, irônica.

A Mãe Natureza é uma cadela às vezes.

Acho um banco próximo no saguão com claraboia e me enrolo debaixo de uma pintura abstrata de um pássaro, tirando um livro para ler. Ter o meu nariz enterrado em um livro faz duas coisas.

1. Permite que as pessoas saibam que eu não estou a fim de conversar. Honestamente, eu raramente estou; e, 2. Mata o tédio enquanto espero.

Os sons do hospital se dissipam em um cenário vibrante, enquanto eu mergulho na ficção bem-aventurada. Ficção é melhor servida sozinha. É como eu sobrevivi meus anos de escola, a leitura através de almoços e aulas estranhas quando ninguém falava comigo, e ficção é como eu sobrevivo à espera de Finn durante longas horas na ala psiquiátrica do hospital. É como posso ignorar os gritos estridentes, de multifrequência que flutuam pelos corredores. Porque, honestamente, não quero saber sobre o que eles estão gritando.

Eu permaneço suspensa no meu mundo de mentirinha por Deus sabe quanto tempo, até eu sentir alguém olhando para mim.

Quando digo que sinto, eu *literalmente sinto*, assim como se alguém estivesse estendendo a mão e tocando meu rosto com os dedos.

Olho para cima, eu seguro meu fôlego quando encontro olhos escuros ligados aos meus, os olhos tão escuros que são quase pretos, e a energia neles é o suficiente para me congelar no lugar.

Um garoto está ligado ao olhar escuro.

Um homem.

Ele provavelmente não tem mais do que vinte ou vinte e um anos, mas tudo sobre ele grita *homem*. Não há nenhum *garoto* nele. Essa parte dele, já se foi, claramente. Eu vejo isso em seus olhos, com a forma como ele se porta, com o jeito perspicaz com que ele observa em seu entorno, em seguida, olha para mim com foco singular, como se estivéssemos de alguma forma ligados por uma corda. Ele tem um milhão de contradições em seus olhos... indiferença, calor, mistério, charme e outra coisa que eu não consigo definir.

Ele é musculoso, alto, e veste um moletom preto esfarrapado que diz *Ironia está perdida em você* em letras alaranjadas. Seu jeans escuro está com cinto de couro preto e um anel prata circunda o dedo médio dele.

O cabelo escuro cai em seu rosto e uma mão com dedos longos, impacientemente os escova de volta, enquanto seus olhos ainda estão conectados com os meus. Seu maxilar é forte e másculo, com a simples sugestão de barba por fazer.

Seu olhar ainda está conectado ao meu, como um ímã, ou um raio. Eu posso sentir a energia correndo ao longo da minha pele, como um milhão de pequenos dedos, corando as minhas bochechas. Meus pulmões vibram e eu engulo em seco.

E então, ele sorri para mim.

Para mim.

Porque eu não o conheço e ele não sabe das coisas.

— Cal? Você está pronta?

A voz de Finn quebra minha concentração e, com ela, o momento. Olho para o meu irmão, quase em confusão, para

descobrir que ele está esperando por mim. Já passou da hora e eu nem sequer percebi isso. Luto para levantar, sentindo-me nervosa, mas não sei porquê.

Embora eu saiba.

Enquanto saio com Finn, olho sobre meu ombro.

O estranho sexy com os sombrios olhos escuros, se foi.

Capítulo Três

- Tribus -

Finn

*F*oda-

seVocêNãoPodeFazerNada.

MeMachuqueFilhodaPuta.

VocêNãoPodeFazerNada. VocêÉTãofodido. MeMachuque. MeMachuque. Machuque-a. VocêNãoPodeFazerNada. MeMateAgora.

Como sempre, eu as ignorei... as vozes na minha cabeça que sussurram e silvam. Elas estão sempre lá no fundo, dentro da minha orelha. Há várias delas, principalmente vozes de mulheres, mas há vozes de um par de homens, também. Essas são as que são mais difíceis de ignorar, porque às vezes elas se parecem com a minha.

É realmente difícil ignorar a sua própria voz.

E mesmo que eu possa empurrá-las para o fundo da minha consciência na maior parte do tempo, eu nunca consigo fazê-las desaparecer. Os comprimidos coloridos que eu costumava tomar todos os dias não conseguiam nem silenciá-las, não sempre.

Por causa disso, uma vez que eles me davam náuseas e não funcionavam, de qualquer maneira, eu adicionei outra tarefa na minha lista de afazeres no outro dia. Era uma coisa fácil de riscar.

~~Pare de tomar pílulas~~

~~Não conte à Calla ou ao pai.~~

Eu imagino minha lista mental na minha cabeça, com perfeita clareza, porque esse nível de foco tende a abafar as vozes por um segundo. Minha lista está num papel de caderno branco, com uma linha azul, uma linha rosa correndo verticalmente para baixo do lado esquerdo. Depois de completar uma tarefa, eu desenho uma linha mental, riscando-a. Isso faz com que me ~~sinta realizado~~.

Sem a minha lista, não posso passar o dia. É muito difícil pensar sem ela, muito difícil concentrar. Sem ela, eu não posso sequer *parecer* normal. É obrigatório para mim neste momento, só mais uma coisa que me deixa louco.

Ninguém, exceto Calla e meu pai, sabe o quão louco eu sou. E mesmo *eles* não sabem a extensão disso.

Não de tudo.

Eles não sabem como eu acordo no meio da noite e tenho que me forçar a ficar na cama, porque as vozes me dizem para me jogar do penhasco. Para me impedir, eu sempre mergulho na cama com Calla, porque por qualquer razão, ela acalma as vozes. Mas ela não pode estar comigo a cada minuto.

Ela não pode estar comigo durante o dia quando meus dedos coçam para arranhar a minha pele, para arrancar minhas unhas, para correr até o fundo da montanha e gritar enquanto eu me lanço no tráfego.

Por que eu iria me corroer para fazer essas coisas?

Por causa das malditas vozes.

Elas não calam.

Está chegando a um ponto onde eu não sei o que é real e irreal, o que me assusta pra caramba. E o que particularmente me assusta pra caramba é que Calla e eu vamos nos separar em breve. Ela acha que nós vamos para a mesma faculdade, que eu concordei em ir para Berkeley com ela. Mas eu não posso. Eu não posso levá-la para baixo comigo. Eu seria a pior pessoa do mundo, se eu fizesse.

Assim, em breve, estarei no MIT e ela em Berkeley, e, em seguida, o que acontecerá?

Ela ficará bem, porque ela é sã. Mas o que acontecerá *comigo*?

Enquanto eu saio da sala de terapia, eu me curvo e bebo um gole de água no bebedouro. Algumas gotas de água gelada batem no meu pescoço e instantaneamente as vozes reagem.

Arranhe-o.

Minha mão já está na minha garganta antes de eu perceber o que estou fazendo. Frustrado, eu forço minha mão para o meu lado.

Eu não vou me machucar.

Jesus.

Eu tenho que manter a sanidade.

Rapidamente, eu encontro Calla enrolada em seu banco normal, olhando para longe. Eu cubro a distância entre nós em doze passos largos.

— Cal? Você está pronta?

Ela olha para mim como se eu fosse um estranho, antes da realização aparecer em seu rosto e ela sorri.

— Você está bem?

A voz de Calla me envolve como um cobertor.

Ela me mantém são.

Tem sido sempre assim, talvez até mesmo no útero, por tudo que eu sei.

Não deixe que ela saiba Não deixe que ela saiba Não deixe que ela saiba.

~~*Não deixe que ela saiba.*~~

Eu sorrio, um sorriso perfeitamente normal.

— Perfectus. — *perfeito.* — Você está pronta?

— Sim.

Saímos do hospital, à luz do sol da tarde e entramos no carro. Eu ligo o motor e dirijo o carro para fora do estacionamento com as mãos trêmulas.

Aja normalmente

Calla se vira para mim, seus olhos verdes se juntam aos meus. — Você quer falar sobre alguma coisa?

Eu balanço a minha cabeça. — Alguma vez eu quero?

Ela sorri. — Não. Mas saiba que você pode. Se você quiser.

— Eu sei. — e eu sei.

— Você sabia que os antigos egípcios raspavam as sobrancelhas para lamentar a morte dos seus gatos?

Eu mudei de assunto e Calla riu, empurrando seu cabelo vermelho muito longo para fora de seus olhos com os dedos delgados. É coisa nossa, esses fatos estúpidos sobre mortes. É *a minha* coisa, realmente. Eu não sei porquê. Eu acho que é por todos os anos vivendo na estúpida casa funerária. É a minha maneira de dar à morte o dedo do meio. Além disso, focar em fatos de morte, aprender latim e fazer minhas listas mentais estúpidas, me dá algo para me concentrar. Toda vez que eu me concentro forte em algo, isso afasta as vozes.

Confie em mim, eu farei de tudo para isso.

— Eu não. Mas graças a Deus eu sei agora. — Calla responde. — O que você rasparia por mim se eu morresse?

Eu mergulharia até o fundo do oceano por você. Eu procuraria por conchas e faria um colar e, em seguida, me enforcaria com ele. Porque se você não estiver aqui, eu não quero estar também.

Eu não posso mostrar-lhe como só pensar nisso me deixa em pânico, então eu dou de ombros. — Não me dê a chance.

Ela olha horrorizada, quando percebe o que disse, depois de tão pouco tempo que mamãe morreu.

— Eu não queria... — ela começa a dizer, a voz sumindo. — Sinto muito. Isso foi estúpido.

Calla e eu somos gêmeos. Nosso nível de ligação não pode ser entendido por aqueles que não o tem. Eu sei o que ela quer dizer, mesmo quando ela não sabe. O comentário dela tinha saído antes de se lembrar de mamãe. Parece estúpido, mas às vezes, podemos esquecer a nossa perda por um segundo. Um segundo bem-aventurado.

— Não se preocupe com isso. — eu digo a ela, quando viro para a rodovia.

Foda-se ela. Ela não tem o direito.

As vozes são altas.

Muito altas.

Eu fecho meus olhos e os espremo com força, tentando não ouvir.

Mas as vozes ainda estão lá, ainda persistentes.

Ela não merece você. Mate-a seu fracote fodido mate-a agora. Empurre-a dos penhascos. Lamba seus ossos. Lamba seus ossos. Lamba seus ossos.

Eu aperto o volante até que meus dedos ficam brancos, tentando afastar as vozes.

Lamba seus ossos, chupe o tutano, mostre a ela mostre a ela mostre a ela.

Hoje, as vozes soam reais, embora eu saiba que elas não são. Elas não são a minha voz, elas são apenas disfarces, uma máscara assustadora, impostora. Elas não são reais.

Minha voz é real.

Essas vozes não são.

Mas está ficando cada vez mais difícil distingui-las.

Capítulo Quatro

- Quatuor -

Calla

Uma coisa sobre esta montanha no verão, é que o tempo parece retardar a quase estagnar, e os dias misturam-se uns aos outros. Antes que eu perceba, um dia se transforma em dois, depois três, e de alguma forma, me encontro no dever do Grupo de Terapia novamente.

Desta vez, porém, eu sou rápida o suficiente para reclamar meus direitos de condução. Ignoro o olhar indignado de Finn quando nós entramos no carro, e eu sorrio (um real, não um falso) presunçosamente para ele, enquanto eu conduzo para fora de casa.

Enquanto eu dirijo o carro para baixo nas curvas da montanha, os pneus chiam sobre o cascalho encharcado de chuva. Finn olha pela janela, perdido em seus pensamentos quando passamos “no local”. O lugar onde nossa mãe caiu e morreu.

Próximo a uma árvore há fitas coloridas e uma pequena cruz simples. É solitário aqui, reverente e tranquilo. É um lugar que eu costumo ignorar, porque caso contrário, meu coração dói muito.

Inesperadamente, porém, Finn levanta a cabeça.

— Você pode parar?

Assustada, eu freio, então, encosto. — O que está errado?

Ele balança a cabeça. — Nada. Eu só preciso estar aqui por um minuto.

Ele sai, a porta do carro rangendo quando ele a fecha. Estou inquieta quando eu o sigo, porque nunca paramos aqui antes, não desde que penduramos as fitas e enterramos a cruz branca no chão. É um solo sagrado aqui, mas é também um terreno emocional. E é perigoso para Finn pisar em terreno emocional.

— O que vai fazer? — pergunto, casualmente, enquanto posso, seguindo-o para o lado do declive íngreme, para o lugar onde a mãe mergulhou para o lado enquanto ela estava falando comigo. Se equilibrar aqui, com os nossos dedos tocando a borda ao lado, ainda podemos ver onde as árvores foram derrubadas e danificadas pelo carro de mamãe, com a batida. Eu sinto uma onda de náusea.

— Você acha que ela estava morta antes de bater no fundo?
— Finn pergunta, sua voz sem emoção. Meu coração aperta no meu peito.

— Eu não sei.

Eu já pensei sobre isso, é claro, mas eu não sei. Meu pai não nos disse e eu não consigo perguntar.

— O que você pensa sobre o outro carro? — Finn pergunta, seu olhar olhando para a ravina e, definitivamente, não olhando para mim. Eu inspiro, em seguida, expiro, empurrando a culpa para longe, muito longe de mim, sobre a montanha, sobre as falésias, na água.

— Eu não sei. — eu respondo com sinceridade.

É a verdade, porque depois, meu pai não nos disse o que aconteceu com os ocupantes do outro carro. Quem era, quantos. Ele pensou que eu estava sentindo culpa injustificada, dor e tormento suficientes. Ele não falava sobre nada disso e fomos proibidos de ligar a televisão durante semanas, apenas no caso de haver uma cobertura da notícia. Você pensaria que seria enlouquecedor, mas no momento, eu estava tão imersa em meu luto que quase não notei.

O problema é que isso não impediu a culpa.

Porque eu matei pessoas.

Olhando para o lado da montanha, olhando para as goivas esculpidas nas árvores pelo metal dos carros batidos, a destruição da floresta... é tudo uma evidência. Com quem quer que a mamãe colidiu, está morto. Isso é evidente.

E a culpa é minha. Eu os matei, tal como eu a matei.

A única pergunta verdadeira é: quantos estavam no carro? Era uma pessoa? Um casal? *Uma família inteira?*

— Você acha que havia crianças envolvidas? — pergunto silenciosamente. Porque o pensamento de que... *Deus*. É insuportável. Eu imagino as crianças assustadas amarradas em seus assentos no carro, cobertos de sangue e terror. Eu fecho meus olhos com força para bloquear a visão imaginada.

— Eu não sei. — responde Finn, sua voz tão tranquila. — Nós poderíamos descobrir, se quiser. Poderíamos procurar os artigos de jornal. Se você acha que saber seria melhor do que *não* saber.

Eu penso nisso por um minuto, porque é tentador, *tão* tentador. Então eu balanço minha cabeça.

— Se o pai não nos diz, então é ruim. — eu decido. — Isso significa que é melhor eu não saber.

Finn acena com a cabeça e olha em silêncio sobre as árvores.

Por fim, ele fala. — Mas o que um carro fazia nesta montanha? Nós somos os únicos que vivem aqui. Ninguém mais tem qualquer razão para estar aqui tarde da noite. A casa estava fechada.

É uma pergunta que eu me fiz desde que isso aconteceu. Mamãe estava contornando a curva no meio da pista, porque ela não estava esperando que alguém estivesse lá.

Mas alguém estava.

E eles bateram um no outro.

— Eu não sei. — eu respondo e meu peito é como gelo, como se meu esterno fosse congelar e quebrar. — Talvez eles estivessem perdidos.

Finn acena com a cabeça, porque isso é uma possibilidade, e é a única que faz sentido, antes que ele pegue a minha mão e a segure firme.

— Não é culpa sua.

Suas palavras são simples, seu tom de voz é solene.

Forma-se uma protuberância, furando a meio caminho na minha garganta, em uma área de limbo, onde ela não pode nem ser engolida ou cancelada.

— Sim é. — minhas palavras são tão simples. — Por que você não está com raiva de mim por isso?

Quando Finn finalmente olha para mim, seus olhos são torturados e azuis como o céu.

— Porque isso não pode ser desfeito. Porque você é a pessoa mais importante para mim. É por isso.

Concordo com a cabeça, porque agora eu sei a verdade. Ele não está com raiva de mim, porque ele não acha que eu sou culpada. É claro que eu sou. Ele não está com raiva de mim porque eu sou tudo o que ele tem, porque eu sou uma parte dele.

— Nós temos que ir. Eu vou chegar atrasado.

Balanço a cabeça em concordância e nos voltamos para longe da borda. Com um último olhar para a ravina triste, nós subimos de volta para o carro, úmido com garoa e as nossas lágrimas, e dirijo em silêncio para o hospital.

Quando estamos dentro, Finn se vira para mim, antes que ele deslize para a sua sala.

— Aqui *tem* um grupo de luto. Você deveria ir ver.

— Agora você parece o pai. — eu digo a ele, impaciente. — Eu não preciso falar com eles. Eu tenho você. Ninguém me entende como você.

Ele balança a cabeça, *porque ninguém me entende como ele*. E então ele desaparece no lugar onde ele tira sua força, em torno de pessoas que sofrem como ele.

Eu tento não me sentir inadequada por eles poderem ajudá-lo de uma forma que eu não posso.

Em vez disso, eu me encolho no meu banco sob o pássaro abstrato. Eu coloco os fones de ouvido e fecho meus olhos. Eu esqueci meu livro hoje, então desaparecer com a música terá que funcionar.

Concentro-me em sentir a música em vez de ouvi-la. Eu sinto a vibração, sinto as palavras. Sinto a batida. Sinto as vozes. Sinto a emoção.

Emoção de outra pessoa que não seja a minha própria é sempre uma coisa boa.

Os minutos passam, um após o outro.

E então, depois de vinte deles, *e/e* se aproxima.

Ele.

O estranho sexy com olhos tão negros como a noite.

Eu sinto-o se aproximar enquanto meus olhos ainda estão fechados. Não me pergunte como eu sei que é ele, porque eu só sei. Não me pergunte o que ele está fazendo aqui novamente, porque eu não me importo com isso.

Tudo que me importa é o fato de que ele *está* aqui.

Meus olhos se abrem para encontrá-lo olhando para mim, seus olhos ainda tão intensos como eram no outro dia. Ainda como um escuro sem fundo.

Seu olhar encontra o meu, se conecta com ele e se mantém.

Estamos conectados.

A cada passo, ele não desvia o olhar.

Ele está vestido com a mesma camiseta do outro dia. *A ironia está perdida em você.* Ele está vestindo jeans escuros, botas pretas e seu dedo médio ainda é cercado por um anel de prata. Ele é um roqueiro. Ou um artista. Ou um escritor. Ele é algo irremediavelmente em grande estilo, eternamente romântico.

Ele está a vinte passos de distância.

Quinze.

Dez.

Cinco.

O canto da boca dele se inclina para cima enquanto ele passa e segue seu caminho me olhando de lado. Seus ombros balançam, seus quadris rebolam. Então ele se foi, se afastando de mim.

Cinco passos.

Dez.

Vinte.

Foi.

Eu sinto uma sensação de perda, porque ele não parou. Porque eu queria que ele parasse. Porque há algo sobre ele que eu quero saber.

Eu respiro fundo e fecho os olhos, ouvindo mais uma vez a minha música.

O estranho de cabelos escuros não volta.

Capítulo Cinco

- Quinque -

A chuva pode deixar Oregon bonita, mas, às vezes, é cinza e sombria. O som dela batendo nas janelas deixa-me sonolenta, e coçando para embrulhar-me em um suéter e me enroscar com um livro na janela. À noite, quando em tempestades, eu sonho. Eu não sei porquê. Pode ser a eletricidade do relâmpago no ar, ou a lança do trovão, mas nunca deixa de fazer a minha mente criar.

Hoje à noite, depois de finalmente cair no sono, eu sonho com *ele*.

O estranho de olhos escuros.

Ele senta-se à beira-mar, a brisa despenteando seu cabelo. Ele levanta a mão para tirar o cabelo dos olhos, seu anel de prata brilhando ao sol.

Seus olhos encontram os meus, e a eletricidade que nos liga é mais forte do que um milhão de raios, mantendo-nos juntos.

Seus olhos enrugam um pouco nos cantos quando ele sorri para mim.

Seu sorriso é familiar e sexy para mim. Ele me alcança, seus dedos conhecidos e familiares, e ele sabe exatamente onde me tocar, exatamente onde deixa a minha pele em chamas.

Eu acordo com um sobressalto, sentando na cama, meu lençol agarrado ao meu peito.

O luar derramando na minha cama parece azul, e eu olho para o relógio.

03:00 da manhã.

Apenas um sonho.

Eu me enrolo, pensando no estranho, e, em seguida, me condeno pelo meu ridículo. Ele é um estranho, pelo amor de Deus. É estúpido ser tão obcecada com ele.

Mas isso não me impede de sonhar com ele novamente. Ele faz coisas diferentes nos meus sonhos. Ele navega, ele nada, ele bebe café. O anel de prata reflete o sol a cada vez, seus olhos escuros perfuram a minha alma como se me conhecesse. *Como se ele soubesse tudo sobre mim.* Eu acordo sem fôlego toda vez.

É um pouco enervante.

E um pouco emocionante.

Depois de duas dessas noites de sono descontínuo, chuva e sonhos estranhos, Finn e eu nos ajoelhamos na frente das caixas de armazenamento de plástico, classificando coisas do meu armário. Pilhas de roupas dobradas nos cercam, como montanhas no chão. Chuva cobre a janela, o céu da manhã escuro e cinza.

Eu ergo um cardigã branco. — Eu acho que não vou precisar de muitas blusas na Califórnia, vou?

Finn balança a cabeça. — Duvidoso. Mas leve um par, apenas por segurança.

Eu lanço na pilha de Manter. Quando faço, eu noto que os dedos de Finn estão tremendo.

— Por que suas mãos estão tremendo? — eu fico olhando para ele. Ele dá de ombros.

— Não sei.

Eu o olho desconfiada, tão acostumada a observá-lo por qualquer sinal de um problema. — Você tem certeza?

Ele balança a cabeça. — Muito positivo.

Eu deixo pra lá, mesmo que isso me deixe desconfortável. Se eu não proteger Finn da angústia, ele pode ter um episódio. Obviamente, eu não poderia protegê-lo de perder a mãe, mas eu faço o meu melhor para protegê-lo de todo o resto. É uma coisa pesada no ombro, mas se Finn pode carregar sua cruz, eu certamente posso levar a minha. Eu desdobro outro suéter, e depois o lanço na pilha Goodwill[7].

— Depois do meu, nós teremos que fazer o seu. — eu indico. Ele balança a cabeça.

— Sim. E então talvez nós devêssemos fazer da mãe.

Eu chupo uma respiração. Enquanto eu não gostaria de nada mais, do que seguir em frente, não há nenhuma maneira.

— Papai nos mataria. — eu descarto a ideia.

— Verdade. — Finn reconhece, entregando-me uma camisa de manga longa para a pilha de Manter. — Mas talvez ele precise de um empurrãozinho. Já se passaram dois meses. Ela não precisa dos sapatos dela na porta dos fundos.

Ele está certo. Ela não precisa deles. Assim como ela não precisa da sua maquiagem espalhada sobre a pia do jeito que ela deixou, ou seu último livro virado para baixo para marcar a página ao lado da sua cadeira de leitura. Ela nunca terminará esse livro. Mas, para ser justa com o meu pai, eu não acho que eu conseguiria jogar suas coisas fora ainda, qualquer delas.

— Ainda assim. — eu respondo. — Ele que tem que decidir quando é hora. Não nós. Nós estamos indo embora. Ele é aquele que ficará aqui com as memórias. Não nós.

— É por isso que eu estou preocupado. — Finn me diz. — Ele ficará aqui nesta casa enorme sozinho. Bem, não sozinho. Rodeado por corpos e memórias da mãe. Isso é ainda pior.

Sabendo como eu odeio ficar sozinha e como eu particularmente odeio ficar sozinha em nossa casa grande, eu tremo.

— Talvez seja por isso que ele quer alugar a Carriage House. — eu ofereço. — Então ele não ficará tão sozinho aqui em cima.

— Pode ser.

Finn se estica e coloca um pouco de música, e eu deixo o baixo preencher o silêncio enquanto nós arrumamos minhas roupas. Normalmente, o nosso silêncio é confortável e nós não precisamos preenchê-lo. Mas, hoje, eu me sinto insegura. Tensa. Ansiosa.

— Você tem escrito ultimamente? — eu pergunto para jogar conversa fora. Ele está sempre escrevendo em seu diário. E mesmo que eu seja aquela que deu isso a ele no Natal há alguns anos atrás, ele não me deixa ler. Não, desde que ele mostrou para mim uma vez e eu me apavorei.

— Claro.

Claro. É praticamente tudo que ele faz. Poemas, Latim, coisas sem sentido... o que você pensar, ele escreve.

— Posso ler?

— Não.

Sua resposta é definitiva e firme.

— Tudo bem. — eu não discuto com esse tom de voz, porque, honestamente, eu estou um pouco nervosa para ver o que está lá agora de qualquer maneira. Mas ele faz uma pausa e volta-se para mim.

— Eu acho que eu nunca disse obrigado por não correr para a mãe e o pai. Quando você o leu uma vez, eu quero dizer. É apenas a minha saída, Cal. Isso não significa nada.

Seus olhos azuis perfuram direto em minha alma. Porque eu sei que eu provavelmente *deveria ter* ido para eles. E eu provavelmente teria, se a mãe não tivesse morrido. Mas eu não fui, e tudo está muito bem desde então.

Bem. Se eu pensar firme o suficiente sobre essa palavra, então será verdade.

— De nada. — eu digo baixinho, tentando não pensar no jargão que eu li, as palavras assustadoras, os pensamentos assustadores, rabiscados, riscados e rabiscados novamente. Mais e mais. Fora de tudo isso, porém, uma coisa se destacou como mais preocupante. Uma frase. Não foram os desenhos estranhos de pessoas com seus olhos, caras e bocas riscadas, não eram os poemas estranhos e sombrios, era uma frase.

Acabe com o meu sofrimento.

Rabiscado mais e mais, enchendo duas páginas completas. Eu o observei como um falcão desde então. Ele sorri agora, encorajando-me a esquecer isso, como se fosse apenas a sua saída. Ele está bem agora. *Ele está bem*. Se eu tivesse um diário, eu rabiscaria nas páginas, mais e mais, para tornar realidade.

— Ei, eu vou para o Grupo de novo hoje. Você quer vir comigo? Se não, eu posso ir.

Isso me assusta. Ele normalmente só vai duas vezes por semana. Eu perdi alguma coisa? Ele está pior? Ele está escorregando? Eu luto para manter minha voz casual.

— Outra vez? Por quê?

Ele dá de ombros, como se não fosse grande coisa, mas suas mãos ainda estão tremendo.

— Eu não sei. Eu acho que é toda essa mudança. Faz-me sentir inquieto.

E instável? Mas eu não pergunto isso. Em vez disso, eu apenas aceno, como se eu não estivesse apavorada. — É claro que eu vou.

Claro, porque ele precisa de mim.

Uma hora mais tarde, nós andamos pelos corredores cheios de fotos da nossa mãe, passando em seu quarto cheio com as roupas dela e estamos dirigindo para a cidade no carro que ela comprou-nos. Nós dois incisivamente evitamos olhar para o lugar onde ela caiu ao lado da montanha. Não precisamos vê-lo novamente.

Nossa mãe ainda está ao nosso redor. Em todos os lugares. No entanto, em nenhuma parte. Não realmente.

É o suficiente para conduzir a pessoa mais sã à loucura. Não é de admirar Finn querer terapia extra.

Eu o deixo na frente da sua sala do Grupo e o vejo desaparecer dentro.

Levo o meu livro para o café hoje para uma xícara de café. Eu cresci acostumada com a chuva me deixando sonolenta, uma vez que morei em Astoria toda a minha vida. Mas eu também aprendi que a cafeína é um Band-Aid eficaz.

Eu pego a minha xícara e dou a volta, caindo em uma cabine, preparada para enterrar meu nariz no meu livro.

Estou acabando de abrir a capa quando eu o sinto.

Eu *o sinto*.

Mais uma vez.

Antes mesmo de olhar para cima, eu sei que é *ele*. Reconheço a sensação no ar, a energia muito palpável. Senti a mesma coisa nos meus sonhos, essa atração impossível. Que merda? Por que eu continuo encontrando com ele?

Quando eu olho para cima, eu acho que ele me viu, também.

Seus olhos estão congelados em mim enquanto espera na fila, tão escuro, tão insondável. Essa energia entre nós... eu não sei o que é. Atração? Química? Tudo o que sei é que ele rouba meu fôlego e acelera meu coração. O fato de ele invadir os meus sonhos me faz ansiar por este sentimento ainda mais. Tira da minha realidade e me leva para algo novo e excitante, para algo que tem esperança e vida.

Eu vejo como ele paga por seu café e pão doce, e, como cada um dos seus passos levam à minha cabine. Há dez outras mesas, todas vagas, mas ele escolhe a minha.

Suas botas pretas param ao meu lado, e eu olho suas pernas cobertas de jeans, sobre seus quadris, até seu rosto surpreendentemente bonito. Ele ainda não fez a barba, então sua barba está mais pronunciada hoje. Isso o faz parecer ainda mais maduro, ainda mais homem. Como se ele precisasse de ajuda.

Eu não posso deixar de notar a forma como a sua camisa azul suave abraça seu peito sólido, a forma da sua cintura estreita, conforme desliza em seu jeans, a maneira como ele parece magro, ágil e poderoso. Gah. Eu tiro os meus olhos para encontrar os dele. Acho diversão lá.

— Este assento está ocupado?

Doce Senhor. Ele tem um sotaque britânico. Não há nada mais sexy no mundo inteiro, que deixa a cantada velha cansada perdoável. Eu sorrio para ele, meu coração acelerado.

— Não.

Ele não se move. — Posso usar, então? Eu vou compartilhar meu café da manhã com você.

Ele ligeiramente gesticula para o seu rocambole grudento, com cobertura de nozes.

— Claro. — eu respondo casualmente, habilmente escondendo o fato de que o meu coração está batendo rápido o suficiente para explodir. — Mas eu vou passar o café da manhã. Eu sou alérgica a nozes.

— Mais para mim, então. — ele sorri, conforme desliza para dentro da cabine em frente a mim, sempre tão casualmente, como se ele se sentasse com garotas estranhas em hospitais o tempo todo. Eu não posso deixar de notar que seus olhos são tão escuros que são quase pretos.

— Vem sempre aqui? — ele brinca, enquanto se espalha para fora da cabine. Eu tenho que rir, porque agora ele está indo só para baixo na lista de cantadas clichês, e todas elas soam incríveis vindas dos seus lábios britânicos.

— Bastante. — eu aceno. — Você?

— Eles têm o melhor café. — ele responde, como se isso *fosse* ao menos uma resposta. — Mas não vamos dizer a ninguém, ou eles vão começar a nomear os cafés com coisas que não conseguimos pronunciar e as filas ficarão insuportáveis.

Eu balanço minha cabeça e eu não posso deixar de sorrir. — Tudo bem. Será o nosso segredo.

Ele olha para mim, seus olhos escuros brilhando. — Bom. Eu gosto de segredos. Todos os têm.

Eu quase sugo minha respiração, porque algo é tão abertamente fascinante sobre ele. A maneira como ele pronuncia tudo e a maneira como seus olhos escuros brilham, a maneira como ele parece tão familiar, porque ele esteve na intimidade dos meus sonhos.

— Quais são os seus? — eu pergunto, sem pensar. — Os seus segredos, eu quero dizer.

Ele sorri. — *Você* não gostaria de saber?

Sim.

— Meu nome é Calla. — eu ofereço rapidamente. Ele sorri para isso.

— Calla como o lírio de funeral?

— O mesmo. — eu suspiro. — E eu moro em uma casa funerária. Então veja? A ironia não está perdida em mim.

Ele parece confuso por um segundo, então eu vejo quando ele percebe.

— Você notou minha camisa ontem. — ele aponta suavemente, com o braço esticado em toda a volta da cabine rachada. Ele nem sequer me questiona sobre o fato de que eu tinha acabado de lhe dizer que moro em uma casa com pessoas mortas. Normalmente as pessoas se fecham instantaneamente quando descobrem, porque instantaneamente supõe que eu devo ser estranha, ou mórbida. Mas ele não.

Concordo com a cabeça bruscamente. — Eu não sei porquê. Apenas se destacou. — *porque você se destacou.*

O canto da sua boca se mexe, como se ele fosse sorrir, mas, em seguida, não faz.

— Eu sou Adair DuBray. — ele me diz, como se ele tivesse dando um presente ou uma honra. — Mas todos me chamam de Dare[8].

Eu nunca vi um nome tão apropriado. Tão francês, tão sofisticado, mas seu sotaque é britânico. Ele é um enigma. Um enigma cujos olhos brilham como se estivessem constantemente dizendo *Me desafie*. Eu engulo.

— É bom conhecer você. — eu digo a ele, e essa é a verdade. — Por que você está aqui no hospital? Certamente não é para o café.

— Você sabe que jogo eu gosto de jogar? — Dare pergunta, mudando completamente o assunto. Eu sinto que minha boca está um pouco aberta, mas eu consigo responder.

— Não, qual?

— Vinte Perguntas. Dessa forma, eu sei que no final do jogo, não haverá mais nada. Perguntas, quero dizer.

Eu tenho que sorrir, mesmo que sua resposta devesse ter me incomodado. — Então, você não gosta de falar de si mesmo.

Ele sorri. — É o meu assunto menos favorito.

Mas deve ser uma coisa tão interessante.

— Então, você está me dizendo que eu posso perguntar-lhe vinte coisas e somente vinte coisas?

Dare assente. — Agora você está entendendo.

— Bem. Vou usar a minha primeira para perguntar o que você está fazendo aqui. — eu levanto meu queixo e olho nos olhos dele.

Sua boca se contrai novamente. — Visitando. Não é isso que as pessoas costumam fazer nos hospitais?

Eu corro. Não consigo evitar. Obviamente. E, obviamente, eu estou fora do meu elemento aqui. Esse cara poderia ter-me no café da manhã, se quisesse, e o brilho em seus olhos, eu não tenho tanta certeza de que ele não faria.

Tomo um gole do meu café, cuidando para não derramá-lo em minha camisa. Com o jeito que meu coração está acelerado, tudo é possível.

— E você? Por que você está aqui? — Dare pergunta.

— É essa a sua primeira pergunta? Porque o troco é justo no jogo.

Dare sorri amplamente, genuinamente divertido.

— Claro. Vou usar uma pergunta.

— Eu trouxe o meu irmão. Ele está aqui para... terapia de grupo.

De repente me sinto estranha em dizer isso em voz alta, porque faz meu irmão soar *inferior* de alguma forma. E ele não é. Ele é *superior*. Melhor do que a maioria das pessoas, mais suave, mais puro de coração. Mas um estranho não sabe disso. Um estranho só colocaria nele um rótulo de *louco* e deixar estar. Eu luto contra a vontade de explicar e de alguma forma consigo fazer isso. Não é da conta de um estranho.

Dare não me questiona, no entanto. Ele apenas balança a cabeça como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Ele toma um gole de café. — Eu acho que é provavelmente kismet[9], de qualquer maneira. Que você e eu estamos aqui, ao mesmo tempo, quer dizer.

— Kismet? — eu levanto uma sobrancelha.

— Destino, Calla. — ele me diz. Eu reviro meus olhos.

— Eu sei disso. Eu posso estar indo para uma faculdade pública, mas eu não sou idiota.

Ele sorri um sorriso tão amplo e encantador que minha calcinha quase cai.

— Bom saber. Então você é uma garota da faculdade, Calla?

Eu não quero falar sobre isso. Eu quero falar sobre por que você acha que isso é kismet. Mas eu aceno.

— Sim. Eu vou para Berkeley no Outono.

— Boa escolha. — ele toma mais um gole. — Mas talvez o kismet entendeu errado, afinal. Se você está indo embora e tudo mais. Porque, aparentemente, eu ficarei por um tempo. Ou seja, depois de eu encontrar um apartamento. Um bom é difícil de encontrar por aqui.

Ele é tão confiante, tão aberto. Nem sequer parece estranho que um completo desconhecido está me dizendo essas coisas, de repente, tão aleatoriamente. Eu sinto como se eu já o conheço, na verdade.

Eu fico olhando para ele. — Um apartamento?

Ele olha de volta. — Sim. A coisa que você aluga, tem um chuveiro e um quarto, normalmente?

Eu corro. — Eu sei disso. Só que isso pode ser kismet, depois de tudo. Eu poderia saber de algo. Quer dizer, meu pai está alugando a nossa carriage house. Eu acho.

E se *eu* não posso tê-la, definitivamente deve ir para alguém como Dare. O simples pensamento me dá um espasmo no coração.

— Humm. Agora isso é interessante. — Dare me diz. — Parece que kismet prevalece. E uma carriage house ao lado de uma casa funerária. Deve custar bolas de aço para viver lá.

Eu rapidamente retiro um pequeno pedaço de papel e rabisco o telefone celular do meu pai nele. — Sim. Se você estiver interessado, quer dizer, se você tiver as bolas, você pode ligar e falar com ele sobre isso.

Eu empurro o papel para o outro lado da mesa, olhando-o nos olhos, enquadrando-o como um desafio. Dare pode não saber como eu estou tentando que meu coração abraque antes que ele exploda, mas talvez ele saiba, porque um sorriso se estende lentamente e conscientemente em seus lábios.

— Oh, eu tenho bolas. — ele confirma, com os olhos brilhando de novo.

Desafie-me.

Eu engulo em seco.

— Estou pronta para fazer a minha segunda pergunta. — eu digo a ele. Ele levanta uma sobrancelha.

— Já? É sobre minhas bolas?

Eu corro e balanço a cabeça.

— O que você quis dizer antes? — pergunto-lhe lentamente, não baixando o meu olhar. — Por que exatamente você acha que isso é kismet?

Seus olhos se enrugam um pouco quando ele sorri mais uma vez. E mais uma vez, seu sorriso é completamente divertido. Um sorriso verdadeiro, não um falso como estou acostumada ao redor da minha casa.

— É kismet porque você parece com alguém que eu gostaria de conhecer. Isso é estranho?

Não, porque eu quero conhecer você, também.

— Talvez. — eu digo, em vez disso. — É estranho que eu sinta como se eu conhecesse você de alguma forma?

Porque eu sinto. Há algo tão familiar sobre seus olhos, tão escuros, tão insondáveis. Por outro lado, eu *tenho* sonhado com eles por alguns dias.

Dare levanta uma sobrancelha. — Talvez eu tenha um rosto comum.

Eu sufoco um bufo. *Difícilmente.*

Ele olha para mim. — Independentemente disso, *kismet* sempre prevalece.

Balanço a cabeça e sorrio. Um sorriso *real*. — O júri ainda está debatendo sobre isso.

Dare toma um último gole de café, seu olhar ainda congelado no meu, antes que ele bata seu copo sobre a mesa e se levante.

— Bem, deixe-me saber o que o júri decidir.

E então ele vai embora.

Estou tão atordoada por sua saída abrupta que me leva um segundo para perceber uma coisa, porque *kismet sempre prevalece* e eu sou *alguém que ele gostaria de conhecer*.

Ele levou o número do telefone do meu pai com ele.

Capítulo Seis

- Sex -

Finn

Nocte liber sum Nocte

liber sum.

À noite eu sou livre.

Alea iacta est. A sorte foi lançada. A sorte foi lançada.

O dado foi jogado.

Serva me, Servabo te. Salve-me e eu vou te salvar.

Salve-me.

Salve-me.

Salve-me.

— Ei, mano. — Calla entra no meu quarto, de repente, sem aviso prévio, e eu fecho instantaneamente meu diário, escondendo meus pensamentos por trás da sua capa de couro marrom. — O que foi?

Eu sorrio, engolindo meu pânico, escondendo tudo com cuidado e completamente atrás dos meus dentes.

— Nada de mais. Você?

— Não muito. Apenas inquieta.

Ela salta para a minha cama, sentando ao meu lado, seus dedos imediatamente rastreando as letras na frente do meu diário. Ela sabe o suficiente para não abri-lo.

Eu dou de ombros. — Devemos fazer alguma coisa.

~~Aja normalmente.~~

Ela balança a cabeça. — Tudo bem. Como o que? Você quer dirigir até a praia Warrenton?

Para ver o antigo naufrágio Iredale? Já vimos isso um milhão de vezes, mas e daí?

— Claro. — eu respondo simplesmente. Porque às vezes dizer menos palavras faz com que seja mais fácil de esconder a loucura.

Nos levantamos da cama e Calla se vira para mim, agarrando meu cotovelo.

— Ei, Finn?

Faço uma pausa, olhando para ela. — Sim?

— Você parecia... fora, toda esta semana. Eu pensei que quando você fosse ao grupo outra segunda vez iria ajudar, mas você ainda parece estranho. Se algo estivesse errado, você me diria, não é?

Você Não Pode Você Não Pode Você Não Pode. Você é Louco Louco Louco. Não Conte A Ela Seu Segredo Segredo Segredo.

Eu engulo de volta as vozes.

~~Aja normalmente.~~

— Eu estou bem. — eu minto. Uma mentira bem-aventurada para poupá-la da preocupação, para poupar o meu orgulho, para me poupar a humilhação de ser arrastado para uma sala acolchoada, para um lugar onde as chaves são jogadas fora e os loucos são esquecidos, substituídos por cascas medicadas.

— Promete? — Calla está hesitante, seu cabelo vermelho destacando-se como fogo contra as minhas cortinas brancas. Ela quase sempre aceita a minha palavra, mas desta vez, ela me conhece. Ela sabe que eu estou mentindo.

— *Repromissionem.* - Prometo. — eu asseguro. Ela revira os olhos.

— Sabe, às vezes, Latim apenas complica as coisas. Isso levou-lhe cinco sílabas para dizer o que você poderia ter dito em três.

Eu sorrio e dou de ombros. — É uma linguagem digna. Ela tem caráter.

— Se por digna, você quer dizer *morta*, tudo bem.

Ela ri e eu finjo, porque honestamente somos conchas de qualquer maneira, medicados ou não. Nós não somos as pessoas que costumávamos ser. Nós apenas parecemos pelo lado de fora.

Nós descemos as escadas rangentes de nossa casa, brigando para frente e para trás, fazendo o nosso melhor para parecer normal, porque a mãe sempre dizia: finja até que você se torne o que quer transmitir. Estamos definitivamente fazendo a nossa parte.

À medida em que nos aproximamos da esquina do grande foyer elaborado, o rugido distinto de uma motocicleta divide a atmosfera serena da casa funerária. Nós olhamos um para o outro.

Nós não costumávamos ter rezadeiras em motocicletas aqui na montanha.

Papai passa por nós, olhando Calla com curiosidade.

— Obrigado por arranjar alguém para ver a carriage house. Eu não estava esperando sua ajuda com isso, considerando o quanto você a queria.

Calla para, congelada no lugar, enquanto ela olha para o pai.

— Ele ligou?

Ele?

Sua voz está cheia de ansiedade, felicidade e esperança. Olho para ela. Que diabos é isso?

Papai acena. — Sim. Esta manhã. Deve ser ele agora, para dar uma olhada.

Calla gira ao redor e olha para fora da janela, e eu olho por cima do seu ombro.

Uma moto preta agressiva, uma Triumph, está estacionada na entrada, com um cara alto e moreno na frente dela, tirando o capacete preto.

Calla está tão absorta em observá-lo que ela não percebe o quão de perto eu estou a observando.

Ela sorri um sorriso beatífico. — Faz dias desde que eu disse a ele sobre isso. Eu achava que ele não queria.

Meu pai levanta a sobrancelha. — Ele ainda pode não querer. Ele está aqui apenas para dar uma olhada. Realmente rápida - como você o conheceu?

Ela faz uma pausa. — Eu o conheci no café do hospital no outro dia. Eu cruzei com ele algumas outras vezes. Ele foi lá visitar alguém. Ele parece legal.

Legal.

Papai não a pressionou porque o cara já estava subindo os degraus da varanda. — Com licença, enquanto eu vou mostrar-lhe ao redor.

Eu não me incomodo de perguntar a ela quem diabos é esse cara, ou por que ela escolheu convidá-lo para a nossa vida alugando o apartamento que tanto ela quanto eu queríamos para nós. Eu não tenho que perguntar. Eu posso ver isso escrito em todo o seu rosto.

Ela brilha quando olha para ele, uma expressão que eu nunca vi em seu rosto. Ela está interessada nele. *Muito* interessada.

Apreensão constrói na minha barriga enquanto vejo meu pai apertar sua mão, andando lado a lado com ele até a carriage house.

O cara parece decente o suficiente, mas há algo sobre ele. Algo inquietante, além da forma como a minha irmã está olhando para ele com fascinação extasiada.

Livre-seDeleLivre-seDeleLivre-seDele.

Eu ignoro as vozes e vejo a porta da casa fechar logo atrás deles.

Um peso se instala em torno de mim, algo escuro e opressor, porque mesmo que eu queira salvar a minha irmã de mim, eu não sei se estou pronto.

Eu sorrio para ela. — Pronta para ir?

Ela faz uma pausa, olhando para trás, hesitante agora enquanto olha para a porta fechada da Carriage House.

— Hum... vamos deixar para uma próxima, tudo bem?

Eu chupo uma respiração, assustado por ela me abandonar por esse cara. Eu devia saber, pelo novo olhar em seu rosto. O olhar de intoxicação. Mas isso me dando um tapa na cara de verdade, pela primeira vez, ainda é chocante.

Ela tem um interesse além de mim. Algo veio entre nós, mesmo que o momento seja pequeno... mesmo que seja apenas um estúpido passeio para a praia.

Mesmo que eu queira ser altruísta, eu não sei se eu posso lidar com isso.

Éramos estranhos em nossas infâncias inteiras e todo o caminho até o ensino médio. E enquanto isso era um saco, também era uma benção escondida, porque desde que eu era tudo que Calla tinha, ela se concentrou exclusivamente em mim. Sempre fomos tudo um para o outro.

Bile sobe na minha garganta quando eu a vejo descer os degraus da varanda e caminhar através dos gramados, o queixo empinado e suas mãos enterradas em seu cabelo enquanto ela o arruma por cima do ombro.

Eu preciso dela. Eu preciso que as coisas permaneçam iguais. Mas eu não posso arriscá-la. Eu não posso prendê-la. Eu não

posso deixar a minha loucura engoli-la e depois cuspi-la. Mas eu preciso dela.

Meus pensamentos são contraditórios, confusos e giram em torno do meu cérebro até que eu mal posso focar. Eu cambaleio para o assento da janela e olho para baixo, a testa encostada ao vidro enquanto tento recuperar o fôlego.

Serva me, Servabo te.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Pelo que me lembro do andar confiante do cara de cabelo escuro, eu tenho a sensação de que ele é alguém de quem eu não serei capaz de salvá-la.

Mas a sorte foi lançada.

Eu vejo isso agora.

Capítulo Sete

- Septum -

Calla

Ele veio.

Eu acho que estou em estado de choque quando fico perto da casa, tentando parecer que estou casualmente sentada na pequena mesa na varanda lateral, como se eu *não estivesse* esperando ansiosamente que ele aparecesse.

Eu não acredito que ele está aqui.

Faz dias desde que ele pegou o número de telefone do pai, e eu esperei todos os dias, mas ele não ligou. Eu pensei que ele não ligaria, que eu tinha imaginado a química, a conexão. Talvez até mesmo que eu tinha *o* imaginado.

Mas ele reapareceu em meus sonhos, uma e outra vez. Sorrindo para mim, olhando para mim, *ficando comigo*. Meu subconsciente está definitivamente tentando me empurrar para ele, talvez até mesmo em direção a viver novamente. Eu não sei.

Tudo o que sei é que ele está aqui, de repente hoje, com seus olhos escuros, sotaque britânico e em uma motocicleta, nada menos.

Kismet prevalece.

Meus pulmões parecem flutuar, juntamente com o meu coração, meu estômago e meus ovários. Tudo isso parece estremecer, como uma confusão ridícula trêmula. Parece que está destinado a acontecer, eu continuo indo de encontro a ele, sonhando com ele e agora ele está aqui na minha vida.

Isso quase me tira o fôlego.

Esse sentimento só fica mais pronunciado quando a porta da Carriage House finalmente abre e meu pai e Dare saem. Eles apertam as mãos e meu pai imediatamente se dirige de volta para a casa, um pequeno sorriso em seus lábios. No meio do caminho através dos gramados, ele desvia seu curso e vem em direção a mim.

Parando na minha frente, ele olha para baixo.

— As últimas semanas têm sido difíceis. Muito difíceis. Eu não vou fingir que sei o que você está passando, porque os nossos caminhos são diferentes e nós sentimos a nossa perda de formas diferentes. Tudo o que eu vou dizer é isto. Seja cuidadosa. Você é ingênua e inocente, e sua mãe saberia o que dizer agora, mas eu não. Esta é a primeira vez que você parece interessada em algo em semanas. Então tudo que eu vou dizer é para ter cuidado. Está bem?

Estou sem palavras porque a expressão do meu pai é tão *conhecedora*. É como se ele olhasse dentro da minha cabeça e visse a conexão que sinto por Dare, o interesse, a intriga. Ele está nervoso por mim, mas ainda assim, ele está disposto a alugar a Carriage House para Dare, porque ele precisa do dinheiro. E porque ele acha que Dare vai me distrair do meu sofrimento.

Concordo com a cabeça. — Está bem.

Ele acena de volta, em seguida, entra na casa sem dizer uma palavra. Atrás de mim, eu juro que eu posso sentir Finn olhando para mim, seu olhar batendo entre minhas omoplatas, através das janelas, mas eu deixo para lá. Eu não estou fazendo nada errado.

Ou estou?

Porque, quando Dare olha para cima e encontra o meu olhar, ele sorri um sorriso malicioso que me faz pensar que eu estou.

Desafie-me.

Para fazer o que? Essa pergunta me faz formigar.

Dare lentamente caminha pelo quintal e se move para a cadeira na minha frente. — Esse lugar está ocupado?

Eu reviro meus olhos. Este jogo de novo?

— Não.

Ele não pede, ele apenas se senta nela, esticando suas longas pernas e cruzando-as na altura dos tornozelos e olha para mim, como se ele pertencesse à cadeira. Eu levanto uma sobrancelha, mas ele ainda está em silêncio.

— Então, você tem um sotaque britânico, mas seu sobrenome é DuBray. Como é que *isso* funciona? — eu finalmente pergunto, desesperada para fazê-lo parar de olhar para mim. Sua boca contrai.

— Essa é a sua terceira pergunta?

Frustração me enche, independentemente de como é bonito o som que sai da sua boca.

— Eu tenho que contar cada pergunta que eu faço? Eu só estou tendo uma conversa educada.

Ele balança a cabeça e sorri um pouco. — Bem. Vou te dar um presente em nome de uma conversa educada. Meu pai morreu quando eu era um bebê e ele era francês. Minha mãe era britânica, por isso, se mudou para lá. Eu vivi lá toda a minha vida, daí o sotaque.

Seu belo, belo sotaque. Concordo com a cabeça. — Sinto muito sobre seu pai.

Ele dá de ombros. — Ele era um homem bom, mas isso aconteceu há muito tempo.

Eu coço para lhe perguntar quantos anos ele tem, mas eu resisto à tentação. Eu não posso usar outra pergunta já. Além disso, eu apostaria dinheiro que ele tem vinte e um. Mais ou menos.

— Você fala francês? — pergunto esperançosamente, porque Senhor, tenha misericórdia, isso seria quente.

— Oui, mademoiselle. — ele responde sem problemas. — Un peu. Um pouco.

Calma meu maldito coração. Eu fico olhando para ele, encantada.

— Então. — ele finalmente diz, mudando de assunto de modo muito casual, como se ele não fosse o homem mais legal, mais sexy do mundo. — Como você sobrevive morando em uma casa funerária? Você já viu um fantasma?

Eu ignoro o meu coração batendo forte e levanto uma sobancelha. — Vou considerar essa pergunta para dizer que você teve, de fato, coragem de alugar a Carriage House?

Ele ri, um som estridente, rouco, que vibra direto em minha barriga.

— O fato de eu ter bolas de aço é agora indiscutível. — ele anuncia com um sorriso. — E eu nunca fico nervoso. Nem mesmo sobre fantasmas. Além disso, uma vez que eu te dei uma resposta, o contrário é justo, certo? Então... você já viu um fantasma?

Eu não vi um, mas o fantasma da minha mãe está aqui... presente em cada imagem, pilha de roupas e memória desta casa. Mas é claro que eu não digo isso.

Eu dou de ombros em vez disso. — Eu nunca vi um. Até onde eu sei, não existe tal coisa.

— Sério? — ele responde, soando duvidoso. — Isso é decepcionante.

— Você estará na Carriage House de qualquer maneira. — digo a ele. — Não existem pessoas mortas lá fora. Quer dizer, eu suponho que você alugará, certo?

Por favor, esteja certo.

Ele balança a cabeça. — Sim. Obrigado por me avisar sobre isso. É exatamente o que eu estava procurando. Um pouco de espaço agradável, com um lindo cenário.

Quando ele diz as palavras *lindo cenário*, ele olha diretamente para mim, com um propósito.

Eu sou seu lindo cenário. De repente eu não consigo respirar o suficiente para sequer tentar perguntar por que ele quer estar em Astoria, em primeiro lugar.

— Kismet. — eu consigo suprir.

Ele balança a cabeça. — Kismet.

Dare olha para mim, longo, firme e sombrio, e eu consigo tomar uma respiração profunda, depois outra.

— Então, eu verei você. — diz ele, encerrando abruptamente a nossa conversa ficando de pé.

— Quando você vai se mudar? — pergunto, de repente, em pânico com a ideia de ele sair. Ele traz consigo um ar de conforto, de emoção, de algo novo, carregado e perigoso. Não quero deixar isso ir ainda.

Ele sorri.

— Agora. Eu trouxe a minha bagagem.

Sua bagagem? Eu sigo o seu gesto para ver uma bolsa amarrada à parte traseira de sua moto. Uma bolsa.

— É isso aí?

— Eu viajo com pouca coisa. — ele responde, voltando para a Carriage House. Para sua *casa*, que agora é apenas trinta metros da minha.

— Eu acho que você viaja. — murmuro. Eu vejo o modo como seus ombros largos balançam e a forma como a brisa agita seu cabelo escuro. Ele pega sua bolsa e entra em sua nova casa e eu percebo que me esqueci de perguntar-lhe algo.

Quanto tempo ele ficará.

Jantar parece diferente hoje à noite, principalmente porque eu sei que Dare está a alguns metros de distância.

Sirvo espaguete, que é a refeição mais fácil do planeta para se preparar, pão de alho e milho. Meu pai come com gosto, enquanto Finn, como de costume, empurra as coisas em seu prato. Seus remédios o fazem perder o apetite.

Estamos comendo tarde, porque meu pai trabalhou até tarde.

No pensamento de seu “trabalho” não posso deixar de olhar para suas mãos. Eu sei que ele lavou-as várias vezes quando ele subiu, mas apenas o pensamento do que ele estava fazendo com elas, e em que ele tinha estado trabalhando me dá náuseas. Eu sei que uma hora escassa ou mais atrás, ele estava enfiando uma agulha no pescoço de uma pessoa morta e substituindo todo o seu sangue com o líquido químico.

E agora ele está comendo com as mesmas mãos.

É nojento e é difícil de engolir meu espaguete com molho cor de sangue.

— Então, como foi o seu dia? — pergunto a Finn, tentando desesperadamente pensar em outra coisa. Eu não o tinha visto durante toda a tarde. Ele dá de ombros.

— Bom, eu acho. Eu terminei de arrumar meu armário. Eu tenho algumas caixas para o Goodwill, pai.

Meu pai balança a cabeça, mas eu vejo algo no rosto de Finn, algo tremer, e eu arregalo meus olhos. *Não faça isso*, eu tento dizer-lhe telepaticamente. *Não mencione coisas da mamãe. Não.*

E ele não faz. Em vez disso, ele olha para mim.

— Na verdade, eu tenho algo que eu quero dizer a vocês.

Nós dois olhamos para ele, esperando. Minha respiração trava, porque ele parece tão sério.

Que merda é essa?

Vejo-o engolir em seco. Não é um bom sinal.

— Eu decidi ir para o MIT, depois de tudo.

Meu estômago mergulha em meus sapatos e o silêncio na sala é pesado. Eu olho para o meu pai e ele olha para mim, então nós dois olhamos para Finn, enquanto eu tento lembrar como falar para que eu possa discutir.

— Não. — eu consegui dizer. — Você não pode ir sozinho. *Finn.*

Ele vê a súplica nos meus olhos e olha para longe, para as paredes, para fora das janelas.

— Por favor, não tente me convencer do contrário. — diz ele, mas está principalmente me dizendo: — Cal, eu quero ir com você. Eu quero. Mas isso é o melhor. É algo que eu tenho que fazer. Eu tenho que estar sozinho e descobrir como ficar sozinho. Como manter a sanidade sozinho. Você entende?

Não. Mil vezes Não. Milhões de vezes NÃO.

Eu estou balançando minha cabeça, mas meu pai se inclina e coloca uma mão no meu ombro. Um aviso para ficar em silêncio. Encaro-o impotente.

— Eu acho que isso é bom. — diz meu pai. — Sua mãe e eu... — sua voz some como se ele estivesse com dor e ele faz uma pausa por um segundo. — Sua mãe e eu pensamos que era o melhor. Alguma separação para que você possa crescer de forma independente. Isso é bom.

Meu pai soa tão orgulhoso. Como se Finn estivesse fazendo algo heroico, como se ele estivesse salvando um garoto de um incêndio ou movendo uma tartaruga para fora de uma avenida. Mas não é heroico porque ele está sendo autodestrutivo. Eu posso ver isso em seus olhos, do jeito que ele detém os ombros e não olha para mim.

Acabe com meu sofrimento.

As palavras em seu diário são tudo o que posso ver quando eu olho para ele.

Mas quando ele olha em meus olhos, os seus são preenchidos com algo mais. Súplica.

Deixe-me fazer isso. Deixe-me ir.

Deixá-lo fazer o que?

Aprender a viver sozinho? Enfrentar as coisas sozinho? Eu tomo uma respiração instável e Finn ainda olha para mim. E olha. E olha. E, finalmente, eu quebro sob o peso azul pálido.

— Está bem.

As palavras saem como uma expiração.

Finn levanta uma sobrancelha. — Está bem? Sem chutar ou gritar?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Não, se você tiver certeza. Eu lutei contra a mãe e o pai sobre isto, mas eu não vou lutar com *você*.

Sinto-me resignada, triste e em pânico, e eu já me sinto sozinha. Mas o que eu posso fazer? É a escolha de Finn. Seu olhar amolece agora.

— Você não está lutando contra mim. — ressalta. — Você está fazendo o que eu sei que é preciso fazer. E você sabe disso também, Calla.

Não, eu não sei. Eu sei exatamente o oposto, na verdade.

Mas, de novo, o que eu posso fazer? Sua decisão está tomada.

Eu não digo nada, porque eu não posso. Então, eu aceno, sem dizer nada.

Eu empurro a minha comida em torno no meu prato, porque quando eu tento engoli-la agora, ela gruda na minha garganta como uma espécie de lodo gelatinoso. Papai e Finn continuam me olhando, esperando que eu proteste ou argumente ou tenha um ataque. Mas eu não faço nada disso. Mesmo contrariada, de alguma forma permaneço calma, tranquila e muito recolhida até a hora que eu possa me desculpar e sair.

Corro ao ar livre, ignorando o fato de que Finn chama atrás de mim. Eu fujo do quintal, sugando o ar enquanto corro para baixo o caminho que leva à praia. A trilha parece com uma fita prateada ao luar sombrio, torcendo e girando em meio ao mato molhado verde e reluzentes rochas escuras.

As árvores formam um dossel sobre o caminho, e é inquietante aqui sozinha no escuro. As sombras me dão arrepios, porque eu não sei o que elas estão escondendo. Mas mesmo assim, mesmo com a lua em frestas através das copas das árvores e com o vento chamando palavras incoerentes através das agulhas de pinheiro, eu ainda estou grata por estar aqui, em vez de na minha sala de jantar.

Eu me empurro para frente, para longe do caminho destrutivo que Finn parece estar insistente e em direção ao oceano.

Quando eu chego à praia, meus saltos afundam na areia úmida, e eu sou grata que a maré está baixa. Minhas pernas não vão se molhar. Eu chego às rochas em poucos minutos e assim que eu me aproximo delas uma sombra se afasta das pedras.

É alto e inesperado, porque ninguém nunca vem aqui.

Ele faz uma pausa e eu chupo uma respiração.

Em seguida, ele pisa ao luar e eu percebo quem é.

Dare.

Porque ele vive aqui agora.

— Ei. — ele me cumprimenta, sua voz rouca, suave e britânica. Há acolhimento em seus olhos e um sincero apreço pela forma como eu pareço, uma expressão faminta, enquanto seu olhar esvoaça sobre mim. Ele faz o sangue fluir através das minhas bochechas e meu peito. Ele gosta do que vê.

Eu engulo em seco.

— Você está bem? — ele pergunta, com a cabeça inclinada e os olhos brilhando à luz do luar. — Eu não pude deixar de notar que você correu para baixo da montanha.

Deus. Eu quero afundar na areia. Eu devo parecer como uma pessoa louca.

— Eu estou bem. — digo a ele. — Eu só... meu irmão me perturbou e eu precisava de um minuto para respirar.

— E quando você está chateada você corre para a praia no escuro? Sozinha? — Dare inclina a cabeça de novo e eu não tenho certeza se ele está me julgando. Eu olho para longe.

— Não. Eu só... o meu lugar favorito é aqui embaixo. Eu venho aqui muito. Não apenas quando estou chateada.

— Mostre-me. — a voz de Dare é rouca e suave, e não é um pedido. — O seu lugar favorito, eu quero dizer.

Eu não hesito. Eu não sei por quê. Talvez porque ele esteve em meus sonhos muitas vezes, é como se eu já o conhecesse.

— Tudo bem.

Eu o conduzo ao longo da praia mais ou menos por mais trinta metros, através das rochas e em uma entrada isolada. Escondida pela noite, uma enseada em forma de ferradura espera por nós no escuro.

— Cuidado onde você pisa. — digo, embora eu saiba que é difícil de ver. — Esta enseada é coberta em piscinas de maré. Na verdade, espere aqui por um minuto.

Eu relutantemente solto seu braço e me aventuro longe para encontrar algumas peças de madeira flutuantes pequenas. Eu as arrasto de volta para a enseada e procuro um saco de lona que eu mantenho aqui para estas ocasiões. Não está sob a rocha que eu costumo mantê-lo, então eu procuro por um tempo mais longo, até Dare chamar.

— Procurando por isso? — ele o segura. Concordo com a cabeça, pegando dele.

— Sim. Obrigada. — puxando o isqueiro do saco, eu deixo a madeira em chamas.

O que preenche instantaneamente a entrada com uma luz violeta etérea.

Dare olha para o fogo, hipnotizado. — É roxo.

— É o sal do oceano. — eu explico. — Isso faz com que as chamuscas sejam roxas e azuis. Mas não respire a fumaça. É lindo, mas tóxico.

— Então olhe, não respire? — Dare parece divertido.

Concordo com a cabeça. — Exatamente. Em vez de respirar a fumaça, por que você não se vira e olha para a enseada?

Ele faz o que eu peço e eu posso ver em seu rosto que ele está impressionado. Pequenas piscinas estão espalhadas em torno de nós, com a vida do mar em cada uma, plantas e conchas, caranguejos e algas marinhas. Tudo parece mágico, enquanto a noite brilha violeta.

— Durante a maré alta, estas ficam cobertas. Na verdade, você não pode chegar à parte de trás da enseada. Mas durante a maré baixa, a água é sugada para fora e você pode andar por aqui e olhar para tudo o que a água encobre.

— Isso é incrível. — Dare decide, andando e examinando tudo. — Não é à toa que é o seu lugar favorito. — ele se move agilmente, casualmente. Facilmente.

Na verdade, estar com ele é fácil. Quando cada momento passa, eu sinto menos pânico e pavor por Finn e mais confortável com Dare.

Mesmo que ele seja claramente sofisticado, ele ainda é tão confortável quanto o meu favorito par de jeans. É como... ele não me julga. Ele não me ridiculariza. Ele simplesmente aceita as coisas como eu ofereço e não me pressiona por mais.

Enquanto ele se ajoelha para examinar uma piscina, eu o verifico. Ele está vestindo roupas escuras, esta noite, calça jeans escura e um moletom com capuz preto. A maneira graciosa que ele

se move faz até mesmo um moletom parecer elegante. Ele é elegante e refinado, nada como os meninos eram na escola.

É refrescante. E de deixar as pernas bambas.

Ele se vira para mim, seu olhar escuro e curioso.

— Como é que o seu irmão aborreceu você?

O pânico volta para mim em uma corrida, e por um minuto, eu olho através de Dare, para o mar.

— Nós somos gêmeos. Ele quer ir para uma faculdade diferente, mas eu não concordo. Ele precisa de mim.

Dare olha para mim, tentando me entender. Eu vejo as rodas girando. Ele abre a boca, mas eu interrompo antes que ele possa dizer qualquer coisa.

— Você não entende. — digo-lhe preventivamente. — Meu irmão tem um problema. Um problema mental. Ele está medicado, mas ele precisa de mim.

Se eu queria assustá-lo, e não sei se fiz ou não, isso não funciona. Porque Dare apenas balança a cabeça, imperturbável. — Isso é louvável. — ele me diz. — Que você se importe tanto.

Minha cabeça levanta. — Claro que sim. — eu repreendo. — Por que não iria? Ele é meu irmão.

Dare sorri e levanta as mãos. — Calma. — diz ele suavemente. — Eu estava apenas fazendo uma observação. Nem todo mundo se importa tanto assim, família ou não.

Eu fico olhando para ele. — Isso é um pensamento triste. Por que você está aqui de qualquer maneira? No escuro? Sozinho? — eu jogo as palavras dele de mais cedo de volta para ele em um esforço

para mudar de assunto. Ele sorri em agradecimento ao meu esforço.

— Porque eu estava entediado. E pensei que poderia ver melhor as estrelas daqui.

Ele está certo. Nós definitivamente podemos. Até na montanha, as árvores as bloqueiam.

E ele gosta das estrelas? É possível para ele ficar mais perfeito?

Ele aponta para cima.

— Esse é o cinturão de Órion. E aquela lá... aquela é Andrômeda. Eu não acho que podemos ver Perseus hoje à noite. — ele faz uma pausa e olha para mim. — Você conhece o seu mito?

Sua voz é calma e tranquilizante e enquanto eu o ouço, deixo-me afastar dos meus problemas atuais e em sua direção, na direção de seus olhos escuros, lábios carnudos e mãos longas.

Concordo com a cabeça, lembrando o que eu aprendi sobre Andrômeda no ano passado em Astrologia. — Sim. A mãe de Andrômeda insultou Poseidon, e ela foi condenada a morrer por um monstro do mar, mas Perseus a salvou e depois se casou com ela.

Ele balança a cabeça, satisfeito com minha resposta. — Sim. E agora eles permanecem nos céus para lembrar jovens amantes em todos os lugares, dos méritos do amor eterno.

Eu suspiro. — Sim. E então eles tiveram um filme brega feito para eles e que conseguiu assassinar vários mitos gregos diferentes ao mesmo tempo.

Dare contrai os lábios. — Talvez. Mas talvez possamos esquecer isso, devido à mensagem subjacente de amor eterno. —

sua expressão é divertida e eu não posso decidir se ele está falando sério ou apenas tentando ser irônico ou algo assim, porque *a ironia está perdida em você.*

— Isso é besteira, você sabe. — eu digo a ele, rolando os dados metafóricos. — Amor eterno, quer dizer. Nada é eterno. Pessoas deixam de amar ou a química morre ou talvez até mesmo morrem. De qualquer maneira que você olha, o amor sempre morre eventualmente.

Eu deveria saber. Sou a garota que mora numa casa Funerária. Eu vejo isso o tempo todo.

Dare olha para mim, incrédulo. — Se você realmente acredita nisso, então você acredita que a morte nos controla, ou talvez até mesmo circunstancie. Isso é deprimente, Calla. Nós controlamos a nós mesmos.

Ele parece realmente incomodado e eu fico olhando para ele, ao mesmo tempo nervosa por tê-lo decepcionado e certa de que eu estou certa.

Eu *sou* aquela cercada por isso o tempo todo, depois de tudo... com a morte e as circunstâncias ruins. Eu *sou* aquela cuja mãe acaba de morrer e eu sei que o mundo continua a girar como se nada tivesse acontecido.

— Eu não necessariamente acredito que a morte nos controla. — eu altero cuidadosamente. — Mas você não pode argumentar que ela vence em longo prazo. Toda vez. Porque todos nós morremos, Dare. Assim, a morte ganha, não o amor.

Ele bufa. — Diga isso a Perseus e Andrômeda. Eles são imortais no céu.

Eu bufo de volta. — Eles também não são reais.

Dare olha para mim, disposto a me fazer ver o seu ponto de vista e eu estou de repente confusa sobre como nós começamos a falar sobre o amor e agora estamos falando sobre a morte. Deixe para mim evoluir uma conversa.

— Sinto muito. — eu ofereço. — Eu acho que é um risco de viver onde eu moro. A morte está sempre presente.

— A morte é grande. — Dare reconhece. — Mas há coisas maiores do que isso. Se não tivesse, então isso tudo é por nada. A vida não vale nada. Colocar-se lá fora, e aproveitar oportunidades e tudo isso. Todas as coisas são besteiras se elas podem simplesmente desaparecer no final.

Eu dou de ombros e olho para longe. — Sinto muito. Eu só acredito no aqui e agora. Isso é o que nós sabemos e isso é com o que podemos contar. E eu não gosto de pensar sobre o fim.

Dare olha para o céu, mas ele ainda está pensativo. — Você parece bastante pessimista hoje, Calla-Lily[10].

Eu engulo em seco, porque eu soo como uma megera. Uma pessoa feia, amarga e cansada.

— Minha mãe morreu há algumas semanas. — eu digo a ele e as palavras raspam meu coração. — Ainda é difícil de falar.

Ele faz uma pausa e acena com a cabeça, como se tudo fizesse sentido agora, como se ele estivesse *arrepentido*, porque todo mundo sempre fica. — Ah. Entendo. Sinto muito. Eu não tive a intenção de abrir uma ferida.

Balanço a cabeça e olho para longe, porque meus olhos estão lacrimejando e é embaraçoso. Porque Deus. Alguma vez serei capaz de pensar sobre isso sem chorar?

— Está tudo bem. Você não sabia. — eu respondo. — E você está certo. Eu estou provavelmente cansada. Estar rodeada de morte o tempo todo... bem, acho que me deixou feia.

Dare me estuda, duro, seus olhos brilhando à luz do fogo que reflete chamas roxas em suas profundezas negras sem fundo.

— Você não é feia. — ele me diz, com a voz oh-tão-bonita. — Longe, bem longe disso.

Suas palavras me fazem perder a linha de pensamento. Por causa da maneira que ele está olhando para mim agora... *como se eu fosse bonita*, como se ele me conhecesse, quando sou realmente apenas Calla e ele não.

— Desculpe-me, eu estou tão emocional essa noite. — digo a ele. — Eu não sou normalmente assim. É só que... há muita coisa acontecendo.

— Eu vejo isso. — ele responde em voz baixa. — Existe alguma coisa que eu posso fazer?

Você pode me chamar de Calla-Lily de novo. Porque parece íntimo e familiar, e isso me faz sentir bem. Mas eu balanço minha cabeça. — Eu gostaria. Mas não há.

Ele sorri. — Está bem. Posso levá-la de volta para casa, pelo menos?

Meu coração salta um segundo, mas a ideia de enfrentar Finn agora não é uma que eu goste. Então, eu nego com minha cabeça.

— Eu realmente não estou pronta para voltar ainda. — eu digo-lhe com pesar. Porque é a verdade.

Ele dá de ombros. — Tudo bem. Vou esperar.

Meu coração ressoa em meus ouvidos enquanto eu finjo que não estou emocionada com isso. Nós nos sentamos na areia, tão perto que eu posso sentir o calor que emana do seu corpo, tão perto que, quando ele se move, seu ombro toca o meu. Eu não deveria tirar tanto prazer disso, dos seus toques acidentais, do seu calor.

Mas eu faço.

Nós nos sentamos dessa forma por uma hora.

Em silêncio.

Olhando fixamente para o mar, para o céu e as estrelas.

Ninguém nunca me fez sentir confortável assim antes, com o silêncio que não é estranho. Ninguém, além de Finn. Até agora.

— Você sabia que o serial killer italiano Leonarda Cianciulli era famoso por transformar suas vítimas em bolos de chá e servi-los aos convidados? — pergunto distraidamente, ainda olhando para a água.

Dare não hesita. — Não. Porque isso é uma coisa estranha de saber.

Sinto o riso borbulhando dentro de mim, ameaçando entrar em erupção.

— Eu concordo. É. — é algo que meu irmão compartilhou comigo ontem.

Dare sorri. — Eu terei certeza de usar isso na próxima festa que eu for.

Eu não posso deixar de sorrir agora. — Tenho certeza que se sairá bem.

Ele ri. — Bem, é uma conversa inicial, com certeza.

Eu não me movo, porque eu meio que quero ficar aqui para sempre, mesmo que a umidade da areia tenha chegado em meu jeans e agora minha bunda esteja molhada.

Mas mesmo que eu não queira que isso acabe, a escuridão é tão negra agora que ela nos engole. Está ficando tarde.

Eu suspiro.

— Eu tenho que voltar.

— Tudo bem. — Dare responde, sua voz baixa durante a noite, e se eu não soubesse melhor, eu acharia que detectei lamento nele. *Talvez ele queira ficar aqui mais tempo, também.*

Ele me ajuda a ficar em pé, e, em seguida, mantém a mão no meu cotovelo, enquanto caminhamos sobre os troncos e através das piscinas de maré e até a trilha. É aquela coisa que os homens reais fazem, guiando uma mulher através de um lugar. É cavalheiresco e nobre e meus ovários podem explodir por isso, porque é íntimo, familiar e sexy.

Quando chegamos à casa, ele retira a mão e eu imediatamente sinto a falta do seu calor.

Ele olha para mim, mil coisas em seus olhos que eu não posso definir, mas quero.

— Boa noite, Calla. Eu espero que você se sinta melhor agora.

— Eu me sinto. — murmuro.

E quando eu subo as escadas, eu percebo que eu realmente sinto.

Pela primeira vez em seis semanas.

Capítulo Oito

- Octo -

Finn

PulePulePulePulePulePul

ePulePuleSeuMalditoCovardePule.

— Ei. — a voz de Calla é suave da minha porta.

Eu arranco para longe da minha janela do quarto aberta como se as soleiras estivessem pegando fogo. Eu tinha visto Calla subir a trilha com *e/e*, mas eu não tinha percebido que ela já estava de volta em casa.

— Ei. — eu gaguejo, enquanto me distancio da janela e tento sintonizar as malditas vozes que me insultam. — Por mais cedo. Você está com raiva?

Calla afunda na minha cama, sentando-se em suas mãos. Ela olha para mim, hesitante.

— Não. Só estou preocupada. Você sabe por quê.

Eu sei. Meu diário. Eu também sei que ela ainda não tinha me dedurado para o meu pai. Porque ela sabe o meu mais profundo medo... de ser trancado.

VocêMereceCadeiaCadeiaCadeiaCadeia

Eu cerro os dentes.

— Não se preocupe, Cal. Eu cuido disso.

Ela respirou tão instável que eu pude ouvir daqui. — O negócio é o seguinte. Eu não contei ao pai sobre as coisas que li, porque eu tomei para mim a certeza de que você está bem. Que você está seguro. Que você ficaria melhor. Se eu não estiver com você para fazer o meu trabalho e tudo explodir, então serei a culpada. E eu não quero viver com a culpa de algo assim. Eu já carrego culpa suficiente.

Meu coração parece como um bloco de concreto enquanto eu olho para sua vulnerabilidade.

— Calla, o acidente da mãe não foi culpa sua. Você sabe disso.

Seus olhos são tão sombrios enquanto ela olha de volta para mim. — Eu sei?

— Nós já lhe dissemos cem vezes, Cal. Você ligou. Ela não tinha que atender o telefone. Estava chovendo muito. Ela deveria ter deixado ir para a caixa postal. Essa foi a escolha dela. Não a sua. Ela cruzou a linha central. Não você.

Calla fecha os olhos. — De qualquer forma. Eu não seria capaz de suportar se algo acontecesse com você. Você entende?

Eu engulo em seco. — Sim. Mas eu prometo. Eu ficarei bem.

Ela levanta uma sobrancelha. — Promete?

— Repromissionem. — eu asseguro a ela, todo o meu ser forçando a mentira. Soou como verdade, o que é bom porque, honestamente, eu não sei a verdadeira resposta para esta pergunta.

~~Soe normal.~~

Ela revira os olhos. — Mais uma vez. Três sílabas são mais fáceis.

Eu sorrio. — O que você precisa, afinal?

Seus olhos se arregalaram, em seguida, estreitaram. — Eu só queria dar uma olhada em você. Eu odeio quando você parece desligado. Isso me deixa nervosa.

— Não fique. Nervosa, eu quero dizer. — eu digo a ela. — Está tudo bem.

Ela balança a cabeça. — Está bem.

Mas ela não está convencida e não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Eu a conheço melhor do que a palma da minha mão, então eu sei.

— Eu só queria dizer boa noite. — ela me diz, finalmente. — É que eu te amo. E que se você mudar de ideia, mesmo que seja no último minuto, tudo bem. Eu odeio a ideia de estarmos separados, Finn. Mas mais do que isso, eu só quero que você esteja bem. Então, se é disso que você precisa, eu tentarei ficar bem com isso.

Seus olhos se enchem de lágrimas e ela olha para longe, mas eu estendo a mão e coloco sobre a dela. Ela olha para mim, com o queixo tremendo.

— Vai ficar tudo bem. — minha voz está segura. Confiante. — *Eu ficarei* bem.

Ela assente.

— Repromissionem? — sua voz ainda é instável.

— Prometo.

Minta:

Capítulo Nove

- Novem -

Calla

A brisa do mar sopra seu cabelo para trás e Dare sorri ao sol. Seus dentes brilham e eu dou risadas de algo que ele disse.

Estendo a mão para ele e ele me agarra, me segurando perto.

— Você será a minha morte. — diz ele contra o meu pescoço, seus lábios escovando minha pele.

— Por quê? — eu me viro para respirar, minhas mãos espalmadas no peito dele. Ele cheira a floresta.

— Porque você é muito melhor do que eu mereço.

Eu acordo com espanto, porque *Olá*. Eu não sou nada melhor do que ele merece. Meu subconsciente deve estar sob efeito de drogas, mas independentemente disso, meus sonhos são um paraíso.

Eu tomo banho e vou para o térreo para um café da manhã tardio/almoço antecipado. As opções são escassas na despensa.

— Estamos sem limões para limonada. — digo ao meu pai enquanto nós mastigamos o cereal. — Nós também estamos sem

carne para sanduíche, molho de macarrão, pão, leite... basicamente qualquer coisa que podemos usar para fazer o jantar. — ele acena, indiferente e eu suspiro.

Eu sinto como se ele estivesse escorregando. Como se ele se preocupasse cada vez menos sobre questões da vida real todos os dias e muito mais com seu luto pela mãe. Ele se preocupa com o seu trabalho, é claro. Mas isso não é nada novo. Ele sempre foi um viciado em trabalho. Na verdade, é onde ele estava na noite em que a mãe morreu. Na cidade, pegando um corpo.

Eu tiro minha atenção disso, para qualquer coisa, menos isso.

— Eu vou às compras hoje. — eu digo a ele, levantando e me alongando. — Você sabe onde Finn está?

Meu pai mantém o rosto enterrado em seu jornal, mas ainda puxa a carteira e a entrega para mim. — Não.

Eu suspiro novamente. — Está bem. Bem, se você vê-lo, diga que eu volto mais tarde.

Eu pego a carteira e escorrego para fora da porta, agradecendo a oportunidade de estar longe da sua expressão em branco. Eu sei que todos nós lidamos de diferentes maneiras, mas Jesus.

O sol do meio-dia brilha na estrada molhada quando eu dirijo meu carro para baixo da montanha. Os pássaros estão cantando nas árvores, e eu rolo minhas janelas para baixo para deixar o ar vivo entrar. Eu respiro fundo, depois danço no meu assento quando uma canção feliz vem no rádio.

Obrigada, meu Deus, eu sussurro em minha cabeça. Felicidade, de qualquer forma, é difícil de encontrar nos dias de hoje e eu vou levá-la de onde eu possa obtê-la. Descendo,

eu aumento o volume, elevando a música, enchendo o meu carro para que a felicidade seja tudo que eu ouço e tudo o que eu sinto.

Eu só desvio o olhar da estrada por um segundo.

Por um breve momento.

Quando eu olho para cima, um pequeno animal está sentado no meio da estrada. Isso acontece tão rápido que eu só vejo dois olhos verdes olhando para mim, de pelo cinza, e eu arranco o volante para evitar bater nele.

Meu carro desliza fora da estrada e eu piso no freio, minhas rodas derrapando no cascalho sujo no acostamento.

Eu derrapo até parar, pelo menos a trinta centímetros da encosta, mas ainda assim, estou horrorizada e congelada. Eu não consigo respirar, enquanto ainda estou sentada, olhando a encosta e, de repente, parece muito perto de mim. Como se eu pudesse ter mergulhado para o lado, assim como a minha mãe.

Minha respiração vem em suspiros pesados, meu coração palpita em meu peito enquanto eu a ouço gritando, conforme eu vejo a chuva daquela noite, o vapor saindo da estrada, o som dos pneus guinchando no meu ouvido. Tudo gira em torno de mim como fotos repetitivas de um filme, revivendo isso de maneira que eu não posso parar. Eu coloco minhas mãos sobre os ouvidos para bloquear os gritos e meu peito contrai cada vez mais.

Estou tendo um ataque cardíaco.

Mas eu não estou.

Tem que ser um ataque de pânico.

Eu estou em pânico.

Eu não consigo respirar.

Eu abro a porta do carro e o rugido é alto. Eu me arrasto para fora, e curvo-me, tentando pra caramba respirar, e falhando miseravelmente, minhas mãos sobre os joelhos, a boca aberta, ofegando impotente.

— Levante-se. — diz uma voz calma rapidamente. — Se você não pode respirar, levante-se.

Eu faço, arqueando as costas com minhas mãos em meus quadris, meu rosto voltado para o sol.

Um.

Dois.

Três.

Quatro.

No cinco, eu posso respirar um pequeno suspiro.

No seis, eu tenho um grande.

Sete, eu sou capaz de mover a minha cabeça, para olhar e ver quem está comigo.

Dare está na minha frente, preocupação nadando em seus olhos escuros, sua forma ágil pairando pelo meu carro. É como se ele tivesse medo de se aproximar de mim, com medo que eu seja um animal selvagem pronto para atacar.

— Eu sinto muito. — digo-lhe, meus pulmões ainda parecendo tremer. — Eu não sei o que aconteceu.

Ele dá um passo, com os olhos desconfiados e preocupados. — Você está bem?

Estou?

Eu olho em volta, no meu carro, para a porta do meu carro aberta, para a forma como eu simplesmente derreti na rua. Mas eu aceno, porque eu não consigo fazer mais nada.

— Sim. Eu só... havia alguma coisa na estrada. Eu quase o atingi. Eu acho que poderia ter sido um gatinho. Eu posso até tê-lo atingido. Aconteceu tão rápido, eu não sei.

Curvo-me outra vez e Dare me puxa para cima.

— Levante-se. — ele me lembra. — Isso abre o diafragma.

Certo. Porque eu estou me desfazendo e não consigo respirar. Por um minuto, eu decido que isso deve ser como Finn se sente o tempo todo. Tão louco, tão indefeso.

— Eu sinto muito. — murmuro, a minha mão estendida para trás para o para-choque do carro para me apoiar. Dare inclina a cabeça, tão calmo em face de meu pânico.

— Pelo quê?

— Por desmoronar. — eu sussurro. — Eu não sei o que há de errado comigo.

Ele não se incomoda. — Diga-me o que aconteceu. — ele sugere suavemente, e sua mão está sobre as minhas costas agora, esfregando levemente entre meus ombros, lembrando-me de respirar.

— Eu disse a você... eu estava dirigindo pela montanha e desviei por causa de um gato. Eu... não sei por que eu entrei em pânico.

— Talvez porque sua mãe acaba de morrer em um acidente de carro? — Dare diz gentilmente, mais suavemente do que eu alguma vez imaginei que ele pudesse. — Talvez isso assustou você?

— Eu não sei. — eu admito. — Eu apenas continuei a ouvir o grito dela. Ela... eu estava ao telefone com ela quando ela morreu.

Eu sussurro isso como uma confissão, porque eu sei que eu sou a razão de ela estar morta. Dare não abaixa o olhar e, mais uma vez, ele não julga.

— Isso é terrível.

Concordo com a cabeça. — Sim.

Eu percebo que de repente o barulho que eu ouvi um minuto atrás não era a porta do carro, é claro. Era a moto de Dare. — Você estava indo para a cidade? — pergunto-lhe metade educadamente, metade verdadeiramente curiosa, mas na maior parte apenas para alterar o assunto.

Ele balança a cabeça. — Não. Eu estava voltando. Fui devolver um livro da biblioteca.

Eu não tenho certeza em que estou mais focada, no fato de que ele lê, ou no fato de que ele estava subindo a colina e eu estava indo para baixo, assim como na noite em que mamãe morreu.

Ela estava subindo, alguém estava descendo.

— Nós poderíamos ter colidido. — eu percebo, um arrepio corre pela minha espinha.

Dare parece confuso, seus lábios carnudos se separam. — Perdão?

Eu balanço minha cabeça. — Sinto muito. Eu estava apenas... estou feliz por ter dirigido mais para o lado, em vez de para o meio. Ou você poderia ter batido em mim.

É um pensamento mórbido e que merda há de errado comigo?

Dare olha para mim, provavelmente preocupado que ele esteja com algum tipo de psicopata, mas ele esconde muito bem. — Mas eu não bati. — ressalta. — Nós dois estamos bem.

Nós estamos?

— Você está tremendo. — ele diz simplesmente agora. E com isso, ele esfrega meus braços, e de alguma forma, eu não sei como, eu cedo para ele. Isto parece certo, parece normal, parece tão malditamente bom, parece que eu estou em um dos meus sonhos.

Ele se surpreende por um segundo e depois me deixa ficar ali, a minha testa pressionada na sua camisa enquanto ele esfrega minhas costas. Seu aroma é tão reconfortante... tão amadeirado, masculino e perfeito. Ele cheira exatamente como eu sonhei. Eu inspiro e, em seguida, fungo e é aí que eu percebo que estou chorando.

Eu estou uma completa bagunça hoje.

Ele deve pensar que eu sou uma lunática.

— Eu sinto muito. — eu peço desculpas finalmente, me afastando dele. — Eu não sei o que há de errado comigo.

— Você tem lidado com muita coisa. — ele diz com entendimento. — Qualquer um ficaria nervoso.

Alguém teria um ataque de pânico no meio da estrada, chorando em um cara bonito que acabou de conhecer?

Eu olho para ele. — Você deve pensar que eu sou louca.

Ele balança a cabeça solenemente. — Não.

— Porque eu não sou. — eu insisto.

Sua boca contrai. — Nunca.

Eu tenho que rir agora, do ridículo desta situação.

Eu olho para ele e de alguma forma, ele parece tão fora de lugar aqui entre a natureza, com o seu corpo esbelto e refinado e olhos negros.

— Você viu o gatinho? — eu mudo de assunto.

Ele balança a cabeça. — Eu só vi a poeira dos seus pneus no acostamento.

Estou preocupada agora, porque eu não quero ser uma assassina de gatos em cima de todo o resto. Dare olha para a minha expressão e corre para me segurar, provavelmente porque ele não quer que eu chore em cima dele novamente.

— Eu vou procurar por ele. — ele diz rapidamente. — Por que você não volta para casa, assim você não fica esperando em pé ao lado da estrada?

Hesito. — Eu deveria esperar por você. Quer dizer, você está fazendo isso por mim, afinal de contas.

Ele sorri, um sorriso largo brilhante. — Você pode me pagar em um dia diferente. Por agora, você deve sair da estrada.

— Mas as compras. — murmuro, já voltando para o carro.

— Nós vamos pegá-las mais tarde.

Nós.

Um pouco atordoada, eu ligo meu carro, faço um retorno e volto para a minha casa. Eu ainda estou atordoada quando atravesso o pátio e afundo em uma cadeira na varanda para esperar.

Vinte minutos mais tarde, a moto de Dare roda em marcha lenta até a entrada.

Ele está de mãos vazias.

— Eu não consegui encontrar nada. — ele grita enquanto sai da moto e anda até mim. — Eu acho que talvez você viu um guaxinim ou algo assim.

Hesito, tentando imaginar o animal que eu tinha visto.

— Parecia muito pequeno para ser um guaxinim. — eu ofereço.

— Talvez fosse um bebê. — ele sugere.

Ou talvez eu tenha ficado louca e não era nada. Mas é claro, eu não digo isso.

— Obrigada por procurar. — digo finalmente, o meu olhar cai para seus pés. Suas botas estão cobertas em orvalho e pequenos pedaços de folhas. Ele realmente fez uma caminhada pela montanha para procurar.

— Quer ir fazer as suas compras agora?

Eu aceno com relutância, por algum motivo, temendo a ideia de dirigir novamente pela montanha.

Dare olha para mim. — Quer que eu dirija?

Minha cabeça estala. — Você quer vir?

Ele sorri. — Eu preciso de um pouco de shampoo. Eu estarei feliz em dirigir, se você quiser.

— Você não estava querendo ler ou algo assim?

Ele revira os olhos. — Eu leio à noite quando estou tentando dormir. Estou perfeitamente livre no momento. Na verdade, eu estarei livre hoje à noite, também.

O simples pensamento de Dare em sua cama, esparramado, nu, seus músculos brilhando ao luar, espalha calor para meu rosto e eu levo meus olhos de volta aos seus, com foco na realidade, não em Dare na cama.

Ele sorri. *Desafie-me.*

— Talvez devêssemos nos concentrar no *agora*. — ele sugere levemente, como se soubesse que ele estava apenas sendo despido na minha mente. Eu entro em combustão internamente, em seguida, aceno com a cabeça.

— Sim. É melhor eu pegar alguns mantimentos.

Eu lanço as chaves para ele e nós dirigimos para baixo da montanha.

Nós.

Dare e eu.

É um pensamento emocionante e que, no momento, me distrai de tristeza.

Isso é um milagre em si.

Capítulo Dez

- Decem -

Finn

Você É Uma Desculpa Miserável

rável Miserável Miserável, as vozes silvam e eu cerro os dentes e risco em torno delas, desenhando rostos e depois riscando-os a cada vez que uma voz diz algo. Em pouco tempo, a página está coberta de rabisco.

Calla saiu e eu não sei onde ela está, e pela primeira vez em semanas, eu estou sozinho.

Eu não gosto disto.

Eu não gosto disto.

Um motor ruge através do quintal e eu vou para a janela, olhando para baixo. O novo cara está na borda da grama. Calla olha para ele, sua mão tão perto do peito do rapaz.

Saia De Perto Dela.

Vá Embora.

Eu assisto, encantado, horrorizado quando minha irmã sorri.

É como se ela o conhecesse. Como se ela pertencesse aquele lugar, sorrindo com ele.

Estou sozinho e ela está lá.

É errado.

É errado.

Eu cerro os dentes de novo, porque não é errado. A minha irmã é uma adulta e ela pode fazer o que ela quiser e, obviamente, é normal ela sorrir para um cara.

Mas não ele, as vozes protestam, tantas que nem consigo distingui-las. Há algo sobre ele, algo errado, algo que ele está escondendo.

Ele está escondendo.

Você Não Pode Contar Ela Não Vai Acreditar Em Você. Pela primeira vez, eu concordo com elas. Calla nunca acreditaria em mim se eu expressasse esta reserva, porque eu não tenho nenhuma prova.

Tudo que eu tenho é um sentimento.

E todos nós sabemos que eu sou louco.

Capítulo Onze

- Undecim -

Calla

Eu passo pelos milhões de tipos diferentes de molho de macarrão, escolhendo um, antes de encontrar Dare no corredor do shampoo.

Estou na metade do caminho para encontra-lo, quando meu olho cai sobre um Dove, o tipo de shampoo que minha mãe costumava usar. Eu quase posso sentir seu cabelo enquanto ela me abraçava, minha garganta fecha e eu incisivamente desvio o olhar, porque é isso que eu tenho que fazer quando algo me faz lembrar. Eu tenho que ignorar e deixar para mais tarde. Porque eu simplesmente não posso lidar com isso agora.

— Você está pronto? — pergunto ao Dare. Ele balança a cabeça, em seguida, olha minha cesta de compras.

— Que bom que nós viemos no seu carro e não a minha moto. — ele observa. Eu tenho que rir, mas eu não quero explicar como meu pai está deslizando, como estamos desligados de cada coisa que se possa imaginar em minha casa. Então, eu não explico.

Em vez disso, pagamos e carregamos nossas coisas no portamalas e seguimos nosso caminho.

Mas uma vez que estamos na estrada, Dare se vira para mim.

— Eu poderia tomar uma bebida. Você poderia?

Estou tonta por ele pensar que eu sou velha o suficiente, mas eu balanço minha cabeça. — Eu não tenho vinte e um. — eu digo timidamente, mas, honestamente, por que eu estou envergonhada? A minha idade não é culpa minha.

Dare sorri, não afetado. — Eu quis dizer um refrigerante, jovem.

— Oh. Bem, eu conheço um café. E eles têm refrigerantes.

— Que assim seja, então. — ele anuncia teatralmente, como se estivesse no comando da nave estelar Enterprise[11].

— Você não é um Trekkie[12], não é? — eu pergunto, com medo de que eu possa finalmente encontrar uma falha em um cara aparentemente perfeito, quando eu viro o carro por uma rua estreita da cidade. Ele olha de soslaio para mim.

— O que é isso?

— Você é da Inglaterra, não Marte, certo? — eu exijo. — Um trekkie. Alguém que assiste maratonas de Star Trek e vai para convenções de Star Trek vestido como um Ewok[13]. Você não é isso. Espero.

— Eu fico ofendido com isso. — ele diz, sério. — Em primeiro lugar, um Ewok é de Star Wars, não Star Trek. Qualquer bom trekkie saberia disso.

Ele faz uma pausa e estou chocada porque oh-meu-Deus não é possível.

— E também que você pensaria tão pouco de mim. Eu não sou um trekkie. Eu sou um Whovian[14] obstinado. Eu não acho que posso ser ambos.

Dr. Who[15], Inglaterra, é claro. Eu sorrio espontaneamente e estaciono em uma vaga.

— Eu acabei de admitir um prazer culpável. — ele me diz, com a mão na maçaneta. — É a sua vez. O que é um dos seus?

Honestamente, eu não tenho pensado sobre *qualquer* prazer em seis semanas.

— Hum. — *Sonhar acordada com você.* — Eu gosto do Arctic Monkeys.

Ele engasga uma risada quando eu falo o nome da banda britânica, e sai do carro, vindo para abrir a minha porta, enquanto eu ainda estou perdendo tempo com o meu cinto de segurança. Eu olho para ele, hipnotizada por suas maneiras.

— Eu tentarei olhar além disso. — diz ele solenemente enquanto eu passo por ele, inalando seu perfume no meu caminho.

Ele abre a porta do café para mim, também, e esperamos na fila pela nossa vez. Ele olha para mim.

— E é nisso que eu tenho medo que o café do hospital se transforme. — ele diz em voz baixa, como se estivesse compartilhando um segredo. Eu aceno, completamente séria.

— Sim. Eu posso ver que há uma necessidade de se preocupar.

Eu imagino o ambiente hospitalar estéril, envolto com os gritos da ala psiquiátrica e rio. — Toneladas de necessidade de se preocupar.

Dare ergue as sobrancelhas. — Eu estou contente que nós concordamos.

Pegamos nossos refrigerantes, mas em vez de ir para o carro, Dare procura por uma mesa. — Você se importa de sentar por um minuto? Tenho certeza que a nossa comida ficará bem por alguns minutos no carro.

— Está bem.

Sento-me em frente a ele e brinco com meu canudo, e nós olhamos fixamente um para o outro. Depois de um minuto, ele sorri e eu decido que seu sorriso pode ser a minha nova coisa favorita.

E então eu prontamente me sinto culpada por ter uma coisa favorita.

Minha mãe está morta e eu a matei. Eu não estou autorizada a apreciar as coisas.

Encaro-o tão categoricamente quanto posso, ignorando as borboletas na minha barriga, insistindo em girar e girar, enquanto Dare me olha, enquanto seus anéis de prata refletem na luz solar.

O que é esse impulso, essa coisa pequena, que sempre fica na minha cabeça? É tão estúpido. Uma coisa tão boba para concentrar.

— Faça-me uma pergunta. — Dare, finalmente, diz, quebrando o silêncio. — Eu sei que você quer.

— Eu não quero. — respondo calmamente.

— Você está mentindo.

Eu suspiro. — Pode Ser.

Ele sorri maliciosamente o suficiente para enviar uma emoção nervosa através de mim. — Então me pergunte.

— Hum, vamos ver. Quanto tempo você ficará aqui? — pergunto em tom de conversa, como se eu não estivesse morrendo de vontade de saber a resposta.

Ele dá de ombros. — Eu ainda não tenho certeza.

Eu fico olhando para ele. — Isso não é uma resposta.

— Tem que ser, porque essa é a verdade.

— Mas às vezes a verdade é enganosa. — eu arremesso de volta para ele, e isso o deixa sério na hora.

— O que você quer dizer com isso? — ele pergunta, um pouco na defensiva. *Hmm. Reação interessante.*

— Eu só queria dizer que, às vezes, a verdade é tão louca que não parece verdade. Como você dizendo que não sabe quanto tempo você ficará aqui. Você tem que saber quanto tempo você vai ficar aqui.

Ele olha para mim, divertido agora. — Mas eu não sei.

— Você é frustrante. — digo a ele. Ele sorri. — Um palpite, então.

— Tudo bem. — diz ele, parecendo satisfeito. — Se você está preocupada com a minha partida, eu vou dar uma estimativa. Eu acho que... vou ficar aqui quanto tempo for preciso.

— Quanto tempo for preciso para que? — pergunto.

Ele dá de ombros.

Quero socá-lo na garganta.

— Você é *seriamente* frustrante. — eu respondo. Ele ri.

— Eu já ouvi isso antes. — ele admite.

— Eu aposto que sim. — eu resmungo.

Ele está rindo e o som disso vibra em minhas costelas, enchendo a minha barriga com o calor. É um calor que eu não mereço sentir. Eu tento fazê-la recuar, tento empurrá-la para longe, mas a culpa continua a voltar, presente em tudo que faço.

Não importa o que.

Eu não deveria estar sentada aqui me divertindo, isso é certo.

Eu não deveria estar fantasiando sobre este homem sexy, sonhando com ele, desejando que eu pudesse estar com ele. Eu não mereço isso. Eu fecho bem os meus olhos, e quando os abro, percebo algo na bota do Dare, misturado com a grama da montanha.

Sangue.

— Hum. O que é isso? — pergunto tensa, porque eu já sei.

Ele segue o meu dedo apontado, em seguida, encontra o meu olhar.

— É sangue. Eu não percebi que estava aí.

— De onde é? — minhas palavras são calmas, muito mais calmas do que o meu coração acelerado.

— De um guaxinim. — Dare suspira.

Meus olhos encontram os dele. — Eu o atingi, não foi?

Ele balança a cabeça lentamente.

— Eu o matei?

Ele balança a cabeça novamente. — Ele está morto.

— Por que você não me disse antes? — minha voz está trêmula agora, e eu luto para controlá-la.

Seu olhar escuro não vacila. — Porque não há nada que possamos fazer sobre isso. Ele está morto, e eu tenho certeza que foi instantâneo. Ele não sofreu e eu não quero que você se sinta mal com isso. Sinto muito. Eu deveria ter dito.

Meu Deus. Eu sou uma ameaça para a sociedade. Eu sei que foi apenas um guaxinim, mas tinha uma vida, e então ele entrou em contato comigo, e agora ele está morto.

— Nós devemos ir. — eu digo em voz baixa, afastando-me da mesa e indo para a porta sem esperar pela resposta dele. Mas ele me segue, e quando chegamos ao carro, ele se vira para olhar para mim em confusão.

— Eu fiz alguma coisa?

— Claro que não. — eu digo a ele, cansada. — Nada mesmo. Eu deveria apenas voltar. Tenho certeza que meu irmão está se perguntando onde eu estou.

Eu nunca o deixava sozinho por tanto tempo.

Eu dirijo dessa vez, porque eu tenho que ser normal. Eu tenho que tirar o que aconteceu esta manhã da minha cabeça. Você cai de um cavalo, você se levanta e continua. Sua mãe morre em um acidente, você tem que dirigir novamente.

Quando estamos chegamos na frente da casa funerária, eu desligo a ignição, e Dare pula para fora, pegando oito sacos de mantimentos, enquanto eu levo quatro.

— Você não tem que levar para dentro. — eu digo a ele quando nós alcançamos na porta dos fundos. Ele não responde, ele só vai direto para a cozinha, como se fosse a sua casa, como se ele já tivesse estado lá antes.

Curiosamente, eu o sigo, observando-o começar a descarregar os itens, colocando o leite na geladeira e indo direto para onde fica o açúcar, pondo no lugar.

— Como você sabe onde fica tudo? — pergunto estupidamente, vendo-o colocar o pão no lugar. — Você não parece o tipo que conhece qualquer cozinha, muito menos a minha. — ele faz uma pausa, levantando a sobrancelha.

— Aqui diz caixa do pão. — ele aponta.

Eu corro.

— E o resto é o senso comum. — acrescenta ele, abrindo o armário acima do fogão e guardando o sal.

Verdade. Ele se move ao redor com tanta familiaridade.

Eu estou... imaginando coisas, eu decido. É claro que eu estou.

Quando tudo está pronto, Dare se inclina para trás contra o balcão. — Hoje foi divertido. — ele me diz, com os olhos brilhando, seu corpo alongado.

Concordo com a cabeça. — Obrigada por me levar para a cidade.

Ele sorri.

— A qualquer hora.

Ele caminha para a porta, em seguida, faz uma pausa e vira. — Eu estou falando sério. — acrescenta. — Eu gostaria de fazer isso de novo. Tomar um refrigerante com você, eu quero dizer.

Ele é tão bonito enquanto é banhado pela luz solar na minha porta. Eu engulo duro, tentando engolir o caroço de culpa na minha garganta. Com tudo o que eu sou, ou sempre serei, eu quero dizer que sim.

Mas eu não posso.

— Eu... uh... — *eu não mereço*. — Eu não sei se posso. Meu irmão precisa de mim.

Eu me viro, porque meus olhos estão úmidos e quentes, e eu sou ridícula, não quero que Dare me veja chorar novamente.

A voz de Dare soa logo atrás de mim, quinze centímetros de distância.

— Calla, olhe para mim.

Eu fico olhando incisivamente para os armários de noqueira, tentando não deixar as lágrimas quentes caírem, porque tanto quanto eu estou tentando segurá-las, as lágrimas continuam brotando.

Uma escapa, deslizando pela minha bochecha.

Dare me puxa para ele, então deixa a mão cair, me olhando nos olhos. Ele está tão concentrado, tão sério. Ele limpa a minha lágrima com um polegar.

— Você merece ter uma vida também. — ele me diz, com a voz suave. — Você pode cuidar de Finn e ainda cuidar de você.

Eu não mereço isso.

— Você não entende. — eu começo a dizer, em seguida, decido que eu soaria louca se tentasse explicar.

— Você não pode dizer isso, porque você não me conhece. — eu digo em vez disso, minha voz rouca e embargada.

Dare passa a mão pelo cabelo e seus olhos brilham como obsidiana[16]. — Eu acho que não.

E então ele abruptamente se vira e vai para fora, os ombros largos quando ele caminha em meu gramado, para longe de mim.

Algo me incomoda enquanto eu limpo os balcões, e não é até que eu desligo as luzes e vou para a Grande Sala, que eu percebo o que é.

Ele age como se eu o tivesse decepcionado.

Eu não sei o porquê.

Capítulo Doze

- Duodecim -

Calla

Eu não vejo Dare há dias, o que é estranho já que agora ele mora aqui. Mas não tão estranho, considerando que eu de alguma forma o decepcionei.

Eu ouço o rugido da moto dele no período da manhã, então eu o ouço voltar para casa tarde da noite, mas eu não o vejo pessoalmente há setenta e duas longas horas.

— Eu me pergunto para onde ele vai todos os dias? — Finn reflete no café da manhã, quando ouvimos o rugido da moto dele descendo a montanha. Meu pai dá de ombros.

— Não sei. Não importa para mim. Ele pagou três meses de aluguel adiantado, assim, tanto quanto eu sei, ele não é problema meu até setembro.

Três meses de antecedência? É interessante. Eu mastigo minha bolacha enquanto considero isso. É esse o tempo que ele ficará?

Eu sinto Finn me observando, esperando uma reação, mas eu não lhe dou uma. Por alguma razão, eu não quero que ele saiba quanto tempo que eu gasto meditando sobre o Dare DuBray, como

deito na cama há três noites, obcecada com a voz dele, que parecia como se estivesse sussurrando no meu ouvido no escuro.

— Quer fazer alguma coisa hoje? — Finn pergunta, depois de tomar um gole de suco de laranja. Eu dou de ombros.

— Claro. Como o que?

Ele me olha sobre o copo. — Talvez podíamos ir ao cemitério?

E bem assim, parece que ele pisou no meu plexo solar[17], espremendo todo o vestígio de oxigênio dele.

— Por que faríamos isso hoje? — eu lido para perguntar ao redor do músculo apertado. Nosso pai fica excepcionalmente silencioso enquanto assiste a nossa interação.

Finn levanta seu olhar para mim. — Porque nós não fomos lá ainda. Não quero que a mãe ache que esquecemos.

Papai faz um som abafado e pega seu prato (que, aliás, é de um conjunto de 16 pratos de porcelana perfeitamente combinados do seu casamento), antes de se afastar para a cozinha, e eu encaro meu irmão.

— Mamãe está morta. Ela não *acha* nada.

O olhar de Finn não vacila. — Você não sabe disso. Você não tem ideia do que ela vê ou não vê. Agora, você quer ir visitá-la hoje?

Há um tom severo à sua voz, algo firme e preconceituoso. Eu engulo em seco, porque eu não estou pronta para isso.

— Eu não posso... ainda. — eu finalmente digo em voz baixa. Seus olhos azuis suavizam embora ele não desvie o olhar.

— Eu não acho que isso ficará mais fácil com o tempo. — ele responde. Eu balanço a minha cabeça.

— Não é isso que estou esperando. É só que... *eu não estou pronta*. Ainda não.

— Ok. — Finn cede. — O que mais você gostaria de fazer hoje?

Eu olho pela janela, meu olhar instantaneamente é atraído para a água.

— Estou com fome de patas de caranguejo.

Finn sorri, de uma forma lenta que eu amo. — Pesca de caranguejo, é o que será.

Então eu despejo meus pratos na cozinha e vou para o andar de cima para me trocar e colocar roupas velhas e um chapéu flexível para proteger a minha pele branca do sol. Eu encontro Finn no saguão.

— Você tem protetor solar nessa coisa? — Finn olha para a minha bolsa de praia gigante. Concordo com a cabeça.

— Claro.

Saímos da trilha que leva à praia, em seguida, subimos em cima das pedras e algas espalhadas para chegar ao cais fraco. Nosso pequeno barco sacode suavemente ao deslizar, está com os lados desbotados por causa do sol.

À medida que subimos a bordo, eu lambo o ar salgado dos meus lábios, enquanto a brisa agita o cabelo do meu rosto. Já há armadilhas de caranguejo carregadas no compartimento de carga, e Finn libera a âncora para que derivemos na baía.

O sol bate através do material fino das minhas mangas, e eu imagino que, mesmo agora mais sardas estão se formando, mas eu não me importo. Tudo que me importa é estar movendo na água, sobre as ondas e ainda mais para o oceano.

Finn se abaixa e pega um pote de sujeira, jogando-o para o lado. As boias laranja sacodem nas ondas para marcar o local à medida que avançamos para um local diferente, e então derrubamos outro. Nós deixamos cair cinco ao todo antes de deslizar mais para o mar e deitar debilmente ao sol, no casco do barco.

Eu olho para o céu, para a cor azul dele, e vejo a forma como as nuvens brancas brincam umas com as outras, saltando e alongando tudo que existe no ar. Isso me faz imaginar se o Céu é lá. Ou se pelo menos existe um Céu. Eu pondero isso, é claro, por causa da minha mãe. Porque ela está sempre no fundo da minha mente. E porque Finn arrancou o Band-Aid dessa ferida esta manhã.

— Talvez o Céu seja outra dimensão. — medito em voz alta. — Talvez as pessoas de lá existem agora, se movendo e falando ao nosso lado, nós simplesmente não podemos vê-los. E talvez eles não possam nos ver, também.

Finn deita, com os braços atrás da cabeça, os olhos fechados.

— Eu acho que eles podem nos ver.

— Então, você definitivamente acha que existe um Céu? — pergunto, em dúvida. — Como você pode ter certeza?

— Eu não posso. — ele responde. — Mas é o que eu acredito. Mamãe também acreditava.

Isso chama a minha atenção e eu olho para ele. — Como você sabe disso?

Ele está alheio ao meu tom ansioso. — Porque ela me disse uma vez. Ela costumava amar aquele livro Chicken Soup for the Soul[18], lembra?

É claro que eu me lembro. — Ela me pegou lendo Chicken Soup for the Soul no ano passado. Ela colocou na minha meia do Natal. — eu queria um cartão iTunes.

Finn sorri sem abrir os olhos. — Bem, ela me deu Chicken Soup for the Grieving Soul na sala de espera. Eu o li um dia, quando eu estava entediado, e ela me pegou.

Eu rio porque só posso imaginar o quão feliz ela provavelmente ficou... em pensar que finalmente tinha influenciado o gosto literário de Finn. Ela adorava aqueles livros ingênuos.

— Uma das histórias era sobre a vida após a morte. Mais ou menos. Era o seu favorito.

Finn fica em silêncio e eu espero.

E espero.

— E? — eu pergunto. Ele abre um olho.

— E? Oh, você quer ouvir a história?

Eu reviro meus olhos. — Obviamente.

— Bem. — Finn está claramente entediado com isso, mas ele me entretém — Era uma vez, havia uma colônia de insetos aquáticos. Eles eram uma colônia próxima, uma família. Se um fosse, os outros iam. Mas de vez em quando, alguém poderia dispersar-se, por conta própria, rastejar sobre uma almofada de lírio, e nunca mais voltar. Isso era um grande mistério para a família de insetos de água. Eles não conseguiam descobrir o que estava acontecendo com seus familiares, ou por que eles

desapareciam. Eles falavam sobre isso muitas vezes, e se preocupavam, mas nunca descobriam.

Finn abre os olhos agora, e olha para a água, além de mim, além das ondas, e para o horizonte. Ele fixa seu olhar no farol vermelho à distância, nos pelicanos ao redor, que mergulham pelo seu jantar, e nas ondas que quebram contra as rochas.

— Bem, um dia, outro inseto da água subiu na almofada de lírio, atraído por forças invisíveis de dentro de si mesmo, forças que ele não entendia e não conseguia controlar. Enquanto ficou lá no sol, foi transformado em uma bela libélula. Ele derramou sua pele de inseto na água, e brotaram asas reflexivas, que brilhavam à luz do sol. Asas tão grandes e fortes que eram capazes de voar para o ar, fazendo voltas no céu.

— A nova libélula estava em êxtase com o seu novo corpo e pensou consigo mesmo: — Eu preciso voltar e dizer aos outros. Eles precisam saber que é isso que acontece, para que eles não tenham medo. — então, ele mergulhou e mergulhou no ar, diretamente na água. Mas, infelizmente, ele não podia mergulhar abaixo da superfície para onde os insetos de água estavam nadando. Em sua nova forma, a libélula já não era capaz de se comunicar com sua família. Porém, ele se sentia em paz, porque ele sabia que um dia, sua família inteira se transformaria também, e todos estariam juntos novamente.

Finn faz uma pausa e olha para mim. — E assim é com o Céu. As pessoas morrem, vão para outro lugar, um lugar melhor, mas eles não podem se comunicar com a gente, porque eles estão em uma forma diferente. Mas isso não significa que ele não é tão real. Ou que não vamos descobrir por nós mesmos um dia.

Minha garganta fica grossa e apertada, então eu limpo. — Mamãe acreditava nisso?

Finn acena. — Sim. Ela me disse.

A história é linda e isso me faz querer chorar, e isso também me faz ressentir apenas um pouco com Finn porque ele compartilhou esse momento com a mãe e eu não. Mas eu empurro esse pensamento irracional para longe. É suficiente que eu saiba agora.

Nós flutuamos por um tempo em silêncio, e eu arrasto os dedos através da água.

Pelo menos uma hora passa antes de Finn finalmente falar novamente. — Precisamos ir ao cemitério, você sabe.

Concordo com a cabeça. — Ok.

Ele levanta uma sobrancelha. — Tudo bem?

Concordo com a cabeça novamente. — Sim. Em breve.

Ele sorri, um sorriso verdadeiro, e nós flutuamos aleatoriamente por mais uma hora antes de ele finalmente apontar o leme para o primeiro pote de caranguejo. Quando nos aproximamos, eu estendo a mão para o lado e arrasto-o, puxando a cadeia molhada de dentro do barco. O pote de caranguejo está vazio. Mas o próximo não está, nem o próximo. Terminamos com cinco caranguejos, um bom resultado para o dia.

Meu estômago ronca, o simples pensamento de afogar as pernas dele na manteiga e colocá-los na minha barriga.

Nós flutuamos para dentro, e Finn dirige o barco para o barranco, enquanto eu enfio meu chapéu em um banco e depois transfiro os caranguejos para um balde. Suas pernas fazem barulho de arranhão, conforme eles deslizam contra o plástico, e por apenas um breve momento, permito-me sentir culpada, porque eu vou colocá-los na água fervente depois.

— Que diabos? — Finn murmura, olhando à frente de nós, além da trilha, passando pela trilha da árvore, e na clareira atrás da Carriage House. Eu sigo o seu olhar e solto um suspiro quase audível quando vejo Dare.

Ele está de volta agora, e vestido com roupa de treino, calções e uma camisa surrada cortada. Ele está esmurrando repetidamente o lado da lenha.

Mais e mais e mais.

Baque. Baque. Baque. Baque.

Como um facão ou um debulhador ou um pistão.

O suor escorre pelo rosto dele, e gotas do sangue da mão, quando ele esmaga a madeira, perfurando-a como uma máquina.

— Que diabos. — repito o sentimento de Finn, antes de empurrar o balde de caranguejo em suas mãos e decolar na trilha para chegar ao Dare. Finn protesta atrás de mim, mas eu não paro e eu não abrando.

Eu derrapo até parar ao lado de Dare, puxando seu cotovelo. Ele cheira a suor, por isso não posso imaginar quanto tempo ele esteve aqui, se machucando.

— Dare, pare. — eu digo a ele. — Você está sangrando.

Ele empurra a minha mão, sem olhar para mim, e soca novamente.

Sangue respinga no chão e no meu pé descalço.

— Dare.

Baque.

— Dare. — minha voz é mais dura agora, como gelo, e finalmente ele para, o braço pendurado ao seu lado. Ele não olha para mim, mas sua respiração está ofegante. Eu espero, e, eventualmente, os ofegos ficam fracos, até mesmo as lufadas.

— O que há de errado? — pergunto. — Por que você... o que está errado?

Eu espero.

Ele está em silêncio. Por fim, ele abaixa em seus calcanhares, e cai no chão, de joelhos.

— Nada está errado. — ele me diz finalmente, sua voz como a madeira.

— Nada? — eu acho isso difícil de acreditar. — Então por que você está quebrando suas mãos?

Eu me ajoelho na frente dele, levanto as mãos para examiná-las. Os dedos estão além de arranhados, além de cortados. Eles estão amassados. Uma pasta de sangue, na verdade. — Eu acho que você realmente pode ter quebrado.

Ele os puxa. — Eu não quebrei.

— Está bem.

Eu olho para ele com cautela. Se há uma coisa que eu sei bem, é passar por situações loucas. — Posso ajudar a limpá-las?

Eu prendo a respiração até que ele se levante.

— Eu faço isso. — sua voz é curta e arrogante, e ele se vira para ir embora. Que diabos? Onde está o cara que foi tão envolvente? Tão encantador? Ele aparentemente foi substituído por esse estranho frio que tem uma simpatia por se machucar.

Eu agarro seu cotovelo. Fora do meu contorno, noto Finn em pé na distância, observando. Esperando.

— Está tudo bem. — eu grito para o meu irmão. — Você não tem que esperar.

Finn balança a cabeça que não, mas eu continuo: — Vá em frente. — eu grito. — Eu vou em breve.

Relutantemente, ele vai embora com os caranguejos e Dare olha para mim.

— Você não precisa ficar. Eu não preciso de ajuda.

— Sim, você precisa. — eu contrario. — Você apenas não percebe isso.

— E você percebe?

— Sim.

Dare olha fixamente para mim, seus olhos frios. — Não, você não. Porque, como você apontou tão claramente, você não me conhece. Você pode soltar meu cotovelo agora.

Meus dedos escapam, confusa com a sua frieza, suas palavras, mas ele ainda me segue para dentro da Carriage House e sua pequena cozinha.

À medida que avançamos, não posso deixar de notar o quão limpa ele mantém a pequena casa. A cama está arrumada, os balcões espanados, não há roupa suja empilhada no chão. Impressionante para um rapaz solteiro.

Ligo a água e deixo-a correr, esperando até que ela fique quente antes de eu segurar as mãos dele embaixo. Ele suga a respiração, mas não diz nada. Eu pego um papel-toalha limpo e

enrolo as mãos dele, e ele se inclina contra o balcão. Quando ele faz isso, a camisa na cintura levanta um pouco, expondo uma faixa plana da sua barriga.

A pele parece macia como veludo, embora o músculo parecesse duro como aço. Eu coço para deslizar o meu dedo ao longo dela, tocá-lo e descobrir.

Mas, claro, eu não faço porque não é exatamente socialmente aceitável.

— Por que você está chateado? — pergunto, em vez disso, quando eu abro seu congelador. Pego um pouco de gelo, e despejo em duas sacolas, uma para cada mão.

Dare não abre os olhos.

— Eu não estou.

— Você mente.

É uma afirmação, não uma pergunta.

Ele suspira.

— Pode ser.

Eu empurro-o para uma cadeira na cozinha, e mantenho o gelo em suas mãos.

— Definitivamente.

Ele abre os olhos finalmente. — Você sabe como é não ser capaz de mudar alguma coisa?

Eu olho para ele. Sério?

— Meu irmão é louco e minha mãe morreu em um acidente de carro. — eu digo a ele. — É claro que eu sei como é.

Ele suspira e olha para o lado como se eu fosse comum e só não entendesse.

— Seu irmão não parece louco. — ele responde. — Quero dizer, pelo jeito que você falou sobre ele.

— Isso é verdade. — eu respondo com cuidado. — Mas só porque não podemos ver alguma coisa não significa que não está lá.

Dare olha para mim, seus olhos escuros como a noite. — Certo.

Ele se levanta e tira sua camisa, estremeando um pouco quando move suas mãos. Ele joga o pano salpicado de sangue na pia, e eu mal posso respirar por conta do seu abdômen. Ondulado como um tanquinho, paira na minha cara, e eu quero traçar aquelas ondulações com os dedos, para seguir a trilha feliz, fina, escura, para dentro da borda da cueca, para ver onde ela leva.

Mas eu sei onde leva.

E isso explode meu rosto em chamas.

— Como você vive aqui? — ele pergunta baixinho, e eu levanto o meu olhar para seguir o seu. Ele está olhando para fora da janela agora, para a fumaça preta que cresce nas chaminés do crematório. Eu sou aquela que quase se encolhe agora, pelo simples fato de que ele reconheceu para que a fumaça serve. *Corpos queimando.*

Eu dou de ombros. — Eu estou acostumada com isso. Há lugares mais horripilantes.

Ele olha para mim, não convencido. — Ah, é?

Concordo com a cabeça. — Sim. Eu conheço de primeira mão.

— Eu gostaria de conhecer esse lugar uma hora. — ele me diz. — Ou eu não vou acreditar.

Eu sorrio. — Fechado. Se você me disser o que há de errado com você. Por que você está punindo suas mãos? O que elas já fizeram para você?

— Eu realmente não quero falar sobre isso agora. — Dare me diz, inclinando-se mais uma vez contra o balcão, tão casual que é doloroso. — A menos que você esteja usando uma das suas perguntas e eu seja obrigado a responder.

Eu não perco um segundo. — Eu estou.

Ele suspira porque ele viu aquilo chegando, e eu quase caio na escuridão dos seus olhos, porque eles são poços sem fundo. — Eu estou com raiva de mim mesmo. — ele finalmente diz, como se isso fosse uma resposta.

— Obviamente. — eu digo com ironia. — Mas a questão é... por quê?

Ele me encara agora, com um olhar doloroso, algo tão miserável e terrível que faz meu estômago revirar. — Porque eu não posso mudar alguma coisa. E porque eu estou deixando isso me atingir. — ele finalmente responde. — Algo que eu não posso controlar. É estúpido. Então, isso me irrita.

— As emoções te irritam? — eu pergunto, minha sobrancelha levantada.

Ele sorri agora, e a tristeza suaviza.

— Irritam quando são estúpidas.

Ele se vira para sair da cozinha, e eu tomo um fôlego profundo.

Uma tatuagem está inscrita na parte superior das costas, abrangendo as omoplatas.

SEJA LIVRE.

Eu nunca vi uma tatuagem daquele jeito, para um cara com um nome tão apropriado. Se alguém *vive livre*, é Dare.

— Eu amo a sua tatuagem. — eu falo, enquanto ele caminha da cozinha para o quarto, fora da minha vista.

— A liberdade é uma ilusão. — ele fala de volta.

Eu quero perguntar a ele por quê, mas eu não quero usar uma pergunta, então eu deixo para lá. Por enquanto.

Ele surge um minuto mais tarde, em uma camisa limpa.

— Nós temos gaze e esparadrapo em casa. — digo a ele. — Você vem comigo para que eu possa fazer um curativo? Finn e eu pegamos alguns caranguejos hoje. Fique para o jantar.

Eu não estou pedindo. É uma instrução. E surpreendentemente, Dare concorda com a cabeça.

— Ok.

Eu levanto uma sobrancelha. — Ok?

Ele sorri e eu sei que Dare está de volta, o charmoso e simpático. — Sim. Eu quero ver se eles realmente gritam quando você os joga na panela.

Eu devo retrair um pouco, porque ele ri. — Eu estou brincando. Isso é um mito, certo?

Concordo com a cabeça. — Eles não têm cordas vocais. Mas soa como um grito às vezes, quando as bolhas de ar saem dos seus estômagos.

— Isso é um pensamento agradável. — Dare diz ironicamente.

— Eu só não penso nisso. — eu dou de ombros. — Porque eles são deliciosos.

— Sádico, mas prático. — Dare observa quando ele segura a porta aberta para mim.

Eu sorrio. — Esse é o meu erro fatal.

Dare sacode a cabeça. — Eu não acredito em erros fatais.

Faço uma pausa, olhando para ele. — Sério? Então o que, me conte, o que será a sua ruína?

Dare pausa também, me envolvendo com os braços balançando inertes ao seu lado.

— Há uma chance muito grande que seja você.

Capítulo Treze

- Tredecim -

— Como você pode dizer isso? — eu gaguejo. — Você acabou de me conhecer.

Os lábios de Dare contraem-se e ele começa a caminhar em direção à minha casa. — Eu sou um cara muito intuitivo, Calla-Lily. Eu acho que você pode chamar apenas de um pressentimento.

Eu sinto como se estivesse andando em uma nuvem de confusão enquanto íamos para a minha casa. Eu mal cumprimentei Finn quando entramos, e ele imediatamente soube que algo estava acontecendo, embora ele não tenha pedido detalhes. Em vez disso, ele calmamente me avaliou.

— Tudo bem? — a voz dele é lenta e uniforme, e eu concordo com a cabeça.

— Sim.

Ele balança a cabeça. — Bom. Eu não estou me sentindo bem, então eu vou comer no meu quarto.

Ele se vira e desaparece no corredor de trás antes que eu possa dizer qualquer coisa. Eu suspeito que a sua ausência tenha mais a ver com a presença de Dare e menos a ver com não se sentir bem. Eu suspiro quando meu pai vem através da porta da cozinha.

Ele olha para Dare. — Você gostaria de algo para beber?

— Claro. Eu bebo o que estiver bebendo. — Dare responde.

Meu pai sai por um minuto, e volta com uma cerveja. — Parece que você está precisando de algo mais forte do que uma limonada.

Dare quase parece aliviado, e toma um grande gole. — Obrigado.

Quando Dare limpa a boca com uma das mãos destruída, meu pai olha os danos, mas não diz nada.

É estranho como tudo é socialmente aceitável e confortável, apesar do fato das mãos de Dare estarem mutiladas e todo mundo estar ignorando esse fato.

— Vamos encontrar o kit de primeiros socorros. — digo a Dare. Ele balança a cabeça e abaixa a sua cerveja, e papai vai para a cozinha.

— Os caranguejos estarão prontos em cinco. — ele grita por cima do ombro.

— É melhor nos apressarmos. — murmuro para Dare, conforme conduzo-o pelos corredores. Nós passamos pela sala de visualização e a Sala Grande e Dare nunca diz nada sobre o cheiro da Casa Funerária.

Depois que nós calmamente caminhamos o comprimento dos corredores que levam para o porão, eu delicadamente empurro-o para um banco do lado de fora da sala de embalsamamento do meu pai. — Volto já. — digo a ele.

Abro a porta, e ignoro a mudança imediata na temperatura que envia arrepios pelos meus braços e pernas. Eu também ignoro

a razão para ser tão fria aqui. Frio = Morte. É uma equação que foi há muito tempo impressa na minha cabeça. É uma das razões pela qual eu adoraria mudar para algum lugar tropical. Porque Calor = Vida.

Eu procuro gaze e esparadrapo em um armário, sussurrando em voz alta o suficiente para que eu não ouça Dare entrar na sala. É só quando ele fala por trás de mim que eu pulo.

— Então, isso não parece tão assustador. — observa ele, sua voz calma, alta no silêncio.

Eu giro, meu coração batendo. — Desculpa. — ele diz rapidamente, levantando a mão. — Eu não queria assustá-la.

— Está tudo bem. — digo a ele. — Eu simplesmente não estava esperando ouvir uma voz.

Ele balança a cabeça, seus lábios contraem-se. — Sim, eu acho que seria uma coisa ruim aqui normalmente.

Concordo com a cabeça, ainda desejando que meu coração abraque, conforme pego os suprimentos que eu preciso.

Dare gira em um círculo lento, olhando para a parede de refrigeradores, as mesas de metal com os ralos no meio, as paredes estéreis, o cheiro medicinal.

— Esta sala é assustadora. — ele anuncia, concentrando-se nos ralos. — Eu não entendo como o seu pai consegue fazer o que ele faz.

— Eu também não. — eu concordo, conforme puxo-o para fora da sala. — Eu odeio ficar aqui. A última vez que estive aqui foi quando eles transportaram a minha mãe para dentro.

Ela estava em um saco, completamente coberta por uma lona preta. Eu pensei que ela precisava de mim com ela, segurando a mão dela, então ela não estaria sozinha. Mas eu só durei até o zíper atingir seu peito, e eu vi que sua camisa amarela ficou vermelha de sangue. Então eu estava fora daqui como um tiro.

Eu coloco um longo curativo com iodo em seus dedos, e Dare nem sequer pestaneja. — Certamente o seu pai não... sua mãe... — sua voz sumindo conforme percebe o quão sensível o assunto era.

Eu engoli em seco. — Ele fez, na verdade. Eu não tenho nenhuma ideia de como. Mas ele disse que não podia confiar em ninguém para cuidar dela. Eu não sei por que ele se incomodou. O caixão estava fechado, de qualquer maneira.

Meu peito aperta, e eu limpei, limpei e limpei os cortes de Dare e, em seguida, enrolei as mãos com gaze e fita.

Ele olha nos meus olhos, um olhar longo e lento. — Sinto muito. Perguntei sem pensar. Normalmente não sou tão desajeitado com as palavras.

Eu balancei minha cabeça. — Tudo bem.

Ele examina as minhas mãos, movendo-se habilmente enfaixando-o. — Eu não vou perguntar como você aprendeu a fazer isso tão bem.

Eu não posso deixar de sorrir. — Inteligente. Embora eu tenha que dizer, é bom trabalhar em alguém vivo.

Eu bufo quando Dare me encara surpreso. — Brincadeira. Eu não trabalho nos corpos. Nunca.

Ele exalou e eu ri, e em seguida, afastei os medicamentos. Quando eu virei, Dare estava arrastando o dedo para baixo em uma porta do refrigerador de aço inoxidável.

— Há algum... quer dizer, tem alguém aqui? — ele nem mesmo pareceu nervoso.

Concordei com a cabeça. — Sim. Eu acho que há um.

Dare levantou uma sobrancelha. — E isso seriamente não a incomoda, por dormir na mesma casa?

Eu dei de ombros. — Eu nunca conheci nada diferente. Meu pai tem sido um agente funerário toda a minha vida. Eu costumava ser ridicularizada na escola. A Menina da Casa Funerária. Era assim que eles me chamavam.

Eu não sei por que eu disse isso, e, aparentemente, Dare também não, porque agora ele me observa.

— Por que eles fariam isso? Não é como se você tivesse escolhido a profissão do seu pai.

— Eu sei. Quem sabe por que as crianças fazem o que fazem? Elas podem ser cruéis. Mas eu sobrevivi. E Finn também. Eles costumavam provocá-lo por ser um louco.

Os olhos de Dare ficaram escuros, enquanto olhava para os meus. — Então vocês eram basicamente tudo o que o outro tinha enquanto cresciam. — ele disse lentamente. — Não é de admirar que vocês sejam próximos.

Concordei com a cabeça. — Sim. Isso resume tudo.

— Então é por isso que você estava chateada na outra noite na praia. Porque você não quer ficar separada do Finn. — a voz de Dare é tão calma, tão lenta e tão firme. Eu aceno, sugada para dentro do vórtice daquele conforto.

— Sim.

Ele balança a cabeça. — Eu posso entender isso. O que há de errado com seu irmão? Você disse que ele é...

— Louco. — eu digo. — Eu não deveria chamá-lo assim. Ele não é. Ele só tem um problema mental. Mas ele está medicado.

Eu ouço a compressão na minha voz e encolho. Meu irmão é *mais do que, não menos do que*.

— Ele é inofensivo. — eu acrescento. — Confie em mim.

— Sim. — Dare responde, com os olhos brilhando. — Confio em você, quero dizer

Essa resposta faz com que o meu coração dê um baque. Eu não sei porquê. Não é como se os outros não confiassem em mim. Meu pai, Finn. Minha mãe costumava. Mas ouvir que Dare confia em mim, é como uma intimidade, palavras que saem da sua boca e são destinadas apenas para mim. Eu gosto disso.

— Pronto para comer? — eu me viro para perguntar casualmente. Dare acena e nós vamos para as escadas e sala de jantar. Quando ele puxa a cadeira para mim, eu consigo não desmaiar.

O som das patas de caranguejo estalando enche o ar, junto com o cheiro de peixe. Isso faz o meu estômago roncar em uma espécie de reação Pavlov[19] à manteiga derretida. Do outro lado, Dare come o seu como um profissional.

Ele claramente tinha feito isso antes. Eu vejo como ele habilmente quebra a perna, em seguida, pega a carne em um movimento hábil. A maioria das pessoas estragam totalmente.

— Então, onde você mora, Dare? — meu pai pergunta casualmente enquanto dá uma mordida no biscoito, mas seu tom de voz é qualquer coisa, menos casual. Eu sei disso, e Finn sabe disso, mas, felizmente, Dare não o conhece bem o suficiente para ver que o meu pai está bombeando-o para obter informações.

— Minha família vive fora de Kent, na zona rural Inglesa de Sussex. — Dare responde tão facilmente. Eu posso estar imaginando coisas, mas seus olhos parecem bem reservados.

— Oh? — meu pai levanta uma sobrancelha. — Não diga. Você está a um longo caminho de casa, então, cara. O que o traz para o noroeste do Pacífico?

Estou, naturalmente, em atenção agora, feliz que o meu pai esteja fazendo estas perguntas para que eu não precise. Minhas perguntas são numeradas e valiosas.

Dare sorri educadamente.

— Eu só estou aqui visitando. A América é bonita, especialmente nesta área. — ele contorna habilmente a questão, na verdade, algo que todos nós vemos claramente. No entanto, não há nenhuma maneira que nós podemos pedir educadamente por uma resposta melhor.

Craque. Meu pai abre outra perna de caranguejo. — Eu acho que você está acostumado à chuva, vindo de Sussex. Minha esposa cresceu na Inglaterra. É por isso que ela nunca se importou com a chuva aqui.

Dare assente. — Eu estou muito acostumado com isso.

Nós todos nos calamos e continuamos a comer, e eu posso praticamente ver meu pai querendo fazer mais perguntas.

— Você *tem* vinte e um, certo? — ele pergunta, quando Dare toma um gole da sua cerveja. — Eu não quero contribuir para a delinquência de um menor. — ele diz em tom de brincadeira, mas fala sério. Dare sorri.

— Eu tenho exatamente vinte e um.

Eu sabia. Ele é definitivamente mais homem do que um menino. Ainda mais do que o calendário diz. Seus olhos são muito mais velhos que vinte e um. Ele já viu muita coisa. Eu posso dizer. O quanto, porém, é a questão.

Quando comemos, eu vejo-o facilmente manobrar as pernas de caranguejo e comer sem fazer uma bagunça. Ele come quatro no tempo que me leva a comer dois.

— Você gosta de lagosta, também? — eu pergunto a ele depois de alguns minutos. — Você parece gostar de caranguejo.

Dare dá um sorriso deslumbrantemente branco. — Eu amo lagosta. Praticamente qualquer marisco, realmente.

— Eu também. — digo a ele.

Continuamos comendo com os sons de rachaduras e mergulho e mastigação.

Finalmente, eu olho para o meu pai. — Finn está bem?

Meu pai balança a cabeça lentamente. — Sim. Tenho certeza.

De repente, o silêncio da casa, que na verdade é um mausoléu, a tensão do meu pai, a estranha ausência de Finn... tudo isso me sufoca e eu chupo uma respiração profunda.

Dare olha para mim, seus olhos escuros tão parvos. — Você está bem?

Concordo com a cabeça. — Sim. Eu só... eu estou inquieta. Você sabe quando não acreditou que eu conheço um lugar mais assustador do que aqui?

Ele balança a cabeça lentamente, interessado, com os olhos brilhando. — Sim.

Eu sorrio. — Quer conhecer hoje à noite?

Meu pai tosse um pouco. — Calla, eu não tenho certeza de que esta é a melhor noite para isso. Está escuro, você pode se machucar.

Eu reviro meus olhos. — Pai, Finn e eu estivemos lá uma centena de vezes ao longo dos anos. Está tudo bem.

Eu olho para Dare. — Você está afim?

Ele sorri. — Eu nunca digo não para uma aventura.

Capítulo Quatorze

- Quatuordecim -

Finn

Da minha janela, eu os vejo ir e as trevas de fora parecem sangrar para dentro do meu quarto, no meu coração, em meu sangue.

Deixe-aIrDeixe-aIrDeixe-aIr.

Eu engulo de volta as palavras de ódio, enquanto eu assisto minha irmã entrar em nosso carro com ele. Bile sobe na minha garganta, porque minha irmã é minha e distanciar-me é a última coisa que eu quero fazer, mas, ao mesmo tempo, é a única coisa eu posso fazer.

FaçaOQueÉCerto.

Essa é a minha voz. Finalmente. Rompendo com a loucura, através das vozes, através das palavras.

Eu tenho que fazer o que é certo.

O que é certo.

O que é certo.

ProtejaSeuSegredo.

As outras vozes voltam, sibilando, lembrando.

O meu segredo.

É isso que volta agora.

Sempre.

Não importa o que.

Capítulo Quinze

- Quindecim -

Calla

Dare se espalha no banco do passageiro, ocupando cada centímetro de espaço enquanto eu dirijo cuidadosamente descendo a montanha. Eu nem sequer olho para a cruz da minha mãe quando nós passamos, e embora eu tenha certeza de que Dare viu e imaginou sobre o que era, ele não menciona.

— Então, onde exatamente estamos indo? — ele pergunta, com seu sotaque sexy pra caramba, quando viramos para a estrada na parte inferior da montanha.

Eu olho para ele e sorrio.

— Você está com medo?

Ele balança a cabeça, revirando os olhos escuros.

— Nem um pouco. Eu tenho você para me proteger.

Eu rio, porque a ideia de que eu possa protegê-lo é risível. Mas então balanço minha cabeça. — Você terá que esperar.

Assim, ele espera, enquanto dirijo. Noite adentro, ao longo da estrada tranquila, até afastarmos para uma zona calma da cidade,

em seguida, para a periferia, onde está escuro e apenas algumas luzes da cidade brilham na noite.

Nós dirigimos sob o velho sinal queimado, as palavras formam um arco de neon raquítico, roxo desbotado, criado anos atrás quando os sinais de neon eram de vanguarda. As lâmpadas foram quebradas há muito tempo, um lembrete gritante que este lugar é triste e abandonado.

JOYLAND, as letras enunciam.

Até mesmo as letras parecem assustadoras, todas escuras e irregulares. Não há nada mais de alegre sobre este lugar, exceto as memórias que ele contêm, memórias de andar no velho trem com Finn, rir com ele nos carrinhos de bate-bate, atravessar a casa mal assombrada. Mas isso foi tudo antes deles fecharem este lugar, é claro. Depois, Finn e eu vínhamos aqui para ficar sozinhos, para anos conchegarmos e conversar entre os edifícios assustadores porque os achamos engraçados para nos assustar. Mas nós não viemos aqui desde que a mãe morreu. Eu acho que a vida real é assustadora o suficiente.

Eu estaciono em uma vaga no estacionamento abandonado, entre as linhas alaranjadas e desbotadas, entre um mar de outros espaços vazios.

— Meus pais costumavam trazer Finn e eu aqui quando éramos pequenos. — eu explico. — Mas o proprietário, aparentemente, começou a ter problemas fiscais e durante a noite, o local foi trancado e abandonado.

Dare olha em volta, para o estacionamento todo escuro, os portões negros, a roda-gigante enferrujada que aparecia acima do horizonte fechado, as barras finas dela eram de um branco assombrando contra a escuridão da noite.

— Então você acabou de vir aqui para sentar no estacionamento ou o que? — ele especula, com o rosto em branco. Eu rio.

— Não. Descobrimos uma maneira há um longo tempo.

Dare sorri agora, quando a percepção espalha em seu rosto. — Ohhhh. Arrombamento[20]. Sempre o favorito do público.

Eu ri de novo. — De alguma forma eu estou supondo que esta será a primeira vez para você.

Abro a porta e o rangido ecoa pela noite, porque não existem outros ruídos aqui para mascará-lo. Parece que estamos na beira do mundo, sozinhos, e se dermos um passo errado, saltamos para o outro lado.

— Está tudo bem. — eu falo por cima do meu ombro, enquanto vou para o parque. — O proprietário está muito longe. Nós ouvimos que ele está no exterior agora, então eu tenho certeza que ele não se importa com quem fica por aqui. Não seremos os primeiros, e nem os últimos.

Eu sinto Dare atrás de mim, tão perto que eu posso cheirar seu perfume, conforme o conduzo ao longo da cerca. Finalmente, eu vejo o que eu estou procurando... o buraco irregular que alguém cavou anos atrás. É apenas do tamanho para que uma pessoa possa rastejar por ele.

Eu passo através dele, e Dare não hesita em me seguir. A ideia de que ele confia em mim o suficiente para me seguir sem dúvida, faz minha barriga aquecer. Ele mal me conhece.

Mas quando eu viro e faço uma pausa, encaro seu rosto bonito, o olhar em seus olhos derrete minhas entranhas. Porque ele *quer* me conhecer. Isso está muito claro.

Eu engulo em seco, em seguida, olho ao redor, observando a cena na minha frente.

O Midway[21] está vazio, completamente abandonado e escuro, como algo saído de um filme de terror. Os jogos de carnaval alinhados de cada lado, com as caras dos palhaços grotescas e carros de corrida descascados, e a pintura reluzente de um castor me observa de longe.

A brisa sopra lixos como ervas daninhas de papel, e há grafite em alguns dos edifícios, as provas de que certamente não somos os primeiros aqui. VOLTE, está escrito em vermelho e preto artificiais. CAIA MORTO está pintado logo abaixo, em laranja brilhante. E, em seguida, na parte inferior, pintado em branco sinistro, mórbido, MORTE VEM PARA TODOS NÓS. Eu não me incomodo em mencionar que meu irmão pintou essa.

— Interessante. — Dare diz lentamente, enquanto gira em um círculo. — Mas eu não diria que é mais assustador do que uma casa funerária.

— Isso é porque não é isso que eu quero mostrar-lhe. — eu digo a ele maliciosamente. Ele olha para mim.

— Bem, eu estou sempre pronto. — ele anuncia. — Leve-me adiante.

Eu rio com seu tom formal, que ainda é sexy com seu sotaque, e sem pensar, eu alcanço para atrás e pego a sua mão no escuro. Eu quase me assusto com o contato, ao sentir os dedos quentes e fortes nas mãos. Ele fica surpreso, mas não se esquiva. Em vez disso, ele aperta minha mão com firmeza, mas suavemente, e eu o puxo, me aproveitando da minha própria ideia de estar tocando-o agora.

Estou de mãos dadas com o Dare DuBray.

Nós andamos pelo centro inoperante do Midway, passando pelo passeio de barco Old Mill, com os barcos apodrecendo e boiando no fosso obscuro, passamos os balanços de suspensão, suas correntes rangendo enquanto eles se movem com o vento, e passamos pelos carros de bate-bate, com os carros extintos todos juntos amontoados no centro.

Eu paro na frente do Nocte, a versão de Joyland de uma casa de horrores.

Dare lê o sinal escuro, as letras pretas que parecem pingar sangue. — Nocte, hein?

Concordo com a cabeça. — Isso significa, *à noite*, em latim. Finn costumava adorar este lugar. E eu acho que é onde começou o seu amor por Latim.

Eu não mencionei a minha teoria de que Finn adorou este lugar porque o horror grotesco fez até mesmo, com que ele se sentisse são. É por isso que ainda vínhamos, porque ainda tem o mesmo efeito, talvez até mais. A atmosfera de abandono acrescenta ao horror, fazendo parecer real, de alguma forma. Então, quando percorremos o caminho, ele é a coisa mais sensata na sala, além de mim.

Dare e eu ficamos olhando para os trilhos, em direção à mansão abandonada que parece olhar de cima, de soslaio para nós, algumas das suas janelas quebradas e piscando. Plantas alinham a trilha, e árvores gotejantes formam um dossel, criando uma passagem sombria.

Dare olha para mim. — Está bem. É assustador.

Eu sorrio, enquanto calafrios percorrem ao longo da minha espinha. — Você ainda não viu nada.

Eu dou um puxão na sua mão, e começamos a nos mover. — Quando isto ainda funcionava, eles costumavam ter fantasmas e zumbis pulando ao longo do caminho, assustando você, dizendo-lhe para dar a volta. — faço uma pausa, olhando para ele. — Você quer voltar, Dare?

Minha voz contém desafio e um pouco de flerte, e ele ouve. Ele se vira para mim, sorrindo.

— Não nessa vida. — o luar brilha sobre ele, iluminando o restolho escuro e as linhas do seu maxilar, cintilando as extremidades do seu cabelo. Ele parece brilhar e, por um momento, eu coço para estender a mão e tocar seu rosto.

Mas eu não faço isso.

Em vez disso, eu sorrio. — Vamos fazer isso, então.

Subimos as escadas rangentes do alpendre, atravessamos as tábuas bambas, em seguida, giramos a maçaneta de bronze. Dare pisa sem medo na soleira da porta.

— Qual o caminho? — ele se vira para mim. Eu pego minha lanterna e ilumino ao redor do foyer familiar. O veludo vermelho alinhado nas paredes, pendurado em uma forma sinistra, reminiscência de sangue. Cheira a mofo aqui, falta de oxigênio e poeira.

— Por aqui. — eu aponto para a direita, em direção ao salão que eu sei que leva aos quartos.

De repente, eu apenas tenho que ficar perto dele. É uma necessidade, não um desejo. Um puxão inconsciente, uma chamada que eu desesperadamente quero atender.

Nós avançamos ao longo do corredor, com nossos passos rangendo, e eu pego Dare olhando para trás várias vezes.

— Medo? — pergunto descaradamente.

— Nem um pouco. — ele responde calmamente, pisando em torno de um manequim deitado em uma poça de sangue falso. O manequim parece olhar para mim com os olhos sem vida, olhos que parecem muito saber que são de vidros, muito reais para serem falsos. É parte da tensão deste lugar. É assustadoramente real. E agora, uma vez que está abandonado e escuro, é mais assustador do que nunca.

À medida que caminhamos, eu sei onde Dare está, sem olhar. É como se eu fosse um planeta e ele, o meu eixo... ou o meu sol. Eu sinto seu calor, sinto sua presença, e inclino-me em sua direção, para penetrar dentro dele, para absorver sua força.

É uma vontade súbita, e eu estou assustada com a intensidade dela.

Estou assustada porque eu nunca senti isso antes, não desse jeito. É o suficiente para me fazer sentir culpada, porque ele me distrai de outros sentimentos que tomam conta de mim ultimamente... a dor ofuscante.

Eu engulo em seco enquanto o conduzo para o primeiro quarto.

Entramos no interior, eu foco a luz em volta, para o manequim deitado na cama, com a corda ao redor do seu pescoço e a faca em seu peito. Ela olha para mim em tom de acusação, com cabelos loiros emaranhados, como se quisesse saber o que diabos nós estamos querendo com essa intrusão.

Eu não sei o que estou fazendo.

Essa é a verdade. O que eu sei é que eu gosto da maneira como Dare me faz sentir. Eu gosto de ser distraída da dor. Eu gosto

do jeito que meu coração palpita e meu estômago vira sempre que ele está por perto. É isso o que eu sei.

Eu tiro minha atenção do manequim e passo para os seus arredores. Os lençóis da cama estão salpicados com 'sangue' e na parede, OS BONS MORREM AQUI, gotejam em sinistro vermelho, supostamente escritas pelo dedo do assassino mergulhado no próprio sangue da vítima.

— Você é? — pergunto ao Dare com um sorriso. — Bom, eu quero dizer?

Ele olha para mim bruscamente, então sua boca se inclina em um sorriso. — Eu não tenho reclamações.

Eu balanço minha cabeça, porque, obviamente, não é isso que eu quis dizer, mas é engraçado que eu sorrio de qualquer maneira.

— Hmmm. Então nós podemos estar em perigo. Se você é bom, quero dizer.

Chego mais perto dele e, de repente, eu estou no seu espaço pessoal. Estou pressionada contra o seu peito, e a solidez de rocha dura me surpreende. Ele é magro e esbelto, então eu não esperava que ele fosse tão... imóvel, tão musculoso e forte.

Eu respiro fundo, inalando seu cheiro masculino, e olho para ele.

Ele está olhando para mim, seu olhar conectado ao meu, assim como o primeiro dia em que o vi. Mas, desta vez, há algo em seus olhos que não estava lá antes, há uma expressão lá que eu só vi em meus sonhos. *Desejo. Por mim.* E sacode meu núcleo, fazendo com que a minha respiração prolongue em meus lábios.

Estendo a mão para tocar seu rosto, meus dedos passando pelo seu maxilar, sua barba provocando a ponta dos meus dedos.

— Estou pronta para fazer a minha quarta pergunta. — eu digo a ele, minha voz oscilando ligeiramente. Sua proximidade me deixa tonta.

— Vá em frente. — ele responde, sua voz sempre calma.

— Você tem uma namorada em casa?

Minhas palavras parecem infantis, quase. Porque *namorada* parece tão juvenil. E meus sentimentos parecem enormes e adultos.

Dare suga o fôlego, e aproxima-se e fecha meus dedos dentro dos seus, mantendo-os no lugar quando ele me impede de explorar o resto do seu rosto. Ele olha nos meus olhos e eu não posso lê-lo agora.

— Não.

Ele está segurando a minha mão contra o peito e sinto o coração dele bater contra a palma da minha mão.

Thump. Thump. Thump.

É alto no silêncio.

A química entre nós é palpável o suficiente para tocar, tecendo em torno de nós, unindo-nos, o ar estalando com eletricidade.

Mas ele não se move.

E eu também não.

Eu quero que ele me beije. Eu imagino o modo como seus lábios carnudos pareceriam, firmes, mas suaves. Eu imagino o modo como suas mãos seriam nas minhas costas, me aproximando, mais perto, mais perto.

Mas ele não se move e nem eu.

E, de repente, ele solta minha mão e dá um passo para trás.

— Então, isso é tudo que você tem? — ele pergunta, sua voz me provocando agora. A tensão sexual, infelizmente, está quebrada.

Mas eu não posso deixar de sorrir. Pela simples razão de que antes estava lá.

— Sim. Eu acho que as suas bolas de aço o salvaram hoje. — digo a ele. Ele sorri novamente, e então nós fazemos o nosso caminho em direção ao foyer. Conforme cruzamos a sala de estar, porém, vejo algo interessante, e faço uma pausa ao lado da porta.

DD e CP estão inscritos dentro de um coração. Brega e doce. Eu traço as letras com o dedo.

— Que coincidência. — murmuro, por algum motivo doendo por dentro, louca para ser *aquele* CP e para Dare ser *o* DD. Porque brega ou não, é tão íntimo, tão coração partido, pessoal. Cheira a primeiro amor, namoro do ensino médio, coisas que são normais.

Minha mão cai e eu continuo andando... porque não somos essas iniciais, e minha vida não é *normal*.

Quando saímos, eu tomo uma respiração profunda de ar fresco, respirando a lua e as estrelas e pinheiros.

— Havia mais para ver lá. — eu digo-lhe em voz baixa, à beira da calçada escura. O canto da sua boca se inclina.

— Vamos deixar isso para outro dia. — ele sugere quando andamos.

Concordo com a cabeça porque o nosso momento em Noite não foi imaginado. Talvez o amedrontou, como me assustou também, e é por isso que nós estamos correndo disso agora.

Porque foi súbito e quente e ofuscante... como uma estrela cadente.

Depois de voltarmos ao meu carro e indo para casa, eu olho para ele.

— Talvez você possa me dar uma carona em sua motocicleta em algum momento? Eu nunca estive em uma.

Ele balança a cabeça. — Talvez.

Ele olha para fora da janela, com cuidado para ficar do seu lado do carro. Medito sobre isso por um segundo, mas me recuso a me debruçar sobre o assunto. Porém, fico tão ocupada duelando sobre o assunto, que cinco minutos depois, o que Dare fala parece ser tão fora de contexto.

— Eu estou pronto para lhe fazer uma pergunta. — ele me diz baixinho, sua voz rouca e infiltrada com a noite.

Eu levanto uma sobrancelha. — Ok. Mande.

Eu estou esperando que me pergunte sobre um namorado, ou a minha história de namoro, ou mesmo quantos anos eu tenho. Ele não pergunta. Sua pergunta realmente bate em mim com a força de um trem de carga, me fazendo voltar para a minha realidade.

— Você pode me contar sobre a sua mãe?

Há uma batida sólida antes que eu possa me fazer falar.

— Por que? — eu consigo balbuciar, ainda atordoada.

Dare encolhe os ombros, mas sua expressão é suave, seus olhos escuros líquidos.

— Eu não sei. Isso parece uma maneira de conhecê-la melhor.

Essa resposta, é claro, derrete meus ovários e eu relaxo, a parte inferior das minhas costas cede contra o assento.

Eu respiro fundo e pego o volante com força o suficiente para deixar meus dedos brancos.

— O que você quer saber?

Ele olha para mim por um segundo, antes de estender a mão e afrouxar meu aperto no volante. Seus dedos estão secos e quentes, onde os meus estão frios e úmidos.

— O que você quiser me contar. Por exemplo... você é como ela? Você se parece com ela?

Eu sorrio. — Eu queria ser como ela. Ela era artística e incrível. Eu não... sou. Mas eu pareço com ela. Eu pareço exatamente ela, na verdade, o que provavelmente é difícil para o meu pai agora. Finn parece com ele.

— Então, ela nasceu na Inglaterra? Por que ela se mudou para os Estados Unidos?

É a minha vez de dar de ombros. — Ela nasceu. Mas eu não sei por que ela mudou. Ela disse que não se dava muito bem com os pais dela. Ela não falava com eles há anos, e eu nunca os encontrei pessoalmente.

— Huh. Interessante. — Dare murmura. — Eu acho que é bom que você possa falar sobre ela. Quando minha mãe morreu, eu não consegui falar sobre ela por quase um ano.

Eu travo. — Sua mãe morreu, também? Você só mencionou seu pai antes. Eu sinto muito! O que aconteceu?

Dare olha para fora do para-brisa, para a noite. Posso dizer que ele não está realmente enxergando.

— Ela morreu em um acidente com meu padrasto.

Meu estômago aperta em um nó por ele, porque Deus, eu sei o que é a dor, súbita, chocante, aniquiladora e triste. Eu não desejo a ninguém.

— Eu sinto muito. — eu digo-lhe francamente. Ele balança a cabeça.

— Sim, é uma porcaria. Mas eu sei como você está se sentindo agora, pelo menos. Eu percebi depois que minha mãe morreu, que sempre ajuda quando alguém sabe como é.

Ele está certo. É extremamente reconfortante.

— É difícil. — eu admito a ele. — É especialmente difícil, porque a culpa foi minha. Eu liguei para ela na noite, quando estava chovendo. Se eu não tivesse feito isso, ela ainda estaria aqui.

Dare olha para mim bruscamente. — Você não pode acreditar nisso. Que a culpa é sua, eu quero dizer.

Eu desvio o olhar. — É claro que posso. É verdade.

— Não é. — argumenta ele. — Eu, pessoalmente, acredito que quando chega a hora, está na hora. Com certeza, vivendo em uma casa funerária toda a sua vida, você acredita nisso, também. Às vezes, não há uma explicação para alguma coisa.

— E, algumas vezes, há. Neste caso, a explicação é uma chamada de telefone.

Dare sacode a cabeça. — Levará algum tempo para convencê-la de que está errada. Eu posso dizer.

— Você pode tentar. — eu digo-lhe resolutamente. — Mas se Finn e meu pai não podem fazer isso, eu duvido que você consiga.

— Desafio aceito. — ele diz, sério, e o olhar em seus olhos me tira o fôlego.

— Por que você se importa? — pergunto-lhe de repente. — Você mal me conhece.

Ele fica em silêncio por um segundo, brincando com o anel de prata no dedo do meio. Quando ele olha de volta, para cima, seus olhos estão cheios de algo que eu não posso nomear, centena de coisas.

— Porque eu sinto que devo. Porque somos parecidos, de muitas formas. Porque eu sei como foi horrível perder a minha mãe. Eu só posso imaginar o quão difícil, quando você acha que a culpa é sua.

Sim, eu penso comigo mesma. É quase demais para suportar.

— É duro. — eu admito. — Mas, às vezes, quando você menos espera, alguém atira-lhe uma tábua de salvação.

Seus olhos encontram os meus e eu vejo que ele sabe exatamente o que estou dizendo. *Que ele pode ser a minha salvação.* Não há nenhuma reação, porém, apenas uma aceitação silenciosa e talvez uma faísca de satisfação.

Ficamos tranquilos agora, companheiros do clube especial por ter perdido as nossas mães. É um clube que ninguém gosta de pertencer, mas eu sei que eu, por exemplo, sinto-me ainda mais próxima agora.

Depois de alguns minutos, eu não posso mais suportar o silêncio.

— É melhor você ter cuidado com essas perguntas. — digo-lhe, fingindo um sorriso. — Você só tem dezoito sobrando.

Capítulo Dezesseis

- Sedecim -

Finn

O meu segredo está me comendo vivo, arranhando a minha pele, tentando sair. Mas eu não posso, eu não posso, eu não posso.

Você É Louco Louco Louco E Todo Mundo Sabe Disso.

Olho para o meu diário, para a capa de couro marrom, e o agarro, atirando-o pelo quarto. Ele bate na parede, em seguida, ileso no chão. Corro para pegá-lo, para apertá-lo no meu peito enquanto eu balanço com ele no chão.

Depois de um minuto, algo me ocorre.

Claro.

Eu não posso contar para a Calla, mas posso contar no meu diário, do jeito que eu tenho derramado qualquer outra coisa da minha vida em suas páginas.

Eu pego uma caneta e, em seguida, pressiono tão forte que quase atravessa a página, como se o meu segredo estivesse estourando para sair enquanto as palavras saem correndo através da tinta.

Uma vez que ele está lá, eu me sinto melhor, mais calmo, como se eu tivesse confiado em um velho amigo. Eu fecho a capa e o deixo no parapeito da janela. Quando eu viro para desligar a luz e caminho através da porta, eu quase perco o sussurro sibilante em minha mente... a voz aguda feminina que eu simplesmente não consigo distanciar.

Covarde.

Capítulo Dezessete

- Septemdecim -

Calla

Eu dou uma respiração para purificar e estendo a mão para o céu, enquanto faço minha yoga matinal na borda das falésias. A partir daqui, eu posso ver a linha do horizonte, todo o caminho para onde a água encontra o céu.

— Por que você faz isso aqui? — a voz de Finn vem da trilha, suave no ar da manhã. — Você sabe que é perigoso.

Eu seguro um sorriso. — Você sabe que eu não estou perto o suficiente da borda para preocupar. — eu apoio minhas palmas no chão, então iço-me para cima para um Forward Fold[22]. Eu estico os meus pés, sentindo cada tendão, músculo e ligamento alongados enquanto eu dobro para os meus dedos.

— Por que você está acordado tão cedo? — pergunto sem abrir meus olhos. Eu conto enquanto alongo.

Cinco.

Seis.

Sete.

Finn suspira. — Eu não sei. Eu não consigo dormir.

Oito.

Nove.

Dez.

Eu finalmente viro, e noto que o rosto de meu irmão está cansado e pálido. Isso me assusta. — Você ainda não está se sentindo melhor?

Ele balança a cabeça. — Não.

Uma onda de pânico dispara através de mim e eu luto para apagá-la. É só insônia, pelo amor de Deus. Não é uma bandeira vermelha urgente.

— Você está tomando seus remédios, certo?

Ele parece hesitar antes de responder. — Sim.

Eu levanto uma sobrancelha. — Sim?

Ele balança a cabeça.

— Eu preciso levá-lo ao grupo hoje?

Ele hesita novamente. — Pode ser. Mas vou deitar por um tempo. Eu devo ir para a sessão da tarde.

— Ok. — eu desesperadamente tento esconder minha preocupação, porque eu sei que ele não quer que eu ronde. Ele quer encontrar a sua autonomia, não se tornar ainda mais preso a mim. Isso dói. *Muito.* Mas ele não precisa saber disso. — Apenas grite para mim quando você estiver pronto.

Ele balança a cabeça e vai em direção à casa, parando quando atinge a borda da pista. Eu me preocupo porque ele está começando a ficar isolado em seu quarto. Muito.

Seus ombros são tão magros quando ele grita de volta para mim.

— Calla?

— Sim?

Ele dá um sorriso pálido. — Você sabia que a rainha Victoria amou tanto Albert que ela insistiu em ser enterrada no roupão dele, segurando um molde de gesso da sua mão?

Eu balanço minha cabeça, revirando os olhos. — Você é tão estranho e aleatório, mano.

Ele sorri como se tudo estivesse bem, como se ele estivesse de volta ao normal. — Eu sei.

Em seguida, ele desaparece abaixo da trilha.

Sento-me de volta na terra avermelhada, arrastando o dedo sobre ela. Antes de perceber, eu escrevo o nome Dare, com um floreio no final do *e*. Um floreio em forma de coração.

— Um centavo por seus pensamentos?

A voz irônica de Dare vem atrás de mim e eu me encolho, porque, aparentemente, a trilha que leva a estes penhascos é a do Grand Central Station[23] hoje. E eu estou humilhada porque, *obviamente*, eu estou pensando nele. Eu coro, o calor se espalhando do meu peito para meu rosto, e eu não quero virar.

Mas eu viro.

O rosto bonito de Dare está divertido e um pouco arrogante. Ele está vestido com roupas de corrida, mas ele não está suado, então ele ainda não correu muito.

— Meus pensamentos são mais caros do que isso. — eu anuncio. Ele sorri ainda mais.

— Tenho certeza. Nós ainda temos uma pequena questão de segredos para discutir, por sinal.

Isso me confunde. — Segredos?

Seus olhos encontram os meus, ébanos reluzentes. — Sim. Todo mundo tem, lembra?

Oh sim. Isso é exatamente o que ele disse quando nos conhecemos. — Pode ser. Mas eu não.

Dare revira os olhos. — De alguma forma eu duvido disso. Você tinha Nocte escondido na manga, lembra?

Eu sorrio para isso. — Sim. E nós não ficamos o tempo suficiente para ver tudo.

— Outra hora. — Dare responde rapidamente. Concordo com a cabeça.

— Definitivamente. — ele não parece animado porém, o que me incomoda. Ele parecia animado na noite passada. Ele é um enigma, uma contradição. Suas emoções mudam a cada dia. Hoje, ele é legal e imparcial. Ele é quase reservado ou hesitante. É tão estranho.

— Eu te encontro mais tarde, Calla. — ele diz em voz baixa, antes de sair com passos longos de corrida.

É quando meu coração quase para, porque seus passos são tão longos, ele estará em território perigoso dentro de dois passos.

— Pare! — eu grito, minha voz dividindo o céu como uma faca. Dare congela, virando-se para olhar para mim em confusão, com os olhos arregalados.

Eu estou de pé agora, meu coração batendo na minha garganta.

— Cuidadosamente recue dessa maneira. — digo a ele. — Agora.

Percepção aparece em seu rosto quando pequenas bolas de cascalho e terra começam a rolar ao redor dos seus pés. Ele rapidamente anda em minha direção, mergulhando para o chão logo antes de um enorme pedaço de terra partir, caindo mais de cem metros, para pousar no oceano abaixo.

Dare está em uma pilha aos meus pés, e meu coração martela enquanto olho para ele.

— Você não pode ficar tão perto da borda. — eu falo desnecessariamente, minha garganta ainda quente e apertada.

Ele olha por cima do ombro para a borda, em seguida, foca no pequeno sinal de aviso amarelo à nossa direita. É um sinal que devia ser maior e vermelho, vermelho brilhante, brilhante o suficiente para alguém notar.

Ele olha para mim, então balança a cabeça. — Eu devia saber disso.

Concordo com a cabeça. — Não havia maneira de você saber. A borda é realmente fina. Ela não aguenta peso. Eu deveria ter lhe contado quando você veio a primeira vez, mas eu não pensei sobre isso.

Porque eu não estou acostumada a ter alguém, além da minha família aqui em cima.

Porque ele me perturba com sua tatuagem *Seja livre* e suas contradições.

Ele sorri, um sorriso lento, mas não genuíno. Este é forçado, falso. É o seu sorriso pronto, o que significa que todos nós temos sorrisos falsos prontos. Todo o mundo é um palco e todos nós sorrimos falsamente em cima dele.

— Bem, eu diria que você compensou isso, salvando a minha vida.

Honestamente, porém, ele não parece feliz com isso. Seus olhos estão tão tristes, tão fechados agora, tão cintilantes.

Você não está feliz por estar vivo?

Eu quero perguntar a ele. Eu estou tão tentada, muito tentada. Ele tem tudo o que a maioria das pessoas quer. Boa aparência, sagacidade, charme. E ele não parece feliz com isso. Será que é porque ele é um órfão agora?

— Por que você parece tão triste? — eu deixo escapar, incapaz de parar.

Dare olha para mim, me estudando, considerando as minhas palavras. Ele levanta uma sobrancelha.

— Pergunta oficial?

Concordo com a cabeça, em silêncio. *Sim. Pergunta Oficial.*

Ele suspira, e parece perdido aqui como se flutuasse para longe, por cima da borda, e ele olha para fora sobre o oceano.

— Porque eu perdi tudo.

Eu sou aquela em silêncio agora, porque é difícil de digerir a crueza em sua voz, a emoção que ele não consegue esconder. Dare me surpreende, acrescenta alguma coisa, algo tão surpreendentemente pessoal que me tira o fôlego.

— Eu não tenho certeza se posso ser encontrado.

Ele olha para mim com olhos tão negros, mais negros do que o preto, mais negros do que a noite.

— Isso seria insinuar que *você está* perdido. Não apenas que você perdeu tudo. — eu indico, tendo cuidado para não fazer disso uma pergunta. Ele acena bruscamente.

— Talvez eu esteja. — sua voz é afiada como um bisturi.

Ele está perdido.

— E se eu estou perdido. — continua ele. — Como eu posso eventualmente encontrar outra pessoa?

Ele me confunde com suas palavras vagas. — Você está procurando alguém?

— Não estamos todos? — seu olhar cai em mim e meu coração dói, porque o olhar em seu rosto é vulnerável e quebrado.

Mas depois ele se vai, tão rápido quanto apareceu. Ele olha para mim de novo, os olhos claros agora, cerrados, brilhantes. Ele mais uma vez parece vaidoso e arrogante e ele dá seu sorriso pronto.

— Desculpe. Isso pareceu dramático. Deve ser a minha experiência de quase morte.

Eu sorrio de volta, triste e silenciosa. — Eu tive uma experiência de quase morte também, uma vez. Na verdade, eu tive

uma experiência de *morte* quando eu comi algumas nozes na quarta série. Eu morri por um minuto e meio.

Dare olha para mim. — Como foi?

Que pergunta estranha.

— Monótono. — eu admito.

— Bem, muito anticlímax. — ele reconhece. E o fato de que ele é tão blasé sobre a mortalidade me faz rir, e então nós dois estamos em pé na borda de um penhasco rindo da cara da morte.

Parece certo.

Quando ficamos em silêncio de novo, ele me olha.

— Por que você está sentada aqui à beira do nada? — ele pergunta.

Eu levanto uma sobrancelha. — Pergunta oficial?

Ele ri e revira os olhos. — Deus não. Eu só achei que você poderia oferecer como um bônus.

Eu rolo meus olhos também. — Não segure a respiração. Falar sobre mim é a minha coisa menos favorita.

Ele sorri por um minuto, porque eu estou jogando suas próprias palavras de volta em seu rosto, mas, em seguida, fica sério, olhando no fundo dos meus olhos, examinando minha alma.

— Eu acho que você se divertiria com isso. — ele fala em voz baixa. — É um assunto tão interessante.

Bem assim, meu coração troveja e esmurra, meu estômago revira mais e mais. Há algo tão estimulante em sua voz, algo tão atraente e real.

Viva, Calla, o Universo sussurra.

— Estou feliz que você pense assim. — eu finalmente respondo, soando perfeitamente casual, enquanto tento viver.

Ele balança a cabeça lentamente. — Eu penso. Não que isso signifique alguma coisa.

Significa tudo.

Mas eu não digo isso, é claro. Em vez disso, eu começo a andar e Dare caminha comigo, em vez de continuar a sua corrida. Em um ponto, ele agarra meu cotovelo e me ajuda a passar por cima de um tronco podre. Quando ele tira sua mão, eu sinto sua falta imediatamente. Seu toque foi como ferro em brasa quente.

Ou assim eu imaginava.

Nossa caminhada é silenciosa, mas o ar está carregado.

Fazemos uma pausa fora da Carriage House.

— Obrigado mais uma vez. — ele diz, com a voz rouca e tranquila.

Concordo com a cabeça. — A qualquer hora.

Ele sorri, um sorriso real desta vez, e eu o coleteo, colocando-o em minha jaqueta para que eu possa segurá-lo para mais tarde.

Em seguida, ele caminha para dentro, balançando os ombros e a luz do sol desvanece-se no pano de fundo, porque alguma coisa nele brilha muito.

Eu caio em uma cadeira na varanda lateral, pensando em Dare, sobre a sua complexidade, seu mistério, suas contradições sem fim. Eu tiro o seu sorriso do meu bolso e examino-o, porque é bonito e real e eu quero mantê-lo para sempre.

Não vejo Dare novamente durante todo o dia, mas quando eu me retiro para o meu quarto para a noite, há um buquê de lírios na minha cama.

A nota está escrita em rabiscos escuros à mão, e diz simplesmente: *Obrigado mais uma vez.*

A simples ideia de que Dare conseguiu entrar no meu quarto e ficar tão perto da minha cama, solta as borboletas na minha barriga. Elas giram e giram e voam contra o meu peito enquanto eu desabo na cama.

Eu caio no sono com as flores na minha mão, e pensamentos de Dare em minha cabeça.

Seu sorriso é a última coisa em que penso antes de entrar no esquecimento, e ele reaparece, mais e mais, em meus sonhos.

Capítulo Dezoito

- Decem Et Octo -

Finn

Eu acordei com um sobressalto, dos pesadelos de vidro quebrado e metal queimando.

ÉRealRealRealReal. Ela está Mortaaaaaaaaaaaaa. Os sussurros silvam e riem.

Eu arquejo por ar, segurando as roupas de cama com força, enquanto eu luto contra as nuvens de confusão, pânico e medo.

Sem pensar duas vezes, eu ando pelo corredor até o quarto de Calla e subo para o lado vazio da cama. Algo me apunhala pelas costas, e eu retiro um buquê de flores. Eu fico olhando para ele por um segundo, intrigado. Então eu percebo... Dare deve ter dado a ela. De repente, e extremamente irritado, eu saio da cama e o esmago sob meu calcanhar.

Eu quero que ela seja feliz, eu quero.

Eu quero.

Mas... ainda não. Eu só não posso ficar sem ela ainda.

Calla acalma as vozes.

Ela é a única coisa que consegue.

Eu rastejo de volta ao seu lado, encolhendo-me ao lado dela e, em seguida, eu luto para dormir, sofro por isso, oro por isso. E, finalmente, finalmente, finalmente, a escuridão vem, cobrindo-me como um cobertor, e escondendo minha loucura.

Por enquanto.

Capítulo Dezenove

- Decem Et Novem -

Calla

Eu acordo com um sobressalto.

Meus sonhos foram estranhos esta noite.

Dare estava neles, é claro, mas em vez das imagens doces que eu costumo sonhar, este foi mais um pesadelo. Ele estava me dizendo algo terrível, algo que eu não conseguia ouvir, mas o meu coração podia sentir. Era algo escuro. Eu podia ver seus lábios se moverem, mas nenhum som saía. Até que ele me disse que iria embora, se eu quisesse que ele fosse.

E foi isso.

Eu estou acordada agora, suando frio, porque sonho ou não, eu não quero que ele vá embora.

Eu aparentemente tenho um medo muito real da perda agora.

Eu me mexo e viro, tentando voltar a dormir, mas uma vez que Finn está na minha cama e meus pensamentos estão agitados, eu não sou bem sucedida.

Então eu desço para o térreo, e saio pela porta da varanda lateral. Eu me enrolo em uma cadeira e olho para baixo da

montanha, para as árvores sussurrantes e o horizonte negro.

O ar está fresco e limpo, e frio no limite. Eu tremo com a brisa, e, quando eu faço isso, olho para a Carriage House.

A luz brilha lá dentro, através da janela, quente e suave.

Dare está acordado. É o meio da noite, e ele está acordado.

Sem sequer pensar nisso, eu me levanto e caminho nessa direção. Encontro-me em pé ao lado das suas janelas da frente, olhando, alheia ao fato de que eu só estou vestida com uma camisola.

Ele está sentado à mesa na sala de estar, olhando concentradamente para um papel na frente dele. Ele se inclina sobre ele, trabalhando diligentemente, e eu fico imaginando em que ele está trabalhando tão duro.

A luz interior é aconchegante e ondulante, mas é claro, não posso bater. São três horas da manhã. Então eu o assisto das sombras um pouco mais, e só quando eu estou pronta para virar e ir para casa, Dare levanta-se e entra na cozinha.

Curiosidade está me matando, então eu me movo em torno da borda da casa, para as janelas do outro lado da sala de estar dele. Deste ângulo, eu terei uma boa visão da sua mesa. Espreitando, eu suspiro.

Quando eu vi Dare pela primeira vez, eu estava certa. Ele é algo artístico. Ele é um artista.

E ele está trabalhando em um belíssimo desenho de mim.

Minha respiração está suspensa enquanto eu espio mais de perto, e inclino minha testa contra o vidro, eu estudo a imagem.

Sua habilidade é incrível. E a maneira como ele está me desenhando é emocionante.

Na foto, eu estou andando para longe dele, e eu estou completamente nua, exceto por um par de sapatos de salto alto.

Ofegante, eu estudo o desenho... encantada com a maneira como ele me imagina ser. Eu estou magra e pálida, mas pálida de uma maneira bonita, uma forma etérea. Meu cabelo é longo e exuberante, meus músculos curvilíneos e perfeitos. Através dos seus olhos, eu sou feminina, delicada e perfeita.

Eu examino todo o desenho enquanto meu rosto fica quente com a mera ideia de que ele me imagina assim... que ele me imagina nua.

E então meu coração palpita e para em meu peito quando eu vejo uma coisa.

A marca de nascença do meu lado.

O tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos, e tem cor de café com creme.

Assustada, meus dedos inconscientemente tateiam meu lado, para sentir o lugar onde a marca de nascença bem real, muito íntima, está na minha pele.

Como Dare saberia?

Não há nenhuma possibilidade dele ter visto a marca de nascença, a menos que ele de alguma forma me viu tomar banho ou trocar de roupa.

Ele deve estar me observando.

Que diabos?

Estou agitando isto em minha mente com tanta intensidade, que eu esqueço de me afastar da janela, e Dare me assusta pra caralho quando aparece na minha frente, seu rosto surpreso na frente do meu.

Eu arranco para trás e ele também, então ele cerra os olhos enquanto olha para o escuro.

Para mim.

Eu me afasto e depois decolo para o caminho em direção a minha casa, por causa de uma centena de coisas. Porque eu estou envergonhada que ele me pegou espionando-o, porque eu estou nervosa e confusa sobre seu desenho, e porque, apesar de tudo, estou lisonjeada e animada demais que ele estivesse me desenhando.

Eu não ando nem vinte metros, porém, antes de Dare me puxar pelo cotovelo.

— Calla, o que você está fazendo fora tão tarde?

Sua sobrancelha escura está enrugada quando ele olha na minha cara.

Eu paro e olho para cima, em seus olhos escuros e sem convite, a imagem do belo retrato que ele tinha desenhado com as próprias mãos aparece na minha cabeça. Foi feito tão amorosamente, tão perfeitamente desenhado.

— Você estava me desenhando. — eu digo simplesmente, minhas mãos caindo ao meu lado. Eu não sei como me sinto, além de confusa.

Na verdade, ele parece confuso.

— Sim. Eu... é um hobby.

— Você é muito bom. — digo a ele. — É tão bom que você foi capaz de desenhar uma marca de nascença que nunca viu antes.

Longa pausa.

Finalmente, Dare suspira. — O que você quer dizer com isso?

Eu suspiro de volta. — A marca de nascença do meu lado. Você nunca a viu, assim, como você pôde desenhá-la? Você tem me vigiado? Se sim, por quê?

Outra longa pausa.

— Uh, eu não estou perseguindo e espiando você, se é isso que você está insinuando. — Dare finalmente responde. — Eu me sento do lado de fora, às vezes, e você sai muito. Quando você voltou da navegação no outro dia, você não estava usando uma saída de banho. Eu a notei, então.

Oh. Obviamente.

— Eu sou uma idiota. — eu respiro. — Sinto muito.

Ele balança a cabeça. — Não se preocupe. Eu posso ver como você pôde saltar a essa conclusão.

Sim, porque eu sou maluca.

Ele olha para mim de novo. — Eu deveria estar pedindo desculpas a você. Por desenhar você de uma... maneira tão íntima. Sinto muito. Espero não ter feito você se sentir desconfortável.

Se por desconfortável, ele quer dizer incrivelmente lisonjeada, então sim. Ele fez.

— Está tudo bem. — eu digo-lhe rapidamente. — Você me fez parecer bonita. Quem poderia ficar bravo com isso?

— Você é linda. — ele diz uniformemente, com os olhos cintilando com um milhão de coisas diferentes. O ar está carregado, grosso com algo emocionante, e eu anseio para ficar na ponta dos pés e beijá-lo.

— Você nunca disse o que você está fazendo fora tão tarde. — Dare me lembra, interrompendo meus pensamentos tentadores.

Eu olho em volta, à procura de uma resposta viável, mas a floresta calma não me dá nada. — Eu simplesmente não conseguia dormir. Eu vi a sua luz...

— Eu não conseguia dormir. — Dare confia. — Eu desenho quando isso acontece.

— Você *me* desenhou. — eu digo lentamente. — Por que eu?

De todas as pessoas no mundo, por que eu?

Ele sorri, um sorriso lento, sensual que seriamente enrola meus dedos dos pés.

— Eu não desenho só você, Calla-Lily. Eu desenho tudo que eu acho interessante.

Ele me acha interessante. Meu coração martela, e eu esqueço que há alguns minutos atrás, eu pensei que ele poderia ser um perseguidor.

— Você acha?

Ele balança a cabeça. — Eu acho.

Estou tremendo agora por causa da brisa da noite e Dare percebe.

— Você devia subir para a cama, Calla. — ele sugere. — Está frio aqui fora.

Concordo com a cabeça sem dizer nada. — Está bem. Boa noite, Dare.

— Boa noite.

Eu caminho apressada, e por todo caminho, Dare me assiste ir. Eu sinto isso. Mas quando eu me viro no topo dos degraus da varanda, ele se foi.

Sinto-me estimulada e incrível e maravilhosa, até eu voltar para a minha cama e lembrar que Finn está nela. Ao lado da cama, minhas flores foram esmagadas, por Finn, presumivelmente.

Todos os meus sentimentos incríveis despencam quando eu percebo que eu não posso me sentir maravilhosa sobre Dare. Eu não posso me sentir maravilhosa sobre qualquer coisa, enquanto há algo tão seriamente errado com o meu irmão.

Adormeço com nuvens escuras penduradas em torno de mim, consumindo minha alegria.

Capítulo Vinte

- Viginti -

O oceano quebra contra a costa, a névoa pulverizando contra mim, enquanto passo um tempo contra uma das rochas na enseada. A maré está baixa, então posso ficar aqui por horas antes da maré alta voltar para cobrir todas as piscinas expostas.

Tudo o que eu queria fazer era sonhar com Dare. Para fixar-me no fato de que ele fantasiou sobre mim nua.

Mas eu não podia. Não agora. Porque no bolso do casaco, meus dedos descansam na capa de couro esfarrapada do diário de Finn. Depois de perceber a noite passada que Finn está ainda mais problemático do que eu achava, eu sei que eu tenho que descobrir isso.

Então, quando ele e meu pai saíram para trabalhar na cerca, eu peguei seu diário. É algo que eu tinha que fazer, porque ele obviamente não me dirá por si mesmo. Ele pensará que o perdeu... e eu terei que concordar com isso. Faz-me sentir suja e terrível mentir para ele, porque eu sei o quanto escrever significa para ele.

Mas ele só terá que escrever em outra coisa.

Eu tenho que fazer o que for preciso para protegê-lo de si mesmo.

Minha respiração embaraça em meu peito enquanto puxo o livro. Porque a última vez que eu li, aterrorizou-me por semanas.

Seus pensamentos ocultos me aterrorizaram naquela época, e eles vão me aterrorizar agora.

Independentemente disso, eu abro a capa com os dedos trêmulos.

E então fico imóvel.

Absolutamente, completamente imóvel.

Um papel está dobrado dentro da capa da frente, mas eu já posso ver o que é.

O desenho que Dare fez de mim.

Quando Finn o pegou? No meio da noite?

Incapaz de respirar, incapaz de sentir, eu desdobrei o papel com cuidado e então meu coração tem um espasmo.

MINHA está rabiscada em todo o esboço bonito. Em todos os lugares. Letras grandes, letras pequenas, entre as letras. Rabiscado em negrito.

MINHA MINHA MINHA MINHA MINHA MINHA

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo pensar.

Tudo o que sei é que os meus dedos estão tremendo e meu coração está tendo espasmos e o que diabos está acontecendo?

Finn se arrastou para fora da minha cama, até a casa de Dare e roubou esse desenho no meio da noite. Inferno, ele devia estar

me observando o tempo todo e foi assim que ele descobriu que isso existia.

Calafrios percorrem as minhas costas, fazendo-me tremer e tremer e tremer.

Por quê?

O que está errado com o meu irmão?

Forçando-me a concentrar, eu folheio as páginas do seu diário, porque este é o lugar onde vou encontrar respostas. Há uma carta de tarô escondida nas páginas, o que é estranho, mas eu coloco-a de volta e voou através das páginas até eu chegar onde eu havia parado da última vez que eu tinha lido. A escrita é ousada e pesada, o que é estranho, já que os dedos e braços de Finn são leves como uma pena, magros e finos.

Meu peito contrai quando leio suas palavras. Elas estão escritas em todos os tamanhos diferentes, de riscos e rabiscos, os rabiscos de insanidade.

Nocte liber sum. Nocte liber sum

À noite eu sou livre.

Alea iacta est. Os dados foram lançados. Os dados foram lançados.

Os dados foram fodidamente lançados.

Serva me, Servabo te. Salve-me e eu vou te salvar.

Salve-me.

Salve-me.

Salve-me.

A página inteira é mais do mesmo, frases em latim desesperadas e palavras aleatórias. E, claro, o símbolo estranho. Eu nem sequer me preocupo tentando interpretar isso. Meu irmão ama símbolos enigmáticos e rabisca-os por todo o lugar. Eu nem sequer pisco até que eu volto para a parte inferior da página, onde há figuras com os rostos arrancados. Dois deles, um homem e uma mulher. A mulher tem o cabelo vermelho flamejante.

Eu.

Eu engulo em seco e fecho o livro com um golpe, olho para o mar, desejando que a minha mente esqueça o que acabou de ler.

Do que ele precisa ser salvo?

Insanidade?

Salve-me e eu vou te salvar. De quê?

Eu preciso ser salva, também? É por isso que ele arrancou os meus olhos?

Um caroço se forma na minha garganta, pesado, quente e ácido.

Eu não posso fazer isso. Eu sabia que seu diário seria insano, eu só não sabia o quanto. E eu só... não posso fazer isso hoje. Preciso de uma pausa da loucura.

Porque o meu irmão está rastejando em minha cama e rabiscando MINHA através de um esboço meu íntimo, nu. Se alguém mais tivesse visto, pensaria que ele é realmente doente, talvez até mesmo sexualmente depravado. Esse não é o caso. Eu sei que é porque nós somos duas metades de um todo. Estamos conectados e por causa disso, ele sente como se fosse dono de mim. Como sou dele. Como ele é meu.

Meus pensamentos estão enrolados e nada faz sentido e eu não sei o que fazer.

Eu não posso pensar nisso agora.

É demais.

É demais.

Eu procuro por um isqueiro na bolsa, e então coloco fogo no desenho, porque ninguém pode vê-lo. Se isso acontecer, eles trancarão o Finn, porque eles não entenderão.

Eu não posso deixar que isso aconteça.

Eu o vejo queimar, eu assisto os cantos enrolarem e ficarem pretos, então em chamas, as cinzas explodindo no oceano.

Em seguida enfio o diário no meu bolso e caminho em meio à chuva (*quando é que começou a chover?*) para a casa. As pedras sobre a trilha estão molhadas e eu escorrego algumas vezes, raspando as minhas mãos, mas ainda assim, não me apresso.

A chuva é a limpeza.

Talvez ela vá lavar a loucura.

Porque eu não sei mais o que fazer sobre isso.

Talvez Finn tenha chegado a um lugar onde eu não posso consertá-lo mais.

O pensamento me assusta, me paralisa, e eu acho que eu estou presa ao chão do lado de fora da Carriage House, meus pés enredados no chão, incapazes de mover, incapazes de me levar um pouco mais longe.

A chuva me encharca e meu cabelo pinga. Meus dentes começam a bater, mas ainda não consigo me mover. O pânico, o desejo de correr para longe da minha casa, cimenta meus pés no chão. É uma loucura, mas eu ainda não posso me mover. Meus pés são pedras, pesadas demais para levantar.

A porta da frente da Carriage House abre subitamente, e Dare sai em disparada para fora, correndo pelo caminho de paralelepípedos.

Sem uma palavra, ele cobre a minha cabeça com uma jaqueta, enquanto me puxa para a sua casa. Sua camisa é preta, seus shorts são pretos, os olhos são pretos enquanto ele esfrega o meu braço com uma toalha, empurrando-me para uma cadeira na sala de estar.

— O que você está fazendo fora na chuva, Calla? — ele pergunta, suas mãos massageando meus braços através do tecido felpudo. Eu me inclino para ele, minha testa pressionando contra seu músculo, contra a sua solidez.

Eu amo a sua solidez.

Ele é forte e real, inabalável.

— Eu não sei. — murmuro. — Eu só... eu não quero ir para casa, eu acho.

Dare pausa, olhando para mim, uma centena de coisas vacilando em seus olhos. — Você tem algum motivo para não ir?

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Apenas um sentimento.

Um súbito pressentimento esmagador. A casa funerária parecia sinistra e enorme e eu não poderia ir para lá, não com as questões de Finn que pairavam sobre a minha cabeça, não com a minha mãe fora para sempre.

— Nós estivemos procurando por você. — continua ele, olhando-me, esfregando o frio da minha pele.

— Vocês procuraram? — pergunto, confusa. — Mas eu não saí por muito tempo.

Ele faz uma pausa, e eu acho que vejo preocupação em seus olhos, mas ele rapidamente a esconde.

— Você sumiu desde esta manhã. — ele diz com calma.

Não é mais de manhã?

Eu olho para o relógio na sua parede.

Seis da tarde

Meu coração bate, alto e pesado, quando olho de novo.

Ainda assim são seis horas.

Como isso pode ser possível? Eu estava tão imersa em preocupação com Finn que eu perdi a noção do tempo?

— Eu acho que estou ficando louca como meu irmão. — eu deixo escapar, minhas mãos frias agarrando nas mãos quentes de Dare. Seus olhos amolecem e ele para, suas mãos tão quentes, secas e fortes.

— Você não está. — ele me assegura. — Você só tem lidado com muita coisa. Qualquer um ficaria confuso. Confie em mim.

Qualquer um perderia várias horas do seu dia e nem sequer perceberia isso?

— E você? — eu exijo. — Quando seus pais morreram, você ficou confuso?

— É claro. — Dare me garantiu, pegando minhas mãos agora, envolvendo-as com as suas. — Todo mundo fica. E você tem que lidar com mais do que a média das pessoas. Calla, você está cercada por morte aqui. A casa funerária, sua mãe... é difícil. Vamos colocar dessa maneira.

Ele se senta ao meu lado, e eu o inalo, respirando o cheiro do homem e da chuva e de segurança e desejo.

Eu o quero.

É isso que eu sei.

Quanto mais eu fico perto dele, mais eu o quero. Eu queria sua tranquilidade, sua sensualidade, seus ombros, seus quadris. Eu quero o seu conforto, eu quero a sua voz, eu quero tudo dele.

Mais do que qualquer coisa que eu alguma vez quis.

Estendo a mão fria, traçando o seu queixo, mais uma vez, na maneira que eu fiz na outra noite. Desta vez, porém, ele não para minha mão. Ele não para meus dedos que correm em seus lábios, sentindo a maciez que permanece lá.

A eletricidade parece que vai estalar no ar, e me eletrocutar com a intensidade, mas não acontece. Ela só cria uma corrente que vai de mim para Dare e de volta, iluminando-me, fazendo-me formigar em lugares que eu nunca tinha sentido antes.

Eu engulo em seco.

— Beije-me. — eu sussurro, olhando avidamente em seus olhos. Ele pisca, em seguida, olha, sua boca cerrando.

— Eu não deveria. — ele responde, baixo e rouco.

— Faça de qualquer maneira. — eu respondo, esperando, rezando, segurando a minha respiração.

Em seguida, ele faz.

Ele abaixa seu belo rosto e seus lábios descem nos meus, macios, firmes, reais. Eu suspiro em sua boca, no hálito de hortelã que absorve o meu, na coisa que eu venho desejando há semanas.

Ele parece tão confortável, tão excitante, tão natural para mim. Beijá-lo é como tomar um fôlego. Isso me dá vida.

Mas ele se afasta de forma abrupta, deixando meu coração batendo forte e minha respiração entrecortada, e, em seguida, ele se levanta.

— Eu não deveria ter feito isso. — ele murmura, levando a toalha para a cozinha. Eu salto para os meus pés e o persigo.

— Por que não? — eu exijo. — Eu tenho dezoito anos e eu sei exatamente o que eu quero.

Eu quero você.

Mas ele já está balançando a cabeça. — Você não sabe o que quer. — ele me diz com pesar. — Porque você está chateada, e você tem mais com o que lidar do que a maioria das pessoas uma vez terá. Não é um bom momento para isso. Não é justo da minha parte tirar vantagem de você agora.

— Você não está... — eu começo a dizer, mas ele coloca um dedo longo contra os meus lábios.

— Eu estou. — diz ele com firmeza. — Eu não posso fazer isso. Não hoje.

Mas ele não diz *nunca*.

Eu ainda estou de pé, minha respiração áspera e irregular. Então eu viro e vou embora, humilhada com a rejeição, mas impulsionada por isso, também.

Porque ele não disse nunca.

Ele não disse nunca, porque ele me desenha à noite e então eu sei que ele pensa em mim também.

Eu saio pela porta, para a chuva, ignorando a forma como ele chama atrás de mim. Eu ando direto para minha casa, direto para o meu quarto, e depois de deixar minhas roupas e o diário de Finn no chão, eu passo para o chuveiro.

A água quente inunda meus sentidos, bloqueando a memória do seu cheiro.

Eu visualizo suas mãos segurando as minhas, e eu fecho meus olhos com força.

Ele acha que não é o que eu preciso, mas é *exatamente* o que eu preciso.

Ele me distrai da minha dor. Da minha preocupação. Do meu medo.

Mas, mesmo quando penso nisso, a verdade do que ele disse me atinge.

Não é um bom momento agora.

Não é um bom momento, porque ele não quer ser *uma distração*.

Ele merece ser um *foco*.

E no meu estado atual, não posso me concentrar em nada, exceto talvez em salvar meu irmão da insanidade. Darei o que merece mais do que isso.

Mas o meu lado egoísta quer de qualquer maneira.

Eu deslizo para o chão e fecho os olhos, deixando a água lavar minhas lágrimas.

Não sei quanto tempo fiquei no chuveiro, ou quanto tempo eu fiquei enrolada no assento da janela do meu quarto desde então. Tudo o que sei é que o meu pai e Finn chegaram em casa, e Finn desapareceu em seu quarto. Eu o ouvi sussurrando por lá.

Eu o ouvi descer as escadas protestando, gritando por mim, gritando pelo papai.

E agora ele está subindo de volta, pisando com raiva, rompendo pela minha porta.

— Onde está o meu diário? — ele exige, seus olhos azuis pálidos, como pingentes, as mãos finas fechadas em punhos ao seu lado.

Pela primeira vez na minha vida, eu minto para meu irmão.

Na cara dele.

— Eu não sei. — eu digo simplesmente, olhando para ele, sem piscar. Eu não desvio o olhar, porque eu não quero acidentalmente olhar para o fundo da gaveta da minha mesa, onde eu escondi seu pequeno livro.

— Você sabe, sim. — ele diz com raiva. — Ele estava no meu quarto, e agora não está.

— Eu não estou com ele, Finn. — eu digo a ele novamente. — Por que você está tão chateado? Ele vai aparecer.

Depois que eu tiver a chance de lê-lo.

O rosto de Finn está tenso e ansioso, e eu me sinto culpada por infligir sofrimento a ele. Eu sei o que acontece quando ele fica chateado, mas é uma chance que eu tenho que aproveitar. Eu não posso ajudá-lo a menos que eu saiba o que realmente está incomodando-o. E esta é a única maneira de descobrir.

— Se você encontrá-lo. — ele diz ele fracamente, virando-se para sair. — Não leia, Calla.

Eu não respondo, então ele para no meio do caminho, olhando para mim, seu olhar desesperado encontrando o meu. — Você não pode lê-lo, Cal.

Não posso deixar de olhar em seus olhos, fascinada pela desolação que eu encontro lá. O nível do seu desespero por causa de um simples livro é impressionante.

— Por que você parece tão certo disso, Finn?

A minha pergunta é simples.

Mas a sua resposta não é. Ele se vira para mim, e seu rosto enruga e ele chora.

— Porque as coisas têm que acontecer em ordem, Calla. Elas têm que. Acontecer. Em. Ordem. Você não pode ver? Você não pode? — seus ombros magros tremem e eu o puxo para os meus braços e minhas mãos acariciam suas costas, conforme ele respira com dificuldade em mim, seu peito subindo e descendo contra o meu.

— Eu vejo. — eu digo a ele, o que é outra mentira, porque eu não vejo.

Passam minutos e minutos antes dele afastar, antes dele se controlar o suficiente para sair do meu quarto. Mas o olhar em seu rosto está assombrando quando ele sai, no momento em que ele fecha a porta, e a última coisa que eu vejo é o desespero.

Deus, isso dói.

Mas eu sou sua protetora. Se eu não fizer isso, ninguém vai.

E, às vezes, temos que fazer coisas que não são motivo de orgulho para proteger aqueles que amamos.

Então eu tranco a minha porta e retiro seu livro, enroscando-me mais uma vez no meu assento da janela para que eu possa invadir sua privacidade.

Abaixo de mim, eu vejo Finn ir para fora, e pegar um machado. Ele desconta sua agressividade na madeira, cortando pedaço por pedaço, mesmo que agora seja verão e não precisaremos delas por meses. Na verdade, nós não estaremos aqui quando se tornar frio. Mas meu pai vai.

Então Finn corta madeira para nosso pai, e eu volto minha atenção para seu diário.

A loucura que ele contém sobe em espiral e pula na página, e encontro-me prendendo a respiração enquanto eu leio.

*Eu estou me afogando. Afogando. Afogando. Immersum
immersum immersum.*

*Calla vai me salvar. Ou eu vou morrer. Ou eu vou morrer. Ou eu vou
morrer.*

Serva me, Servabo te. Salve-me e eu vou te salvar.

Salve-me.

Salve-me.

Salve-me.

Calla Calla Calla Calla Calla Calla Calla Calla

Vou te salvar Calla. Calla calla calla.

Eu tiro os olhos das palavras dolorosas, repelindo-as, porque mais uma vez, como sempre, Finn chama por mim quando ele está com medo.

Mesmo em palavras escritas nas páginas do seu diário.

Ele acha que eu sou a única que pode salvá-lo e eu tenho que concordar.

Mas ele também acha que ele precisa salvar-me, o que é um pouco ridículo.

Eu sou a única que entende. Eu sou a única que sabe. E eu não posso contar a ninguém, porque se eu fizer isso, o meu pai não terá escolha a não ser enviar Finn para uma instituição mental, e eu

conheço o suficiente para saber que ele nunca sairia. Eles o manteriam.

Então eu tenho que salvá-lo sem dizer a ninguém.

E a única maneira de fazer isso, é ler seus pensamentos mais íntimos. Todos eles.

Eu mudo o meu olhar para fora da janela, para a chuva, e eu fico assustada ao perceber que Finn se foi, mas Dare está no seu lugar. Movimentando-se ao longo da trilha, para a praia, ele caminha com confiança e não afetado pela chuva torrencial.

Na verdade, quando ele está à beira dos gramados, em frente à minha janela, ele para abruptamente.

Em seguida, seu lindo rosto inclina para cima e seus olhos encontram os meus.

Eu paro de respirar.

Eu paro de pensar.

Eu só levanto a mão para o vidro, pressionando-a lá, como se a mão de Dare estivesse descansando contra a minha. A chuva cai em riacho para baixo do painel, em torno de meus dedos como lágrimas, e os olhos de Dare amolecem. Sem uma palavra, ele levanta a mão.

Ele segura-a lá, como se estivesse me tocando. Como se ele estivesse me confortando de coisas de que ele não tem conhecimento.

Mas o que *eu* sei, é que ele *está* me confortando.

Sua *presença* me conforta.

Ele sabe disso. É por isso que ele fica na chuva por mais alguns minutos, por *muito tempo*, até que ele está absolutamente encharcado, até que finalmente, finalmente, ele deixa cair sua mão e continua o seu caminho, através da chuva e para as trilhas.

Ele desaparece na copa das árvores, e então ele se foi.

Deixou-me.

Eu percebo algo enquanto fico com os pensamentos loucos de Finn em meu colo.

Eu nunca me senti tão sozinha antes.

Capítulo Vinte e Um

- Viginti Et Unum -

De alguma forma eu me arrumo pela manhã, depois de perder horas de sono, agitando e virando e entrando em pânico. Pela manhã, eu estou calma.

Eu tenho que estar.

Eu não posso cair aos pedaços, porque eu tenho que colocar Finn no lugar.

No café da manhã, porém, ele parece absolutamente normal e sorri para mim sobre seu cereal.

— Desculpe-me, eu desmoronei na noite passada. — ele diz-me casualmente, abaixando a colher e dando uma mordida em seu pão. Ele está com apetite. Isso é bom.

Eu sorrio hesitante. — Está tudo bem. Ficarei atenta para ver se acho seu diário, Finn. Ele aparecerá, eu prometo.

Ele sorri angelical. — Eu sei.

Sua atitude calma quase me assusta, como se ele soubesse que eu estou com o seu diário. Mas isso não pode ser verdade. Se ele soubesse, ele surtaria e invadiria o meu quarto para procurá-lo.

— Você quer fazer alguma coisa hoje? — pergunto-lhe enquanto eu coloco o meu suco de laranja.

— Não posso. — ele murmura em torno de seu pão. — Eu vou arrumar as minhas coisas, e separar algumas.

— Você quer ajuda? — eu sinto minhas sobrancelhas juntarem. Ele está agindo de forma indiferente.

Ele balança a cabeça. — Nah. Eu ainda não estou me sentindo tão bem. Você devia ir fazer alguma coisa com Dare.

Isto faz minha cabeça levantar. Ele quer que eu faça alguma coisa com Dare? Que diabos?

Ele dá de ombros, então ri, porque o meu espanto é aparente. — O quê? Você vai embora no final do verão. Você devia ter uma aventura de verão. Está na lista do que fazer antes de morrer de toda menina, certo?

Eu reviro os olhos, apesar das minhas entranhas estarem pulando. Ele não vai me fazer sentir culpada por passar o tempo com Dare? É como se os céus se abrissem e Deus estivesse sorrindo para mim.

— Eu não sei. — respondo. — Eu sou muito jovem para me preocupar com uma lista do que fazer antes de morrer.

— Apenas vá. — ele me diz, empurrando para longe da mesa. — Dare estava perguntando ao papai como chegar em Warrenton ontem à noite. Você mesma deveria levá-lo.

O fato de que eu estive lá um milhão de vezes antes, não importa, porque eu nunca estive lá com Dare.

— Eu voltarei a tempo de jantar com você! — eu digo a ele. Ele acena por cima do ombro sem olhar.

Fui dispensada.

De repente, eu sinto como se tivesse fugido da cadeia, como se eu estivesse livre e tivesse que me apressar e fugir. Corro por todo o caminho até a Carriage House, e ainda estou sem fôlego quando bato na porta.

Fico ainda mais sem fôlego quando Dare atende.

Porque ele está sem camisa.

Na verdade, ele parece que acabou de sair do chuveiro porque seu cabelo está molhado. E o peito está nu. Não posso deixar de olhar para a pele nua, o abdômen musculoso, o torso esguio e o perfeito, esculpido V que desaparece no alto de seus jeans. A fivela do cinto prateado em forma de crânio está posicionada perfeitamente centrada alguns centímetros abaixo do seu umbigo.

Eu engulo em seco, depois engulo novamente.

O canto da boca de Dare se contrai.

— Sim? — ele pergunta, seu lábio curvando no canto. Ele tem que saber o efeito que tem em mim. Ele faz isso, provavelmente, com todo mundo.

Juro por Deus que a minha intenção é pedir-lhe para ir para Warrenton Beach. Mas a minha língua tem uma mente própria.

— Desenhe-me. — eu respiro, me surpreendendo e surpreendendo-o. Seus olhos se arregalam, e ele olha para mim.

— Desenhar você. — ele repete lentamente, hesitante, seus olhos nunca deixando os meus.

Concordo com a cabeça. — Você me desenha na sua imaginação, mas um modelo real não seria melhor?

Sem esperar por uma resposta e antes que eu possa pensar melhor sobre isso, eu o cutuco e entro em sua pequena casa. Ele olha para mim, seus olhos como lava preta derretida, e eu posso dizer que ele está tentando descobrir como lidar comigo. Então, antes que ele possa dizer qualquer coisa, eu viro, forçando um sorriso confiante.

— Onde você me quer?

Não me rejeite. Isso é tudo que eu posso pensar quando olho para o seu rosto lindo, e eu devo ser louca, porque não há nenhuma maneira que ele vá fazer isso.

— Calla. — ele diz com a voz rouca, sua língua se lançando para lambar seu lábio inferior cheio.

— Não. — eu interrompo-o antes que ele possa me rejeitar. — Desenhe-me, Dare. Eu quero que você faça isso.

Ele fica imóvel como uma estátua, estudando-me, seu corpo tão longo e magro.

— Por favor. — eu acrescento, finalmente, meu sussurro rouco. — Onde você me quer?

Eu conto as batidas enquanto ele olha para mim, me pondera.

Uma.

Duas.

Três.

Quatro.

Ci...

— Só um minuto. — ele responde finalmente, interrompendo minha contagem interna, com os olhos negros como a noite.

Ele atravessa a sala e puxa uma espreguiçadeira para o meio da sala de estar.

— Você pode sentar ali.

Ele soa tão profissional. Eu faço o que ele pede, e eu me acomodo na borda do assento, os meus nervos dançando pela minha pele, a descrença pulsando através de mim.

Ele fará isso. Ele fará isso.

— Feche as cortinas. — eu digo-lhe em voz baixa, quando eu desabotoo minha camisa.

Eu não posso acreditar que estou fazendo isso.

Eu não posso acreditar que ele está me deixando.

Observo-o engolir em seco, seu pomo de Adão se movendo em sua garganta, enquanto ele faz como eu instruí. Quando a sala está escura, ele puxa uma cadeira na minha frente, seu caderno na mão.

— Você está pronta? — ele pergunta, sua voz nivelada. Ele mantém os olhos no meu rosto.

Eu balanço minha cabeça.

— Ainda não.

E então eu tiro o meu sutiã.

Dare limpa a garganta e abre seu caderno, a imagem de um profissional, e eu juro que eu sinto dez mil chamadas lambendo meu corpo quando cada centímetro meu cora.

Eu me levanto e empurro meus shorts para o chão.

Dare não se move. Ele nem sequer parece que está respirando.

Seus olhos estão congelados em mim, apreciação queimando a vida neles, e, em seguida, ele olha nos meus olhos, seu olhar profundo e escuro.

— Calla. — ele começa novamente, e começa a se mover, para se levantar.

— Não. — eu digo-lhe bruscamente. — Por favor. Eu preciso disso. Eu quero ser... distraída.

Seus olhos parecem reservados agora conforme me estuda, mas ele ainda permanece em pé. Ele caminha para seu armário e volta com uma das suas camisas. Uma branca de botão. Ele entrega-a para mim.

— Coloque isso. — ele me diz. — Deixe desabotoada.

Meu coração bate quando faço o que ele pede.

Ele espera, em seguida, ajusta a abertura da camisa para cair apenas para a direita contra a minha pele, de modo que mostra apenas as melhores curvas dos meus seios. Ele abotoa um botão lá, e então abre a camisa, de modo que o meu umbigo e quadril ficam expostos.

Ele voltar a se estabelecer na sua cadeira.

— Então, eu sou uma distração, não é? — ele pergunta simplesmente, levando o lápis para a página e desenhando de uma linha de fluxo. O início do meu quadril.

Eu coro. — Você é muito mais do que uma distração. Mas hoje... preciso ser distraída. — eu engulo e seus olhos encontram os meus, então ele olha para longe.

— Deite-se. — ele diz-me bruscamente. Ele se levanta e vem a mim, inclinando e movendo meu cabelo por cima do meu ombro. Sua mão passa pela minha pele e um fogo explode, um calor, um líquido que parece lava selvagem agita a minha barriga, e eu sofro para que ele deite-se comigo, senti-lo ao meu lado.

Mas ele não deita. Ele olha para mim, me estudando.

— Arqueie um pouco as suas costas. — ele fala. Então eu faço. Ele desliza um pequeno travesseiro por trás delas.

— Morda o lábio. — ele me diz. — Não com força. Apenas o suficiente para parecer que você está pensando em alguma coisa. Fantasiando, talvez.

Oh Deus. Posso totalmente fazer isso.

Ele sorri, só um pouco, e retorna ao seu lugar.

Suas mãos se movem ao longo da página, de forma rápida, em seguida, lentamente. Ele olha para mim, seus olhos tão escuros, em seguida, volta sua atenção para a página.

A eletricidade nesta sala é carregada. É real. É sufocante. É emocionante. Eu não posso respirar.

Dare encontra o meu olhar.

— Você está bem?

Concordo com a cabeça. — Eu estou agora.

Agora que eu estou aqui. Agora que você não está me rejeitando. *Agora que você me vê.*

A borda de seus lábios se curva, e ele desce a mão, então inclina a cabeça em concentração.

— Então, o que trouxe à tona esta cena de Titanic? — Dare me pergunta banalmente, olhando-me acima da parte superior de seu papel. Eu sinto um rubor se estender da minha testa ao o meu peito e eu desvio o olhar.

— Eu não estou... não é. — eu praticamente gaguejo. O ar frio deriva sobre o meu corpo, arrepios surgindo em todos os lugares.

Dare pausa. — Não?

Eu balanço a minha cabeça. — Não. Eu só queria... sentir outra coisa.

— Outra coisa? — Dare espera.

— Diferente do que eu estou sentindo. — esclareço. — Loucura. Tristeza. Eu só quero ser outra pessoa, só por um minuto.

Dare examina seu desenho, em seguida, senta-se de volta no seu assento por um minuto.

— Por que você quer ser outro alguém? — ele pergunta baixinho. — Calla Price é incrível.

Ele se levanta e vem até mim, olhando para baixo. Sua expressão é reservada e intensa e ele paira acima de mim. Seus olhos escuros traçam o contorno do meu quadril nu, a curva da minha coxa, e então, de repente, ele segue o seu olhar com o seu dedo. Ele corre-o levemente do meu joelho até o quadril, a ponta do dedo escaldante, quente.

— Você me quer, não é? — eu sussurro, as palavras hesitantes e com medo, esperançosas e ansiosas.

Seus olhos estão em chamas quando ele responde. — Eu sempre quis você.

Qualquer resposta que possivelmente posso dar-lhe está congelada na minha garganta, presa contra a minha língua e assim tudo o que posso fazer é mover. Viro-me para lhe dar melhor acesso, de modo que ele possa me tocar, de modo que ele possa mover os dedos, agarrar-me com força e enfiar a língua na minha garganta e... então ele afasta o seu dedo e oferece-me a mão.

Eu fico olhando para a mão estendida em confusão, mas, em seguida, deixo-o me puxar para os meus pés.

Eu fico frente a frente com ele, meus seios nus quase pressionados contra seu corpo. Se eu apenas balançasse para frente um pouco, seus quadris estariam pressionados nos meus e...

Ele levanta uma sobrancelha. — Você quer ver?

Ele. O desenho. Eu esqueci.

Concordo com a cabeça, engolindo em seco.

Ele me dá o desenho e é lindo.

Eu pareço uma modelo, vestida casualmente sobre um sofá. Dare fez as cortinas vibrarem com o vento atrás de mim, e ele criou uma vista para o mar através das janelas. A luz brilha em mim e eu pareço uma criatura etérea, algo de outro mundo.

— É lindo. — eu suspiro.

— Você é. — ele concorda. Ele me dá a minha camisa e eu hesito.

Eu não quero colocá-la. Eu quero. Eu quero... eu quero... *Dare.*

Mas sua expressão é comum e profissional, e ele não está me tocando mais.

Agora não é o momento.

Eu coloco minhas roupas e abraço o desenho no meu peito.

— Posso ficar com ele?

— Claro.

Ele se vira para mover a esteira de volta para onde ela pertence e eu paro.

— Eu só estava pensando... — eu começo. — Que eu gostaria de ir para Warrenton Beach hoje. Você gostaria de ir também?

Dare cerra os olhos, mas não há riso neles. — Essa é você, tentando ganhar um passeio de bicicleta, além de um retrato?

Eu estreito os meus. — E isso é você, oferecendo-se para me dar um?

Dare hesita, e algo em seus olhos é preocupante, inseguro, mas, finalmente, ele dá de ombros. — Eu não vejo por que não. Não parece que vai chover.

Ele anda em direção ao seu quarto.

— Eu vou pegar uma camisa.

Se você acha necessário.

Ele me chama.

— Se você olhar nessa caixa ao lado da porta, você encontrará um capacete extra.

Eu faço o que ele diz, e com certeza, há outro ali.

— Por que você tem um extra? — eu pergunto, puxando-o para fora e fecho a tampa.

— Porque você mencionou que você gostaria de uma carona. — ele responde, voltando do seu quarto, uma camisa em sua mão. — Segurança em primeiro lugar, e tudo isso.

Ele puxa a camisa sobre a cabeça, e eu não tenho certeza do que eu estou mais encantada com ele. Seu abdômen ondulado, ou o fato de que ele me comprou um capacete.

Especificamente para mim.

É o suficiente para fazer o meu estômago dar cambalhotas.

— Obrigada. — murmuro.

Ele lança um olhar em minha direção, que só pode ser classificado como escaldante. Seus olhos quase pretos acendem com o calor, e é suficiente para deixar minhas terminações nervosas em chamas.

Engulo em seco.

— Você está pronta agora? — Dare pergunta. — Você pode deixar seu desenho aqui.

Eu dou de ombros, tentando ser casual. — É um momento tão bom quanto qualquer outro.

Ele sorri. — Esse é, Calla-Lily.

Capítulo Vinte e Dois

- Viginti Duorum -

Quando estamos em pé na frente da moto de Dare, uma Triumph preta brilhante, parece agressivo e intimidador, e eu estou, de repente, nervosa.

Dare olha para mim. — Você não tem bolas?

Eu jogo meu cabelo para trás e rio.

— Eu acho que nós já estabelecemos que eu não tenho bolas. Certo?

Eu poderia jurar que ele cora quando balança a cabeça.

— Isso é verdade. Acabei de ver isso por mim mesmo.

E agora eu sou aquela a enrubescer quando vejo meu reflexo em seus olhos escuros, e me lembro de como acabei de ficar na frente dele, seminua.

Dare acena para eu subir atrás dele, o que eu faço.

— Segure-se firme, Calla-Lily.

Não se preocupe.

Dentro de momentos, estamos deslizando para baixo na estrada da montanha e os meus braços estão envoltos em Dare, e o nervosismo desaparece.

Porque eu pertencço a esse lugar, com ele.

Eu pertencço amontoada atrás dele com o meu peito pressionado em suas costas. Isso envia faíscas em todas as minhas terminações nervosas. Seu calor sangra dentro de mim, sua força, e eu quero absorver tudo isso.

Eu descanso minha bochecha contra os ombros e preguiçosamente assisto a paisagem passando como um borrão enquanto dirigimos através da cidade, e, em seguida, sobre a ponte Youngs-Bay. A moto pesada vibra entre as minhas pernas, e eu de repente posso apreciar o apelo da moto e o ar livre na estrada. Não é de admirar que Dare tem *SEJA LIVRE* tatuado nas suas costas.

Não há nada mais libertador do que isso.

Nós abraçamos a estrada com o vento em nossos rostos e muito rapidamente, o passeio acaba.

Dare guia a moto para um estacionamento no local e nós desmontamos. Leva um segundo para as minhas pernas ficarem firmes novamente, e Dare sorri enquanto apoia o meu cotovelo. Seu toque é elétrico e eu o quero. E eu não posso pensar porque deitando seminua na frente dele tem estragado todos os meus pensamentos.

— Bem?

Leva-me um minuto para perceber que ele está falando sobre o passeio de moto.

— Eu adorei. — eu anuncio. — Vamos fazer isso de novo.

Ele pisca para mim. — Bem, nós teremos que chegar em casa de alguma forma. Mas, primeiro, vamos dar uma olhada neste naufrágio, não é?

Eu sorrio e puxo-o em direção à praia, para onde os restos do velho naufrágio ascendem, para fora da névoa. Sua carcaça parece ao mesmo tempo fantasmagórica e impressionante, esquelética e aterrorizante.

Minuto a minuto, saio da atmosfera sexual da sua casa de campo e para o ar enérgico do mar nesse momento.

— O Iredale encalhou em 1906. — eu explico a ele enquanto andamos. — Ninguém morreu, graças a Deus. Eles esperaram durante semanas para o tempo firmar o suficiente para rebocá-lo de volta para o mar, mas ele ficou tão enraizado na areia, que não conseguiram. Ele ficou neste local desde então.

Estamos de pé na frente dele agora, seus mastros e contornos brotando da areia e arqueando em direção ao céu. Dare estende a mão e passa ao longo de uma das suas bordas, a mesma mão que ele deslizou ao longo do meu quadril nu, exatamente o mesmo movimento, calmo e reverente.

Eu engulo em seco.

— É um rito de passagem por aqui. — digo a ele. — Faltar à escola e vir aqui com os amigos.

Só que eu nunca tive nenhum amigo, exceto Finn.

— Então, você e Finn vêm muito aqui? — Dare pergunta, como se ele lesse a minha mente, e sua pergunta não é condescendente, é apenas curiosa.

Concordo com a cabeça. — Sim. Nós gostamos de parar e tomar um café e sentar. É uma boa maneira de matar o tempo.

— Então mostre-me. — Dare diz calmamente, pegando a minha mão e me puxando para dentro do casco esparso. Nós sentamos na areia úmida, e olhamos através do casco do navio em direção ao oceano, onde as ondas sobem e descem e as gaivotas voam em loops.

— Esse deve ter sido um bom lugar para crescer. — Dare murmura enquanto olha para o horizonte.

Concordo com a cabeça. — Sim. Eu não posso reclamar. O ar fresco, o mar aberto... eu acho que só poderia ter sido melhor se eu não vivesse em uma casa funerária.

Eu rio disso, mas Dare me olha acentuadamente.

— Foi realmente muito difícil? — ele pergunta, metade preocupado, metade curioso.

Faço uma pausa. Por que foi? Foi o fato de que eu morava em uma casa funerária que fez a minha vida dura, ou o fato de que meu irmão era louco e portanto, fomos condenados ao afastamento?

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Eu acho que foi tudo combinado.

Dare acena, aceitando, porque às vezes é assim que é a vida. Um quebra-cabeça composto de um milhão de pedaços, e quando uma peça não faz exatamente o ajuste, joga o resto delas fora.

Como agora, por exemplo. Eu estava deitada nua na frente dele apenas um tempo atrás, e agora aqui estamos, agindo como se nada tivesse acontecido.

— Alguma vez você já pensou em se mudar para longe? — ele pergunta, depois de alguns minutos. — Eu quero dizer,

especialmente agora, eu acho que talvez dar uma pausa da... morte pode ser saudável.

Eu engulo em seco, porque, obviamente, ao longo dos anos, isso é uma das minhas fantasias recorrentes. Viver em outro lugar, longe de uma casa funerária. Mas há Finn, e por isso é claro que eu nunca sairia daqui antes. E agora há a faculdade e meu irmão quer ir sozinho.

— Eu vou para a faculdade no outono. — eu o lembro, sem falar mais nada.

— Ah, está certo. — ele diz, recostando-se na areia, com as costas pressionadas contra uma costela lascada. — Você está afirmando isso? Depois de tudo, quero dizer.

Depois que sua mãe morreu, ele quer dizer.

— Eu tenho que estar afirmando. — eu digo a ele. — A vida não para porque alguém morre. Isso é algo que viver em uma casa funerária me ensinou. — e minha mãe morrer e o mundo continuar girando.

Ele balança a cabeça novamente. — Sim, eu acho que isso é verdade. Mas, às vezes, nós desejamos que pudesse. Quer dizer, eu sei que desejei. Não parecia justo minha mãe acabar de morrer, e todo mundo ficar agindo como se nada tivesse mudado. As lojas mantêm suas portas abertas e vendem coisas triviais, aviões continuam voando, barcos continuam a velejar... era como se eu fosse a única pessoa que se importava pelo mundo ter perdido uma pessoa incrível. — a vulnerabilidade está aparecendo, e isso me toca no fundo, em um lugar que eu não sabia que eu tinha.

Viro-me para ele, disposta a compartilhar algo, também. É justo. *Você me mostra o seu, e eu vou lhe mostrar o meu.*

— Eu fiquei com raiva de pessoas idosas por um tempo. — eu admito timidamente. — Eu sei que é estúpido, mas sempre que eu via uma pessoa idosa fora e caminhando com seu tanque de oxigênio, eu ficava furiosa que a morte não decidiu levá-la em vez da minha mãe.

Dare sorriu, um sorriso que ilumina a praia.

— Eu vejo o raciocínio por trás disso. — ele me diz. — Não é estúpido. Sua mãe era muito jovem. E eles dizem que a raiva é uma das fases de tristeza.

— Mas não a raiva de pessoas idosas aleatórias. — eu respondo com um meio sorriso.

Dare ri comigo e isso é muito bom, porque ele não está rindo *de* mim, ele está rindo *comigo*, e há uma diferença.

— Isso é bom. — eu admito, finalmente, brincando com a areia na minha frente. Dare olha para mim.

— Eu acho que você precisa sair mais dessa montanha. — ele fala. — De verdade. Ficar isolada em uma casa funerária? Isso não é saudável, Calla.

De repente, me sinto defensiva. — Eu não estou isolada. — eu indico. — Eu tenho Finn e meu pai. E agora você está lá, também.

Dare pisca. — Sim, eu acho que eu estou.

— E nós não estamos na casa funerária agora. — eu também aponto. Fazemos uma pausa e olhamos para frente, para o vasto oceano infinito, porque o enorme cinza dele é inspirador, ao mesmo tempo que me faz sentir pequena.

— Você está certa. — Dare admite. — Nós não estamos. — ele desenha com o dedo na areia uma linha, em seguida, a cruza com a

outra. — Nós devíamos fazer isso mais vezes.

Essas últimas palavras me fizeram congelar.

Ele está dizendo o que eu acho que ele está dizendo?

— Você quer vir para a praia com mais frequência? — eu pergunto, hesitante. Dare sorri.

— Não, eu estou dizendo que devíamos sair com mais frequência. Juntos.

É isso que eu pensei que ele estava dizendo.

Meu coração bate e eu aceno. — Claro. Isso seria ótimo. Você se importa de Finn vir às vezes, também? — porque eu me sinto muito culpada por deixá-lo para trás o tempo todo.

Dare assente. — Claro que não. Eu quero passar um tempo com você, do jeito que você quiser.

Dare sorri para mim, aquele sorriso assustador *Me Desafie*[24], e eu sei que eu sou um caso perdido. Eu estou me apaixonando por ele, mais a cada dia, e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Na verdade, não há nada que eu *queira* fazer sobre isso. Porque é incrível.

O Iredale é apenas a casca de um navio, de modo que os ventos fortes batem em nós e jogam seu cabelo para fora do seu rosto. Quando isso ocorre, o seu anel brilha com a luz do sol se pondo. A súbita sensação de déjà vu me oprime, como se eu já tivesse visto o brilho do seu anel no sol antes, e nós estivemos aqui neste navio, juntos.

Nós já estivemos aqui antes, exatamente neste lugar e a essa hora.

Isso é tudo que eu posso pensar quando olho para ele, enquanto eu assisto o seu anel brilhar com a luz, conforme vejo-o sacudir seus cabelos ao vento.

Dare deixa cair sua mão e o sentimento diminui, mas a sensação ainda se prolonga, como os fios soltos de uma memória ou um sonho.

Encaro-o hesitante, porque o sentimento é tão avassalador.

Dare recua e olha para mim. — Você está bem?

Concordo com a cabeça, porque *Deus, é apenas déjà vu, Calla*. Isso acontece.

Mas parecia tão real. Eu balanço a minha cabeça, para mandar embora a estranheza. Eu não posso escapar da realidade, eu não posso ser como Finn. *Deus*.

A mão de Dare cobre a minha, e ficamos olhando para o oceano por mais alguns minutos.

Sua mão é quente e forte, e eu gosto disso. Eu gosto do jeito que ele a coloca nas minhas costas enquanto andamos pela praia na direção da sua moto. E eu gosto do jeito que me curvo contra ele quando volto de carona para casa. Eu saboreio tudo porque é incrível. Não importa o que mais está acontecendo, *isso* é incrível.

Eu sinto como se estivesse flutuando, quando deslizo para fora da moto e fico na frente dele.

Fazemos uma pausa, como se nenhum de nós quisesse dar um fim a este dia.

Finalmente, Dare sorri, um sorriso lento, um sorriso real que enrugava os cantos do seu olhar *Me Desafie* escuro. Ele aproxima-se e

coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, e eu juro por Deus que eu tenho que me esforçar para não inclinar em sua mão.

— Espere aqui. — ele me diz e desaparece em sua casa de campo, retornando rapidamente com o desenho dele. Ele pressiona-o em minha mão.

— Vejo você em breve, Calla-Lily. — ele promete com a voz rouca. Eu aceno com a cabeça, e vejo-o virar e ir embora.

Deus, ele é gostoso de costas.

E então eu flutuo para o meu quarto.

Não é até que eu estou olhando para fora da janela do meu quarto e vejo Finn desabar.

Ele está de pé na beira das árvores.

E ele está coberto de sangue.

Capítulo Vinte e Três

- Viginti Tres -

Na minha cabeça, tudo o que posso ver é o sangue enquanto eu movo-me para baixo nas escadas e corro para chegar ao meu irmão.

O que ele fez?

Corro para fora, mas quando eu chego onde ele estava, ele não está mais lá. Eu giro em um círculo, olhando em volta, mas não há sinal dele.

Até que eu vejo um flash de verde com o canto do meu olho, a cor exata da sua camisa.

Viridem.

Ele está indo para a praia, então eu decolo como um foguete, esmurrando as samambaias enquanto tropeço nelas no meu caminho para a costa. Eu derrapo sobre as rochas e o barro e a sujeira, e quando eu bato no fundo, ele está lá.

Simplesmente ali de pé na beira da água, esperando por mim, como se ele estivesse lá o tempo todo.

Ele permanece inerte, com as mãos ao lado do corpo e sangue corre dos seus cotovelos para suas mãos.

— Que diabos? — eu grito quando corro para ele, agarrando seus braços e examino-os. — O que você fez?

Longos arranhões esticam-se no trecho do comprimento do seu antebraço, profundos o suficiente para sangrar, talvez até uma profundidade suficiente para deixar cicatriz. Mas não é profundo o suficiente para pontos, ou para um mal permanente.

Obrigada, Deus.

Eu olho para cima freneticamente, e Finn olha fixamente para mim, seus pálidos olhos azuis tão estranhamente calmos.

— Por que você fez isso? — eu pergunto, minha voz tremendo. — Você está chateado porque eu saí com Dare? Porque você me disse para fazer isso.

— Eu não fiz isso de propósito. — ele diz mansamente. — Eu estava na floresta. Os ramos... — sua voz falha e ele realmente me faria acreditar que os ramos cortaram seus braços.

Olho para ele, incrédula.

— Eu estou estressado. — ele murmura. — Talvez tenha sido um acidente.

Abro a boca, mas ele levanta a mão.

— Calla, eu não quero brigar. E não, é claro que eu não estou chateado com você por ir com Dare. Eu quero que você saia com Dare. Eu quero que você seja independente. Você não pode ver isso? *Eu estou tentando mostrar a você.*

Seu rosto está aflito agora, mas ainda é bonito e calmo. Ele ainda é meu Finn.

— Eu não sei o que você quer. — eu admito suavemente. — Eu não quero me sentir culpada quando eu faço alguma coisa sem você, mas quando eu faço, eu tenho medo que você reaja como... *isso*.

Eu propositadamente não olho para seus braços, para o sangue que escorre na areia, manchando-a de carmesim.

— O que faremos, Finn? — pergunto silenciosamente. — Temos que controlar isso.

Ele sorri graciosamente, seus dentes perfeitamente brancos e retos. — Você diz *nós como se fosse* problema seu, Cal. Eu acho *que esse é* o seu problema. Você sempre assumiu meus problemas como se fossem seus. Eles não são. Nós somos diferentes dessa forma. Você é saudável, Cal. Aja como tal. Está na hora.

Sua voz é firme, um tom assertivo que ele raramente usa comigo e eu fico chocada, hipnotizada por este novo lado dele.

— Eu não entendo. — eu digo-lhe em voz baixa. — O que você quer?

Ele sorri de novo, e é estranho agora na luz fraca. Estranho por ser calmo, estranho por sua sabedoria.

— Eu quero que você deixe ir. — ele diz simplesmente. — Só um pouco. Você precisa.

Eu começo a balançar a cabeça, porque um desespero brota no meu peito e corre o risco de me oprimir. Ele levanta a mão.

— Não vamos discutir. — ele sugere. — Eu vou me limpar.

E assim eu arrasto atrás dele, de volta até a trilha e para dentro de casa, onde nós o limpamos e envolvemos seus braços em

ataduras. Ele não vacila quando eu espalho o spray de primeiros socorros, embora eu saiba que arde. Ele não mexe quando eu digo a ele que tem que ter mais cuidado. Ele só se mantém calmo.

É o suficiente para me aterrorizar.

Porque há uma coisa sobre meu irmão, ele nunca permanece calmo. Esse não é seu jeito.

Mas hoje é.

Nós nos enrolamos no meu quarto e ouvimos música, álbuns antigos que a mamãe amava... os Beatles, The Cure, U2. Começa a chover e ela desce no vidro como rios e, finalmente, Finn se vira para mim.

— Eu não fiz isso de propósito.

— Ok.

— Estou cansado, Cal.

E ele parece tão cansado. Tão pálido, tão magro. Eu puxo uma respiração, porque é como se ele estivesse se deteriorando na frente dos meus olhos. Papai está tão perdido em seu pesar sobre a mamãe que ele nem percebe.

Eu sou a única.

Como sempre.

— Você tem que começar a comer melhor. — digo a ele.

— Eu sei.

— Vamos tirar um cochilo, Finn. — sugiro. Ele balança a cabeça e sobe para a minha cama. Eu cubro-o com uma colcha

antes de enrolar ao lado dele. Ele adormece rapidamente, e ele não se mexe.

Abaixo dele, entre os meus colchões, seu diário descansa. Eu sei que eu tenho que me forçar a ler mais dele, não importa o quanto isso me assuste, porque eu tenho que descobrir a verdade.

Alguma coisa está incomodando-o, algo está comendo-o, e pouco a pouco, isso vai torná-lo completamente louco... se eu não parar isso primeiro.

Capítulo Vinte e Quatro

- Viginti Quatuor -

Finn

Eu não consigo dormir. Esse é o problema. Eu raramente durmo agora e a vermelhidão dos olhos está me levando ao limite. Eles queimam e queimam, e ainda o sono não vem.

Mesmo agora, eu sinto Calla me observando, esperando para que eu seja normal, esperando que eu durma, então eu finjo. Eu finjo sonhar.

Mas eu sou um farsante.

Em vez de sonhar, eu deito aqui ouvindo as vozes de merda.

*Ela Não Merece Você. Ela Não Não Não. Você Não Vê? Não Vê? Não vê?
Ela Não Sabe. Ela Não os sabe. Ela não Sabe.*

Elas assobiam e sussurram e berram e gritam e eu luto contra a vontade de recuar, arranhar, gritar. Mas apesar de tudo, eu fico imóvel como um cadáver, tão silencioso como um fantasma.

Serva me, servabo te. Serva me. Serva me.

Salve-me e eu vou te salvar.

Vou salvá-la. Eu vou eu vou eu vou.

É a minha voz agora, elevando-se acima das outras, soando alta e clara, e mais importante. Eu posso afastá-las por um tempo, tempo suficiente para fazer isso. Tempo suficiente para salvá-la.

Meu segredo será revelado. Mas antes disso, eu vou salvá-la.

Eu vou.

Capítulo Vinte e Cinco

- Viginti Quinque -

Calla

Eu não acordo até de manhã, e quando o faço, Finn saiu. Essa é a primeira coisa que observo.

Abro os olhos e minha mão percorre os lençóis lisos e frios do lado vazio da minha cama.

A segunda coisa que noto é a música de piano.

Desde que eu sei que não tem um funeral hoje, isso é muito estranho. Minha mãe era a única pessoa que sabia como tocar na nossa família.

Eu rastejo para fora da cama e travesseiros e desço as escadas, avançando para a Capela, não tenho certeza do que eu espero ver. Mas nada do que eu espero, me prepara para o que é.

Dare sentado em frente ao piano, a luz do sol derramando por entre as janelas acima e que refletem em seu cabelo escuro, como se tivesse sido escolhido pelo próprio Deus. Seus olhos fechados em concentração, ele toca como se a música fluísse através dele como sangue ou ar, como se ele tivesse que tocar para viver.

Eu me inclino contra a porta, observando suas mãos tocando as teclas, tirando a música delas, com toda a graça de um pianista. Eu não reconheço a música, mas é bonita e assustadora e triste.

É o ideal para este lugar.

E apesar de Dare estar vestindo jeans escuro e uma camisa preta confortável e aquele anel de prata moderno em seu dedo do meio, ele é certo para este lugar também.

Porque ele está tocando o piano como ele deve ser tocado.

Com reverência.

Aqui nesta capela, é apenas certo de reverenciar os arredores, a tranquilidade calma de uma sala usada para honrar os mortos.

Eu fecho meus olhos por um minuto, incapaz de parar de imaginar como seria se suas mãos adorassem meu corpo, da mesma forma como elas adoram as teclas. Meus sonhos são como preliminares, porque toda noite, ele me toca. Ele reivindica meu corpo como seu, e todas as noites, eu gosto. Agora, eu recordo esses sonhos, e minhas bochechas coram quando imagino os dedos arrastando ao longo do meu quadril, meu abdômen, parando em meus seios. Meus lábios formigando de desejo pelo seu beijo. Minha respiração engata, minha língua se lança para fora, lambendo meus lábios, meu rosto um pouco febril.

É só agora que eu percebo que a música parou.

Abro os olhos e encontro Dare virado para mim, me observando. Há diversão em seus olhos, como se ele soubesse exatamente o que eu estava sonhando.

Se alguma vez houve um momento para desejar que o chão se abrisse e me engolisse, seria agora.

— Oi. — ele oferece. — Eu espero não ter te acordado. Seu pai disse que eu poderia vir e pegar um pouco de suco de laranja. Eu vi o piano e... bem, eu me intrometi. Sinto muito.

Seu sotaque faz tudo parecer bem. E o fato de que ele toca piano. Mais do que bem, na verdade, pode fazer dele o homem mais sexy do mundo.

— Você não é um intruso. — digo a ele. Ou se ele é, ele é bem-vindo. — Você toca muito bem.

Ele dá de ombros. — Era uma das regras do meu padrasto. Todos na sua família tiveram que aprender a tocar, porque é isso que torna as pessoas refinadas. — ele parece aborrecido com o sentimento e fecha a tampa para as teclas.

Eu levanto uma sobrancelha. — Você é? Refinado, quero dizer.

Porque sua tatuagem SEJA LIVRE discorda.

Ele sorri. — Eu sou um pouco selvagem, tenho receio.

Eu não estou. Com receio, é isso.

— Seu pai pediu para lhe dizer que ele teve que correr para a cidade. — ele fala quando levanta e se move agilmente na minha direção. Eu não posso evitar, mas traço um paralelo entre... Dare e um gato selvagem gracioso. Comprido, ágil, esbelto, forte. Ele e eu estamos ligados por uma linha invisível, e ele flexiona essa linha quando desce o corredor da capela, antes de parar na minha frente como uma pantera.

Sou sua presa?

Deus, eu espero que sim.

Na luz, seus olhos são dourados, e eu acho que não consigo desviar o olhar.

— Obrigada. — digo a ele. — Eu aposto que meu irmão foi com ele. — eu não menciono que meu irmão dormiu na minha cama na noite passada, porque isso parece estranho. Como sempre, eu tenho que esconder certas coisas pelas aparências.

— Eu não sei nada sobre isso. — Dare responde. — Eu não vi Finn hoje.

— Ele deve ter ido. — murmuro. Na verdade, meu pai provavelmente levou Finn no seu grupo. Estou livre para me concentrar no que está em pé na minha frente.

Dare DuBray.

Seu sorriso brilha.

— Eu tenho uma outra pergunta a lhe fazer. — ele me diz, com uma determinada presunção em seus lábios. Eu levanto uma sobrancelha.

— O que, já? Você acabou de perguntar uma, dias atrás.

Ele ri. — Sim. Mas não aqui. Eu quero perguntar em outro lugar.

Eu espero.

E espero.

— E isso é... onde? — finalmente, eu pergunto.

Ele sorri. — Fora, na água.

Faço uma pausa. — Na água? Como, em nosso barco?

Ele balança a cabeça. — Está tudo bem?

Claro que está.

— É apenas um pequeno barco. — eu o advirto. — Nada extravagante.

— Isso é perfeito. — ele responde. — Porque eu não sou nada extravagante, também.

Au contraire. Mas é claro que eu não digo isso. E é uma coisa boa que eu dormi nas minhas roupas, pois desta forma, podemos ir direto para lá sem pausa. Mas é claro que eu não digo ambos.

Em vez disso, eu simplesmente lidero o caminho ao ar livre e para a praia, não hesitando na chuva.

— Nós ainda podemos ir. — digo a ele. — É só um pouco de chuva, as ondas não estão ruins.

— Eu não estou preocupado. — ele sorri. — Eu estou acostumado com a chuva.

— Isso mesmo. — eu respondo, enquanto aceno para ele subir à bordo. — Eu esqueci.

Ele dá um passo à frente e eu desato o barco do cais, antes de lançar a corda para ele. Eu pulo antes que o barco possa flutuar para longe, e pouso sem a menor cerimônia ao lado dele.

Ele senta contra o casco conforme eu guio através da baía e, de repente, a chuva para tão repentinamente quanto começou. Separando as nuvens, o sol brilha sobre nós e eu levanto o meu rosto para o calor.

Eu vivo para tempos como este, quando a minha dor faz uma pausa longa o suficiente para eu desfrutar de algo.

E eu tenho que admitir, estive aproveitando mais e mais momentos desde que Dare chegou à minha montanha.

— Você me faz sentir culpada. — digo-lhe em voz baixa, abrindo os olhos. Ele está esparramado, com as pernas apoiadas no assento. Ele olha para mim, com a testa franzida.

— Por que isso acontece, Calla-lily?

O nome me faz sorrir.

— Porque você me faz esquecer que eu estou triste. — eu digo simplesmente.

Suavidade vacila nos olhos de Dare por um minuto antes de voltarem para obsidiana. — Isso não devia fazer você se sentir culpada. — ele me diz. — Na verdade, isso *me* deixa feliz. Eu não gosto da ideia de você estar triste. Vem sentar-se comigo.

Ele abre os braços e eu sento-me no assento ao lado dele, inclinando-me contra seu peito duro e em seu coração batendo. Seus braços fecham ao meu redor e, pela primeira vez na minha vida, eu estou descansando no abraço de um cara. E não é qualquer cara. É em Dare DuBray, que eu estou supondo que poderia ter qualquer garota que quisesse.

E agora, neste momento, ele me quer.

É incompreensível.

É a temperatura perfeita e nós passeamos ao sol, tanto que o calor satura minha camisa e encharca a minha pele. Eu arrasto uma mão sobre o lado, deixando-a flutuar na superfície da água quando escuto o coração de Dare.

Ele é forte e alto em meu ouvido.

Thump. Thump. Thump.

O som ritmado me lembra o dia em que ele estava esmurrando a madeira.

Eu olho para ele, relutante em trazer isso à tona, mas querendo saber a resposta.

— Aquele dia lá fora. — eu começo. — Quando você estava socando a madeira. O que estava deixando você exatamente tão chateado?

Ele quase se encolhe, mas não se move. Ele mantém seus braços apertados ao redor dos meus ombros e seus olhos escuros fechados.

— Por que temos que falar sobre isso? — ele pergunta, sua voz rouca relaxada. — Eu pensei que você quisesse ouvir a minha pergunta?

— Eu quero. — eu digo-lhe rapidamente. — Mas eu quero ouvir isso primeiro. Você me disse que estava com raiva de si mesmo, que você estava deixando algo chegar até você. O que era?

Porque eu tenho que saber.

Ele suspira e abre seus olhos lindos.

— Você. — ele diz em voz baixa, a palavra rastejando ao longo da borda do meu coração. — Eu estou deixando você chegar em mim.

Eu sugo minha respiração e viro, tentando ver mais do seu rosto, tentando entender a sua resposta.

— Por que isso te chatearia? — pergunto-lhe, hesitante. — Eu sou uma garota, você é um cara, eu acho que é uma coisa

completamente normal.

Ele fecha os olhos novamente, mas seus braços ainda estão em volta de mim. Graças a Deus.

— É. Mas você não está em um lugar bom e eu acho que eu estava chateado com o acaso por seu péssimo momento.

Fico em silêncio, porque eu não sei o que dizer, e Dare abre um olho.

— Em casa, as garotas frequentemente querem namorar comigo por causa da família do meu padrasto, porque eles têm um monte de dinheiro. Eu odeio tudo isso, mas eu particularmente odeio a parte onde eu nunca sei quando alguém é sincero e quer estar perto de mim simplesmente por quem sou.

Ele faz uma pausa por um minuto. — Você não tem ideia de quem eu sou, mas você gosta de mim do mesmo jeito.

Estou desesperadamente confusa agora. — E isso é uma coisa ruim?

Ele balança a cabeça e abre os olhos e olha para a água. — Não, é apenas um momento ruim. Você não está pronta para alguém como eu. Você não está em um bom lugar.

Isso me irrita e eu dou de ombros para fora dos seus braços. — Não estou em um bom lugar? Minha mãe acabou de morrer. Eu mal estou equilibrando na beira ou algo assim. As pessoas morrem, e é chato, mas isso não significa que eu sou uma florzinha frágil.

Ele nivela seu olhar com o meu, um olhar tão negro como a noite. — Seja como for. — ele admite. — Você ainda está de luto. E não podemos começar algo bonito quando ainda há tanta feiura em torno de nós.

Estou atordoada e triste e silenciosa quando olho para longe dele, em direção ao lado oposto do barco. Então, ele gosta de mim, mas ele não pode estar comigo. Que raio de coisa é esta?

Depois de um minuto, ele vira meu queixo com o polegar, fazendo-me olhar para ele.

Eu não quero, mas, novamente, eu faço. Porque, mesmo quando ele é irritante, ele é lindo.

— Pergunte-me qual é a minha pergunta. — ele me instrui.

Eu levanto meu queixo.

Não.

— Vá em frente. — ele insiste. — Pergunte-me.

Eu quero saber. Eu quero saber por que ele me queria aqui fora no meio da água para que pudesse perguntar. Eu quero saber o que é. Eu quero saber o que poderia ser. Então eu pergunto.

— Qual é a sua pergunta?

Ele sorri e eu juro que é mais brilhante do que o sol.

— Calla, eu quero você.

Eu sugo meu fôlego com isso. Eu espero e espero e espero por uma pergunta, tudo isso enquanto seus olhos penetram na minha alma.

— Eu acordei no meio da noite querendo você. Eu sonho com você. Mas agora, você está amarrada em um monte de coisas dolorosas, difíceis. Eu preciso ter certeza de que você não está apenas atraída por mim, porque você está confusa. Eu quero ter certeza de que você *realmente me quer*. Eu estou disposto a ser

paciente e descobrir. Então, minha pergunta é, você pode ser paciente e esperar também?

Ele quer ficar comigo? Isso é tudo que eu posso pensar e não importa que ele queira esperar até a minha mente estar limpa. É claro que eu vou esperar.

Começo a acenar e perguntar quanto tempo, mas ele continua.

— Você pode esperar, não importa o que aconteça nesse meio tempo?

Faço uma pausa, porque é uma coisa estranha de se dizer. Eu devo parecer tão confusa quanto eu sinto, porque Dare estende um dedo e toca meus lábios.

— Não pergunte, porque eu não posso te dizer agora. Todo mundo tem segredos, Calla, até mesmo eu. Mas você pode esperar até que tenhamos uma chance justa, apesar dos segredos?

Deus, eu estou cansada de segredos.

Mas Deus, eu quero Dare ainda mais.

— Com uma condição. — eu encontro-me dizendo. Dare levanta a cabeça, surpreso.

— E qual é?

— Eu não tenho muita experiência com caras como você. — digo a ele. *Ou caras, ponto final.* — Mas eu quero você. Você é tudo o que eu penso.

Os lábios de Dare se curvam. — Eu me sinto da mesma maneira.

— Então, eu não sei como você pode me pedir para esperar. Eu só tenho o verão, Dare. E então eu vou embora para a faculdade. — faço uma pausa e meu coração vibra. — Mas se é importante para você, eu vou esperar por mais um pouco. *Muito* pouco tempo. Mas só se você fizer uma coisa para mim.

Ele espera, seu olhar escuro pensativo.

— Dê-me uma razão.

As palavras estão fora antes que eu possa repensá-las e levá-las de volta.

Percepção nubla seus olhos e antes que eu possa piscar, estou em seus braços novamente, puxada contra o seu peito e sua boca está devastando a minha. Seus lábios, fortes, mas suaves, fecham sobre os meus, saqueando-os, ferindo-os, acariciando-os.

Beijá-lo é tudo o que eu pensei que seria.

Eu suspiro em sua boca e ele inala conforme me inspira. Suas mãos traçam o contorno das minhas omoplatas e as minhas costas, até meus quadris. Elas são como imaginei, fortes, mas suaves.

Ele me embala para ele, e meus quadris encontram uma rigidez súbita, seu desejo muito claro por mim. Estou surpresa com a dureza. Mas, então, alimenta o fogo que eu sinto, correndo ao longo de minhas veias, bombeando através do meu coração. Eu queimo porque ele está duro por mim.

Ele me quer.

Minha língua gira em torno dele, antes de mordiscar seus lábios. Ele geme quando pressiono com mais força contra ele, me firmando entre suas pernas, roubando sua respiração. Suas mãos sobem, em direção aos meus seios, apertando meus mamilos

endurecidos com os polegares. Ele permanece lá, por um momento, transformando meus pontos em pedras enquanto ele roça a suavidade no meu pescoço, os lábios abrindo caminho.

Finalmente, ele se afasta, sua respiração irregular, como se ele tivesse queimado. E eu suponho que ele tenha sido. Então, eu também. A química entre nós é um relâmpago quente.

Ele me mantém no comprimento do braço enquanto recupera a compostura.

Então ele olha para mim e dá o sorriso mais diabólico.

— Isso serve?

Sua pergunta é leve e brincalhona, mas o significado realmente não é.

Porque o que ele está pedindo realmente é... é o suficiente por agora? É o suficiente para me segurar? O suficiente para me fazer esperar?

E a resposta é... eu não sei.

Eu não sei porque, se ele está esperando até que o pior da minha tristeza termine, ele poderia ter que esperar por um tempo. O luto é uma coisa imprevisível, e honestamente, eu não acho que ele realmente vá embora. Eu acho que nós apenas aprendemos a gerenciá-lo.

E talvez isso seja realmente o que ele está esperando. Que eu gerencie... minha dor, minha vida, Finn. Há muita coisa lá para gerenciar. Um monte de obstáculos.

Mas quando eu olho para ele, para a forma como a luz torna seus olhos escuros em âmbar, para a forma como a luz do sol o

banha em um brilho dourado e a conexão entre nós chia quente e perigosa, eu sei de uma coisa.

Ele vale a pena a espera.

Apesar dos nossos segredos.

Ou talvez até mesmo por causa deles.

Capítulo Vinte e Seis

- Viginti Sex -

Finn

Eu enrolo no chão do meu quarto, onde a poeira assenta nos cantos e a chuva mais uma vez mergulha no peitoril. Eu deveria me levantar e fechar a janela, mas eu não levanto.

Você Não Pode. Você Não Pode. Você Não Pode.

A voz grita nos meus ouvidos e eu aperto as mãos sobre eles, segurando firme, tentando afogá-la, o que obviamente não funciona. Porque as vozes vêm de dentro.

Ouçó Calla entrar, eu a ouçó cantar no chuveiro, feliz com as coisas que eu não tenho conhecimento, mesmo que eu tenha.

Eu sei que Dare a faz feliz.

Ele lhe dá esperança, quando tudo o que eu lhe dou é o desespero.

Eu deixo cair a minha cabeça em minhas mãos.

Apenas um pouco mais.

Só um pouquinho pouquinho pouquinho.

Ela Não Vale A Pena A Dor Não Vale Não Vale.

As vozes são insistentes, mas eu sei que elas mentem. Ela *vale a pena*. Eu posso conseguir isso por ela. Eu preciso, porque ela merece.

~~Aja normal:~~

Sento-me, tirando meu cabelo úmido longe do meu rosto.

Por um pouco mais de tempo.

Eu posso fazer isso. Eu posso fingir.

Por

Pouco

Tempo

Eu assisto as partículas de poeira rodopiarem à luz morrendo, golpeando-as antes de eu enrolar em uma bola.

Por Calla.

Capítulo Vinte e Sete

- Viginti Septem -

Calla

Sento-me enrolada em uma cadeira na varanda lateral. A partir daqui, tenho a perfeita vista panorâmica do oceano, das falésias, cascatas e montanha.

Eu assisto Finn cortar ainda mais madeira, sua pele pálida brilhando por causa do suor no sol da manhã. Ele não dormiu comigo ontem à noite, por isso, aparentemente, ele não teve pesadelos. Mas, mesmo assim, ele saiu para cortar lenha quando eu cheguei, por isso, ele está claramente incomodado com alguma coisa. Ele me disse uma vez que acalma os nervos e, ultimamente, ele está cortando pilhas e pilhas. Então os nervos devem estar realmente agitados.

Mexo meu café, tomo um gole, em seguida, tomo uma respiração profunda do ar puro das montanhas. O crematório do meu pai não está queimando hoje, portanto, não há fumaça turva para poluir o ar.

— Você gostaria de companhia?

A voz de Dare é tranquila à beira da varanda, enquanto ele permanece no degrau mais alto. Meu coração pula um pouco, assim como toda vez que eu o vejo. Eu aceno, com um sorriso.

— Claro. — empurro a outra cadeira para longe da mesa com o meu pé. — É uma manhã perfeita.

Ele concorda quando se senta, uma xícara de café em sua própria mão.

Quando ele olha para a montanha, eu enfio o diário de Finn ainda mais para baixo no meu bolso. Eu queria começar a ler mais esta manhã, uma vez que tempo sozinha é raro na minha casa. Mas eu posso fazer isso mais tarde. Eu não posso dispensar um tempo com Dare, não agora que ele decidiu que deveríamos *esperar*.

Ugh.

Eu forço um sorriso, porque esse pensamento me deixa mal-humorada.

— Você acordou cedo. — eu indico. Ele sorri de volta, seus olhos sonolentos.

— Eu não dormi bem. — ele admite. — Então, levantei cedo para uma corrida. Eu ainda me sinto tonto, então eu vim para o café. Seu pai me deu um convite aberto para invadir sua cozinha.

Eu penso sobre isso por um segundo. Meu pai não é normalmente todo social, apesar do fato de que ele tem que ser no seu trabalho. Ele tem que ser um profissional para lidar com as pessoas aflitas, ser apropriado e gentil. Mas nas suas folgas, ele normalmente não gosta de interagir.

— Ele deve gostar de você. — eu decido.

— Você parece surpresa. — Dare sorri. — Pessoas gostam de mim, você sabe.

— Você disse que elas gostam de você por causa do dinheiro do seu padrasto. — eu me lembro. — Meu pai não sabe nada sobre

isso.

Seus lábios se contraem. — Bem, as pessoas podem realmente gostar de mim também. Eu não sei. Mas eu acho que eu sou bastante simpático.

Justo.

Lembro-me do modo como foi ter seus quadris empurrados contra os meus, e eu coro.

— Você fica bonita quando cora. — Dare diz isso com naturalidade, quando olha para mim por cima da borda de sua caneca de café. Eu coro mais e ele sorri. — Porém, você é bonita o tempo todo. — ele altera, o que naturalmente ilumina meu rosto em chamas.

— Você está tentando me fazer corar agora. — eu acuso. Ele sorri de novo, nem um pouco arrependido.

— Estou? — ele pergunta, sem qualquer pesar.

Concordo com a cabeça distraidamente, observando Finn por cima do ombro. Meu irmão está atacando a madeira com uma vingança.

— Ei. — Dare, diz, trazendo o meu foco de volta para ele. — Eu gostaria de fazer outra pergunta.

Eu espero.

Ele sorri.

— Diga-me por que você ainda não teve um namorado de verdade. — é uma afirmação, não uma pergunta. Ele, é claro, me faz corar mais uma vez, um vermelho selvagem que se espalha como fogo para o meu peito. Dare balança a cabeça.

— Não se sinta constrangida. Eu gosto bastante disso, na verdade. Eu estou apenas curioso para saber como você permaneceu um tesouro desconhecido.

Deus, eu amo o jeito que ele fala, é tão britânico e tão refinado.

Eu dou de ombros. — Eu sempre fui a Garota da Casa Funerária, lembra? Ninguém nunca quis se aproximar o suficiente para me conhecer. O simples fato de eu morar em uma casa funerária com o meu irmão louco é o suficiente para assustar.

— Isso não pode ser verdade. — Dare argumenta. — Você é linda. Os adolescentes nunca pensam através da lógica. Eles pensam com a virilha das suas calças, e a virilha deles reagiria a você. Confie em mim.

Oh, eu confio. Especialmente quando eu me lembro como a sua virilha reagiu a mim ontem. Uma inundação de poder feminino e luxúria se espalha através de mim, de repente, como uma onda, e eu quero afundar nela para sempre. Mas eu não faço isso. Eu viro minha atenção de volta para Dare e dou de ombros novamente.

— Eu acho que eles esconderam bem, então, porque eu fui praticamente condenada ao ostracismo. Está tudo bem. Não se preocupe comigo. Eu vou embora daqui, lembra? Eu nunca terei que vê-los novamente, e nem meu irmão.

Meu irmão.

Eu olho para a fogueira e fico surpresa ao descobrir que ele se foi. Eu faço a varredura da trilha e da praia, e eu não o vejo ali, também. Talvez ele foi tomar banho.

Eu olho para Dare. — E você? Você teve alguma namorada séria?

Com certeza.

Ele dá de ombros, minimizando qualquer papel que elas poderiam ter feito na sua vida. — Oh, houveram meninas. — ele admite.

Eu levanto uma sobrancelha. — Então você é um jogador?

Ele ri. — Eu invoco a quinta emenda[25].

Eu olho para ele. — Você não é americano. Eu não tenho certeza se a nossa Constituição se aplica a você.

Ele ri novamente.

— Qual é a sua cor favorita? — ele pergunta, em vez de responder.

— *Viridem*. — eu respondo imediatamente. — Verde. Significa vida. Eu gosto disso.

Dare assente. — Eu gosto disso também. E eu gosto que você saiba Latim.

Eu sorrio por causa do nosso jogo de perguntas e respostas. — Finn sabe Latim. — eu corrijo. — Eu só peguei algumas coisas dele.

— Por que ele ama tanto Latim?

Eu balanço minha cabeça, procurando por Finn na trilha novamente, mas ele não está lá.

— Ele quer ser um médico. Um psicólogo, na verdade. Latim é a base para a terminologia médica, então eu acho que ele acha que terá um grande começo.

— Inteligente. — Dare acena com a cabeça.

Eu tenho que concordar. — Finn é brilhante. — eu digo a ele.
— Verdadeiramente.

— Você não está dizendo isso só porque vocês são gêmeos? —
Dare brinca. Eu balanço minha cabeça.

— Nah. Ele é muito mais inteligente do que eu.

— Eu duvido disso. — Dare diz. — Você parece mesmo
bastante brilhante.

— Não sou inteligente o suficiente para ficar longe de você. —
eu respondo sem pensar. Dare quase arranca a cabeça ao levantar
para trás.

— De onde veio isso? — ele olha para mim, os olhos
arregalados.

Eu honestamente não sei.

— Eu acho que eu estou apenas frustrada com o seu "esperar
para ver". — murmuro. Dare inclina a cabeça.

— A paciência não é uma virtude sua?

Eu balanço minha cabeça. — Infelizmente, não.

— Mas as coisas boas vêm para aqueles que esperam. — Dare
ressalta.

— Eu não sou ketchup. — eu rebato. Ele olha para mim em
confusão.

— Isso foi um velho slogan de ketchup alguns anos atrás.

Ele balança a cabeça. — Americanos. Vocês amam seus
condimentos.

Ouço um carro esmagando o cascalho da unidade, e eu olho em volta de Dare e vejo o meu pai estacionando o carro fúnebre.

— Ugh. Há um funeral hoje. Você pode querer sair de casa, se você não quiser ser cercado por prantos.

Dare parece despreocupado enquanto toma um gole de café.

— Quer me dar um tour por Astoria? — ele pergunta casualmente, levantando-se e alongando. Eu distraio, mais uma vez com a faixa plana do seu abdômen, que aparece quando a camisa levanta. Ele me pega olhando e sorri. — Meu abdômen virá também. — ele acrescenta arrogante.

Eu reviro os olhos.

— Você está tentando me subornar?

Seus olhos escuros encontram os meus. — Eu farei o que for preciso. Eu vou sem camisa se você quiser

Meu coração não aguentaria isso.

De repente fica difícil engolir e eu preciso de uma distração. E eu preciso ficar longe do funeral iminente.

— Está bem. — eu concordo. — Vamos. Mas só se você dirigir. Com uma camisa.

— Feito. — ele diz, triunfante.

Só que eu sou a única triunfante alguns minutos mais tarde, quando eu envolvo meus braços na sua cintura e nós deslizamos montanha abaixo. A frente do meu corpo está pressionada nas suas costas, e encaixamos como peças de um quebra-cabeças perfeitamente colocadas.

Eu o levo para o meu café favorito primeiro, onde sentamos e saboreamos um pequeno expresso. Estamos sentados na sombra e a brisa da manhã está realmente fria, por isso, quando Dare nota meu arrepio, ele coloca o braço na parte de trás da minha cadeira e eu aconchego em seu braço.

Eu quero ficar assim pelo resto do dia, ou talvez até mesmo para sempre, mas dentro de vinte minutos, Dare olha fixamente para mim.

— O que vem depois, guia turística?

Eu suspiro.

— Você é um chefe que castiga.

Mas com os meus braços em volta dele novamente na parte traseira da sua moto, eu mal posso chamar isso de castigo.

— Eu quero ver onde era a sua escola. — ele grita para trás, sobre o vento. Então eu o conduzo até a escola de Astoria. Ele estaciona na frente, e eu só desejo que os meus antigos colegas de classe estejam aqui para testemunhar Calla Price andando na traseira da moto de Dare DuBray. A vitória seria minha, porque ele é muito mais sexy do que qualquer um deles poderia jamais sonhar em ser.

Mas é verão, então ninguém está aqui para ver.

Dare distancia poucos passos da moto e tira o capacete, a brisa despenteia seu cabelo escuro. Ele está absurdamente bonito, conforme avalia a escola, com a mão protegendo os olhos do sol.

— Então, este é o lugar lendário do tormento?

Concordo com a cabeça. — Infelizmente.

Dare olha para mim. — É apenas um edifício, Calla. Não pode ferir você.

— As pessoas dentro dele podem. — aponto, as cicatrizes das palavras delas impressas na minha memória. — As palavras podem machucar as pessoas tanto quanto uma arma.

Ele balança a cabeça. — Eu sei. Mas o que acontece quando você fica mais velho, é que você percebe que as pessoas na escola nunca foram muito importantes para você em primeiro lugar. Elas são apenas crianças estúpidas que não sabem nada. Você seguirá em frente e fará grandes coisas, e elas vão ficar aqui nesta pequena cidade e fazer nada. Você vai ganhar.

Eu fico olhando para ele. — E como exatamente você sabe disso?

Ele dá de ombros. — É apenas matemática. Eu li um estudo, uma vez, que dizia que mais da metade da população nunca se mudará para mais distante do que trinta quilômetros da sua cidade natal. Suponho que não há um monte de oportunidade brilhante aqui. Assim, seus colegas que ficam nunca salvarão o mundo ou nada.

— E eu vou? — minha voz é afiada.

Dare não hesita. — Você vai mudar o mundo de *alguém*. Tenho certeza disso.

Meu interior inunda com calor porque eu acho que ele quis dizer ele mesmo. Mas, então, o meu sangue vira gelo frio com uma realização. Se eu mudar o mundo de alguém, será o de Finn, por isso duvido que terei tempo para mudar o de Dare também. Eu não sou talentosa o suficiente para fazer as duas coisas.

Fico desanimada com isso quando viro e olho para os tijolos vermelhos desbotados da minha escola, para as portas que eu temi

atravessar todas as manhãs, durante quatro anos.

Assusto quando o diretor passa por elas agora.

Ele fica assustado por me ver também.

— Senhorita Price. — ele diz rapidamente, e atravessa a calçada, em direção a mim. Eu não estou acostumada a vê-lo com roupas casuais, por isso sua bermuda e camisa polo me surpreendem.

— Oi Sr. Payne[26]. — a ironia do seu nome não passa despercebida por mim.

— Como você está? — ele pergunta, seu tom de voz ao mesmo tempo caloroso e nervoso. Eu entendo. Ninguém sabe o que dizer a alguém que perdeu um ente querido. É uma situação difícil. — Você esteve muito em meus pensamentos ultimamente, Calla. Minha esposa tem perguntado frequentemente se eu sei como você está.

— Eu estou bem. — eu minto. — Estamos suportando por lá.

— E seu pai? — ele pergunta.

— Tão bem quanto se pode esperar. — eu digo a ele. — Vou dizer que você perguntou por ele.

— Bem, esta é uma comunidade pequena, Calla. Todo mundo odiou saber da sua perda. Se você precisar de alguma coisa, para a faculdade ou para qualquer outra coisa, apenas fale comigo.

Concordo com a cabeça e ele sai apressado em direção ao seu carro como se ele não pudesse ficar longe de mim rápido o suficiente.

— Ugh. — eu balanço minha cabeça. — Ele está todo disposto a ajudar agora, mas ele nunca levantou um dedo quando Finn continuava levando empurrões em armários no nosso primeiro ano na equipe de futebol. Ou quando eles puxavam as calças dele no nosso primeiro ano. Ou todo o período no meio disso. E ele não consegue nem mesmo perguntar diretamente sobre ele agora. Eles pensam que ele é louco e não vale o seu tempo. Isso me enoja. Toda esta cidade me enoja.

Eu viro para a moto e Dare agarra o meu braço, me forçando a fazer uma pausa.

— Eu entendo a sua raiva, Calla. Mas me faça um favor, ok? Uma das mais belas coisas sobre você é o seu espírito. É refrescante... para mim, e para qualquer outra pessoa que o vê. Portanto, não deixe que nada te torne feia, ok?

Suas palavras são tão honestas que me congelam em meus pensamentos, e fazem com que eu perceba uma coisa. Eu não posso deixá-los me tornar tão feia como eles. Concordo com a cabeça lentamente.

— Você está certo, eu acho. Eu não posso consertar as mentes pequenas deles. Então, eu não posso deixar isso me afetar.

Dare assente. — Exatamente. Quer sair daqui?

— Sim. — minha resposta é imediata.

Voltamos para a sua moto e arrancamos para a estrada, e eu tento muito mesmo deixar minha amargura para trás, na escola, onde ela pertence.

Nós dirigimos todo o caminho para Cannon Beach em uma estrada à beira-mar. Nós caminhamos até Haystack Rock e olhamos para o oceano quando nos inclinamos contra as rochas. Ficamos

maravilhados com o quão grande ele é, enquanto nós somos tão pequenos.

No horizonte, um veleiro desliza sobre a água, suas velas brancas ondulantes no céu, como nuvens.

Nós dois olhamos para ele por um tempo, até que ele desaparece de vista. Finalmente, Dare se vira para mim.

— Depois que minha mãe morreu, alguém me deu um poema para ler, e isso realmente ajudou.

Eu fico olhando para ele, não convencida. — Um poema?

Ele sorri. — Eu sei. Mas sim, ajudou. Era sobre um navio e como o navio não perde seu valor ou sua utilidade ou o que *for*, simplesmente porque ele navega para longe da vista. Continua grande e valioso, e ainda existe, mesmo que não possa vê-lo. Então, de certa forma, morrer é como um navio que navega para outro destino.

Eu fico olhando para ele, e há algo grande entre nós, algo que não foi dito, mas grande do mesmo jeito.

— Eu já li esse. — eu digo a ele. Porque eu vivo em uma casa funerária, eu já li todos os poemas sobre a morte. — Esse é um bom. Provavelmente melhor do que a história da libélula que Finn me contou.

Dare dá um sorriso pequeno e ele não pede para ouvir a história, mas no caminho de volta até sua moto, ele pega a minha mão e a segura. Eu não afasto, eu só saboreio a sensação dos seus dedos longos entre os meus.

Nós dirigimos 40 minutos de volta para Astoria com o sabor do mar em nossos lábios e a sensação do peito de Dare sob meus

dedos. É um bom passeio, e eu odeio vê-lo chegando ao fim quando nós marchamos lentamente pelas ruas de Astoria.

Eu particularmente odeio quando nos dirigimos lentamente para o Cemitério Ocean View.

Eu olho para longe dos seus portões de ferro forjados e colunas de tijolos, das árvores que choram ao longo dos caminhos sombrios lá dentro. Porque eu sei, que na parte de trás dos túmulos perfeitamente alinhados, há um grande anjo branco que está sobre uma lápide de mármore branca. LAURA PRICE está lá embaixo da superfície, dormindo eternamente, para sempre longe de mim.

Eu aperto meus olhos com força, e eu devo apertar Dare também, porque ele vira levemente.

— Você está bem?

Concordo com a cabeça contra suas costas. — Sim.

Mentira.

Dare repara no cemitério, e eu sinto-o um pouco tenso.

— Você está cercada por isso aqui. — ele me diz, com a voz tão suave e tranquila, que pode ter vindo da traseira da moto. — A fim de seguir em frente, você tem que mudar para longe.

Concordo com a cabeça, porque eu sei.

Quando eu viro a minha cabeça, abro meus olhos e, quando faço isso, noto alguma coisa.

Finn.

De pé nos portões do cemitério, observando-nos ir embora.

Ele não grita, ele não me persegue, nem parece irritado. Mas a expressão ainda está lá em seu rosto... a expressão que me diz que eu o decepcionei. Eu lhe disse que visitaria nossa mãe com ele, e eu não fui. E porque eu não fui, ele foi sozinho.

Eu fecho meus olhos.

Capítulo Vinte e Oito

- Viginti Octo -

Finn

Está na hora.

As vozes são insistentes, mais do que de costume, mais do que nunca.

Está na hora Está na hora Está na hora.

Hora de que?

Eu murmuro ao longo da estrada do cemitério, até a montanha para minha casa, onde eu fico nas árvores e assisto a minha irmã quando ela se despede de Dare e espera por mim. Eu sei que ela está esperando por mim, porque ela sempre espera.

E a menos que eu faça alguma coisa, isso é o que ela sempre fará.

Faça Isso Faça Isso Faça Isso Faça Isso.

De repente eu sei o que fazer, e eu me dirijo ao longo do caminho para o cais. Não importa que ela não tenha ido para o cemitério comigo, porque eu sei que ela teria tentado se eu tivesse forçado o assunto. Ela teria tentado e ela estaria miserável, porque

ela não está pronta. Eu não posso forçá-la a ficar pronta. Tem que acontecer em ordem.

Tem que acontecer em ordem.

Há uma ordem.

Tem

Que

Acontecer

Em

Ordem.

Navegue para longe e não volte, uma voz sussurra. Faça-aVerAOrdem.

Não, outra voz argumenta.

IssoÉCulapDelaCulpaDelaCulpaDela.

As vozes argumentam e eu deixo-as, enquanto continuo andando na brisa do mar em direção ao barco. Subo e levanto a âncora.

Capítulo Vinte e Nove

- Viginti Novem -

Calla

Quando volto para casa, eu ando com Dare até a sua casa.

— Obrigada por hoje. — digo-lhe em voz baixa. — Eu precisava sair.

— Você precisava. — ele concorda comigo. — E você ainda precisa.

Eu engulo em seco, porque ele está certo. Eu preciso ficar longe, muito longe da morte e de Astoria e daqui. Mas cada vez mais, eu sinto que eu não posso. Eu nunca conseguirei ficar longe realmente, porque eu não posso deixar Finn. Mesmo se eu o seguir para o MIT, eu ainda ficarei cercada por isso, para sempre.

Mas eu não digo isso, óbvio, porque é deprimente e ele simplesmente argumentaria.

Então, em vez disso, eu simplesmente inclino-me e beijo o rosto de Dare perfeitamente esculpido, desejando com todas as minhas forças que eu pudesse ficar em seus braços e ele pudesse me confortar e me beijar e me segurar para sempre.

Mas eu não posso, porque estamos *esperando*.

Esperando que eu trabalhe com algo que não pode ser trabalhado.

Dare desaparece no lado de dentro e eu espero na minha varanda pelo meu irmão.

Minha bunda está doendo com o banco duro e eu já bati em cem mosquitos quando meu pai finalmente sai e me dá um copo de limonada.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta enquanto eu sorvo o líquido azedo.

— Esperando por Finn. — eu digo a ele. — Eu o vi no cemitério. Ele foi sozinho. Ele precisará falar sobre isso.

Meu pai parece aflito e eu sei que é porque ele também ainda não foi lá.

— Não se sinta mal, papai. — digo rapidamente. — Eu realmente não fui lá ainda, de qualquer forma. Apenas passei por lá. Eu não consegui me obrigar a ir.

Ele balança a cabeça lentamente. — Um dia desses. — ele começa a dizer, com a voz sumindo. E eu sei que um dia desses passou pela cabeça dele.

Eu sorrio e finjo que ele vai realmente fazer isso.

Ele me deixa em paz e desejo por um segundo que ele não tivesse, porque eu estou sozinha e eu poderia usufruir de alguma companhia, enquanto espero. De vez em quando, eu acho que eu vejo as cortinas de Dare se moverem, como se ele estivesse mantendo um olho em mim, mas eu provavelmente estou imaginando.

A limonada finalmente tem seu efeito sobre mim, e eu entro para usar o banheiro. Quando eu estou lavando as mãos, um brilho de prata me chama a atenção sobre o balcão.

O medalhão do Arcanjo São Miguel de Finn.

É um pequeno disco de prata em homenagem ao arcanjo São Miguel que minha mãe comprou para Finn no Natal do ano passado. Nós não somos católicos, mas ela adorou a ideia de que é para dar coragem e manter quem o usa fora do caminho do mal. Ela sabia que Finn precisava dessa proteção, com certeza. Ele nunca tira. Ele até dorme com ele.

Mas aqui está, largado no balcão do banheiro.

Eu o pego com os dedos trêmulos.

Onde ele está?

Corro de volta para fora da casa, com a intenção de pedir ao Dare para me levar de volta para a cidade para procurá-lo, quando olho para baixo, na praia, e vejo que o nosso barco está desaparecido da encosta.

Uma vez que meu pai está em casa e Dare está na casa de campo, só há uma pessoa que poderia ter pegado.

Finn.

Eu corro pela trilha para a praia, e sento-me com as pernas balançando no cais. Porque só há uma coisa a fazer.

Aguardar.

Eu espero até que meu corpo fica duro, até que o sol se afunda no céu baixo, e Finn ainda não voltou. Eu começo a ficar

chateada de verdade, porque ele tinha que saber que eu ficaria preocupada.

Ele está fazendo isso de propósito, eu decido. Para me ensinar uma lição.

Raiva ferve meu sangue e eu piso de volta até a casa onde arrumo algumas coisas na cozinha para fazer um sanduíche para o meu pai.

Ele olha para mim com surpresa. — O que você tem?

— Finn saiu de barco sozinho. — eu atiro. — Ele está com raiva de mim, obviamente.

Meu pai dá um tapinha no meu ombro. — Ele navega desde que nasceu. Ele está bem. — é tudo o que ele diz. Quero pegar sua mão e retirá-la, porque ele está tão envolvido na sua própria tristeza que não consegue ver qualquer outra pessoa.

— Você não sabe. — eu atiro novamente.

— Eu sei. — ele diz, confiante. — Ele ficará bem.

Eu não consigo ao menos suportar ficar e comer com ele, então eu caminho de volta para fora da porta, mas no meio do caminho uma ideia me ocorre, algo que eu nunca tinha pensado em fazer antes.

Faço uma pausa no bar do meu pai.

E então eu pego uma garrafa de gin, a bebida preferida do meu pai.

Ele certamente esteve bebendo muito nas últimas semanas, tentando esquecer sua dor e seus problemas. Eu posso fazer isso também. Se funciona para ele, funcionará para mim. Aperto o

frasco entre meus dedos enquanto corro os degraus abaixo para a varanda.

Eu acho que vejo as cortinas da Carriage House em movimento, e eu acho que sinto Dare me olhando através do vidro, mas não paro. E não coloco a garrafa no chão. Eles podem todos me julgar. Eu não me importo.

Eu mereço um descanso da realidade.

Eu deslizo para baixo na trilha, através da areia úmida e sento-me no cais com a minha garrafa de gin. Depois de alguns minutos, a abro e tomo um gole.

Eu quase que imediatamente cuspo o líquido vil, tusso enquanto o material queima, abrindo caminho pela minha garganta e barriga. Eu posso sentir o calor, descascando o tecido do meu esôfago e eu quero jogar o resto da garrafa no mar.

É nojento. Como é que alguém pode beber isso por vontade própria?

Mas, quando espero por alguns minutos, em seguida, uma hora, depois duas, eu pego a garrafa de volta.

Eu fico olhando para o horizonte vazio, e tomo um gole, forçando-o para baixo. Fico olhando para as estrelas, para a Andrômeda irritante e sua história de amor estúpido, e tomo um gole. E em pouco tempo, depois de quinze goles, minha barriga está quente e minha memória parece confusa.

Uma sensação de êxtase de deslocamento de nevoeiro me envolve, e eu já não sinto minha garganta crua ou o líquido nojento descendo. Eu bebo mais e mais, até que eu caio de costas no cais e olho para o céu, apreciando a forma como as estrelas rodam e rodopiam ao meu redor, como se eu estivesse em um carrossel e elas fossem os espelhos.

Eu fecho meus olhos por um minuto, e minhas pálpebras giram também, voltas e voltas, até que eu realmente começo a sentir tonturas.

Abro os olhos, e Dare está de pé em cima de mim, inclinándose sobre a borda da minha periferia horizontal.

Eu sorrio. Eu acho.

Ele sorri de volta.

— Quanto você bebeu? — ele pergunta com tristeza, pegando a garrafa e examinando-a. Há apenas um par de shots sobrando e eu graciosamente aceno minha mão.

— Você pode ficar com o resto. — digo, como se eu estivesse dando um presente.

Minhas palavras são mal articuladas, a minha língua grossa e pesada, e mesmo que fosse isso que eu quis dizer, sai tudo arrastado. Tento novamente.

Ainda arrastado.

Encaro-o impotente e ele ri.

— Muito, então?

Ele se abaixa e me oferece sua mão. Eu balanço minha cabeça.

— Eu tenho que esperar por Finn.

Que soa mais como: — Lesh gofur a shim.

Dare sacode a cabeça. — Eu não quero nadar[27], obrigado. Precisamos levá-la para a casa antes de você passar mal.

Eu sei que eu deveria ficar aqui, neste cais, e esperar por Finn. Eu sei que deveria estar mais preocupada com o meu irmão porque está escuro e ele está sozinho e ele nunca fica fora até tarde sozinho, mas o gin conseguiu outra coisa além de tornar os músculos da minha língua inúteis.

Deixou-me despreocupada.

Eu não tenho uma preocupação no mundo agora, que é um dom bem-aventurado, incrível. Não admira que o meu pai goste dessas coisas.

Eu deixei Dare me levantar, e então eu imediatamente colapsei contra ele quando minhas pernas falharam.

— Oi. — eu digo para o seu peito. Seu peito maravilhosamente, incrivelmente sexy.

— Oi. — ele diz. — Vamos, Cal.

Dare me levanta por debaixo das axilas e, de repente, eu estou em seus braços, embalada como um bebê, enquanto ele anda por todo o caminho até a trilha.

— Eu sou muito pesada. — murmuro em sua camisa.

— Você não é. — sua camisa responde.

Ele não tropeça, ele não vacila, simplesmente me agarra com força e sobe. Ele está respirando pesadamente quando chegamos ao topo.

Abro os olhos e vejo três contornos borrados da funerária acima de mim, as bordas irregulares do telhado levantando para a noite. Elas se confundem, então separam, em seguida juntam novamente. Eu fecho meus olhos contra a vista.

— Eu não quero ir para lá. — eu consigo dizer claramente.

Dare olha para mim, e eu juro que eu vi simpatia em seus olhos.

— Não sinta pena de mim. — eu falo.

Ele não responde. Ele só me carrega pelo caminho para a Carriage House.

Ele me coloca em seu sofá e deixa-me por um segundo, em seguida, retorna com um grande copo de água e uma aspirina.

— Tome isso. — ele instrui com firmeza. — E então, beba toda a água. Confie em mim, você vai me agradecer amanhã.

Eu faço o que ele diz e, em seguida, limpo a boca com as costas da minha mão, antes de puxá-lo para baixo, para o meu lado.

— Onde você acha que Finn foi? — eu pergunto, preocupada, embora o gin tenha paralisado quase todo o meu músculo de preocupação. Dare olha para mim.

— Ele ficará bem. Você, por outro lado, terá uma grande ressaca amanhã. Você já bebeu alguma coisa antes?

Eu balanço minha cabeça e ele suspira.

— Bem, você certamente escolheu começar com um estrondo. Gin vai te dar cabelo no peito[28].

— Eu gosto de meu peito do jeito que está. — eu tento dizer. Devo ter sucesso porque os olhos de Dare brilham.

— Eu também. — ele admite suavemente. Pego sua mão e puxo-a para mim, fazendo-a deslizar ao meu lado, onde ele agarra com os dedos.

— Você vai me beijar? — eu pergunto. — Eu gostei quando você me beijou.

Ele suspira novamente. — Eu também. Mas você está bêbada.

— Eu estou bêbada. — eu digo. — Não estou morta.

É um sentimento que faz muito pouco sentido, mas eu não hesito. Eu só pego o rosto de Dare e puxo para o meu, os meus lábios esmagando os seus. Ele tem gosto de hortelã e eu de gin. É de alguma forma uma combinação inebriante, e com os dedos dormentes, eu traço seu maxilar, com a barba por fazer.

Ele não se afasta por um minuto, mas, depois, finalmente afasta.

— Você está bêbada. — ele diz novamente.

— Correto. — eu deslizo para ele, meu rosto em seu ombro.

Eu pego sua mão, e envolvo-a nas minhas costas. — Eu gosto de estar aqui, com você. — eu digo a ele. — Eu gosto do seu cheiro. Eu gosto do seu beijo. E eu gosto de como você é bonito.

Dare olha para mim, diversão cintilando em seus olhos. — Eu sou bonito, então?

— Não pesque elogios. — murmuro. — Você não precisa deles.

Ele sorri. — Não?

— Eu gostaria que você me beijasse novamente. — eu anuncio, sentando-me em linha reta. Eu acho.

— Eu não posso. — ele diz com firmeza. — Você está bêbada.

— Eu estou. — concordo. — Nós já não estabelecemos isso?

O cômodo gira um pouco, e então eu começo a girar, e decido fazer as coisas por mim mesma. Eu colido contra ele, meu peito esmagando o seu, quando eu o beijo.

Eu o consumo, basicamente.

Eu o beijo duro, minha necessidade por ele dominando todo o resto. Sua boca é quente e no começo ele hesita, então ele me beija de volta, sua língua mergulhando na minha boca. Desajeitada, eu corro minhas mãos pelo seu peito, através dos seus quadris, e paro quando sua dureza contrai contra mim. Meus dedos o acariciam e ele suga a respiração, absorvendo o meu suspiro. E então ele distancia.

— Jesus, Calla. — ele solta, sua voz áspera, respiração irregular. Ele me mantém longe quando eu tento chegar mais perto. — Sério. Eu vou derramar água gelada em você.

Eu congelo, de repente, com medo de alguma coisa.

— Você não me quer, não é?

Dare olha para o teto, aparentemente tentando muito duro ser paciente.

Levanta a minha mão, e a coloca diretamente no seu colo, sobre o zíper, contra a virilha da calça jeans, latejante e duro.

— Parece que eu não quero você? — ele pergunta suavemente, tirando minha mão, mesmo que eu queira desesperadamente manter lá. — Eu estou cuidando de você, mesmo que você não queira.

— Eu não quero que você cuide. — eu concordo. — Eu só quero você.

Dare olha para o teto novamente, mas vejo o menor indício de rubor ao longo da curva da sua bochecha. Ele está lutando pelo o autocontrole, eu percebo. O pensamento me faz sorrir, mas, em seguida, o cômodo gira novamente, mais rápido desta vez.

Eu caio em Dare, ele me puxa para cima, e eu imediatamente caio novamente.

— Eu gosto de estar bêbada. — eu digo a ele, resmungando em sua camisa. — Eu não consigo sentir nada.

— Você sentirá isso na parte da manhã. — ele me assegura.

De alguma forma eu sei que ele está certo, porque o cômodo gira e gira, e minha boca de repente se enche de saliva.

— Eu vou vomitar. — eu percebo. Dare me agarra e corre para o banheiro. Eu me ajoelho na frente do vaso e vomito e vomito e vomito.

O gin, se possível, tem gosto pior saindo do que entrando.

Isso não é pouca coisa.

Mãos frias puxam meu cabelo para longe do meu rosto enquanto eu vomito, segurando-o para trás e eu aceno com a minha mão.

— Vá embora. — murmuro entre suspiros.

— Você está bem. — Dare diz confortavelmente, acariciando minhas costas com uma mão, enquanto segura meu cabelo com a outra. — Você está bem.

Eu não estou bem. Estou morrendo. Estou vomitando qualquer vestígio de comida que eu consumi nos últimos quatro anos. Disso,

tenho certeza. E eu ainda vomito. Até que não há mais nada, em seguida, vomito um pouco mais.

Finalmente, eu me encolho no chão, meu rosto pressionado contra os azulejos frios.

Nunca, nada foi melhor do que isso, eu decido, amando todos e cada um dos azulejos frios de porcelana com uma cegueira e paixão pessoal.

Eu fecho meus olhos e mantenho-os fechados, mesmo que sinta que estou sendo movida. Minhas calças são puxadas para fora, embora minha camisa fique e eu estou debatendo como uma boneca de pano. E melhor ainda, eu não me importo.

Lençóis limpos são puxados para cima, ao meu redor, e eu não me incomodo em abrir meus olhos. A única coisa que sei é que os lençóis cheiram como Dare... amadeirados e masculinos. Neste momento, isso é tudo que importa.

Quando eu abro meus olhos novamente, leva um minuto para me concentrar, mas então eu vejo o luar brilhando contra a parede. É o meio da noite.

Minha boca está seca, como a madeira ou serragem, e eu engulo em seco.

Eu estou na cama de Dare.

Dare. Na cama de DuBray.

É um pensamento que leva um minuto para processar, e depois registrar, também, que, infelizmente, Dare DuBray não está na sua cama.

Eu faço a varredura do quarto, e ele não está aqui também.

Então, eu me levanto, envolvendo-me com o lençol, e vou para a sala de estar. Ele está esparramado no sofá, completamente vestido e dormindo pesado.

No sono, o rosto está vulnerável e banhado pelo luar. Eu fico olhando para ele por um longo tempo, porque quando ele está acordado, eu não tenho esse luxo. Eu só viro quando começo a sentir tonturas novamente, quando a cabeça começa a latejar e eu finalmente entendo o que ele quis dizer quando disse que eu sentiria amanhã.

Ainda não é amanhã, mas eu certamente sinto isso agora.

Atravesso a sala com algo como britadeiras na parte de trás da minha cabeça, e eu vasculho o armário sobre o fogão para encontrar mais aspirina. Eu encontro-as, tomo várias, e oscilo de volta para a sala de estar.

Eu estou de pé sobre Dare observando-o novamente quando ele abre os olhos.

Seus belos olhos de ônix.

— Eu não quero ficar sozinha. — murmuro.

Ele não diz nada, simplesmente abre seus braços.

Deito-me na frente dele e ele fecha os braços ao meu redor, me protegendo da noite. E é assim que eu adormeço, embalada contra o seu peito e ouvindo seus batimentos cardíacos.

Na parte da manhã, a luz do sol me acorda enquanto Dare ainda dorme.

Leva um segundo para lembrar onde estou, como fiquei bêbada na noite passada, como me joguei em Dare e depois vomitei na frente dele.

Estou morrendo de humilhação quando eu olho para as janelas, na porta, e então eu congelo.

Finn está olhando para dentro, um olhar de horror em seu rosto cansado. Ele ainda está vestido com as roupas que ele usava ontem, o que me faz acreditar que ele está apenas chegando agora.

Estou deitada nos braços de Dare, envolta em um lençol, e eu percebo como deve parecer.

Finn tem a ideia totalmente errada.

Eu me levanto para dizer-lhe, abro a porta, mas ele já se foi.

Capítulo Trinta

- Tringenta -

Eu persigo Finn para o meu quarto, onde ele está me esperando, sentado calmamente na minha cama, os sapatos enlameados da praia.

— Não é o que parecia. — digo-lhe rapidamente, embora o lençol de Dare ainda esteja enrolado na minha cintura, porque os meus shorts estão no quarto dele.

Finn balança a cabeça e olha para fora da janela. — Eu não me importo com o que você estava fazendo com ele, Cal. Não é problema meu. Eu sou seu irmão, e não o seu protetor.

— Mas eu sou *sua* protetora. — eu rebato. — E você saiu sozinho ontem. O que diabos você estava fazendo?

— Eu precisava de um tempo sozinho. — ele diz em voz baixa, ainda olhando para fora da janela. — Depois do cemitério, eu quero dizer.

Isso faz com que eu faça uma pausa, que era sua intenção. — Sinto muito. — eu digo simplesmente, minhas mãos ainda segurando o lençol. — Eu deveria ter ido lá com você. Eu deixei você ir sozinho. Eu sinto muito, Finn.

Ele dá de ombros, com os ombros magros, com os braços pálidos na luz da manhã. — Está tudo bem, Calla. Você não está

pronta ainda. Eu entendo.

— Mas eu ainda deveria ter ido por você. — argumento. — Sinto muito. Você quer voltar hoje? Porque eu vou. Se você precisa ir de novo, eu vou.

Finn me olha com tristeza. — Você precisa ir por *você*, Cal. Mas você não está pronta. Isso acontecerá em fases... em ordem. Eu prometo.

Ele está falando bobagem, o que me preocupa. — Você está tomando seus remédios, certo? — eu pergunto a ele, preocupada. Ele balança a cabeça.

— Por favor, pare de se preocupar comigo, Cal. Eu estou bem.

— Você não está. — eu não consigo evitar olhar suas roupas amassadas, pele pálida, olheiras ao redor dos olhos. — Você não está dormindo de novo. Suas mãos estão tremendo. Temos que conseguir um pouco de ajuda. Eu falarei com papai.

O braço de Finn estende mais rápido do que eu posso piscar e agarra o meu. — Não. — ele diz rapidamente. — Por favor. Nós lidaremos com isso por conta própria, Calla. Você e eu, assim como sempre.

E eu quero dizer-lhe que não é justo comigo, que este fardo é muito pesado, que é muita responsabilidade, mas é claro que eu não faço isso. Porque nós somos Calla-e-Finn e é assim que sempre foi, e é assim que sempre será.

Eu finalmente apenas aceno. — Está bem. Eu não falarei com ele.

Eu olho para ele novamente e lembro que ele não está usando o seu medalhão de São Miguel.

— Você tirou o seu colar. — digo, tentando não parecer acusatória. Ele olha para o lado e dá de ombros.

— Eu decidi que não é mais necessário. Você pode ficar com ele, se você quiser.

Eu fico olhando para ele, minha boca aberta. — Você não tirou essa coisa desde que você ganhou, porque mamãe gostava da ideia de que você estaria protegido quando você o usasse.

Seu olhar azul gelado me atinge. — Mamãe não está mais aqui, Calla.

Eu engulo e dói. — Eu sei disso. — eu respondo, as palavras roucas. Ele balança a cabeça.

— Bom. Assim, você pode ficar com ele, se você o quiser. — ele fica de pé, cansado e meu coração explode em uma nuvem de poeira.

— Eu tenho que tomar banho. — ele diz em voz baixa e sai sem dizer mais nada.

Fico quieta enquanto olho para fora da janela, olho para o mar. Barcos deslizam no horizonte e eu não posso evitar, exceto desejar que eu estivesse em um, flutuando para longe, muito longe daqui.

Mas, se fosse esse o caso, eu estaria navegando para longe de Dare. E eu não posso fazer isso. Não agora.

Eu tomo banho e escovo os dentes, em seguida, tranco a porta do quarto antes de pegar o diário de Finn. Enrolada na minha janela, eu me forço a ler as palavras, porque eu tenho adiado isso e agora é a hora. Girando a carta de tarô distraidamente mais e mais em meus dedos, eu olho para outro dos símbolos estranhos de Finn e leio suas palavras.

A morte é o começo.

Mors Solum initium est.

O começo começo começo começo

Preciso **começar**

Eu me assusto ao ler as palavras riscadas, a área cheia de tinta no papel como se Finn tivesse usado toda a sua força. Ele precisa começar o quê?

Um novo começo?

Ou a morte?

Meu coração bate com força no meu peito enquanto marco a minha página com a carta de tarô, então guardo o diário de volta entre os colchões antes de eu descer os degraus.

— Você viu o Finn? — pergunto ao meu pai quando encontro-o na escada.

— Não. — ele responde. — Você está bem?

— Sim. — eu suspiro, porque eu estou tão cansada das suas perguntas. — Eu só preciso encontrar Finn.

Eu encontro-o onde eu sempre o encontro recentemente, no meio das lenhas, cortando madeira. Mais madeira, embora já tenhamos quinze pilhas.

— Por que você continua fazendo isso? — eu pergunto a ele, hesitante. Eu me aproximo dele lentamente, de modo que não o assuste, porque, afinal, ele está segurando um machado.

Ele olha para mim, a luz brilhando em seus olhos azuis.

— O exercício queima o estresse.

— Está bem. — eu respondo. — Finn, você me diria se estivesse se sentindo muito mal, certo? Tipo, você não faria nada estúpido?

Sua testa enrugada e ele se inclina contra o cabo do machado. — Estúpido como o que, Cal? O que você está falando?

Eu suspiro, porque ele sabe o que eu estou dizendo, ele está apenas tentando me fazer dizer as palavras.

— Você não vai tentar se machucar, não é?

As palavras têm um gosto odioso e horrível, mas as digo de qualquer maneira.

Finn me encara com seriedade.

— Calla, se eu quisesse me machucar, eu não iria tentar. Eu apenas *faria*. — mas quando eu começo a chorar, ele rapidamente continua. — Mas não. Eu não quero me machucar.

Eu fico olhando para ele, querendo desesperadamente acreditar nele, mas tão certa que ele está mentindo.

— Eu acho que você devia ir para o grupo hoje. — digo devagar, avaliando a reação dele.

Ele dá de ombros. — Está Bem. Eu estava planejando isso de qualquer maneira.

— Sim? — eu levanto uma sobrancelha.

— Sim. — ele responde com firmeza. — Deixe-me terminar aqui e depois tomar um banho.

Ele divide outro pedaço de madeira e joga-o em uma nova pilha. Eu balanço minha cabeça enquanto caminho para casa. Papai terá madeira suficiente para durar cinco invernos.

Hesito na varanda, brincando com a ideia de ir falar com Dare, mas enquanto eu fico ali tentando decidir, eu o vejo andando para lá e para cá atrás da casa, conversando animadamente em seu telefone celular. Ele anda para frente, balança suas mãos, seu rosto como pedra, então ele anda para trás, fazendo a mesma coisa.

Ele olha para cima e me vê, e seus olhos escuros seguram os meus por apenas um momento, pretos, pretos, pretos como a noite, então ele vira as costas e se afasta.

Com quem ele fala com tanta intensidade?

Perguntas giram ao meu redor quando retorno ao meu quarto para dobrar o lençol de Dare para que eu possa levá-lo de volta para ele mais tarde. Com quem ele está falando? Falando nisso, já que estou fazendo perguntas, Dare está visitando quem aqui? Ele disse que foi visitar alguém no hospital. Ele nunca disse quem, e ele nunca disse por que ele queria alugar um apartamento aqui, quando ele vive na Inglaterra. Eu estive tão envolvida com minhas próprias coisas e no meu próprio fascínio com Dare, que eu nunca perguntei.

Isso acabará hoje.

Eu esperei pacientemente por 30 minutos, porque isso tem que ser tempo suficiente para encerrar uma conversa.

Pego o lençol e bato na porta de Dare.

Ele a abre imediatamente e parece devastadoramente bonito em uma camisa escura confortável que complementa seus olhos escuros.

— Ei. — ele me cumprimenta. — Parece que você se sente melhor.

— Obrigada por cuidar de mim na noite passada. — eu digo a ele, corando um pouco. É constrangedor que ele me viu vomitar minhas tripas. — Estou um pouco humilhada.

— Não fique. — ele diz educadamente, estranhamente formal, considerando que eu dormi a noite toda em seus braços. Ele não faz qualquer tipo de movimento para me convidar para entrar, em vez disso fica plantado no meio do vão da porta.

— Bem, eu estou. — eu respondo de volta, confusa. — Há algo errado? Eu não posso deixar de notar que nós ainda estamos de pé sobre a varanda.

Ele balança a cabeça. — Claro que não. Eu estou apenas um pouco ocupado no momento.

Ele está tão frio e impessoal, tipo indiferente. Eu fico olhando para ele, sem saber o que dizer.

— Você precisa de algo? — ele pergunta, com os olhos brilhando na luz.

— Eu... sim. — eu gaguejo. Eu empurro o lençol para ele. — Eu só vim aqui para devolver isso para você. E para pegar meu short.

— Claro. Espere.

E eu juro por Deus, ele fecha a porta na minha cara. Eu ainda estou chocada quando ele volta alguns minutos depois com meu

short.

— Aqui está. — ele o entrega para mim.

Eu fico olhando para ele, nunca tão confusa na minha vida.

— Você tem certeza que não há nada errado?

Seu rosto parece suavizar por um minuto, em seguida, ele volta para uma máscara ilegível. — Sim, eu tenho certeza. Eu estou apenas ocupado. Sinto muito.

— Está certo. — eu digo lentamente. — Eu te encontro mais tarde. — viro-me para sair, mas paro, virando no meio caminho.

— Ei, você nunca disse quem você estava visitando aqui em Astoria. — falo devagar, observando seu rosto por uma reação. — Você disse que estava visitando alguém no hospital, mas você nunca disse quem.

Ele não hesita. Simplesmente balança a cabeça. — Eu não falei, não é?

E ele não fala agora.

Eu espero, mas não há nada. Ele só caminha para dentro da sua casa.

— Falo com você mais tarde, Calla.

E então ele fecha a porta.

Fico absolutamente chocada enquanto olho para a madeira, congelada no caminho.

Todo mundo tem segredos, Calla. É isso que ele me disse e eu acho que é mais verdadeiro do que eu percebi. A questão é, os seus

segredos são importantes? Eu deveria me preocupar com eles? Porque eu já tenho tanta coisa para me preocupar.

Mas suas contradições me confundem. Seu desejo e seu desprendimento me confundem. Seu sangue quente e atitude fria me confundem. Durante a semana passada, ele me ancorou em meio a toda essa loucura. É possível que ele simplesmente não queira mais ser a âncora?

Meu peito fica entorpecido com o pensamento, porque de alguma forma, eu já me tornei dependente dele. Eu dependo dele para me fazer sorrir, para me levantar dessa lama para um mundo onde a esperança sobrevive.

Mas ele acabou de fechar a porta na minha cara e eu não posso deixar de me perguntar se foi uma metáfora para algo maior.

Eu tento colocá-lo para fora da minha mente enquanto espero por Finn, em seguida, o levo ao grupo. Tudo o que posso fazer agora é me manter em movimento, manter minha cabeça acima da água.

Dare não me define.

Isso terá que se tornar meu novo mantra.

Eu durmo com esse pensamento na minha cabeça, com a melhor das intenções. Mas eu sou acordada às três horas da manhã.

A música no piano toca suavemente, filtrando através da casa.

Assustada, eu sento na cama e olho para o relógio novamente.

Sim, é o meio da noite.

Não, o piano não devia tocar.

Eu desço as escadas em direção à capela e a cada passo, a música suave fica um pouco mais alta. Quando eu atinjo o primeiro degrau, a música para. O silêncio parece ecoar alto em meus ouvidos, enquanto corro pelo corredor e viro a esquina para a sala.

O banco do piano está vazio.

Atordoada, eu ando entorpecida para frente, arrastando o dedo ao longo do banco do piano vazio.

Eu sei que estava tocando. Eu sei que foi isso que me acordou. A tampa para as teclas está aberta, o que é incomum. Geralmente fica fechada quando não está em uso.

E então eu sinto o cheiro.

A simples sugestão da colônia de Dare.

Meu coração na minha garganta, eu olho para fora da janela, para ver uma lâmpada ligada em sua casa de campo.

Ele ainda está acordado. Ele esteve aqui.

De alguma forma, eu sei, sem ninguém ter que me dizer, que ele ainda me quer tanto quanto eu o quero, independentemente do quão frio ele agiu mais cedo. Eu não sei seus motivos, e eu não conheço seus segredos.

Mas uma coisa eu sei, enquanto colapso sobre o assento do piano.

Mesmo que ele tenha tentado, ele não conseguiu ficar longe.

Capítulo Trinta e Um

- Triginta Unus -

Calla

Na parte da manhã, eu quero ir ver Dare. Mas, ao mesmo tempo, eu não quero estar desesperada. Eu não quero jogar jogos.

A memória da sua música no piano passeando pela minha casa ontem à noite me faz flutuar, e ainda me impede de entrar em pânico.

Ele está tentando fazer uma coisa honrosa. Eu sinto isso em meus ossos. E, tanto quanto, eu sinto a conexão com ele, alta e forte, puxando e me puxando em direção a ele. Eu sei que ele sente isso também. E por causa disso, eu não posso me preocupar.

Vai funcionar. Precisa funcionar.

Assim, com um último olhar sobre o meu ombro, eu me afasto da sua porta, com a certeza de que eu vou vê-lo mais cedo ou mais tarde.

Com o sol brilhando sobre os meus ombros, eu decido dar um passeio.

Eu passo através das trilhas, faço o meu caminho em direção as falésias, em vez de descer, em direção ao mar.

Quando eu chego ao topo, fico surpresa por encontrar Finn sentado muito perto da borda.

Assustada, eu paro, meus tênis rosa congelando no lugar.

Os tênis pretos de Finn oscilam para o lado e ele chuta os pés casualmente, nem um pouco preocupado que a borda pudesse romper a qualquer momento.

— Finn. — eu digo devagar, tentando não assustá-lo. — Afaste-se da borda.

Ele olha por cima do ombro para mim, indiferente. — Ei, Cal. Você sabia que a noz-moscada é extremamente mortal se for injetada?

Isso me congela também.

— Você não sabe disso por experiência própria, certo? — eu fico olhando para ele, examinando seus braços por marcas de injeção.

Ele revira os olhos. — Você sabe que eu odeio noz-moscada.

Eu não posso respirar. — Eu também sei que você está sentado muito perto da borda. Afaste-se. Cuidadosamente.

Ele não se move, e eu vejo pequenas bolas de barro rolando em torno dele, caindo para fora da borda. Meu coração bate em meus ouvidos.

— Quer ir para o farol hoje? — ele pergunta, como se nem sequer me ouvisse. Ele olha para a água em direção ao farol, observando as gaivotas voarem em torno dele.

— Sim. — digo rapidamente. — Vamos agora.

Com mais um encolher de ombros, Finn desajeitadamente fica de pé, um dos seus tênis quebrando um pedaço da borda. Ele mergulha para o lado, mas Finn nem percebe. Ele só anda para mim, como se sentar em um penhasco fosse a coisa mais natural do mundo, como se ele estivesse completamente alheio ao perigo.

Eu jogo meus braços em torno dele e o abraço apertado.

— O que há de errado com você? — eu sussurro em seu pescoço, inalando sua pele suada. — Por que você faria isso?

— Fazer o que? — ele pergunta inocentemente. — Eu só queria uma boa visão.

— Você sabe que é perigoso. — eu me afasto e olho em seus olhos. — Você sabe disso.

— E você sabe que eu estava longe o suficiente para ficar seguro.

Ele me diz a mesma coisa que eu disse a ele no outro dia, só que não é verdade no seu caso.

— Você estava no limite. — digo com a voz trêmula. Ele dá de ombros para isso.

— Eu ainda estou.

Ele se afasta pela trilha, assobiando uma música que envia arrepios na espinha. A canção que Dare tocou no piano na noite passada.

Ele ouviu. Ele sabia que Dare estava na casa e isso o chateou. Tem que ser isso.

Eu derrapo pela trilha para encontrá-lo.

— Você está chateado porque eu estou próxima do Dare agora? Porque você tem que saber que você é a coisa mais importante para mim, Finn. Você sempre será a coisa mais importante. Não importa o que aconteça.

Ele faz uma pausa e olha para mim.

— Calla, você está cismada com isso. Não há nada de errado comigo. Eu não estou com raiva de você.

E então ele continua o seu caminho.

Eu tropeço ao lado dele, tentando manter a calma, e eu faço um trabalho muito bom, também, até que andamos a meio caminho da praia, e vejo algo prateado brilhando na areia. Movendo-me para frente, eu abaixo e pego o medalhão de São Miguel do Finn.

Sem palavras, eu o deixo oscilar em meus dedos, enquanto Finn me alcança.

— Por que você jogou isso fora? — eu exijo. — Eu entendo que você não queira usá-lo agora, mas este foi um presente da mamãe. Ela deu a você, Finn. Você não pode simplesmente jogá-lo fora.

Ele dá de ombros e eu estou ficando cansada de todos os seus 'encolher de ombros'.

— Se você quiser, você pode ficar. — ele me diz com indiferença e eu quero gritar.

— Eu não quero isso. Eu quero que *você* queira isso. É seu. *Nossa mãe morta deu a você*. Você deve querer ele.

Estou praticamente gritando agora, e Finn não vacila, e não reage de jeito nenhum. Ele só olha para mim, com seus olhos azuis

pálidos da mesma cor do céu.

— Mas eu não quero. — ele diz levemente. Eu fico congelada no lugar, o colar seguro na minha mão, enquanto Finn caminha para uma passarela de pedra e fica olhando para a água. Ele está quieto, pensativo, e certamente algo está errado.

Eu sinto isso nos meus ossos, no meu coração, no lugar escondido e escuro, onde um irmão gêmeo sabe.

Então eu faço a única coisa que eu posso.

Eu tenho que conseguir a ajuda de um profissional, alguém que Finn diga as coisas que ele não me contará.

Corro de volta para casa e subo no meu carro. Eu dirijo descendo a montanha, através da cidade e para o hospital. Quando eu chego lá, eu enfio o medalhão no bolso. Deus sabe que eu não posso devolvê-lo para Finn. É provável que ele o jogue fora e eu nunca o encontre novamente.

Eu ando entorpecida pelos corredores, passando pela pintura abstrata de aves e para a sala do grupo. Estou interrompendo uma sessão e todo mundo se vira para olhar para mim com curiosidade. Jason, o terapeuta, se levanta e atravessa a sala. Ele é baixo e loiro, e seus passos são longos. Ele chega a mim rapidamente.

— Calla. — ele fala, avaliando meu rosto. — Está tudo bem?

Com o braço no meu cotovelo, ele me leva para o corredor, para que eu não deixe seus pacientes preciosos em pânico.

— Há algo de errado com Finn. — falo abruptamente. — Eu não consigo descobrir, e ele não me diz. Você sabe?

Jason olha para mim, sua mão acariciando minhas costas, enquanto ele tenta descobrir como acalmar uma mulher frenética. Estou chateada, porque como meu pai e seus clientes em luto, presume-se que Jason saberia como lidar com pessoas irritadas. Ele é um terapeuta, pelo amor de Deus.

Por fim, ele balança a cabeça. — Eu não sei, Calla. Ele não disse nada para mim. Mas, mesmo se tivesse, você sabe que eu não posso compartilhar isso com você. É confidencial.

— Mesmo se ele for um perigo para si mesmo? — eu exijo. — Ele estava à beira das falésias, esta manhã. E então ele me disse que *e/e* estava no limite e não era uma metáfora, Jason. Ele está em sérios apuros. Suas mãos estavam tremendo e eu receio que ele parou de tomar seus remédios. Ele disse alguma coisa para você?

Jason hesita, então olha sério em meus olhos.

— Eu não posso dizer. Mas o que eu *posso* dizer é que Finn não vem para o grupo em semanas.

Essas palavras me atingem com o peso de um trem de carga e eu fico vacilante na frente do terapeuta.

— Semanas? — a palavra raspa nos meus pulmões. — Isso é impossível. Eu mesma estava trazendo-o.

Jason balança a cabeça com pesar. — Você pode estar trazendo-o aqui, mas ele não está entrando. Sinto muito, Calla.

Ele sente muito. Meu irmão está faltando, e seu terapeuta lamenta.

O meu sangue ferve e eu viro.

— Por que você não contou a alguém? — eu exijo antes de eu ir embora. — Você deveria estar ajudando-o, pelo amor de Deus.

Não é de admirar que Finn sempre chame por mim. Eu sou a única que ele pode contar.

Eu ando rapidamente através do hospital e bato a porta do carro com força suficiente para quebrar a janela semiaberta do lado do motorista.

Estou coberta de pastilhas de vidro de segurança quando eu me sento debruçada sobre o volante.

Perfectus.

Para piorar a situação, porque é Oregon, começa a chuva enquanto eu dirijo. Eu me inclino para longe da porta quando a chuva sopra através da janela. No momento em que eu chego em casa, estou encharcada.

Eu bato a porta do carro de novo, tão forte quanto posso.

Ecoa através do quintal, ou então eu imagino.

Eu subo as escadas, três degraus de cada vez, e em pouco tempo, eu estou em pé na frente do meu pai novamente. Ele está assustado com a minha aparência de rato afogado.

— Eu acabei de chegar do hospital. — eu digo a ele asperamente. — Finn não está indo para o Grupo. Então, se você não estava preocupado antes, você deve ficar agora.

Meu pai me olha fixamente, algo que me enfurece.

— Pai, você tem que viver no presente agora. Eu sei que você está triste. Eu sei que você coloca gin no seu café. — ele olha para o copo e, em seguida, olha para mim, culpado. — Você pensou por

que sua garrafa aberta tinha ido embora na outra noite? É porque eu bebi e você nem percebeu. Dare me limpou e tomou conta de mim, não você.

Meu pai parece horrorizado e chocado, mas eu não faço uma pausa.

— Finn precisa de você. Ele precisa de você bem agora.

A cabeça do meu pai cai e ele olha para as mãos, para a caneca em suas mãos. — Sinto muito, Calla. Sinto muito que você ache que eu estou desligado. Eu não estou. Eu te amo e eu amo Finn.

Meu coração amolece com a visão da sua expressão quebrada. — Eu sei. — falo em voz baixa. — Desculpe-me, eu estou tão brava. Eu estou apenas... Finn. Estou preocupada com Finn.

— Eu sei. — ele me diz. — Nós vamos resolver isso. Eu prometo.

— Você sabe onde ele está? — eu pergunto indo em direção às escadas.

— Não.

Eu não volto, eu só salto até as escadas. Finn não está lá. Não está em seu quarto ou no meu ou no piso superior, em lugar nenhum. Eu volto no térreo e procuro cada cômodo, até mesmo as salas de visitação. Ele simplesmente não está aqui.

Quando eu estou na cozinha, tentando descobrir onde ele poderia ter ido, a minha atenção é atraída para um bloco de papel em cima do balcão.

Uma palavra foi rabiscada mais e mais.

NOCTE.

E com isso, eu sei onde eu tenho que ir.

Capítulo Trinta e Dois

- Tringenta Duo -

Eu desço os degraus da varanda ruidosamente, bem a tempo de ver Dare emergindo da sua casa de campo.

Como sempre, ele está vestido com calças jeans slim escura e uma camiseta confortável. Ele está indo para a sua moto e parece que vai continuar o seu caminho, até que ele nota o meu rosto. Seus olhos estreitam quando ele vê o meu estado de aflição. Ele imediatamente muda de curso e se dirige para mim.

— Qual o problema? — ele pergunta, preocupado, com a mão estendida para alcançar a minha.

Eu me afasto. — Oh, agora você está preocupado com isso? — eu não posso deixar de perguntar. As emoções do dia estão ameaçando me oprimir.

Ele balança a cabeça. — Não faça isso. Eu já expliquei. Tudo está apenas complicado.

Eu engulo em seco. — Finn se foi. Eu não consigo encontrá-lo. Eu acho que ele foi para o Nocte.

Dare acena em direção a sua moto sem hesitação. — Então vamos.

Nós colocamos os capacetes e estamos na estrada dentro de um minuto. Meus braços envolvem a sua cintura como se pertencessem àquele lugar, e de repente eu percebo que pertencem. Meus braços pertencem envolvidos neste homem, não importa o que. Não importam os segredos que ele possa ter, ou o que poderia estar acontecendo comigo.

Quando estou chateada, ele me acalma. Quando estou sem fôlego, ele me dá o ar. Quando estou triste, ele é minha boia de salvamento. Isso é tudo o que importa, certo?

Eu decido que em breve, eu vou sentar e dizer-lhe todas estas coisas.

Mas não agora. Porque agora, eu tenho que encontrar Finn.

Nós vamos diretamente para o buraco na cerca e então curvamos por ela.

Eu decolo em uma corrida pelo parque, indo direto para a antiga casa de horrores. Dare corre comigo, mantendo facilmente o ritmo.

— Não há um carro aqui. — ele aponta para mim, enquanto nos movimentamos. Nossos sapatos molhados rangem no meio do caminho.

Eu sei que sua observação é lógica, mas eu sei em meu coração que Finn está aqui.

Eu sei como uma irmã sabe, como um gêmeo.

Eu não desvio do meu caminho, e dentro de alguns minutos, eu estou de pé na varanda de Nocte, inclino-me para recuperar o fôlego.

Dare passa a mão para cima e para baixo nas minhas costas, relaxando meus músculos conforme meus pulmões se enchem de ar. Ele é o meu ar. Dou-lhe um olhar de gratidão, em seguida, forço para frente, através da porta e entro na casa abandonada.

Eu não tinha pensado em trazer uma lanterna neste momento, mas, felizmente, bastante luz brilha através das janelas sujas para que possamos ver para onde estamos indo.

— Finn! — eu grito e corro junto, ao longo dos cabos elétricos e pelos quartos. — Onde você está?

Não há uma resposta. Mas eu ainda o sinto aqui.

— Ele está aqui. — digo ao Dare por cima do meu ombro. — Eu sei disso. Nós temos que encontrá-lo antes que ele se machuque.

Dare acena e corremos ao longo dos caminhos escuros, para a parte da casa que eu não tinha mostrado ao Dare antes.

Eu paro no meio de um salão empoeirado. Um laço vazio balança do lustre acima, enquanto rostos de gárgula olham com maldade ao lado da lareira. Eu sinto um alívio instantâneo por Finn não estar pendurado na corda. Tremendo, eu faço a varredura do local. Era uma vez, um mordomo “apodrecido” que caminhava por esta sala, assustando os visitantes enquanto passavam. O quarto está vazio agora.

— Ele não está aqui. — Dare me diz desnecessariamente.

Meus ombros caem e minha respiração desaba e eu afundo em um sofá de veludo empoeirado.

— Onde ele está? — minha voz é frágil e corre o risco de quebrar.

Dare senta ao meu lado, com o braço em volta dos meus ombros e eu viro dentro do seu peito, porque, de repente, eu não consigo controlar. O peso disso é muito forte.

Todas as emoções que eu tenho sentido ultimamente desabam. O desespero de querer ajudar o meu irmão, a rejeição que eu senti de Dare, a raiva que eu senti em relação a meu pai. Elas espiralam em torno de mim, demais para suportar, e eu soluço na camisa de Dare.

Suas mãos são grandes quando me conforta, acariciam minhas costas e meu ombro.

Eu me sinto confortável aqui em seus braços, ao contrário de qualquer conforto que eu já senti antes.

Ele é meu. Não importa o que aconteça, eu não posso perdê-lo.

O medo daquela perda, mesmo que seja imaginado, me inunda e eu o agarro.

— Eu não posso te perder, também. — falo, minha voz ainda tensa. — Eu sinto muito que eu não consiga controlar as coisas. Eu prometo que lidarei com isso. Se você prometer ficar. — faço uma pausa e há silêncio e eu olho para ele. — Prometa-me, Dare.

Ele olha para mim estranhamente, e dá um beijo na minha testa. — Prometo.

Sua voz é tão rouca e acaricia minha pele. E não é o suficiente. Com as mãos trêmulas, eu chego para ele, puxando-o para mim e sua boca, quente e mentolada, fecha-se sobre a minha.

Ele me beija com abandono, como se ele não tivesse medo das consequências, como se fosse só eu e ele, e não houvesse mais

nada nos rodeando. Não há Finn, não há funerária, não há nenhuma dor.

Só existe Dare e Calla.

Eu inalo-o, respiro-o na minha garganta e seguro-o lá no fundo do meu coração.

Ele começa a se afastar, mas eu o impeço com um sussurro.

— Por favor, não. Eu preciso de você. Faça com que tudo fique bem. Por favor. Deixe tudo bem.

Meu sussurro é quebrado e desesperado, mas eu não me importo. Porque ele consegue o que eu quero. Dare agarra-me a ele, suas mãos me acariciando por toda parte, vagando sobre meus quadris, meus braços, minhas costelas, os meus seios.

Meus quadris levantam para encontrá-lo, minha pélvis esmagando a sua. Mas é uma pressão deliciosa, algo que constrói e constrói dentro de mim, implorando por uma erupção, gritando por uma libertação.

— Por favor.

Eu sussurro mais uma vez.

Dare geme, e toca-me de novo, seus dedos me encontrando no escuro, longos e suaves e frescos. Aperto seus ombros, tentando me aproximar mais, mas eu sei que eu nunca ficarei perto o suficiente. Mesmo quando ele finalmente estiver dentro do meu corpo, não será suficiente. Porque eu quero tudo dele.

Agora.

Eu puxo o botão da sua calça jeans, a camisa dele, em seus braços.

E ele quase me permite.

Quase.

Mas, em seguida, com uma respiração irregular, ele se afasta.

Estendo a mão para ele, mas ele sacode o meu braço.

— Dê-me um minuto, Cal.

Sento-me tentando respirar, enquanto ele faz o mesmo.

Tudo o que posso ouvir é a nossa respiração rouca enquanto respiramos e respiramos, até que, finalmente, Dare olha para mim de novo.

— Sinto muito por isso.

Estou incrédula. — Por quê? Por fazer o que eu quero?

Ele balança a cabeça. — Você não entende? Você está completamente fora de si por causa do seu irmão. Você realmente quer fazer sexo em uma casa de horrores, enquanto você está chorando por Finn?

— Isso não serve para mim? — eu pergunto, trêmula, tentando alcançá-lo novamente, porque *eu preciso dele*. Ele não deixará, no entanto.

— Não. — ele finalmente responde. — Não hoje. Você não está pensando claramente.

— Estou pensando com clareza suficiente. — respondo com firmeza, mas não me movo em direção a ele novamente. Seu rosto está definido e determinado.

— Por que você tem que ser um cavalheiro? — eu exijo. — Isso é uma coisa britânica?

Ele ri, capaz de rir agora. — Eu acho que é apenas uma coisa de Dare.

Eu reviro meus olhos e esfrego para afastar o frio.

Ele me olha duro. — Calla, quando... quando isso acontecer, não será em uma casa de horrores. Vai ser algo que você se lembre.

Eu olho para longe, irritada. — Essa não deveria ser uma escolha minha?

Ele sorri, me agradando. — Eu estou tentando ajudá-la a fazer uma boa escolha aqui, Cal. Trabalhe comigo.

Eu não posso deixar de rir também, porque ele está tentando me ajudar, apesar de mim mesma.

— A maioria dos rapazes teria saltado na oportunidade, não importa o quê. — digo irritantemente enquanto levantamos.

Dare pausa, seus olhos oh... tão escuros. — Mas esses caras não te amam. Eu amo.

Fico completamente congelada, completamente imóvel enquanto isso se atinge.

— Você ama? — eu suspiro.

Ele balança a cabeça. — Mais a cada dia. Você é como ninguém que eu já conheci. Nós não vamos apressar isso, Cal. As coisas boas vêm para aqueles que esperam, lembra?

E com essas simples palavras, cada problema que tenho flutua para longe, fora do meu pescoço, fora do meu peito. Eu nem reviro os olhos sobre a referência ao ketchup.

Dare ama Calla.

É impossível. Mas é real.

Meus pés e coração estão leves enquanto caminho de volta para a porta, e justo quando estamos saindo para a luz, eu vejo alguma coisa, algo que vibra contra o parapeito da varanda.

Um bilhete vermelho.

Eu me curvo e agarro-o, curiosa.

Quid Pro Quo.

— Esta é a banda favorita de Finn. — eu digo a Dare. — Ele estava em seu concerto na noite que a mamãe morreu.

Eu me viro e olho para ele, a confusão ondulando através de mim. Confusão, em seguida, a realização.

— Ele esteve aqui, afinal.

Dare orienta meu cotovelo em direção aos degraus.

— Bem, ele não está aqui agora.

Eu não posso discutir com isso.

Enfio o bilhete no bolso e nós fazemos o nosso caminho para casa.

Capítulo Trinta e Três

- Tringenta Tres -

Finn

A chuva que está caindo pelo oceano é fria, o vento sopra em meus olhos.

Ignore-OIgnore-O.

Eu ignoro. Mas eu tento ignorar as vozes também. É a história da minha vida.

Elas me acordam do meu cochilo e eu sei o que tenho que fazer.

EstáQuaseNaHoraQuaseNaHoraQuaseQuaseQuase.

Sim, eu tenho que concordar. Está quase na hora.

Eu estou escondendo o segredo há tanto tempo, ele está me comendo, arranhando para sair e eu quase não posso mantê-lo dentro mais.

Eu aperto o medalhão de São Miguel firmemente na minha mão e caminho para a água, direto, sem pausa.

FaçaIssoFaçaIssoFAÇAISSOFaçaIssoFaça.

Faça-isso:

Eu mergulho sob as ondas e nado em linha reta para baixo. É, pelo menos, 6 metros para baixo e a água fica turva antes de eu ver a pintura vermelha desbotada do carro. Eu nado para ele, meu oxigênio já começando a esgotar, e enfio minha cabeça pela porta do passageiro aberta.

Estendo a minha mão para dentro, eu penduro o colar no espelho retrovisor. Ele oscila na água, girando e virando na escuridão.

O rosto de São Miguel parece zombar de mim.

Proteja-me? Acho que não.

Meus pulmões estão quentes e inchados, então empurro fora, longe do carro em direção à superfície. Eu emergo com uma tosse, o sol no meu rosto como se eu nunca tivesse ido.

~~Respire.~~

Eu respiro. Eu tomo respirações profundas entrecortadas e depois saio da água para a areia úmida da praia. Eu olho para trás, para a superfície agitada.

Ninguém nunca saberia o que descansa debaixo da água.

Você não pode vê-lo.

Mas eu sei.

Eu sei.

Eu sei.

Eu sei.

Mas Calla não.

Capítulo Trinta e Quatro

- Tringenta Quatuor -

Calla

Quando chegamos em casa, Finn está na cama. Eu fico na sua porta e vejo-o dormir por um minuto, observando a maneira inquieta que ele tosse e se vira e geme, e a mancha de lama que ele tem em sua bochecha.

O que ele tem feito?

Com ansiedade total, eu sei como descobrir.

Eu enrolo no meu quarto e olho para as páginas do seu diário. Por alguma razão, eu não consigo ler muito de cada vez. As palavras me pressionam para baixo, sufocando, porque é uma peça tão gritante da evidência do que a mente de Finn se tornou.

A escrita tornou-se irregular, como seu processo de pensamento espiral, para lá e para cá. Palavras rabiscadas, páginas e linhas riscadas e já não faz qualquer tipo de sentido.

Proteja-a Proteja-me São Miguel.

Proteja-nos ela eu eu eu.

*Serva me, serva bo te. Salve-me, salve
ela e eu.*

Calla calla calla.

Isso está me matando. Me matando
matando matando eueueueueueueu

Tire-me da minha miséria.

Faça isso faça isso faça isso.

Eu engulo em seco, segurando lágrimas impotentes, enquanto folheio várias páginas de absurdo. Mas, então, eu vejo uma frase. Uma frase que seca minhas lágrimas e congela a respiração em meus lábios.

Segredos. Todo mundo os têm.

Eu posso praticamente ouvir essas palavras saindo da boca de Dare. Mas por que é que ele disse uma coisa dessas para Finn?

Se não fosse tão tarde, eu iria à sua casa agora perguntar. Mas como está, eu espero.

Eu espero até que dormi à noite, tomei banho e pensei sobre isso um pouco mais. Mas eu ainda não me acalmei nem um pouco. Porque algo não está certo aqui.

Assim que amanhece, eu vou para casa de campo de Dare. Ele atende a porta sem camisa, e é preciso um grande esforço para ignorar isso.

— Você tem conversado com Finn ultimamente? — pergunto, sem cumprimentá-lo, meus olhos congelados nos dele, nunca viajando ao sul do seu queixo.

Ele olha para mim de forma estranha. — Não, por quê?

— Porque eu estava lendo seu diário na noite passada e ele escreveu algo que você disse. Verbatim[29], Dare.

Ele levanta uma sobrancelha. — E qual foi o pedaço de sabedoria?

— Eu não estou brincando. — eu estalo. — Ele disse: "*Segredos. Todo mundo os têm*". E isso é exatamente o que você disse para mim. Por que você estaria falando sobre segredos com Finn? Ele te contou o que está acontecendo com ele?

Dare parece totalmente confuso agora, e ele gesticula para eu entrar. Hesito.

— Por favor. — ele insiste. — Eu deveria colocar uma camiseta.

Eu o sigo e espero no sofá enquanto ele coloca uma camiseta. Quando ele volta, senta-se ao meu lado, pegando minha mão.

— Respondendo à sua pergunta, não. Eu não falei com Finn sobre quaisquer segredos. É possível que ele nos ouviu conversar?

Eu acho que nós discutimos segredos aqui na propriedade uma vez.

Pode ser.

Isso realmente faz sentido. Finn tem uma maneira de deslizar silenciosamente ao redor.

Eu relaxo, meus ombros caindo. Dare olha para mim.

— Você realmente acha que Finn teria uma conversa profunda comigo? — ele me olha com ar de dúvida. Eu dou de ombros.

— Não. Eu não acho. Eu estou apenas... frustrada. Ele está escondendo alguma coisa. Isso está deixando-o pior e ele não conversa comigo. Ele nunca conseguirá ir para a faculdade sozinho neste ritmo.

O que significa que eu não vou também.

É algo que me deixa em pânico, culpada e abatida, tudo de uma vez.

— Eu pensei que era isso que você queria. — Dare me pressiona. — Eu pensei que você quisesse ir com ele.

— Eu queria. — digo rapidamente, muito rapidamente. — Quero dizer. Sim. Eu quero. Mas, ao mesmo tempo, eu acho que eu estava ficando receptiva à ideia dele querer alguma separação. Eu pensei que me daria a oportunidade de talvez ter uma vida amorosa. Com você, por exemplo.

Sinto-me encabulada agora, envergonhada, embaraçada. Que tipo de irmã eu sou?

Dare levanta meu queixo com o dedo. — Não se sinta culpada por isso. — ele me diz. — Você tem o direito a ter a própria vida, também, você sabe. Isso não faz de você uma pessoa má.

Concordo com a cabeça, não acreditando nele.

Ele sorri para mim, e por um segundo, apenas um, eu sinto como se tudo estivesse bem. — Vamos sair daqui hoje.

Concordo com a cabeça imediatamente. — Está bem. Onde?

Dare olha para fora da sua janela, em direção ao oceano. — Lá fora. Onde ficamos sem limites.

SEJA LIVRE.

— Está bem. — eu concordo.

Estamos em meu barco em cinco minutos. Eu, com um vestido curto de verão e protetor solar, e Dare em seu jeans escuros e só.

— Você vai ter câncer de pele. — eu fico olhando para ele.

— Eu não vou. — ele responde. Eu não discuto porque eu gosto do seu peito nu, e da forma como os músculos ondulam em seus ombros quando ele se move. Faço uma pausa no meu caminho para o leme, tempo suficiente para passar os dedos sobre as letras da sua tatuagem. Sua pele é quente sob meus dedos, e o atrito faz com que eu cerre os dentes.

— Eu vou mostrar-lhe um lugar novo. — digo, guiando o barco para fora da baía e em direção a um cais de pedra, na pequena praia. Leva apenas 10 minutos para chegar lá, encosto o barco para que possamos sair para terra.

Eu estendo minha mão para Dare e ele a pega, descendo ao meu lado. Andamos todo o caminho até a extremidade do local, onde seria a unha.

Dare senta, e eu me sento ao lado dele, os pés esticados na nossa frente, sobre as rochas.

Estamos cercados por nada, exceto ar e água, estamos completamente sozinhos aqui fora, sem ninguém para ouvir ou ver-nos como se fôssemos peixe em uma tigela.

Os golpes da brisa salgada sopram o cabelo Dare em torno do seu rosto e eu me viro para ele.

— Eu estou pronta para fazer outra pergunta. — eu digo a ele. Ele sorri.

— Tão cedo? Faz apenas alguns dias desde a última.

Eu ignoro isso. — Por que você é tão cavalheiro?

Ou seja, por que está tão decidido a manter a sua distância até eu resolver a minha merda?

Ele desloca seu peso e cruza os pés nos tornozelos. — Então você já notou.

Seu tom é irônico. Eu reviro os meus olhos.

— Sério. Por que você está tentando me forçar a fazer algo para o meu próprio bem que eu não quero fazer? Tudo para ser um cavalheiro? Talvez ser um cavalheiro seja superestimado e arcaico.

Ele zomba disso, protegendo os olhos do sol com os longos dedos de uma mão. Eu fico olhando para o seu anel de prata reluzindo à luz.

— Não é isso, acredite em mim. — a maneira como ele diz é tão sábia, tão estranha.

Eu levanto uma sobrancelha e ele suspira.

— Meu padrasto, enquanto refinado e rico, não era um cavalheiro atrás de portas fechadas. Desde quando eu era muito pequeno, eu decidi que seria sempre o oposto dele. Minha mãe

sempre me deu lições sobre o que um cavalheiro deve fazer. Ela falava dessas características com tal... reverência que eu sabia que era isso que eu queria ser. — ele faz uma pausa. — Você vai tirar sarro de mim agora?

Ele olha para mim, seu maxilar tão esculpido, seus olhos tão reservados. Acho que tudo o que eu quero fazer é estender a mão e acariciar a aspereza da sua barba. — Não. — eu digo a ele. — De jeito nenhum.

Porque ele fez aquela parte escondida de mim doer, o lugar da mãe, o lugar que quer protegê-lo de tudo, mesmo que isso signifique de mim.

— O que seu padrasto fazia?

A minha pergunta é tranquila em sua simplicidade e Dare suspira novamente.

— Você realmente está queimando as suas perguntas hoje.

Concordo com a cabeça, mas eu não recuo.

— Meu padrasto era, infelizmente, muito parecido com a mãe. Uma pessoa muito calculista, controladora. Tudo tinha que ser exatamente do seu jeito e aquelas pessoas que não cooperavam eram punidas severamente.

Eu engulo em seco ao ver a expressão fechada no belo rosto de Dare.

— Como severamente?

Ele se vira para olhar para mim, seus olhos negros olhando para a minha alma.

— Severamente.

Meu coração dá uma pontada com a vulnerabilidade da dor no olhar de Dare. Ele acha que está escondendo-a, mas não está. — E sendo o malandro que você é, suponho que você foi muito punido.

Ele balança a cabeça e olha para o mar e eu pego sua mão, girando seu anel uma e outra vez.

— E ninguém interferia? Nem a sua mãe ou sua avó?

Ele olha para mim agora, injuriado. — Ela é mãe do meu padrasto. E é claro que ela não interferiria. Ela nunca me aprovou. Ela acha que eu mereci tudo o que eu sofri e muito mais. A minha mãe... ela não conseguia impedir. Ela não podia ficar contra os dois. Eles eram uma força incontrolável.

— Por que a sua mãe não o deixou? Se ele era tão ruim, eu quero dizer? — eu pergunto, hesitante.

— Nem sempre é tão fácil. — ele responde, cansado. — Para onde ela iria? Ela não tinha um lugar para ir.

A sensação dessa conversa é escura, sinistra e assustadora. Eu examino seu rosto, a retidão e ângulos, e seguro sua mão com mais força. — Bem, agora que sua mãe se foi, acabou com a família do seu padrasto. Graças a Deus. Você está aqui na América e eles não podem te machucar mais.

Ele suspira, um som áspero, os dedos finos tecendo em torno dos meus. — Eles não podem?

Eu começo a responder e ele interrompe. — Você queimou a maioria das suas perguntas, Cal. Parece-me que você só tem um par sobrando.

Concordo com a cabeça, porque ele está certo. — Eu só tenho mais uma para perguntar hoje, e então eu vou deixar a minha última para mais tarde.

Nervos fazem o meu coração bater, a adrenalina acelerando, acelerando, através das minhas veias quando eu olho para ele, o Adônis sentado ao meu lado. *Faça isso. Faça isso.* Tudo nele me toca... a sua voz, a sua história, a sua vulnerabilidade que ele tanto tenta esconder. Tudo. Eu o quero. Inteiro.

— Você tem sido um cavalheiro. — eu começo, antes que eu me descontrole. — E é sexy pra caramba, eu admito. Você é sexy. E bonito. E eu quero estar perto de você, Dare. Eu quero isso mais do que qualquer coisa.

Dare engole. Eu vejo sua garganta mover, eu o vejo agarrar sua perna com os dedos longos.

— E? — ele pergunta, hesitante. — Qual é a sua pergunta?

Ele engole novamente.

— Fica comigo. — peço. — Hoje. Nesse momento. Aqui fora, onde tem só nós dois. Por favor.

Dare fecha os olhos, e seu rosto está banhado pelo sol.

— Isso não é uma pergunta. — ele diz suavemente. Mas suas mãos estão segurando suas pernas com tanta força, que as juntas dos seus dedos estão ficando brancas.

Eu chego, perto, perto, mais perto. Até minha coxa ficar pressionada contra a sua, e eu solto os dedos das suas coxas. Debruçando-me sobre as nossas mãos entrelaçadas, eu beijo seu pescoço, começando na base, lenta e suavemente, trabalhando o meu caminho até sua orelha.

— Você fica comigo? *Hoje?* — eu sussurro em seu ouvido. Com a minha última palavra rouca, eu libero minha mão e deslizo ao longo da parte interna da sua coxa. Eu sinto-o endurecer sob meus dedos, pulsando através do seu jeans.

Ele fecha os olhos e eu aperto meus dedos, com mais força.

— Não faça isso. — ele sussurra. Sua voz rouca é tão sexy.

— Isso não é uma resposta. — eu falo para ele, acariciando-o através do jeans. Uma onda de poder feminino dispara através de mim, levantando-me, impulsionando, até que meus próprios hormônios explodem e nublam meus pensamentos.

— Eu quero você, Dare. — digo com veemência, toda a lógica e razão me abandonam. E então eu o beijo, pressionando meu corpo contra o dele, mergulhando minha língua em sua boca quente. As mãos dele sobem e levantam-me até que eu estou em cima dele e eu sinto sua dureza, sua rigidez, pressionada entre as minhas pernas.

Ele está duro por mim.

Eu engulo duro absorvendo seu gemido, sugando-o.

— Você não sabe o que quer. — ele murmura no meu pescoço.

— Eu sei. — insisto calmamente, balançando em seu colo, moendo meus quadris nos seus, criando um atrito requintado, incrível. — Eu o quero o tempo todo.

Dare se afasta, seus olhos escuros com as pálpebras pesadas de desejo por mim. O calor me inunda, molhando minha calcinha e me agarro a ele.

— Você tem certeza?

— Sim. — minha resposta é simples.

Com um grunhido, Dare me apanha e me leva para baixo da península, para um lugar onde o solo é macio. Ele me deita, de joelhos em cima de mim, gloriosamente iluminado.

— Eu não deveria. — ele oscila.

— Você precisa. — eu digo a ele, agarrando-o e puxando-o para baixo, para cima de mim.

Seu peso é delicioso e perfeito e ele molda dentro de mim, fazendo parecer que somos uma pessoa quando nós nos contorcemos juntos, tentando desesperadamente aproximar mais.

Sua língua encontra a minha, enquanto seus dedos exploram o meu corpo, cada centímetro, cada lugar escondido. Eu arqueio contra ele, pego a sua mão, quando ele descobre onde eu o quero mais.

— Por favor. — eu digo baixinho, minha respiração escapando. Dare sorri contra meus lábios, sabendo o efeito que tem sobre mim, conhecendo e amando-o.

Ele se inclina para frente e descansa sua testa contra a minha, e nós estamos tão próximos que eu posso sentir sua respiração misturando-se com a minha enquanto suas mãos trabalham com absoluta magia. Prazer me atinge, como a água contra a costa e eu perco todo o pensamento consciente, e o instinto assume.

Eu puxo sua calça jeans, desabotoando-a e empurrando-a para longe, e, de repente, ele está nu e na minha mão, longo e grosso e nu.

Eu não posso respirar.

Eu não consigo pensar.

Eu só posso me mover.

Eu deslizo minha mão ao longo dele, suavemente, gentilmente, depois com mais força, com mais força.

Ele enterra dentro de mim, seus olhos bem fechados.

— Eu esperei por isso. — ele murmura em meu pescoço, enquanto ele empurra sua rigidez em minhas coxas, mais perto, mais perto. — Por muito tempo.

— Por favor. — digo mais uma vez, a minha mão ao redor do seu pescoço, puxando sua boca para a minha, para que eu possa prová-lo, inspirá-lo. Ele tira o meu vestido, e me olha à luz do sol, quando a luz expõe toda superfície do meu corpo para os olhos procurando.

— Você é linda. — ele sussurra, os olhos brilhando ao sol. — Você é muito melhor do que eu mereço.

Sem dizer nada, ele recua por um momento, e eu protesto, mas depois eu ouço um pacote rasgar e ele está de volta, deslizando para dentro de mim e eu não consigo mais pensar.

Movimentos tornam-se borrões, borrões viram cores e tudo o que posso fazer é sentir.

Suas mãos, a boca, sua pele. A maneira como ele desliza para dentro e para fora de mim, o atrito colocando-me na crista das ondas, seus dedos me levando mais rápido.

— Eu... você... *Deus*. — eu consigo dizer, porque as palavras que eu quero não virão.

Dare sorri levemente e olha de volta para mim, gemendo meu nome.

— Eu quero que você me conheça. — ele diz, sua voz um canto rouco. — Eu quero que você me conheça.

Eu estou *conhecendo-o* agora como eu quis por semanas. Íntimo e de perto, e eu não consigo acreditar que isso está

finalmente acontecendo, eu não posso acreditar que é tão incrível, não consigo me concentrar, não consigo me concentrar, não consigo me concentrar.

As luzes, o sol, o mar, o perfume de Dare, os dedos, as mãos.

Eu aperto suas costas, onde suas palavras dizem SEJA LIVRE e eu nunca me senti mais livre na minha vida inteira.

E então meu mundo explode em um caleidoscópio de cores e luzes.

Eu estou mole quando me agarro nele, quando ele finalmente arqueia contra mim, geme e diz meu nome em um sussurro áspero antes de cair contra mim, com a cabeça contra o meu peito, suas belas mãos me segurando perto.

Eu não posso nem responder. Minhas pernas estão trêmulas, minha mente está girando. Mas quando eu volto para mim, quando os meus pensamentos se juntam logicamente novamente, enquanto o sol trava pesado no céu, com laranjas e vermelhos sobre a água, algo me ocorre. Algo que Dare disse no calor do momento, as palavras exatas que eu ouvi antes em meus sonhos.

Você é melhor do que eu mereço.

Capítulo Trinta e Cinco

- Trigenta Quinque -

Meus lábios inchados abrem e eu fico olhando para ele, para o rosto que eu amo, para os lábios que acabaram de falar palavras do meu sonho.

É impossível.

No entanto, não é.

— Você... tem uma coisa... — minha voz falha e ele olha para mim interrogativamente, um sorriso persistente em seus lábios, os efeitos posteriores de algo bonito.

Algo que agora está manchado pela feiura.

Por confusão.

— Você disse que eu sou melhor do que você merece. — eu digo com voz trêmula, não querendo falar a verdade, porque a verdade parece loucura. — Por que você diz isso?

Ele dá de ombros. — Porque você é suave, honesta e bonita. Você é mais do que eu mereço.

— Mas por quê? — eu exijo persistente, recusando a sua resposta. — Você deve ter uma razão.

Ele balança a cabeça, ainda encarando, ainda questionando.

— Não faz sentido. — eu digo a ele.

— A vida não faz sentido, por vezes, Cal. — é a sua única resposta. Ele pega as minhas mãos, o calor sai de mim, e meus dedos se tornam instantaneamente frios como a brisa.

É a sua vez de me examinar, me estudar com suavidade.

— Você se sente bem? — ele pergunta, hesitante. — Você está... você... você parece diferente.

Eu balanço minha cabeça. — Eu sou exatamente a mesma. Eu só... essas palavras se destacaram para mim de alguma forma, como se eu tivesse ouvido antes, *como se você as tivesse dito antes.*

Se eu não soubesse melhor, eu diria que ele empalideceu. Ele balança a cabeça lentamente, com uma expressão tão estranha em seu rosto.

— Você sabe por quê? — ele pergunta, estranhamente, um brilho estranho nos olhos, seus lindos lábios bem cerrados.

— Não. Você sabe?

Ele me dá um olhar divertido. — Por que eu saberia o que se passa na sua cabeça? — ele pergunta vagamente, mas seu rosto conta uma história diferente quando uma expressão que coloca os meus nervos na borda, inunda o seu rosto.

— Que enigmático. — murmuro.

Ele balança a cabeça. — Eu não estou tentando ser. É só que... eu pensei... não importa. Você tem o suficiente para se preocupar agora, sem acrescentar mais para você.

— Todo mundo tem segredos. — eu digo sem expressão, meu coração entorpecido. Ele balança a cabeça.

— Sim. Eu acho.

Meu sangue gela, meu coração está pesado, e meu ser está sendo muito preenchido com terror e maus pressentimentos, quando apenas um momento escasso atrás, eu estava cheia de falsas esperanças. Quebrado agora, pela pura expressão no rosto Dare.

— Quais são os seus? — pergunto com calma. — Os seus segredos, eu quero dizer. Quais são eles, Dare? Você está escondendo alguma coisa e eu sei disso. Basta dizer-me.

Ele parece triste quando afasta o olhar do meu, e isso me apavora ainda mais. Meu coração acelera um pouco, enquanto espero, batendo no meu peito, ecoando na minha cabeça.

Ele está escondendo alguma coisa.

— Eu não posso te contar. Agora não. Não é uma boa hora. — sua voz é inexpressiva, solene.

— Haverá alguma boa hora? — eu pergunto. Ele dá de ombros.

— Eu não sei. Espero que sim.

Eu não gosto desta resposta.

— Nós acabamos... eu... eu confiei em você. — digo hesitante. — E eu sei que você está mantendo um segredo e eu sei que isso me afeta. Eu não posso... eu não posso.

Eu rastejo para fora das pedras escorregadias e caminho tranquilamente de volta para o barco sem outra

palavra. Ultimamente, eu me sinto mais e mais como se eu fosse a única louca, como se eu estivesse perdendo minha mente, como se o mundo inteiro fosse composto por segredos e eu não tenho a menor ideia de como entendê-los.

Dare me segue e levanta a mão para me ajudar a entrar no barco.

O silêncio entre nós é carregado e eu não sei o porquê. Eu não sei por que eu sinto que estou em pé sobre um precipício e se eu fizer um movimento, eu caio.

Quando estamos do outro lado da baía, Dare senta-se ereto.

— Vamos para a sua pequena enseada. — ele sugere suavemente.

Ele senta-se no casco, com o peito sem camisa brilhando à luz extinguindo, seus olhos vulneráveis e esperançosos e eu não posso dizer que não.

Em vez disso, sem palavras me guio em direção à enseada e coloco o barco na areia. Eu não sei por que, eu só não quero ficar aqui. Eu tenho que andar. Eu tenho que pensar. Eu tenho que tentar manter a sanidade, porque parece que eu estou desgastada.

Eu não sei porquê.

Tudo que eu sei é... de repente eu me sinto perdida.

Dare segura minha mão enquanto caminhamos através da água, para a pequena entrada fechada que eu tanto amo. Sem dizer uma palavra, eu procuro pelo pequeno saco, segurando o isqueiro e eu faço uma fogueira com os troncos.

Com a luz violeta que nos rodeia, nos sentamos em frente ao outro sobre uma piscina da maré. A lua sobe ao longo da borda da

água e este lugar parece etéreo, pacífico e infinito.

— Você confia em mim? — Dare pergunta sério, os olhos sempre tão escuros. Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Quero dizer, realmente confia em mim?

Estou perplexa com aquilo, com sua incerteza.

Estou com medo do significado oculto das suas palavras.

Eu estendo a mão para traçar as linhas do seu rosto, a covinha no queixo, o maxilar forte, sua testa.

— Por que não confiaria? — eu pergunto finalmente. — Existe alguma razão que eu não deveria?

— Isso não é uma resposta. — ele responde.

— Então, sim. — digo rapidamente. — Eu confio em você.

Não confio?

Ele olha nos meus olhos, com as mãos sobre os joelhos. — Você ainda confiaria em mim se eu dissesse a você que eu quero contar tudo. Que eu quero derramar todos os meus segredos, tudo o que você estiver se perguntando... mas eu não posso?

Há uma verdadeira angústia em sua voz, e seu rosto é de dor e eu não consigo entender.

— Você é um assassino em massa? — eu pergunto, tentando aliviar o clima, mas não funciona. Seu rosto não muda.

— Não. Mas há coisas... que eu desejo que eu pudesse dizer, mas não posso.

Eu abaixo a minha mão, afetada pelo olhar dele.

— Como o que? — eu pergunto sem rodeios. — Apenas me diga agora. Diga-me *todas as coisas*, Dare.

Ele ignora isso.

— Você acredita em mim quando eu digo que eu te amo? — ele pergunta em vez disso, seus dedos correm ao longo de minha bochecha.

— Eu não sei por que, mas sim. Eu acredito em você.

Ele parece assustado. — Por que **EU** *não te amaria*?

Eu dou de ombros. Porque ninguém mais ama.

Além dos meus pais e Finn.

Mas eu não digo isso.

Em vez disso, eu o enfrento de frente. — Você está me assustando. Se você me ama, então você não deve ter medo de me dizer a verdade... sobre qualquer coisa. Diga-me, Dare.

Ele olha para mim, fazendo uma pausa.

— Eu não posso. É sobre mim... quem eu sou. Você não entenderia.

Eu olho de volta, minha espinha ereta como aço. — Experimente.

Ele balança a cabeça, firme. — Eu não posso.

Desespero como eu nunca senti antes assenta em torno de mim, como uma nuvem. Eu pensei que ele fosse a minha âncora, mas se ele não pode confiar em mim o suficiente para me dizer

nem mesmo quem ele é, então eu não posso confiar nele com o meu coração.

Até eu sei que o meu coração é demasiado frágil para isso agora.

— Isso não é bom o suficiente. — falo lentamente, cada palavra lutando com os meus lábios. Eu não quero dizê-las, mas tenho que fazer isso. Eu preciso.

Eu tenho que fazer o que é bom para mim. O que é inteligente para mim.

— Eu tenho segredos suficientes ao meu redor no momento... o que quer que Finn esteja escondendo. E o seu drama. Eu não posso aguentar isso de você também, Dare. Eu simplesmente não posso. Se você não pode me contar o que está acontecendo com você... então... — a dor quebra minha voz e as lágrimas surgem nos meus olhos.

Dare não se dobra. Ele só olha para mim, me desafia a dizer. *Desafie-me.*

— Se eu não posso te dizer o que está acontecendo comigo, você vai fazer, *o que?* — ele força.

— Então eu não posso ficar com você. Não, se você não confia em mim o suficiente para me deixar entrar.

Dare suspira e pega a minha mão, seu polegar acariciando, mas eu puxo para longe.

— Falo sério.

— Você não entende. — Dare me diz, sua voz áspera. — Estou fazendo isso por você. Para protegê-la. Há coisas que você não

sabe. Você pode não saber, não agora. Eu te amo, Calla. Eu amo. Mas você tem que confiar em mim.

— Eu só confio nas pessoas que são honestas comigo. — eu respondo uniformemente. — Você não está sendo honesto.

Pelo que há de sagrado, eu não sei como fomos de um dia incrível para isso, em um piscar de olhos. Dare parece confuso também, e em estado de choque e sem saber o que fazer.

— Deus, eu quero ser. — ele me diz, a voz aguda. — Eu estou em uma posição ruim, Calla. Você não entende.

— Eu só entendo uma coisa. — eu digo a ele e meu coração ameaça romper. — E é que eu não posso fazer isso agora. Se você decidir que está pronto para outra coisa comigo, que quer crescer e ser honesto, venha me buscar. Até então, deixe-me sozinha.

Levanto e saio caminhando até a praia, lutando contra o desejo de entrar em colapso a cada passo. O que acabei de fazer? Eu sou louca? Eu sinto seus olhos em mim, eu sinto seu olhar, e contra a minha vontade, eu olho por cima do meu ombro.

Ele está olhando para mim e o olhar em seu rosto me rasga ao meio. Há dor lá, crua, honesta, e isso é tudo que eu posso ver. Tudo gira em torno e ao redor, e, em seguida, as estrelas giram e, de repente, o mundo gira.

É demais para suportar.

Qualquer um quebraria.

Então, eu quebro.

Capítulo Trinta e Seis

- Triginta Sex -

Eu estou na minha cama.

O sol está clareando pelas minhas janelas, inundando o quarto com luz. Abro os olhos para encontrar Finn sentado ao lado da minha cama.

— Um tanto dramática? — ele pergunta com sua sobrancelha levantada.

Eu olho ao redor do quarto apenas para encontra-lo vazio, exceto por mim e meu irmão.

— Onde está o Dare? — pergunto rapidamente. Finn olha para longe bloqueando-me dos seus pensamentos.

— Foi. — ele diz simplesmente.

Foi? Sem dizer uma palavra? Ou explicação? Ou alguma coisa? Eu sei que eu falei para ele ir, mas ainda assim. *Deus.*

Meu estômago começa a revirar como se estivesse sendo contraído.

— Papai está lá embaixo arrumando café da manhã para você.

— Eu não quero café da manhã. — eu digo com petulância, olhando para minhas janelas. O céu ainda está azul, o sol ainda brilha... embora Dare esteja desaparecido.

— Você está bem? — Finn pergunta finalmente. — Você desmaiou na praia. Dare lhe trouxe até aqui, mas uma vez que o papai descobriu que você tinha ficado chateada por causa da briga de vocês, o papai o mandou ir embora. O que aconteceu?

— Nada. — murmuro. — Eu só estou cercada por segredos e loucura e eu não posso deixar Dare manter segredos também. Eu o quero aqui, eu quero ficar com ele, mas eu ficarei louca se as pessoas na minha vida não começarem a ser honestas comigo.

Finn olha para mim assustado. — O que você quer dizer com isso?

Eu não pisco. — Eu acho que você sabe.

Mas antes que ele possa responder, somos interrompidos por meu pai.

Ele atravessa a porta com torradas e sucos, como se fosse um dia normal.

— Bom dia! — ele grita colocando a bandeja sobre a minha mesa de cabeceira. — Estou feliz por você estar acordada.

Encaro-o friamente.

— Você mandou o Dare embora.

Meu pai olha de volta e permanece em sua posição.

— Você literalmente desmaiou na praia. — meu pai me diz de forma concisa. — Enquanto você estava brigando com ele.

— Minha vida amorosa é da minha conta. — lembrei-o. — Eu decido quem mandar embora. Não você.

Meu pai balança a cabeça. — Eu decido quem pode ficar na minha propriedade. — ele me diz. — E você está sob pressão suficiente, sem acrescentar mais dor a isso. Dare entendeu. Ele concordou na realidade.

— Dare concordou que não deveria ficar comigo? — eu pergunto em dúvida. A expressão do meu pai vacila um pouco.

— Não exatamente. Ele apenas concordou que ele não deveria estar aqui na noite passada. Eu vou deixar você decidir quando você irá falar com ele. Mas quando você fizer isso, você precisa ter certeza de que você está pronta. Estar envolvida emocionalmente com alguém é um negócio grande querida. Especialmente quando suas emoções já estão frágeis.

Eu ignoro isso. — Para onde ele foi?

— Eu não sei. — meu pai responde com firmeza, caminhando de volta para a porta. Ele sai e eu olho para a parede lutando contra as lágrimas quentes que molham os meus olhos.

— Mandei-o embora e ele foi o único, exceto você e meu pai que já me amou. — eu digo ao Finn sem olhar para ele. Ele parece confuso, assustado e triste.

— Teve a mamãe. — ele oferece hesitante.

— Ela está morta. — eu digo friamente.

Ele não pode discutir com isso.

— Quero ficar sozinha. — digo finalmente. *Sozinha com meus pensamentos, sozinha com a minha dor. Porque eu me entreguei a ele e ele me deixou. Mandei-o embora e ele aceitou isso e se foi.*

Finn se assusta, olhando para mim com surpresa. Porque eu nunca quis ficar sozinha antes.

— Você tem certeza?

Concordo com a cabeça.

— Está bem. — ele finalmente concorda. — Mas se você precisar de mim estarei no final do corredor.

Ele desliza para fora depois de olhar por cima do ombro com relutância, mas eu não o chamo de volta. Em vez disso, eu tiro os cobertores e fico olhando para o oceano, os barcos no horizonte. Eu desejo que um deles possa me levar e navegar para onde Dare está.

Ele pode estar escondendo coisas de mim, mas a dor em seu rosto era real.

Ele me ama.

Não importa o que, eu tenho que acreditar nisso.

É o que me ancora.

Eu fecho meus olhos e durmo.

Quando eu acordo, eu encontro o medalhão de Finn de São Miguel na minha mesa de cabeceira. Ele deixou-o comigo porque aparentemente *sou* quem precisa. Além disso, já é noite. Eu dormi o dia todo.

Hesitante, eu balanço as pernas para fora da cama e sento à minha mesa para abrir meu laptop.

Eu digito Adair DuBray no local de busca.

Eu fico meio surpresa por que: 1. Uma tonelada de resultados aparece; e, 2. Eu só estou fazendo isso agora.

Eu percorro os resultados hesitante.

Aparentemente sua família ou a família do seu padrasto é muito rica na Inglaterra. Eles são ricos há muito tempo e todos os Savage (que é o seu último nome) foram para a Universidade de Cambridge. **Dare** foi por conta própria e formou-se um ano mais cedo.

Há toneladas de fotos dele postadas... fotos dele em várias partes, com várias mulheres em seus braços. Os artigos mencionam como ele é uma decepção para a matriarca Savage, por causa dos seus modos peculiares, sua incapacidade de se estabelecer, a sua recusa em obedecer. Suas festas são comparadas às do príncipe Harry.

Você tem que estar brincando comigo.

Que tipo de família é essa que os sites de fofocas são tão interessados?

Ele vive em alguma propriedade enorme chamada Whitley, com a sua avó.

Eleanor Savage.

Uma viúva, ela teve dois filhos, Laura Savage e Richard Savage II, ambos falecidos.

Ela tem três netos, mas apenas um é nomeado. Um neto enteado, Adair DuBray.

Eu fico olhando para o retrato de Eleanor. Mesmo na foto sua boca está puxada com força em uma careta como se ela tivesse perpetuamente indignada, como se ela fosse incapaz de ficar

satisfeita. Não é de admirar que Dare não goste dela. Não é à toa que ele é um trapaceiro autoproclamado.

Eu li um artigo, no qual o entrevistaram, depois que se graduou antecipadamente em Cambridge e com honras. Ele lhes disse que ele ia para a América por um tempo. Isso foi no início deste ano, perto do outono.

Assim ele está aqui desde o outono e ele estava apenas procurando um apartamento quando me conheceu?

Que estranho.

Eu olho novamente para as fotos dele. Ele está rodeado de mulheres bêbadas, mulheres bonitas. Todas com pernas longas e cabelos loiros. Em uma foto ele tem seus braços em volta de uma menina, com uma bebida na mão quando ele brinda a câmera com irreverência. Seus olhos olham para a lente... pretos, pretos, pretos como a noite.

Mais pretos do qualquer coisa que eu já vi.

Mais pretos do que a minha tristeza.

Eu engulo as lágrimas, porque eu já sinto falta dele. Porque eu dei meu corpo para ele. Porque eu não quero nunca que ele tire uma foto com outra menina loira porque *ele é meu*. Porque ele está escondendo alguma coisa de mim e porque eu o quero, de qualquer maneira. Isso significa que eu sou fraca?

Eu engasgo um grito e pego meu telefone.

Eu mando uma mensagem de texto instantaneamente, embora eu nunca tivesse mandado uma mensagem para ele antes. Eu não tive que fazer antes... ele vivia a trinta metros da minha casa. Mas agora ele se foi.

Eu sinto sua falta. Mesmo que você tenha seus segredos.

Eu deslizo o telefone na minha mesa e subo de volta para a cama.

Eu não sei quanto tempo eu dormi, eu só sei que é a luz do dia mais uma vez quando eu abro os olhos. Finn está sentado na minha cadeira, observando-me preocupado. Ele está pálido, com as mãos cruzadas magras em seu colo.

— Você tem que comer alguma coisa. — ele me diz.

Eu viro meu rosto. — Eu não estou com vontade.

— Você dormiu por dois dias. — ressalta. Isso me surpreende, mas não demonstro. — Pelo menos beba alguma coisa.

Ele empurra um copo de água para mim. Eu me inclino, tomo dois goles, em seguida me deito.

— Vá embora Finn.

Ele me estuda, seus olhos azuis me avaliam, me procurando. — Você sabe, se você está tentando mostrar ao papai que ele estava certo, esta é a maneira de fazer isso. — ressalta. — Você está agindo como uma louca... clinicamente deprimida. É isso que você está tentando fazer?

— Precisa de um louco para conhecer outro. — murmuro e então eu me sinto culpada quando Finn recua. Dor jorra através de mim, remorso. — Sinto muito. — digo rapidamente. — Não foi minha intenção.

Ele dá de ombros, fingindo que não machucou. — Está tudo bem. É apenas a verdade. Você está agindo como uma louca agora. Se o papai estiver errado e você está realmente em uma posição onde você deveria estar namorando alguém, saia da cama e aja como tal. Mostre para eles, Calla.

Ele me olha melancolicamente com esse desafio e eu o odeio agora por ser tão lógico.

Por ser tão certo.

— Eu ainda estou cansada. — falo miseravelmente. Eu quero ficar aqui, onde não importa que eu esteja sozinha. Eu quero ficar aqui, aonde nada chegue até mim. Nem a morte da mamãe, nem a loucura do Finn e acima de tudo, nem a ausência de Dare.

Finn balança a cabeça. — Vou dar uma olhada em você mais tarde.

Eu o vejo sair, em seguida pego o meu telefone.

Não há novas mensagens.

Dare não respondeu.

Eu fecho meus olhos.

— Levante-se.

Abro os olhos e está escuro mais uma vez.

Eu não tenho nenhuma ideia de quanto tempo eu estive na cama, mas eu estou supondo que foi mais um dia. Ou 12 horas. Ou 12 anos. Quem sabe e quem se importa?

Eu encaro fixamente Finn.

— Chega Calla. Você é mais forte do que isso. Talvez você não se importe, mas eu sim. Eu preciso de você. Eu preciso de você, eu preciso de você para ser forte. Durma durante a noite se você quiser, mas na parte da manhã eu preciso que você tire a sua bunda da cama e pare de sentir pena de si mesma.

Ele é firme e severo e fraternal.

Meus olhos se enchem de lágrimas, então eu os fecho.

Eu o ouço suspirar quando ele se afasta e fecha a porta.

Finn

Sento-me na cadeira da minha irmã e a vejo dormir. Eu fico olhando para as lágrimas em seu rosto, a forma como seu cabelo está emaranhado e molhado.

Isso é patético.

A dor dela me fere.

ConserteIssoConserteIssoConserteIsso, as vozes entoam.

Eu Não Posso. Essa é a merda. Eu não posso corrigir isso.

Ela está frágil, assustada e sozinha, e agora ela está quebrada.

Ele a quebrou.

Carrancudo, eu pego seu telefone certificando-me de que ele não tenha mandado mensagem novamente. Eu apaguei a resposta dele antes, o lamentável: *Também sinto sua falta.*

Foda-se ele.

Foda-se qualquer um que queira machucá-la.

Eu não posso salvá-la se ela continua se machucando.

Mas o mundo é assim. O mundo é feio e doloroso e é assim que eu vou consertar isso. A resposta vem para mim tão clara como um sino. O mundo é muito doloroso. Só há uma maneira de parar isso, corrigir.

Corrija isso.

Eu vou.

Eu vou.

Corrija isso.

Considere feito.

Digo isso para as vozes e parece apaziguá-las, porque elas ficam em silêncio por um minuto enquanto me curvo e beijo a testa da minha irmã, então rastejo na cama atrás dela.

Só há uma maneira. Apenas uma Apenas uma Apenas uma.

~~Corrija isso.~~

Capítulo Trinta e Sete

- Trīgenta Septem -

Calla

A luz do sol inunda meu quarto e eu acordo me sentindo... viva novamente.

Eu não sei o porquê.

Talvez tenha sido a indignação de Finn na noite passada, seu argumento, seu pedido para que eu saísse da cama de manhã.

Eu não sei como isso me ajudou a romper a minha autopiedade, mas aqui estou eu, sentada na beira da minha cama.

É hora do almoço e eu estou de pé.

Sinto o cheiro de comida pela casa, caminho pelo corredor e encontro meu pai e Finn na cozinha.

Sento-me sem dizer uma palavra. Eu não penteei o meu cabelo, nem tirei o pijama. Mas ambos fingem não perceber.

Finn faz um prato para mim, colocando-o sobre a mesa.

— Está se sentindo melhor? — ele pergunta com cuidado.

Concordo com a cabeça, olhando para a minha comida, colocando um pouco na minha boca.

— Você está na cama há quatro dias. — ele acrescenta, seus olhos firmes me encarando.

— Quatro? — olho para cima e encontro seus olhos, depois os do meu pai. Meu pai balança a cabeça, o rosto cuidadosamente inexpressivo.

Eu recuo e olho para baixo.

— Eu estava cansada. — faço uma pausa, fico observando minhas mãos segurando o garfo. Pálida, magra, apática. Eu preciso me levantar. Eu preciso de um pouco de ar fresco. Eu preciso parar de ser patética. Mas primeiro... — Dare me ligou? — eu não posso deixar de me perguntar.

Há uma pausa, em seguida, meu pai concorda com a cabeça.

— E? — eu ouço a esperança na minha voz e odeio isso.

— E nada. — ele diz com firmeza. — Ele apenas queria saber se você estava bem. Você não está pronta para isso, Calla. Você já passou por muito nesses últimos meses. Você tem que se concentrar em si mesma, não em Dare.

Dor me atravessa e eu afasto meu olhar dele, olho pela janela, para o vazio da Carriage House de Dare.

Eles não entendem. Ele é o que tem mantido minha cabeça no lugar nas últimas semanas. Eu não sei por que sou dependente dele, eu apenas sou. E então eu o mandei embora, porque, aparentemente, eu sou uma lunática.

Eu como mais um pouco. — Obrigada pela comida. — eu digo a Finn. Ele balança a cabeça.

Eu mastigo e engulo me policiando para não olhar para o meu pai. Eu ainda estou chateada com ele.

Estou tão chateada que meus pulmões estão queimando e minha garganta está apertada.

Como mais um pouco. Começo a mastigar, a comida parece serragem na minha boca, acho que nunca vou conseguir engolir, porque minha garganta está muito quente, porque eu não posso respirar.

Que porra é essa?

Confusa, eu olho para o meu prato. Linguíça polonesa, chucrute, maçãs... e nozes.

Nozes.

Minhas mãos imediatamente voam para minha garganta, porque depois de três garfadas, já está inchada, fechada.

Eu chio, tentando respirar. A queimação se espalha através de meu peito, meus pulmões começam a doer, como se estivessem sendo esmagados. Eu sinto cada respiração pulsando nas minhas costelas, alongando, inchando.

— Pai. — eu consigo dizer e me levanto. Ele corre para me agarrar, e eu caio em seus braços, tentando respirar com os pulmões rígidos.

Eu forço uma respiração, mas ela não vem. O ar não pode entrar pelo inchaço na minha garganta. É como um visgo, uma constrição, um aperto.

Eu sou um peixe fora d'água, e tudo se transforma em ruídos, mas eu não consigo entender as palavras. A luz borra em uma grande cor, e eu penso uma última coisa antes de parar de sentir.

Alguém acabou de me envenenar.

Antes de eu abrir meus olhos, eu sei onde estou. Eu também sei o porquê.

Alguém me fez comer nozes.

Alguém.

Finn.

Essa informação me deixa tonta, e por isso me concentro em analisar onde estou.

Eu reconheço o cheiro estéril de hospital. Eu fico ouvindo com meus olhos fechados, ouvindo o barulho da borracha dos sapatos dos enfermeiros, os sinais sonoros das máquinas, os murmúrios baixos no corredor.

Eu estou com um tubo no meu nariz. Oxigênio. O quarto roda, e eu tento ficar focada.

Concentre-se, Calla.

Abro os olhos e o quarto roda, preciso ficar focada.

— Calla?

A voz do meu pai é calma e baixa. Movo meus olhos sem mexer minha cabeça, eu o encontro na cadeira de canto, me olhando com preocupação.

— Eu não estou morta?

Ele sorri. — Não. Graças a Deus.

Minha memória está confusa. — Tinha nozes. — eu me lembro. — Na minha comida.

Meu pai se encolhe. — Sim. Sinto muito, Calla. Eu não vi...

— Há quanto tempo estou aqui? — eu pergunto. Minha voz está rouca, minha garganta machucada. Eu sei por experiência que eles provavelmente enfiaram um tubo de respiração por ela.

— Cerca de quatro horas. Chamamos uma ambulância. Você ficou desmaiada o tempo todo. Você ficará bem agora. Até amanhã, você estará como nova, mas eles querem mantê-la durante a noite para observação.

Concordo com a cabeça.

Eu me sinto pesada, grogue, lenta.

— O que há de errado comigo? — eu pergunto lentamente.

— Deram-lhe algo para acalmá-la. — meu pai diz hesitante. Seus olhos estão no meu rosto, ele está preocupado que eu vá perder as estribeiras. Isso aconteceu antes?

— Onde está o Finn?

Meu pai olha para o lado. — Ele não pode vir aqui, querida.

— Por quê?

Meu pai suspira e olha para mim. — Você sabe porquê, Calla.

Eu fecho os meus olhos. Porque Finn sabe que eu sou alérgica a nozes. Ele sabia, e mesmo assim ele colocou na minha comida.

Essa é a sua forma de me salvar? Salvar de que? Tristeza? Era seu plano me matar, depois se suicidar?

Sinto a dor me atravessar, lenta, em seguida, forte, até que fica insuportável, como uma onda.

— Eu preciso vê-lo. — eu digo as palavras machucando meus pulmões.

— Não. — a voz do meu pai é firme.

Eu viro para o lado, olhando para longe, para as inúmeras nuvens sobre o estacionamento.

— Onde ele está? — eu pergunto, sem olhar para o meu pai. Ele não responde, e isso envia arrepios para a minha espinha.

— A culpa é minha. — eu digo a ele, virando-me de forma que eu estou olhando-o nos olhos agora. — Não é culpa do Finn. É minha. Eu li o diário dele, eu sabia que ele estava no limite e eu deveria ter lhe contado, mas não contei. Ele quer me salvar da dor, pai. Ele não estava tentando me machucar. Não é culpa dele, é minha.

Minha voz fica irregular, desesperada e meu pai esfrega meu braço. — Acalme-se, querida. Tudo ficará bem.

— Não vai. — eu insisto, minha voz estridente. — Não castigue o Finn. Não o coloque em um hospital, pai. A culpa é minha. Não dele. *Não dele.*

Estou praticamente gritando agora, contorcendo-me na cama tentando me levantar, mas meu pai me segura, suplicando. Antes que eu perceba, chegam as enfermeiras, duas delas, uma de cada lado. Uma injeta um remédio no meu soro que está no meu braço, em seguida, toda a minha agitação acaba. Minha raiva se vai, minha frustração é inexistente.

— Por favor, ligue para Dare. — eu sussurro. — Por Favor.

E então tudo fica preto.

Capítulo Trinta e Oito

- Trīgēnta Octo -

Finn

— **D**eixe-me ir! — eu grito, contorcendo-me para fugir das enfermeiras. — Eu não a machuquei. Eu não! Eu só tinha que ajudá-la. Vocês não veem?

Ninguém pode ver e ninguém se importa. Eles só embrulham meus pulsos com elásticos e os prende à cama.

Eu choramingo no travesseiro antes de mordê-lo. Eu nunca machucaria Calla.

Nunca.

Eu estou fazendo tudo isso *por ela*.

— Deixe-me ir. — imploro. — Eu não posso deixá-la sozinha. Por favor. Eu serei bom. Eu serei bom!

Mas elas me ignoram e quando eu olho para cima, vejo a cara do meu pai pressionada contra o vidro.

Eu o chamo, mas ele não responde. Na verdade, seu rosto distancia e não volta.

— Volte. — eu sussurro.

Mas ele não volta.

Minhas lágrimas são quentes, quando eu penso sobre a minha irmã, amontoada em algum lugar deste hospital, sozinha e assustada e pensando que eu tentei matá-la.

Eu nunca faria isso. *Faria?*

Você fez Você fez Você fez. Você não se lembra? As vozes estão rindo de mim, assobiando e gritando. Você fez Você fez.

Eu não fiz.

Eu não podia.

Mas minhas mãos estão algemadas a esta cama e não há como argumentar com isso.

Eu a alimentei com as nozes. Não há como negar isso também.

Eu fecho meus olhos contra as vozes entoando na minha cabeça, tentando bloqueá-las.

AssassinodeIrmã. AssassinodeIrmã. Você É um Monstro. Monstro. Nós Controlamos Você. Nós Controlamos Você.

Monstro.

Capítulo Trinta e Nove

- Triginta Novem -

Calla

Quando abro meus olhos, eu imediatamente foco em Dare sentado ao meu lado.

Ele está esparramado na poltrona, com os olhos fechados, as mãos segurando os braços. Ele é longo e fino e flexível. Ele é lindo e escuro e está *aqui*.

Ele está aqui.

Eu respiro fundo e pisco para me certificar de que não estava imaginando.

Ele ainda está lá.

— Dare. — o meu sussurro é gutural e cru. Eu acho que ele não vai me ouvir, mas ele ouve. Seus olhos se abrem e encontram os meus.

E então ele está fora da sua cadeira e de joelhos ao lado da minha cama, a testa pressionada na minha.

— Cal. — diz ele, seus lábios acariciando a minha pele. — Graças a Deus.

— Como você está aqui? — eu pergunto confusa. — Meu pai...

Dare assente. — Você pediu para ele me ligar, e ele ligou.

Deus o abençoe. Uma onda de gratidão corre através de mim. — Onde ele está? Ele está com Finn?

— Eu não sei. — Dare responde. — Eu falei para ele que ficaria com você até que ele voltasse.

Eu fecho meus olhos e inspiro-o, seu cheiro almiscarado ao ar livre. — Não me deixe. — eu digo a ele. — Por favor. Você prometeu uma vez, lembra-se?

Ele balança a cabeça. — Eu prometo. E eu não vou. Não me diga para ir novamente.

Concordo com a cabeça. *Eu não vou.*

Ele acaricia minha mão, os dedos suaves. — O que você lembra, Cal?

— Finn me fez um prato. — eu digo a ele. — Eu dei três mordidas e então percebi que havia nozes. Nozes.

Dare fecha os olhos. — Você tem sorte de estar aqui. — ele me diz sem abri-los. — Seu pai disse que mesmo uma noz pode matá-la. Você quase não chegou ao Pronto Socorro.

— Mas eu cheguei. — eu o lembro. — Eu estou aqui agora. Por favor, não deixe que eles mantenham Finn. Ele não queria me machucar. Eu sei que ele não quis. Ele nunca...

Mas Dare balança e levanta. — Eu não sei o que eles farão. — ele diz vagamente. — Não cabe a mim.

Eu fecho meus olhos, dor rasgando meu peito. — Talvez você estivesse certo. Talvez eu precise sair daqui. Talvez eu seja uma

muleta para ele... ou talvez eu seja mesmo uma preocupação para ele. Ele odeia que eu esteja triste por causa da mamãe. Talvez ele só queira acabar com a minha dor. Se eu partisse, ele poderia se concentrar em si mesmo... não em mim.

— E você poderia concentrar em *você mesma*. — Dare acrescenta. Abro os olhos e seu rosto está tão cansado, tão abatido. Eu estendo a mão e toco-o, minha pulseira azul do hospital escorregando no meu antebraço. Quando foi que eu perdi peso? Meus braços estão tão magros.

— Eu confio em você. — eu digo de repente. — Eu confio em você para me dizer sobre si mesmo quando você estiver pronto.

Dare treme agora. — Não é sobre eu estar pronto. É só que... Eu não posso adicionar ao seu fardo, Cal. Depois *disso*, você não pode ver isso?

Isso. Meu fardo. Meu irmão tentando me matar.

Isso nunca acabará?

— Sinto muito por tudo isso. — digo em voz baixa, quando olho para o seu rosto cansado. — Lamento que a minha vida seja louca.

Ele olha em volta e estremece. — Você quase morreu, Calla.

— Eu estava lidando com isso. — eu defendo a mim e Finn. — Finn precisa de mim. Eu estava lidando com ele.

— Você estava? — Dare levanta uma sobrancelha. Eu olho para longe.

— Seu diário está no meu quarto. Assim que eu sair daqui, eu tenho que terminar. Eu sinto, de alguma forma, que é a chave. Eu tenho que ler tudo.

Dare olha para mim, seu olhar escuro como a noite.

— Calla. Você tem certeza?

Concordo com a Cabeça. — Muita. Estive lendo um pouco de cada vez, mas é hora de terminá-lo. Você sabe quando eles me deixarão sair?

Dare sacode a cabeça. — Eu não sei. Eu acho que eles disseram que talvez na parte da manhã, dependendo de como você esteja. Você estava realmente irritada na última noite.

— É claro que eu estava. — eu rebato. — Eles trancarão meu irmão.

Dare olha para mim, com simpatia.

— Faça o que eles disserem hoje, e eu tenho certeza que eles deixarão você sair pela manhã.

Concordo com a cabeça e ele segura minha mão.

— E se eu decidir que eu quero mudar para Berkeley antes? — eu pergunto a ele antes de dormir.

Ele aperta os dedos. — Então eu vou com você.

— E se eu quiser ficar aqui?

— Então fico com você.

— Não importa o que?

— Não importa o que.

Isso é tudo que eu preciso ouvir. Paz me enche e eu adormeço. E pela manhã, eles me liberam.

— Eu quero voltar com Dare. — eu digo a meu pai.

Pai olha para mim, com os olhos tristes e resignados, tudo de uma vez.

— Está bem.

— E se Dare quiser alugar a Carriage House novamente, eu quero que você deixe.

Ele balança a cabeça.

— Algo mais? — a voz dele é frágil.

— Sim. Eu amo você. — eu jogo meus braços em volta do seu pescoço, porque mesmo que ele tenha interferido onde não deveria, ele fez isso porque ele me ama. Quando ele se afasta, seus olhos estão enevoados.

— Vá em frente, então. Estarei em casa depois de um tempo.

— Posso ver Finn antes de eu ir?

Ele me olha com pesar. — Receio que não.

Concordo com a cabeça, formando um caroço na minha garganta.

— Você vai trazê-lo para casa com você?

— Vou tentar. — ele promete.

Isso vai ter que ser o suficiente.

Dare me leva do hospital e para a sua moto, entregando-me o meu capacete. Eu me envolvo na sua cintura e nós vamos com o vento em nossos rostos.

A liberdade nunca pareceu tão boa.

SEJA LIVRE. Eu entendo a frase agora mais do que pensei que poderia.

Quando chegamos em casa, Dare pausa.

— Eu quero ficar com você quando você ler o diário. Tudo bem?

Ele está hesitante e doce conforme permanece no último degrau da minha varanda. Estou consciente de que ele pensa que eu sou tão frágil, mas eu aceno de qualquer maneira.

— Está bem.

Ele me segue para o meu quarto e se senta à minha mesa, enquanto eu enrolo na minha cama.

— Faz de conta que eu não estou aqui. — aconselha.

Eu balanço minha cabeça, mas isso é exatamente o que eu faço.

Eu ignoro o galã britânico sexy a cinquenta centímetros de mim, e em vez disso, concentro-me em salvar meu irmão.

Para fazer isso, eu mergulho em seu diário. Só sobra um quarto dele para eu ler. Eu começo percorrê-lo, e ele tece o seu caminho, entre ser lúcido e louco.

Ignore-a.

Ignore tudo.

Deus adiuva me. Deus me ajude. Eu. Eu.

Deus me ajude.

Nocte liber sum.

À noite eu sou livre.

Eu tenho que proteger meu segredo. Preciso Preciso

Preciso

Este jargão continua por páginas, com fotos e frases e palavras, até que chego a uma página específica. Há um desenho meu e de Finn, sentados em cima das falésias. Finn está jogando seu medalhão para o lado.

Ela precisa dele agora. Não de mim não de mim.

Proteja-a de mim. Proteja-a de mim.

Proteja-a de mim.

O amor é mais forte do que a morte do que a morte
do que a morte.

O amor é mais forte que a morte.

Acabe com isso acabe com isso

Acabe com tudo.

Por favor, Deus.

Por favor.

— Proteja-a de mim. — eu sussurro, água gelada bombeando nas minhas veias. — Finn sabia que ele faria alguma coisa para mim. Ele estava com medo dele. Ele ficava tentando me dar o seu medalhão de São Miguel para me proteger. Mas eu continuei devolvendo-o.

Sinto-me mole e em estado de choque quando olho para Dare.

— Ele sabia que me machucaria. Ele não conseguiu evitar.

Os olhos de Dare estão tempestuosos. — Então, ele deu-lhe as nozes para protegê-la?

Concordo com a cabeça, o conhecimento corta através de mim para o meu coração. — Ele nunca teria me machucado. Ele só queria me ajudar. É a única maneira que conhecia, no estado que ele está.

— Você já descobriu o seu segredo? — Dare pergunta solene. Eu balanço minha cabeça.

— Não. Ele continua fazendo referência a ele. Ele diz: *eu tenho que proteger meu segredo*. Mas ele não diz o que é.

Dare abre a boca para falar, mas a voz de Finn é mais alta, ensurdecadora, vinda da porta.

— O que você está fazendo com o meu diário? — ele exige, sua pele pálida e seus olhos azuis pálidos. Sua expressão é tempestuosa, porém, furiosa. — Você disse que não conseguia encontrar o meu diário, Calla. Você estava com ele o tempo todo? Escondeu-o de mim?

Eu gaguejo, tentando formar uma resposta, mas ele não deixa.

— Isso é mentira, Calla. — ele rebate. — Eu venho me matando com culpa e tentando descobrir uma maneira de ajudá-la, e você estava agindo pelas minhas costas o tempo todo.

Ele ainda está de pé, tão furioso que está tremendo. — Você quer saber o meu segredo? — ele pergunta, friamente calmo agora. Concorde com a cabeça, aterrorizada. — Então venha descobrir.

Ele gira e sai, descendo as escadas e sai pela porta. Fico atordoada por um minuto, então eu pulo para os meus pés. Eu posso ouvir Dare em meus calcanhares quando me apresso para seguir meu irmão.

Capítulo Quarenta

- Quadraginta -

Finn

Eu voou sobre as trilhas, derrapando até o caminho, com a minha irmã logo atrás de mim. Eu não paro até chegar aos penhascos, porque Deus, eu tenho que acabar com isso. Eu não posso mais fazer isso. Eu não posso esconder isso. Ela tem que saber Ela tem que saber Ela tem que saber.

Eu não aguento mais.

Ela tem que saber.

— Finn! — Calla chama. Eu me viro lentamente, e eu mal posso tolerar a expressão no rosto de Calla. Ela está com muita dor, e eu estou fazendo isso.

Sou eu.

Sou eu.

Sou eu.

— Eu não tive a intenção de te machucar, Cal. — digo calmamente, cada palavra ferindo meu coração. — Eu simplesmente não aguento mais. As vozes... elas são mais altas do

que a minha. Falam para eu fazer coisas, e eu não consigo pará-las. Eu não quero que você se machuque mais. E eu não quero me ferir. Você é uma parte de mim e eu sou uma parte de você e não devemos nos machucar.

Calla congela, com a mão no ar, porque ela ouve o desespero em minha voz.

— O segredo está me matando, Cal. — eu digo a ela. Eu pareço desesperado e fraco e patético. — Eu não posso pensar. Não é justo com você, e isso não é justo comigo.

— Qual é o seu segredo, Finn? — ela pergunta, lentamente, com cuidado para não se aproximar de mim. — Pode se afastar da borda e me dizer?

Eu rio, um som histérico, como uma hiena enlouquecida.

Eu sou desequilibrado desequilibrado desequilibrado.

Eu me tornei desequilibrado.

— Você não está cansada de me falar para afastar da borda? — eu exijo. — Não está? Você não está cansada de se equilibrar sobre estes penhascos e ter medo de nós cairmos da borda? Eu sei que eu estou. Isso não é vida, Calla. Isso não é viver. O amor é mais forte do que a morte, Cal e isso não é viver.

Sua respiração é alta, e eu ouço Dare vindo por trás dela, mas ele aproveita a sugestão e não diz uma palavra.

— É viver. — ela diz. — É viver, porque eu te amo. Eu farei tudo por você. Você faz parte de mim, e eu sou parte de você e essa é a forma como funciona. Por favor, Deus, por favor... não faça isso, Finn. Não faça isso.

Ela está chorando agora, tremendo ao vento com suas lágrimas, mas eu me sinto mais leve do que me senti em anos. Em semanas. Em meses.

— Tudo ficará bem, Calla. — eu digo a ela. — Acabará em breve.

Eu sorrio e inclino o meu rosto para o céu.

O sol está gostoso no meu rosto.

Calor = Vida.

— Não. — Calla grita, se lançando em direção a mim, mas dou um passo para trás.

— Não se mexa. — eu digo a ela. — Ou eu farei isso agora mesmo.

— Por que você está fazendo isso? — ela soluça, seu cabelo vermelho ardente girando em torno dela por causa do vento. — Por que, Finn?

— Porque as coisas têm que acontecer em ordem. — digo, com toda a calma que posso, só que parece que estou gritando. — Você não estava se movendo em ordem, Calla. Eu tinha que te obrigar. É isso que estou fazendo com você. O meu segredo. Eu estou ajudando você, você simplesmente não o vê.

— *Qual é o seu segredo?* — ela grita, com lágrimas caindo sobre seu nariz, sua boca, sua camisa. — Diga-me e eu vou ajudá-lo, Finn. Salve-me e eu vou te salvar, lembra? Deixe-me te salvar!

Ela está soluçando e eu também e eu não posso mais dizer a diferença entre nós.

FaçaissoFaçaissoFaçaisso! As vozes entoam. PulePulePulePule. Mostre a ela mostre a ela mostre a ela.

— Cale a boca! — eu grito, cobrindo meus ouvidos. — Eu tentei, Calla. Tentei. Mas eu não posso mais fazer isso. Nem mesmo por você.

Eu imagino minha lista na minha cabeça, porque é a única coisa que abafa as vozes. É uma página limpa sem estragos ou manchas. Na minha cabeça, eu cuidadosamente escrevo as palavras, então risco-as porque estou prestes a completar a minha missão. Finalmente.

~~Termine isso agora.~~

— Eu te amo. — eu digo a minha irmã. — Dou um passo para trás.

— Nããão!

O grito duro rompe com minha concentração e faço uma pausa na borda, com o vento soprando através de mim, porque a voz não era de Calla. Era de Dare.

Confuso, eu olho para encontrar Dare em pé exatamente onde Calla tinha acabado de estar.

Os cabelos vermelhos sopram sobre os meus ombros, enquanto os meus sapatos equilibram na ponta.

Converses cor de rosa.

Eles deveriam ser pretos.

— Calla, se afaste da borda. — Dare implora. — Por Favor.

Calla, se afaste da borda.

Que Diabos?

Eu fico olhando para Dare, precariamente equilibrada, quando eu tento entender o que está acontecendo com pensamentos irregulares, frenéticos. Os pedaços voam para longe e giram e voltam a se unir, formando pensamentos parcialmente coesos. Através de tudo isso, no entanto, uma coisa é clara.

Finn não está aqui.

Eu estou em pé na borda onde Finn tinha estado. Pânico e confusão me dominam, quando eu giro, procurando o meu irmão, mas já sabendo algo lá no fundo.

Eu finalmente sei o segredo de Finn.

Ele não está aqui.

Ele nunca esteve.

Capítulo Quarenta e Um

- Quadraginta Unus -

Calla

Eu estou em pânico quando olho para Dare, desorientada e aterrorizada, quando o vento chicoteia o meu cabelo em volta do meu rosto.

Não. Isso não está certo. Não pode ser.

Imagens e memórias e retratos inundam minha mente com a velocidade da luz, encaixando, separando, formando uma colagem, depois outra e outra.

Memórias.

Minha vida.

Inteira.

Eu luto para encontrar palavras, mas eu não consigo e por isso começo a soluçar em vez disso, afastando-me da borda e afundando no chão. Dare envolve seus braços nos meus ombros, me puxando para a segurança.

— Eu sou louca. — eu me ouço chorar, agarrando-me a Dare. Sua voz é rouca e calma.

— Você não é. — ele insiste. — Você não é.

— Onde está o Finn? — minha voz está quebrada porque, no fundo, eu sei onde Finn está. Eu sei no meu coração, eu sei na minha alma. Eu estive escondendo isso de mim o tempo todo.

Dare permanece quieto, suas mãos grandes acariciando minhas costas, me pedindo para acalmar.

Eu tenho que saber. Eu tenho que ver.

Afasto-me de Dare, pulo para os meus pés e decolo para minha casa. Eu abro as portas e agradecendo pela casa escura, subo as escadas, dois degraus de cada vez até que eu estou em pé na frente da porta do quarto de Finn.

Eu fico olhando para a madeira, para o granulado, para o recorte, para a maçaneta. Eu não quero abri-la, porque eu sei o que vou encontrar.

Mas tenho que fazer. Eu tenho que ver.

Estendo mão, giro a maçaneta.

A porta range para abrir, revelando o que meu coração sabia que encontraria.

Um quarto vazio.

A cama ainda está lá, arrumada. Os pôsteres de Finn ainda estão na parede, de Quid Quo Pro e The Cure. Seus converses pretos estão ao lado da porta, como se ele fosse usá-los de novo, mas ele não vai. Sua roupa suja ainda está em seu cesto. Seus livros alinhados nas prateleiras. Sua almofada preferida espera por ele, seus CDs, seu telefone. Tudo.

Mas ele não voltará.

A mão de Dare está sobre as minhas costas, me confortando. Eu não posso sentir nada.

Eu entro e sento-me na cama, ouvindo o meu irmão.

Não há um som.

Eu abraço meus joelhos, quando onda após onda a memória volta.

Minha realidade não tem sido real.

— Finn morreu com a minha mãe. — digo em voz alta, a dor forçando meu coração, meus ossos, minha alma. Eu vejo as imagens na minha cabeça, voando em conjunto para formar cenas.

Eu vejo-o entrar em seu carro vermelho. O carro nunca compartilhado, pois cada um de nós tinha um.

— Ele estava indo para um show, Quid Pro Quo. Ele começou a descer a montanha e estava a caminho, quando liguei para a mamãe. Mamãe cruzou a linha central em seu caminho até a montanha. Ela estava correndo porque estava atrasada e ela bateu de frente, quando fez uma curva.

Eu não consigo suportar a dor.

Ela me cega, ensurdece, transforma tudo em um rugido.

Eu não posso ouvir. Eu não posso ver.

— Ela estava indo rápido demais. — eu continuo sem vida, minhas lembranças desenrolando como um filme na minha cabeça. — Ela estava distraída, porque estava falando comigo no telefone. Eu matei minha mãe e meu irmão. *Finn*. Deus.

Minha cabeça cai em minhas mãos.

A dor é mais do que eu jamais pensei que seria, mais do que eu jamais pensei que poderia suportar. Flashes de Finn rasgam minha mente... de quando éramos pequenos. De quando brincávamos no oceano. De Finn me chamando quando nós brincávamos de esconde-esconde, de Finn me chamando, quando ele estava com medo. E, naquela noite, quando ele enfiou a cabeça na sala antes de sair... a última vez que eu o vi vivo.

Vejo você mais tarde, Cal. Tem certeza de que não quer ir?

— Eu não fui com ele. — eu sussurro, as palavras cortam um caminho ao longo da minha garganta. — Ele ia com um amigo de seu grupo e eu não queria ir com ele porque eu queria... eu queria... você.

Eu conhecia Dare naquela época.

Conheço-o há meses e meses. *Isso não pode estar acontecendo. O que está acontecendo? Estou louca? Perdi a razão?*

Dare me aperta, me deixando chorar, tentando desesperadamente me proteger da minha dor.

Ele não pode.

Ele não pode me proteger da dor mais.

— Eu queria ficar na casa funerária para que você pudesse vir me encontrar e pudéssemos ficar sozinhos.

Meu coração martela, e vejo relances de Dare em minha cabeça. Seu sorriso, seu rosto, suas mãos. Eu fico olhando para suas mãos agora, o anel de prata.

— Eu te dei isso no Dia dos Namorados. — eu lembro.

Ele balança a cabeça.

— Você... eu... estamos juntos há um tempo. Estávamos... naquela noite... eu deixei meu irmão ir ao show sozinho, porque eu queria ficar sozinha com você.

Deus, eu sou um monstro.

Deus, eu sou louca.

Eu olho para ele.

— O que está acontecendo comigo?

Sinto-me tonta, confusa, perdida.

Dare engole em seco.

— Sua mente estava tentando se proteger. Você experimentou uma perda avassaladora. Você se sentia culpada, quando não era. Foi mais do que podia suportar. No dia depois que eles morreram, você acordou e pensou que Finn ainda estava aqui, na verdade, havia vezes que você pensou que *você fosse Finn*. Os médicos disseram que você precisava descobrir no seu próprio tempo, que tentar trazê-la para a realidade feriria você.

— Então, todo mundo foi junto com isso. — eu percebo em horror. — Eu sou louca. Eu sou louca e nem sabia disso.

Os olhos escuros de Dare se conectam com os meus. — Não, você não é. — ele diz com firmeza, com determinação. — Você teve uma ruptura mental, porque a sua realidade era muito difícil de suportar. Chamaram de PTSD[30] e Disassociative Memory Loss[31]. Você não está louca.

— É por isso que você não podia ficar comigo. — eu percebo lentamente, juntando os pedaços. — Porque eu sou uma louca e eu não me lembro de você. Como no mundo eu poderia esquecer um

pedaço tão grande da minha vida? Eu não sei por que você ficou comigo. Eu sou tão louca.

Eu estou chorando de novo, ou ainda, porque talvez eu nunca tenha parado, e Dare me mantém apertada contra o peito dele.

— Eu te amo, Calla. Você se esqueceu de mim, porque você se sentia muito culpada para lembrar. Porque você pensou que fosse sua culpa. Porque você achou que não merecesse ter algo bom.

— Talvez eu não mereça. — eu choro calorosamente, fechando os olhos com força, mas quando fecho, tudo que vejo é o rosto do meu irmão.

— Você merece. — Dare fala com firmeza. Abro os olhos e olho para ele. — Você me ama, Calla. E eu te amo.

Lembro-me da primeira vez que ele disse essas palavras para mim, meses atrás, mas as lembranças são difíceis de ver. Elas são nebulosas e distantes, como se eu estivesse tentando trazê-las para mim através de águas turvas.

— Não me lembro de tudo. — eu digo frustrada. — Minhas lembranças de você... não são muitas.

Dare assente. — Os médicos disseram que voltará em etapas. Primeiro, eu... tentei ficar longe, mas era muito difícil, e você não estava fazendo nenhum progresso. Nós decidimos que eu voltaria a entrar em sua vida como um estranho para ver se refrescaria sua memória.

Eu me sinto tão tola... tão louca.

— Você encenou me encontrar de novo, pela primeira vez? No hospital?

Dare olha para mim, seus olhos cuidadosamente inexpressivos. — Sim.

— É por isso que parecia que eu conhecia você. — eu percebo lentamente. — É por isso que você parecia familiar, por isso eu me senti ser puxada para você desde o começo. — *o déjà vu, os sonhos.*

— Você não tem ideia de como tem sido difícil. — ele me diz. — Fingir que eu não sabia quem você era.

Engulo em seco, porque eu só posso imaginar, e por tudo isso, a coisa toda elaborada, era culpa minha. Então, uma coisa me ocorre, algo horrível.

— As nozes. — eu respiro, meus olhos arregalados e horrorizados. — Finn não me alimentou com elas. Eu fiz isso. O hospital... eu não estava lá para visitar Finn... eu estava lá por *mim*. Eles estavam me assistindo... para ver se eu tentaria me machucar novamente.

Dare não diz nada, mas seu silêncio é tudo.

Eu olho ao redor do quarto, o quarto vazio, vazio.

— Meu irmão está morto. — as palavras têm um sabor amargo.

Dare não diz nada, mas ele me aperta mais forte.

— Você sabia de tudo. — minhas palavras são duras. Dare olha para mim.

— Eu não podia te dizer. Os médicos disseram que você tinha que se lembrar em seu próprio tempo.

— Eu sou tão estúpida. — lágrimas correm pelo meu rosto e eu as enxugo, ignorando meu coração batendo forte, porque dói muito. — Sou insana.

— Você não é.

— Você está tentando convencer você ou a mim? — eu pergunto dolorosamente.

— Você. — ele diz com firmeza.

Eu olho para fora das janelas, para a chuva, os penhascos. O vento, a chuva, o barro... tudo isso borra junto com as minhas lágrimas e tudo fica vermelho, porque o vermelho = perigoso.

Minha perda é esmagadora.

Meu irmão.

A dor.

Está tudo vermelho.

— Desde que nascemos, fomos Calla e Finn. — falo para Dare sem expressão. — Quem eu sou agora?

Dare me segura perto, indiferente ao tempo, alheio a todo o resto, exceto eu. — Eu sou uma metade de um todo. Finn é minha outra metade. O que eu farei sem ele?

Meus soluços raspam as minhas costelas, cortando-as, fazendo-as sangrar porque eu sou vermelha agora. Eu nunca serei verde novamente.

— Eu não sei. — Dare admite impotente. — Eu quero dizer-lhe que ficará tudo bem. Eu vou te dizer, vou fazer de tudo que eu puder para deixar assim. Mas eu acho que... só o tempo...

— Não diga que o tempo cura todas as feridas. — eu interrompo bruscamente. — Isso é uma mentira.

— Eu sei. — ele diz simplesmente. — Mas com o tempo, você pode controlar isso. Isso é tudo. A dor se tornará menor e suas memórias irão mantê-la à tona. Isso é o que eu sei.

— Ele queria ser salvo... de sua própria mente, quero dizer. — eu tento e faço o meu coração insensível, mas eu sei que é perigoso agora. Eu não posso esconder mais. Eu tenho que sentir isso, toda a dor miserável nisso. — Em seu diário... ele pediu mais e mais para ser salvo. Ele me pediu para salvá-lo. — eu olho nos olhos do Dare. — Eu não podia salvá-lo, Dare.

Dare não quebra o nosso olhar. — Ele não era seu para salvar, Calla. Ele não morreu por uma doença mental. Ele morreu em um acidente de carro. Não havia absolutamente nada que você pudesse ter feito para salvá-lo.

— Só que eu não deveria ter ligado para a minha mãe durante a tempestade. Isso teria salvo ambos.

Dare aperta os meus braços, me forçando a olhar para ele.

— Isso simplesmente não é verdade e você sabe disso. Quando é a hora, é a hora. Nós não decidimos. Deus decide.

Estou vazia por dentro. Eu ouço as palavras de Dare, mas eu não posso senti-las.

— Eu preciso descansar. — eu decido, enrolando para o meu lado na cama do meu irmão. Eu fecho meus olhos contra a realidade, buscando conforto na escuridão. Dare não discute. Ele apenas deita atrás de mim, com os braços segurando-me firmemente.

— Você não tem que ficar.

— Eu tenho. — suas palavras são firmes. — Seu pai não está aqui e eu não te deixarei sozinha. Eu não deixarei você de novo, ponto.

Lágrimas correm pelo meu rosto e eu mantenho meus olhos bem fechados.

Eu me viro para Dare, inalando seu cheiro, ouvindo seu coração enquanto bate forte e em alto e bom som. Ele está vivo, e eu também estou.

Mas Finn não está.

— Eu não sei como vou sobreviver a isso. — eu sussurro.

Dare beija o topo da minha cabeça, sua respiração um mero sussurro.

— Um dia de cada vez.

Eu olho para ele, meus olhos quentes e vermelhos. — Com você?

Ele balança a cabeça. — Comigo.

A dor me inunda e então eu faço a única coisa que eu sei fazer.

Eu durmo.

E eu sonho.

Porque durante todo o tempo, os meus sonhos têm sido memórias.

Capítulo Quarenta e Dois

- Quadraginta Duo -

— *Ele se foi, querida.*

Eu fico olhando para a parede, o meu telefone na minha mão. Eu fiquei esperando e esperando que Finn ligasse, à espera da sua voz, esperando que ele estivesse bem. Os braços de Dare estão em volta do meu ombro, me segurando.

Meu pai me olha, seus olhos de um azul pálido como os de Finn, e chocado.

— *Calla?*

Eu viro meu rosto para olhar para ele, mas olhá-lo faz parecer muito real, então eu fecho meus olhos, em vez disso.

Eu não posso fazer isso.

— *Calla, eles encontraram o carro dele. Estava na baía. Ele dirigiu para fora da borda... sua mãe estava no barranco, mas o carro de Finn mergulhou na direção oposta. Abaixo das rochas, na água.*

Não, isso não aconteceu.

Ele não pode ter feito isso.

— Não. — eu digo claramente, encarando meu pai atordoado. — Ele estava usando seu medalhão. Ele estava protegido.

Meu pai, o homem mais forte que eu conheço, se afasta e os ombros tremem. Após alguns minutos, ele se vira para trás.

— Eu quero ver. — digo vagamente. — Se for verdade, eu preciso ver.

Meu pai já está balançando a cabeça, a mão no meu braço. — Não.

— Sim.

Eu não espero que ele concorde, eu só saio da casa, desço os degraus, pela trilha, para a praia. Ouço Dare atrás de mim, mas eu não paro. Há bombeiro, polícia, fita da polícia e paramédicos amontoados, e um deles tenta me parar.

— Senhorita, não. — diz ele, com sua voz grave, o rosto horrorizado. — Você não pode ir lá.

Mas eu empurro para longe, porque eu vejo Finn.

Eu vejo o seu carro vermelho esmagado que eles já retiraram da água.

Eu vejo alguém deitado na areia, alguém coberto por um lençol.

Eu ando em direção a esse alguém com calma, porque mesmo que este seja o carro de Finn, não pode ser Finn. Não pode ser porque ele é meu irmão gêmeo, e porque eu não senti isso acontecer. Eu teria sabido, não teria?

Dare me chama através da névoa espessa, mas eu não respondo.

Dou um passo.

Depois, outro.

Depois, outro.

Então eu estou ajoelhada na areia, ao lado de um lençol.

Meus dedos tremem.

Meu coração treme.

E eu afasto o tecido branco.

Ele está vestido com calça jeans e camisa de botão, roupas para um show. Ele está pálido, magro, alto. Ele está frágil, está frio, ele está morto.

Ele é Finn.

Eu não consigo respirar, conforme seguro sua mão molhada, conforme me debruço sobre ele e choro e tento respirar e tento falar.

Ele não parece que sofreu um acidente. Há um hematoma na testa e é isso. Ele está tão branco, tão, tão branco.

— Por favor. — peço-lhe. — Não. Não hoje. Não.

Eu estou balançando e eu sinto mãos em mim, mas eu as afasto, porque é o Finn. E nós somos Calla e Finn. Ele é parte de mim e eu sou parte dele e isso não pode estar acontecendo.

Eu choro tanto que meu peito machuca, minha garganta fica crua e eu arfo para respirar.

— *Eu te amo. — eu digo a ele quando consigo respirar novamente. — Sinto muito por não estar com você. Desculpe-me, por não conseguir salvá-lo. Desculpe. Desculpe.*

Eu ainda estou chorando quando grandes mãos seguram meus ombros e me levantam do chão, e sou puxada para braços fortes.

— *Shhh, Calla. — meu pai murmura. — Vai ficar tudo bem. Ele sabia que você o amava.*

— *Ele sabia? — eu pergunto duramente, afastando-me para olhar para o meu pai. — Porque ele queria que eu fosse com ele, e eu o fiz ir sozinho. E agora ele está morto. Eu liguei para a mamãe e os dois estão mortos.*

Papai me puxa de volta em seus braços e acaricia minhas costas, mostrando uma ternura que eu não sabia que ele possuía. — Não é culpa sua. — ele me diz entre soluços arruinados. — Ele sabia que você o amava, querida. Todo mundo sabia. Sua mãe, também.

Minha mãe. Eu sufoco outro soluço ofegante.

Isto não pode estar acontecendo.

Isto não pode estar acontecendo.

Esta não é a minha vida.

Eu saio dos braços do meu pai e ando trôpega de volta para a trilha, passo pelos paramédicos, pela polícia, por todo mundo que está olhando para mim. Eu ando direto até o quarto de Finn e caio em sua cama.

Com o canto do meu olho, eu vejo seu diário.

Eu o pego, lendo a letra familiar escrita pelas mãos que eu tanto amo.

Serva me, servabo te.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Tudo bem.

Tudo bem, Finn.

Eu fecho meus olhos, porque quando eu acordar amanhã, eu vou achar que tudo isso foi um sonho. Isto é um pesadelo. Tem que ser.

O sono vem depressa e quando eu acordar, vou salvar o Finn.

Eu acordo com um sobressalto, as lembranças daquela noite tão vivas, tão horríveis, tão paralisantes.

A luz do sol inunda meu quarto, expondo todos os cantos, cada canto vazio.

Eu tremo e saio da cama, olhando para fora da janela. Dare e meu pai estão sentados na varanda abaixo, falando seriamente.

Eu coloco algumas roupas e escorrego para fora da porta dos fundos e em direção à estrada. Quando começa a chover, eu puxo meu capuz, mas eu continuo.

Eu tenho um lugar para ir.

Eu pego o ritmo, corro até eu chegar à cruz e às faixas.

Engulo, fico de pé ao lado, olhando para o barranco, para as árvores quebradas, as marcas pretas e galhos tortos.

Minha mãe morreu aqui.

Mas eu sempre soube disso.

Voltando, eu atravesso para o outro lado, para o lado voltado para o mar.

Os seres vivos estão quebrados deste lado também. Samambaia, arbustos e árvores. Eles estão tortos e quebrados, mas ainda vivos. Eles prosperam no lado da montanha, voltando da beira do abismo.

O viridem.

O verde.

Ainda está aqui, mas Finn não está.

Seu carro capotou para o lado da montanha e mergulhou na água.

Olhando para fora, sobre a superfície vítrea, você nunca saberia que Finn morreu lá. Mas eu sei. Eu sei agora.

E é demais para suportar.

É demais.

Eu afundo para os meus pés e puxo meus joelhos no meu peito, fechando os olhos, sentindo formar lágrimas quentes sob minhas pálpebras. Concentrando-me, duramente, eu imagino o rosto de Finn. Imagino-o sentado ao meu lado, agora.

— Ei Cal. — ele diria. — Você sabe que a escrita desleixada de médicos mata mais de 2.000 pessoas a cada ano, por tomarem os medicamentos errados?

Eu balanço minha cabeça tristemente para ele. — Não.

Ele balança a cabeça, presunçoso por seu conhecimento superior de fatos estranhos da morte. — É verdade.

— Mas não foi isso que te matou.

Minha voz é gritante, e eu percebo que eu estou falando em voz alta. E eu não me importo.

Finn imaginário dá de ombros. — Não. Mas todos acabarão mortos, independentemente da causa.

— Eu não estou pronta, Finn. — digo-lhe com voz fraca. — Você não pode ir.

Meu corpo está como o gelo, os meus nervos como madeira. Ele sorri para mim, o velho sorriso que eu amo, aquele que ilumina seus pálidos olhos azuis.

— Eu não poderia evitar isso, Cal. — ele me diz sério. — Mas você tem que lidar com isso. Você tem que seguir em frente.

— Para onde? — eu pergunto a ele, simplesmente. — Eu não posso ir a qualquer lugar sem você.

A dor na minha voz é um bisturi afiado, cortando-me com precisão.

— Você precisa. — Finn responde. — Você não tem escolha, Calla. Você precisa.

— Calla?

A voz vem atrás de mim, ao lado da estrada. Dentro de um minuto, Dare está sentado ao meu lado, olhando para o mar comigo.

— Com quem você estava falando? — ele pergunta, tentando esconder sua preocupação.

— Finn. — digo-lhe honestamente. — Mas não se preocupe. Eu sei que ele não é real. É só que... você não entende como é. Ele é parte de mim, Dare. E ele simplesmente desapareceu. Eu não sei como viverei com isso.

Minha voz se quebra e eu choro, me sinto fraca. Mas eu não consigo evitar. As lágrimas só vêm, cada vez mais.

Dare me puxa para ele, contra o seu peito e me embala, me protege do mundo, da minha própria tristeza.

— Vamos voltar para casa. — sugere ele. — Você não precisa ficar aqui.

Aqui onde meu irmão morreu.

Aceno com a cabeça, concordando, aceitando, porque a verdade é que eu não sei onde eu deveria estar. Não mais.

Deixo Dare me levar para casa, o deixo preparar o almoço para mim e sentar-se comigo na varanda até que é hora de comer novamente para o jantar. E é assim que a minha vida é pelos próximos dias.

Eu atravesso a rotina e eu me sinto como a madeira, e Dare e meu pai me esperam voltar à vida.

Capítulo Quarenta e Três

- Quadraginta Tres -

Eu estou sonhando novamente no quarto dia.

Eu sonho que Finn e eu estamos caminhando nas trilhas, fazendo yoga sobre as falésias, nadando no oceano, pescando caranguejo. É sempre Finn e eu, porque ele não está mais na minha realidade. Ele se foi. Mas nos meus sonhos, ele vive.

Em meus sonhos, ele está em todos os lugares, me cercando.

E então, quando eu acordo, quando olho para todos esses lugares que ele deveria estar, ele não está.

Ele se foi.

Hoje, quando acordo, Dare está me esperando na cadeira da escrivaninha do Finn. É de manhã e ele parece incrivelmente casual e elegante em sua roupa delgada e ajustada, conforme se espreguiça em direção ao sol.

— Acho que eu não posso ficar aqui. — digo-lhe, minha voz rouca de sono e dura com as memórias. — Onde quer que eu vá... me lembra.

Dare assente. — Eu sei.

— O que devo fazer? — eu sussurro.

Ele balança a cabeça. — Eu não posso decidir por você.

— Eu não quero deixar Finn. — eu digo com voz trêmula. Mas Dare balança a cabeça novamente.

— Finn não está aqui, Calla-Lily.

Engulo em seco, porque ele não está.

— É tão estranho. — medito inexpressiva. — Eu ficava pensando que Finn estava tentando me convencer a ir ao cemitério para dizer adeus à minha mãe. Mas foi, na verdade, minha própria mente, tentando me fazer ver a realidade, não foi?

Dare olha para mim, simpatia em seus olhos. — Eu não sei. Talvez sim.

— Eu preciso dizer adeus a ambos. — eu digo a ele. — Mas eu não posso hoje. Eu só preciso de um minuto para entender tudo isso.

— Leve o tempo que for necessário. — Dare diz sabiamente. — Você não pode apressar isso. Vamos tão lentamente quanto você quiser.

Ele me puxa para ele e eu fico lá, minha cabeça contra seu peito, as mãos esfregando minhas costas.

Minhas mãos queimam e eu me afasto, as examinando.

Tenho bolhas em minhas palmas, avermelhadas e descamando, porque elas estão em processo de cura. Eu nem tinha notado até agora, embora esteja claro que elas estão lá há algum tempo.

— Você foi cortar lenha. — Dare oferece, e eu tremo. Eu tremo porque eu sei *o porquê*.

— Esse era o trabalho de Finn. — digo em voz alta. — Eu devo ter... eu devo ter pensado que eu era Finn. E que meu pai precisaria de lenha para quando fôssemos embora para faculdade.

Dare acena solenemente concordando e eu ainda não consigo descobrir por que ele ficaria comigo. Eu estou uma bagunça.

— É como se minha mente fosse uma corda, fragmentando e desenrolando até que fique pendurada por um fio.

Dare sacode a cabeça e me puxa para perto novamente.

— Você precisava de tempo para processar o que aconteceu. Só isso.

— Eu ainda não estou pronta. — minha voz falha com a ideia de seguir em frente sem Finn.

— Eu sei.

Mais quatro dias passam antes de eu trazer o assunto novamente. Quatro dias de meu pai e Dare me observando, procurando por sinais de que estou enlouquecendo, quatro dias de chuva, de sono e silêncio.

Quatro dias de luto.

Quatro dias disso pendurado sobre a minha cabeça até que uma manhã, fico farta.

— Eu tenho que fazer aquilo hoje. — eu decido no café da manhã. Dare imediatamente se levanta.

— Está bem.

Eu monto na traseira da sua moto, no caminho para o cemitério, o meu rosto pressionado nas suas costas fortes. Eu fecho meus olhos e inalo o ar fresco, absorvendo a luz do sol, sentindo o calor.

Calor = Vida.

Nós paramos do lado de fora dos portões e Dare desliga o motor, cuidando para respeitar as terras sagradas do local de sepultamento.

— É tão estranho. — digo quando caminhamos pelos jardins bem cuidados, pisando ao redor das lápides. — Lembrei-me do funeral da minha mãe, mas eu não me lembrei de qualquer coisa sobre o de Finn. Tivemos um funeral comum, mas minha mente bloqueou tudo o que tinha a ver com Finn. Mas eu me lembro agora. Você estava lá. Eu vi seu rosto. Você estava na parte de trás.

Nesse ponto, eu nem sequer me lembrava dele. Deus.

Dare aperta minha mão e nós andamos diretamente para a parte traseira, direto para as lápides de mármore branco que marcam o chão.

Eu olho primeiro para a da minha mãe, porque apesar de ser angustiante, é mais fácil.

LAURA PRICE. Eu traço o nome com o dedo, afundando de joelhos.

— Desculpe, mãe. — eu sussurro para ela. — Sinto muito por ter ligado. Eu sinto muito por você ter atendido. Por favor, me perdoe. Eu te amo. Eu te amo.

Eu beijo meus dedos e pressiono-os na pedra, e então eu faço a coisa mais difícil que eu já tive que fazer.

Viro-me e digo adeus ao meu irmão.

Meu Finn.

A lápide de Finn é branca e brilha no sol da tarde. A escrita sobre ela traz lágrimas aos meus olhos, porque eu a reconheço imediatamente... é muito semelhante ao que Mark Twain tinha inscrito na lápide da sua filha.

As palavras de Finn borram conforme lágrimas enchem meus olhos, mais uma vez, ou ainda.

Boa noite, doce Finn. Boa noite, boa noite.

Eu rasgo por mil razões, e uma delas é o meu pai. Ele deve ter prestado atenção em mim ao longo dos anos, apesar de tudo, porque eu disse a ele uma vez o quão comovente e bonito eu achava este epitáfio em particular. E quando chegou a hora de escolher a lápide de Finn, eu não estava em condições de ajudar.

Mas meu pai tinha lembrado, e isso é perfeito.

É exatamente o que eu teria escolhido para o meu irmão.

Eu afundo no chão, na frente, sem me importar que a terra esteja lamacenta e molhada, e traço as palavras com os meus dedos.

Boa noite, doce Finn.

Ele *era* doce. E gentil e bom e engraçado. Ele era brilhante e espirituoso e forte. Ele era meu irmão, meu melhor amigo, metade da minha alma. Ele era todas essas coisas e muito mais. Ele era *mais do que* qualquer outra pessoa conheceu ou sequer conheceria. Porque eu era a única sortuda de realmente conhecê-lo.

— Eu sinto sua falta. — eu sussurro. — Deus, eu sinto sua falta.

Eu caio contra o mármore frio, e falo com o meu irmão. Eu falo com ele como se ele estivesse sentado aqui comigo. Eu conto para ele sobre o papai, Dare e minha pausa mental.

— Então, eu sou louca também. — eu digo a ele. — E eu sempre pensei que eu precisasse me preocupar com *você*.

Eu sinto Dare suspirar atrás de mim, porque eu sei que ele quer me dizer que eu não sou louca, mas ele não interrompe. Ele só fica de lado e me deixa fazer o que eu preciso.

— Eu acho que eu tenho que ir embora. — eu digo a Finn. — Eu não quero deixá-lo, mas você não está realmente aqui, e eu não posso ficar. Não agora. É muito difícil. Você entende?

Sua lápide de mármore fria não responde e eu inclino meu rosto contra ela, desesperadamente desejando que Finn estivesse aqui.

Mas ele não está.

Eu estou enxugando uma lágrima quando eu vejo.

Eu endureço, assustada e olho fixamente.

Uma libélula paira nas proximidades.

Grande e brilhante, as asas azul-esverdeadas brilham ao sol do fim da tarde. Ela me assiste, sem medo, conforme paira no ar, as asas lindas esvoaçantes rápidas. Parece que está aqui por mim, porque ela não se afasta. Ela simplesmente espera comigo, me observando.

Meu coração martela e eu estou congelada em estado de choque.

— Finn. — eu respiro.

Eu não sou louca o suficiente para acreditar que o inseto é o Finn. No entanto, eu *sou* louca o suficiente para pensar que Finn está aqui, em algum lugar, e que ele enviou a libélula como um sinal.

Ele está bem.

De repente sou cercada por uma estranha paz, por algo etéreo de outro mundo e eu acho que deve ser real.

Finn está me trazendo conforto, como ele sempre fez.

— Eu te amo. — eu sussurro. — Eu *sempre* amarei você.

A luz do sol atinge a libélula de repente, e isso faz com que pareça que ela pisca para mim. Eu sorrio através das minhas lágrimas, e ela voa para longe. Eu a assisto ir, e a paz que me envolve se espalha para dentro, para o meu coração.

Eu ainda estou sofrendo, mas pela primeira vez em mais de uma semana, eu me sinto calma, tranquila, esperançosa.

O ar em torno de mim parece reverente e sagrado de alguma forma, e eu hesito em me mover, levantar, dar um passo. Mas eu preciso, porque eu sei que é a coisa mais importante. Esse é o ponto, é o porquê de Finn estar aqui.

Para que eu siga em frente.

Para me mostrar que ele está bem, que eu estou bem e que eu preciso seguir em frente sem ele.

É assustador, porque eu nunca estive sem ele antes. Mas, ao mesmo tempo, eu sei que não estou sozinha.

Eu olho para Dare.

— Isso foi real, certo?

Ele olha para mim, confuso.

— A libélula. Você viu?

Ele balança a cabeça. — Sim, por quê?

— Porque... a história. — conto-lhe a história que achei que Finn tinha me contado, aquela, que na verdade, li no seu diário. Sobre as libélulas. E o Céu. E a paz.

Quando eu termino, os olhos de Dare estão arregalados.

— Você acha que foi Finn? — pergunto séria.

Dare balança a cabeça. — Eu não sei. Mas foi um sinal. Se foi de Deus ou de Finn ou sua mãe. Foi um sinal. Eu acredito nisso, Calla.

Eu não sou louca.

Eu sorrio e fecho os olhos, absorvendo o calor.

É aqui, no sol e contra a minha vontade, que me sinto tranquila pela primeira vez desde que Finn morreu. É uma sensação incrível, e estou com medo de me mover, com medo de que quando eu fizer, a sensação irá embora.

Mas quando eu abro meus olhos novamente, ainda está aqui.

Eu ainda estou quente.

Eu ainda estou viva.

E Dare está comigo. Ele sorri para mim, estendendo a mão para me ajudar a levantar. Fico de pé, então olho para o nome do meu irmão outra vez.

Boa noite, doce Finn.

— Eu amo você, Finn. — eu digo a ele, quando inclino para frente e beijo o topo de sua lápide. — Vejo você mais tarde.

Nós andamos através dos arcos do cemitério, mas antes de subir de volta para a moto, faço uma pausa, olhando para o rosto mais bonito do mundo.

— Foi você. — digo-lhe em voz baixa. — Você é a coisa que me trouxe de volta. Você me deu a realidade. Você me segurou, amparou, me amou. Eu pensei que você fosse me quebrar, mas isso é só porque eu não entendia. Você estava tentando me ajudar o tempo todo.

Ele me puxa para ele e me beija suavemente. — Eu te amo, Calla.

— Eu sei. — e eu sei. Pela primeira vez em meses. Eu posso ver isso. E eu acredito nisso.

Subo na moto, atrás de Dare, pressionando meu rosto em suas costas.

Sob minhas mãos, seu coração bate, forte, vibrante e vivo.

Eu tenho que viver também.

Eu tenho uma razão, e essa razão está quente, viva e sentada à minha frente.

O sol aquece minhas costas conforme subimos a montanha.

Capítulo Quarenta e Quatro

- Quadraginta Quatuor -

Sento-me com o diário de meu irmão no meu colo, enrolada em sua cama. Este é o lugar onde eu o sinto mais, aqui entre suas coisas. Isso me traz conforto.

Abro o livro esfarrapado e folheio as páginas até encontrar o que estou procurando... os últimos dos vários registros. Meu sangue corre frio quando eu olho para as palavras... o insano, jargão louco que reveste a página.

A letra é minha.

— Eu pensei que fosse dele. — murmuro. — Mas lá no final, seu diário era meu.

Dare senta ao meu lado, tomando cuidado com o espaço do meu irmão. Ele sabe que é sagrado para mim, especialmente agora. — O corpo humano é uma coisa incrível. — ele diz, a título de explicação. — Sua mente sabe como se proteger de tanta dor.

Eu traço a carta de tarô na minha mão, seguindo as bordas irregulares com meu dedo.

— Eu me pergunto o que isso significa. — eu sussurro. — Eu nem sabia que alguém leu as cartas para Finn.

Dare permanece em silêncio, porque é claro que nós nunca saberemos a resposta.

Eu derrubo o diário e vejo as páginas vibrarem à medida que cai no chão.

Quando bate, a capa fecha... uma metáfora para a vida de Finn.

A história acabou.

Engulo em seco.

— Ele amava uma boa metáfora. — digo em voz alta.

— O que é isso? — Dare inclina mais perto. Eu balanço minha cabeça.

— Nada.

— Vamos dar uma caminhada na praia. — Dare diz com um pequeno sorriso. — Devíamos tomar algum ar fresco.

Nós caminhamos pelas trilhas e eu tremo quando passamos pela Capela, porque eu me lembro dos funerais agora. Eu tremo quando passamos pelo local que armazenamos lenha, porque me lembro de Finn cortando madeira. E eu tremo quando passamos pelo cais, porque Finn e eu saíamos no barco com muita frequência.

— Naquela noite... quando eu fiquei bêbada. Eu estava esperando e esperando Finn voltar com o barco. Mas era eu o tempo todo. Eu estava no barco.

Dare olha para a água. — Eu observava você, e quando você pisou no cais, eu soube imediatamente que estava bêbada.

Eu aperto sua mão com força, mas olho para longe. Porque Deus, que vergonha. Tudo isso.

— E Nocte. — eu murmuro. — Aquelas iniciais eram nossas. Estivemos lá várias vezes antes.

— Sim. Você e eu. E também, você, eu e Finn.

Eu olho para ele, bruscamente agora, porque tenho focado tanto na minha própria dor, que não considerei a sua. Ele e Finn tinham sido amigos durante a maior parte do ano.

— Você ajudou Finn com o seu projeto de ciência sênior. — lembro-me, de repente, uma memória ressurgindo de Finn e Dare pairando sobre a mesa da cozinha com tubos de ensaio.

Dare sorriu. — Sim. Ele provavelmente teria explodido a casa se ficasse por conta própria.

Eu ri, apesar de tudo. — Provavelmente.

Eu olho para ele. — Eu não perguntei como *você está*.

Dare olha para mim. — Estou melhor agora. Por um tempo, eu pensei que tivesse perdido vocês dois.

Eu engulo em seco, lembrando-me do dia em que eu o encontrei socando a madeira.

— Deve ter sido muito frustrante.

— Você não tem ideia.

Mas eu tenho. — Pelo menos você ainda tem as suas memórias. Minha cabeça está como queijo suíço.

Eu mastigo meu lábio por um segundo. — O desenho que você fez de mim. Eu estava nua e de salto alto...

Dare nivela o olhar com o meu. — Você se lembra do dia em que me baseei para fazer aquele desenho?

Oh, eu lembro. Eu definitivamente lembro agora. Foi logo antes da escola terminar e foi incrível.

— Sim... mas eu achei o desenho no diário de Finn. Ele escreveu MINHA sobre ele inteiro. Mas não foi Finn. Acho que fui eu.

Dare suspira. — Você me pediu o desenho na noite em que me pegou desenhando-o.

Eu olho para ele, chocada. — Eu pedi? Eu não me lembro dessa parte.

Não me lembro de nada disso. Por que eu escreveria minha em cima do meu próprio desenho?

Porque eu achava que eu era Finn. Porque inconscientemente eu não conseguia abandonar Finn.

Balanço a cabeça e olho para longe. — Isso é enlouquecedor. Lembro-me de algumas coisas, mas outras coisas... especialmente quando se trata de você, ainda são nebulosas.

Ele me dá um olhar sombrio. — Talvez sua mente ainda esteja tentando protegê-la.

Isso me dá uma pausa e eu congelo no lugar, os pés afundando na areia úmida. — Do que ela ainda teria que me proteger?

Dare encolhe os ombros, seu rosto uma máscara inexpressiva perfeita.

— Você sabe que eu não posso dizer.

Frustração me faz querer gritar. — Os médicos disseram que eu preciso lembrar por conta própria. — digo bruscamente. — Eles não disseram que você não poderia me dar dicas.

Ele balança a cabeça. — Virá até você. Só saiba que eu nunca te machucarei. Não de propósito.

— É o seu passado. — digo com confiança. — De onde você veio. Eu tenho certeza disso. Porque essa é a parte que está confusa. Como nos conhecemos. Mas eu fiz uma pesquisa na internet sobre você. Nada era incomum.

Exceto a parte em que ele é mais rico do que Deus, e teve um milhão de namoradas loiras. Eu distraidamente enrolo um pedaço do meu cabelo vermelho no meu dedo, porque eu sou a coisa mais distante de loiro que existe.

Nós sentamos na praia, finalmente, olhando para a água, ouvindo-a bater contra as rochas.

Eu coloco minha cabeça contra o ombro de Dare.

— Não pode ser muito ruim. Seja o que for, eu estava bem com isso antes. Eu sei disso porque ainda estávamos juntos quando... isso aconteceu.

Quando eu perdi tudo.

Dare agarra a minha mão, seu polegar brincando com o meu. O único som é o da água, colidindo com a costa, em seguida, voltando ao oceano. Para lá e para cá. É um embalo, um som calmante.

— Eu vou descobrir. — eu digo baixinho, nem um pouco preocupada.

— Sim, você vai. — parece haver uma ligeira trepidação na voz de Dare.

Por dias, eu penso nisso.

Por dias, nada vem.

Dare fica comigo como um campeão. Ele vem para minha casa todos os dias. Ele se senta comigo, vai através de fotos comigo, toca piano para mim.

Todos os dias, eu me lembro por que eu o amo.

Todos os dias eu o amo mais.

Então, uma noite, eu estou enrolada no sofá de Dare, minha cabeça em seu colo enquanto ele lê.

— Eu te amo. — eu digo simplesmente, de repente, as minhas palavras cortando o silêncio.

Dare olha para cima do seu livro, seus olhos escuros fumegantes.

— Você tem certeza?

Eu sorrio. — Claro. O que há para não amar?

Ele me puxa para cima, seu livro caindo para o chão, enquanto sou esmagada contra o seu peito, suas mãos pressionando, puxando, sentindo.

O calor das suas mãos me inunda, me descongelando, e pela primeira vez em dias e dias, inflama em mim, me fazendo querer mais.

— Obrigada por ficar comigo. — murmuro. — Você não precisava.

Faço uma pausa, em seguida, beijo-o.

Seus lábios são quentes e firmes e acendem um fogo na minha barriga, um fogo que eu esqueci que existia. Ele extingue a minha tristeza no momento, e eu arqueio para ele, puxando-o para mais perto.

Há tanta familiaridade aqui... tanto desejo.

Suas mãos traçam minha clavícula, correndo pelos meus braços, fazendo minhas terminações nervosas pegarem fogo. Elas explodem em chamas, queimando qualquer outra coisa, exceto o desejo de estar com ele, aqui e agora.

— Você acha que você não me merece. — eu sussurro contra seu pescoço. — Mas isso não é verdade. Eu sou a única... que não merece *você*.

Eu beijo-o novamente, e ele geme em minha boca, o som dele me levando ao limite, porque eu sei que ele me quer também.

— Você me quer. — digo-lhe com urgência, puxando-o. — Eu sei que você quer.

— Eu sempre quis você. — ele me diz rudemente.

— Sou só eu e você agora. — eu digo a ele. — Você e eu. Isso é tudo o que importa.

Faça-me sentir algo além de dor.

Eu beijo-o novamente e suas mãos envolvem o meu quadril, posicionando-me para que eu fique pressionada contra a sua dureza. Eu chupo uma respiração e olho em seus olhos, olhos que guardam mil segredos, mas os olhos que eu amo.

Eu o amo.

— Não importa o que. — eu sussurro. Ele faz uma pausa nos beijos no meu pescoço e me olha interrogativamente, enquanto levanta a mão para colocar o meu cabelo para trás. A luz reflete no seu anel, e eu congelo.

Porque fragmentos vêm voando para a minha mente. Fragmentos de memória. Imagens exatas da mesma expressão, do seu anel brilhando à luz do luar quando ele me diz alguma coisa. É uma confissão e ele está alarmado, chateado, ansioso.

É a noite do acidente. *Antes do acidente.* Eu vejo seus lábios se movendo, mas eu não consigo ouvir as palavras. É como se ele estivesse em um túnel de vento, as palavras são estáticas, e eu já vi esta cena exata antes em um sonho.

Eu esforço para ouvir as palavras da minha memória.

— Qual o problema? — Dare pergunta agora, abaixando a cabeça mais uma vez, deslizando seus lábios quentes em meu pescoço enquanto ele me inclina para trás.

Neste momento exatamente inoportuno, quando o toque de Dare ilumina minha pele em chamas, os fragmentos finalmente se encaixam no lugar. As peças do quebra-cabeça se juntam. *Afinal.*

A memória surge e eu sugo uma respiração chocada quando me arranco para longe dele.

— Eu lembro. — eu sussurro. Dare pausa com apreensão, os olhos de ônix brilhando, as mãos congeladas em meus braços. — Você... você estava aqui comigo o tempo todo. *Você veio aqui por mim.*

Seus olhos se fecham como uma cortina e eu sei que estou certa.

Sua respiração é instável e as mãos tremem quando ele me toca, quando ele se recusa a se afastar, mesmo agora.

— Você tem uma pergunta sobrando, Calla. — ele me lembra, sua voz sombria. — Faça.

Assim, com o medo no meu coração e gelo nas minhas veias... eu pergunto.

Continua...



[1] Capturar a bandeira.

[2] Triste, amargurado, etc.

[3] Tradição de Luto da religião Judaica.

[4] Dependência que foi originalmente construída para abrigar cavalo, carruagens, etc. Normalmente tal edifício é convertido em uma habitação.

[5] O fio de pashmina é transformado em blusas, cobertores, xales e, por fim, nas famosas e tão cobiçadas mantas.

[6] Calçado All Stars.

[7] Rede de brechós.

[8] Dare - desafio.

[9] Palavra de origem turca que significa sina, destino.

[10] Lírio de Calla, mencionado antes como usado em funerais.

[11] É uma nave estelar do século 24 no universo fictício de Star Trek e cenário central das tramas mostradas na série Star Trek.

[12] Fã de Star Trek.

[13] Raça que se origina no universo fictício da série de filmes Star Wars. Na série, eles são uma tribo de seres inteligentes, semelhantes a um urso de pelúcia, caçadores nativos da lua florestal de Endor.

[14] Fã da série Dr. Who.

[15] Premiada série de ficção científica britânica, produzida e transmitida pela BBC desde 1963 até hoje. A série mostra as aventuras do Doutor (The Doctor), um Senhor do Tempo - humanoide alienígena viajante do tempo.

[16] Rocha, produto da lava vulcânica, em um tom que vai do verde escuro ao preto.

[17] Também conhecido como plexo celíaco, é uma complexa rede de neurônios que no corpo humano está localizada atrás do estômago e embaixo do diafragma perto do tronco celíaco na cavidade abdominal a nível da primeira vértebra lombar.

[18] Faz parte de uma coleção de livros que fala sobre vida, morte e vida após a morte

[19] Ivan Petrovich Pavlov, fisiólogo russo que teorizou o mecanismo do condicionamento clássico, que consiste em que algumas respostas comportamentais são reflexos incondicionados / involuntários.

[20] Faz referência a um tipo criminal nos EUA, Breaking and Entering, crime tipificado por entrar em uma residência ou propriedade particular, sem autorização, e algum elemento de força, sem a intenção de cometer outro crime.

[21] Área do parque de diversões, circo, em que ficam localizadas as exposições, brinquedos e shows.

[22] Posição da ioga, corpo dobrado, abraçando os joelhos.

[23] Estação de metrô no centro de Manhattan.

[24] Fazendo referência ao nome dele: Dare: desafiar, ouse, atrever.

[25] Referência à Quinta Emenda da Constituição dos Estados Unidos que é parte da Carta dos Direitos dos Estados Unidos e institui garantias contra o abuso da autoridade estatal, tais como o julgamento pelo grande júri, o direito de permanecer calado e evitar assim a autoincriminação.

[26] Lembra a palavra Pain, que significa dor.

[27] Referindo-se à fala anterior de Cala, quando ela fala enrolado por causa da bebedeira, shim soa como swim, que significa nadar.

[28] Expressão em inglês: "put hair in your chest", que significa, virar macho, ficar durão.

[29] Literalmente.

[30] Post Traumatic Stress Disorder = Transtorno de Estresse Pós-traumático.

[31] Perda de Memória Desagregada, mais conhecida como Amnésia.